



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Robson Fonseca Simões

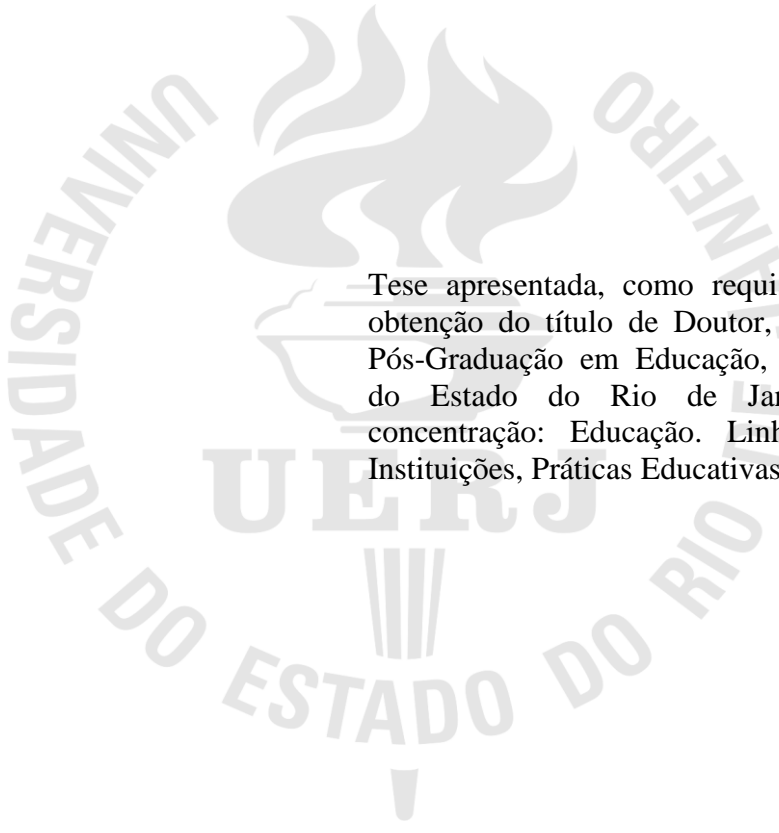
**Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os
tempos da escola nas comunidades do Orkut**

Rio de Janeiro

2012

Robson Fonseca Simões

**Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os
tempos da escola nas comunidades do Orkut**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S593

Simões, Robson Fonseca.

Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os
tempos da escola nas comunidades do Orkut / Robson Fonseca Simões.
– 2012.
239 f.

Orientadora: Ana Chrystina Venancio Mignot.

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de
Educação.

1. Orkut (Rede social on-line) – Teses. 2. Jovens – Conduta – Teses.
3. Educação – Aspectos sociais – Teses. 4. Escolas – Registros e
correspondências. I. Mignot, Ana Chrystina Venancio. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 37.043

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese.

Assinatura

Data

Robson Fonseca Simões

**Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os
tempos da escola nas comunidades do Orkut**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 21 de novembro de 2012.

Banca Examinadora:

Prof^ª Dr^ª Ana Chrystina Venancio Mignot (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof^ª Dr^ª Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Prof^ª Dr^ª Dislane Zerbinatti Moraes
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Elizeu Clementino de Sousa
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Prof^ª Dr^ª. Rita Ribes Pereira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Rio de Janeiro

2012

DEDICATÓRIA

À memória de meu pai
Wantuil Gonçalves Simões,
meu grande amigo e singular conselheiro;
saudosos contador de histórias das escolas da vida.

AGRADECIMENTOS

Parece que foi ontem a largada para um dos grandes sonhos da minha vida; iniciar o Doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; os passos para essa trajetória não foram tão fáceis: a elaboração de um projeto de pesquisa, o processo seletivo para uma vaga no curso, a defesa para uma banca formada por cinco professores daquele programa, os resultados do processo seletivo, o exame de proficiência da segunda língua estrangeira; o meu coração ainda bate forte ao revisitar esses momentos, conquistados com muito esforço. Desde o resultado final do certame, até a defesa desta tese, não posso deixar de inicialmente agradecer a Deus, por ter me fortalecido no percurso do meu itinerário acadêmico.

Nesta aventura pelos mares da internet, impossível não deixar de agradecer à minha família; minha mãe Marline Fonseca, por suas palavras sempre amigas; meu irmão Helder Simões, por procurar sempre renovar as minhas forças; minha irmã Vânia Simões, por otimizar coragem no roteiro do meu curso; meu cunhado Edelcio de Freitas, ao profetizar ventos de fôlego nas horas difíceis; minha prima Rosemary Fonseca, com suas reflexões solícitas; minha tia Celita Fonseca, ao mostrar-se sempre disponível; minha parceira Graça Ferreira, pelo apoio; juntos, todos, através dos seus gestos de carinho, de compreensão, suscitaram estímulos para que eu continuasse nesse trabalho acadêmico.

A realização dessa pesquisa só foi possível em razão da credibilidade da minha orientadora Ana Chrystina Venancio Mignot. Ao longo desses vários anos de convivência, tive a oportunidade de conhecê-la em diferentes circunstâncias; como minha professora nas disciplinas obrigatórias e eletivas do ProPEd; orientadora do meu projeto de pesquisa; interlocutora nos debates do nosso grupo de pesquisa; amiga nas horas difíceis ao longo desses quatro anos; profetizando a importância da discussão do meu tema para a historiografia da Educação, ela sempre demonstrou o interesse em ajudar um professor de Literatura Brasileira e Língua Portuguesa a olhar com outros olhos as escritas memorialísticas na web; no seu brilhantismo intelectual, acenava sempre a sua confiança no meu estudo e nas minhas reflexões. Nesse sentido, manifesto a minha gratidão por ter tido a sorte de ter sido orientado por uma pesquisadora das Ciências Humanas, mais especificamente, da história da Educação. Por outro lado, não poderia também de registrar a minha consideração pela minha orientadora de Mestrado, professora Rita Ribes, que durante os nossos encontros, após a defesa da minha dissertação de Mestrado, incentivou-me a pensar nas escritas de si como um possível

caminho para o meu doutoramento; pesquisadora atenta às minhas pesquisas e formação, durante quase quatro anos, acolheu-me no seu grupo de pesquisa Infância, Mídia e Educação, oferecendo leituras e discussões que me impulsionaram ao meu projeto de pesquisa, voltado para as escritas autobiográficas na internet. Deixo aqui também, o meu agradecimento aos amigos(as) que conheci nesse grupo de discussão: Nélia Mara, Kátia Bizzo, Liliane Alevato, Renata Flores, à memória da nossa querida Sônia David, que se foi, e está ao lado de Deus, Núbia Santos, Josemir Almeida, Maria Esperança, Beatriz Fabiana e Paula Vianna.

Não poderia deixar de mencionar os novos amigos que fiz no grupo de pesquisa Instituições, Práticas Educativas e História, com quem tive o privilégio de estudar, viajar, compartilhar, produzir, refletir sobre as leituras e as trajetórias da minha pesquisa, voltada para a historiografia da Educação: Aline Nascimento, Débora Oliveira, Heloísa Santos, Paulo Rogério, Daiane Oliveira, Alexandra Lima, Bruna Jaqueline, Rory Santos, Larissa Rodrigues, Roberto Fonseca, Inês Rocha, Jacqueline Albuquerque, Marcelo Gomes, professora Ane Marrie, Julia Cerquize, Leila Blanco, Kátia Soares, Fernanda Zanetti, Valéria Maria e Shayenne Silva.

Entregando documentos na secretaria do programa, fui me aproximando de pessoas solícitas; o meu obrigado à coordenadora Alice Casimiro; à vice-coordenadora, Leila Regina; às servidoras Maria Nazareth, Morgana Medeiros, Jorgete Costa, Fátima Azevedo, e todos os outros, que de alguma forma, dialogavam comigo nas horas das solicitações de documentos, diárias para congressos etc; às servidoras da biblioteca da Faculdade de Educação, sempre dispostas a colaborar; às amigas Cíntia Borges, Juliana Vidal, que estiveram de alguma forma, presentes nessa trajetória acadêmica; não posso me esquecer das contribuições intelectuais dos professores com quem tive o privilégio de ter sido aluno nas disciplinas obrigatórias e eletivas no ProPEd, incorporando as suas leituras e discussões nas produções iniciais do meu estudo: Nilda Alves, José Gondra, Inês Barbosa, Márcia Cabral, Mailsa Carla, Ana Magaldi; nos nossos encontros, ensaiaram possíveis caminhos para me ajudar a pensar nessas escritas memorialísticas da web, como fontes para a historiografia da Educação. Um agradecimento especial às professoras Maria Tereza Santos Cunha e Dislane Zerbinatti Moraes, componentes da banca para a minha qualificação de Doutorado; como num passe de mágica, iluminaram os caminhos desse estudo, contribuindo, assim, ao rigor teórico-metodológico desta pesquisa acadêmica sob as lentes da história da Educação.

Ainda estávamos na semana em que se comemorava a minha matrícula no Doutorado, quando o meu pai faleceu; subitamente, ele nos deixou para ficar ao lado de Deus. Foi o momento mais difícil para todos nós da família; contudo, na medida em que ia frequentando

as aulas, conhecendo novos amigos, novos professores, a dor de perdê-lo foi sendo substituída pela memória viva de um ser humano que soube se amar, amar a sua família, seus filhos, seus netos, seus amigos; essas memórias são, sem dúvida, a melhor herança que o meu pai me deixou.

Como me esquecer daqueles que também me incentivaram a mergulhar nesse projeto com as escritas de si, nas comunidades escolares do Orkut? Aos meus alunos das atuais turmas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Rio de Janeiro, com quem vivo diariamente, com quem aprendo todos os dias; estaria sendo ingrato se não mencionasse também as outras turmas anteriores, com as quais também produzimos conhecimento; hoje, técnicos de química, farmácia, biotecnologia, alimentos, meio ambiente, inseridos no mercado de trabalho e graduandos nas universidades; de vez em quando, encontro-me com alguns deles nos corredores da UERJ; desta vez, somos todos discentes; juntos, os nossos corações palpitam de saudades dos nossos encontros de Literatura Brasileira. Quem sabe, a expressão “Gosto disso!”, meu apelido afetuoso criado pelos próprios alunos, possa ser um link que os remetam às suas memórias escolares, possibilitando visitar as suas histórias da escola.

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. Toda saudade é uma espécie de velhice. Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, princípio, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez, seja esse o jeito de escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem...

Guimarães Rosa

RESUMO

SIMÕES, Robson Fonseca. *Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os tempos da escola nas comunidades do Orkut*. 2012. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Se na tentativa de evocar o passado escolar, abriremos com disposição as páginas das redes sociais virtuais, poderemos também nos surpreender com as memórias dos usuários encontradas nas comunidades do Orkut; nas tramas das histórias escolares, os scraps digitais exibem os relatos dos ex-alunos, numa verdadeira exibição do eu. Este estudo traz para a discussão os posts encontrados nas comunidades do Orkut do Colégio Militar do Rio de Janeiro, do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro e do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, procurando dar visibilidade a essas escritas autobiográficas virtuais sobre a vida escolar como fontes para a história da Educação. Como esses usuários narram as suas histórias escolares? Quais os relatos mais frequentes? Estas questões me instigam a pensar que o registro das experiências escolares possibilita ao sujeito desnudar-se. No tempo das tecnologias digitais, o usuário move-se sobre teclados, telas, deixando registros de uma vida, que são examinados pelos moderadores. Mas quem são estes sujeitos nas comunidades escolares? Será que eles cumprem os mesmos papéis desempenhados pelos editores? As escritas memorialistas comandam, imperativamente, novas relações com a escrita; essas narrativas não se esgotam numa tipologia textual persuasiva; observam-se laços de ideias e afetos, aproximando os ex-alunos dessas redes sociais virtuais. Quais são os temas mais recorrentes encontrados neste espaço virtual? Estas postagens constituem elos do tecido das lembranças dos sujeitos que não se intimidam em contar as suas histórias nesses novos suportes de escrita. Talvez, a saudade e a solidão busquem acolhimento e companhia nos cliques dos usuários, remetendo-os aos acontecimentos passados; os ex-alunos compartilham experiências, sentimentos e saberes, borrando fronteiras entre o público e o privado; nesse sentido, percebe-se que essas escritas autobiográficas nas comunidades escolares do Orkut também constroem esses sujeitos no suporte digital. Assim, este trabalho procura ampliar a discussão sobre os lugares de memórias da escolarização, buscando contribuir para os estudos da história da Educação.

Palavras-chave: Redes sociais virtuais. Comunidades escolares do Orkut. Escritas autobiográficas digitais. Histórias de vidas escolares. História da Educação.

ABSTRACT

If in the attempt of evoking the school memories, we open with excitement the pages of the virtual social nets, we will also be able to surprise us with the users' memoirs found in the communities of Orkut; in plots of the school histories, the digital scraps exhibit the former-students' reports, in a true themselves exhibition. This research brings for the discussion the scraps found in Orkut communities of the Colégio Militar do Rio de Janeiro, of the School of São Bento do Rio de Janeiro and of the School Marista São José do Rio de Janeiro, trying to give visibility the those virtual autobiographical narratives about the school life as sources for the history of the Education. How do those users narrate their school histories? Which the most frequent testimonies? All those issues puzzle me about the experiences registered in the virtual communities and how those subjects to undress. In the digital technologies, the user moves on keyboards, screens, leaving registrations of a life, turning, therefore, their visible school histories. The writing, as representation of ideas or words, in the most several supports, it is integral part of a social reality; the subjects also create systems to aid them in the interaction with the other, making possible to think that those written commands, new relationships with the writing; those narratives don't become exhausted in a persuasive textual typology; bows of ideas and affections are observed, approximating the former-students of those virtual social nets. In that sense, those postages constitute links of the memories that are not frightened in counting their histories in those new writing supports. Maybe the longing and the solitude looking for reception and company in the users' clicks, sending them to the last events; therefore, it is possible to think that the former-students share experiences, feelings and you know, blotting borders between the public and the private; in that sense, it is noticed that those autobiographical writings in the communities of Orkut, it shows those subjects in the digital support. Like this, this search to enlarge the work on the places of memoirs of the education, looking for to contribute for the studies in history of the Education.

Keywords: Virtual social nets. School communities of Orkut. Written autobiographical digital. Histories of school lives. History of the Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Teses e dissertações defendidas de 2003 a 2009; tema <i>Orkut e redes sociais na internet</i>	20
Quadro 2 - Número de pesquisas (teses e dissertações defendidas de 2003 a 2009 sobre <i>Orkut e redes sociais</i>) por programas de pós-graduação.....	21
Quadro 3 - Sujeitos autorizados à participação nas redes sociais virtuais.....	34
Quadro 4 - Informações disponíveis nas páginas iniciais das comunidades escolares do CMRJ, CMSJRJ e CSBRJ.....	40
Quadro 5 - Número de arquivos trabalhados nas redes sociais virtuais.....	41
Quadro 6 - Tópicos mais postados na comunidade escolar do CMSJRJ.....	51
Quadro 7 - Depoimentos dos três moderadores das comunidades escolares do Orkut.....	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página inicial da comunidade do Colégio Marista São José-RJ(10/09/2011).	36
Figura 2 - Página inicial da comunidade do CMRJ(10/09/2011).....	37
Figura 3 - Página inicial da comunidade do Colégio de São Bento-RJ(10/09/2011).....	39
Figura 4 - Fórum <i>Quem estudou na década de 70</i> . CMSJRJ (14/09/2011).....	44
Figura 5 - Fórum <i>Bola ao Mastro</i> . CMSJRJ(16/09/2011).....	45
Figura 6 - Página pessoal do usuário João C., ex-aluno do CMSJRJ (12/04/2010).....	47
Figura 7 - Fórum <i>Vc de lembra do seu número?</i> CMRJ. Acesso em 10/04/2010.....	48
Figura 8 - Página dos Membros. CSBRJ(09/03/2010).....	56
Figura 9 - Página do usuário José P., ex-aluno do CMRJ (10/05/2010).....	60
Figura 10 - Página do usuário Serginho490, ex-aluno do CMSJRJ (10/05/2010).....	61
Figura 11 - Página do usuário Luiz F., ex-aluno do CSBRJ (10/05/2010).....	62
Figura 12 - Página pessoal do usuário Soviete.as Sith, ex-aluno do CSBRJ(10/05/2010).	63
Figura 13 - Página do usuário Águeda B., ex-aluno do CSBRJ (10/05/2010).....	64
Figura 14 - Fórum <i>Alunos do Internato</i> . CSBRJ (06/03/2010).....	68
Figura 15 - Fórum <i>Só para maior de 50 anos</i> . CMRJ(08/03/2010).....	71
Figura 16 - Fórum <i>Eu me lembro!</i> CMRJ(21/04/2010).....	74
Figura 17 - Fórum <i>colegas de 1970-1972</i> . CMRJ(22/04/2010).....	76
Figura 18 - Fórum: <i>Palavras que lembram o CMRJ</i> (02/04/2010).....	77
Figura 19 - Site oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Parte 1(20/04/2010)	80
Figura 20 - Site oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Parte 2(20/04/2010)	81
Figura 21 - Fórum <i>Rejeitando o Código da Vinci</i> . CSBRJ(14/04/2010).....	81
Figura 22 - Página inicial da comunidade do CMRJ(10/07/2011).....	84
Figura 23 - Fóruns disponíveis na página inicial da comunidade do CMRJ(14/07/2011).	85
Figura 24 - Página inicial do CSBRJ(10/08/2011).....	88
Figura 25 - Fórum <i>alguém da turma 1970/76?</i> CMRJ(18/08/2011).....	97
Figura 26 - Página inicial da comunidade do CMRJ(19/08/2011).....	99
Figura 27 - Página inicial da rede social do Orkut(19/08/2011).....	102
Figura 28 - Fórum <i>Turma 51 de 1980</i> . CSBRJ(21/09/2011).....	103
Figura 29 - Membros do Colégio Marista São José RJ(22/08/2011).....	104

Figura 30 - Página inicial do Google - Parte 1(20/08/2011).....	106
Figura 31 - Página do usuário Renato M., ex-aluno do CMSJRJ (24/08/2011).....	107
Figura 32 - Página inicial do <i>Google</i> - Parte 2(24/08/2011).....	108
Figura 33 - Fórum <i>Você foi aluno do Ibiapina (Tio Bibi)?</i> . CMSJRJ(25/08/2011).....	110
Figura 34 - Fórum <i>CMRJ</i> . Comunidade do CMRJ(24/08/2011).....	112
Figura 35 - Fórum <i>Vcs se lembram do seu número?</i> Comunidade do CMRJ. (26/08/2011).....	114
Figura 36 - Fórum <i>Fazendo coisas</i> . Comunidade do CMSJRJ(26/08/2011).....	116
Figura 37 - Fóruns da comunidade do CMSJRJ(27/08/2011).....	119
Figura 38 - Fórum <i>Qual era o seu ônibus?</i> Comunidade da CMSJRJ(27/08/2011).....	120
Figura 39 - Fórum <i>Alguém da turma de 1964?</i> Comunidade do CMRJ(28/08/2011).....	122
Figura 40 - Fórum <i>Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?</i> Comunidade do CMSJRJ(26/08/2011).....	127
Figura 41 - Fórum <i>Barão de Mesquita 79 a 81</i> . Comunidade do CMSJRJ(26/08/2011).	131
Figura 42 - <i>Site</i> oficial do Colégio Militar do Rio de Janeiro(26/08/2011).....	134
Figura 43 - Fórum <i>Só Para Maior de 50 anos</i> . Comunidade do CMRJ(26/08/2011).....	135
Figura 44 - <i>Site</i> oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. (26/08/2011).....	139
Figura 45 - <i>Site</i> oficial do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Link Portal de Serviços (30/08/2011).....	140
Figura 46 - Fórum <i>Quem estudou na década de 70</i> . Comunidade do CMSJRJ (12/09/2011).....	150
Figura 47 - Fórum <i>Funcionários mais marcantes</i> . Comunidade do CMSJRJ(18/09/2011).....	154
Figura 48 - Fórum <i>Quem foi aluno da Dona Wilma?</i> Comunidade do CMSJRJ (12/09/2011).....	158
Figura 49 - Fórum <i>Barão de Mesquita 79 e 80</i> . Comunidade do CMSJRJ(18/12/2011).	166
Figura 50 - Fórum <i>Quem estudou na década de 70</i> . Comunidade do CMSJRJ (18/12/2011).....	174
Figura 51 - Fórum <i>Quem estudou na década de 70</i> . Comunidade do CMSJRJ (28/12/2011)	193
Figura 52 - Fórum <i>Quem estudou na década de 70</i> . Comunidade do CMSJRJ (28/12/2011)	195

LISTA DE SIGLAS

CAPES-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cefet Química-RJ-	Instituição pública federal de ensino médio/técnico no estado do Rio de Janeiro; atual Instituto Federal do Rio de Janeiro
CIPA-	Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica
CMRJ-	Colégio Militar do Rio de Janeiro
CMSJRJ-	Colégio Marista São José do Rio de Janeiro
CN-	Colégio Naval
CPOR/RJ-	Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro
CSBRJ-	Colégio de São Bento do Rio de Janeiro
EPCAR-	Escola Preparatória de Cadetes do Ar
EsPCEx-	Escola Preparatória de Cadetes do Exército
IFRJ -	Instituto Federal do Rio de Janeiro
Mackenzie-	Universidade Presbiteriana Mackenzie/ São Paulo
ProPEd -	Programa de Pós-graduação em Educação
PUC/RJ-	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC/RS-	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC/SP-	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UCP/RJ	Universidade Católica de Petrópolis/ Rio de Janeiro
UEC-	Universidade Estadual do Ceará
UERJ -	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFABC-	Universidade Federal do ABC
UFAL-	Universidade Federal de Alagoas
UFBA-	Universidade Federal da Bahia
UFF-	Universidade Federal Fluminense

UFGO-	Universidade Federal de Goiás
UFGRS-	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFMG-	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB-	Universidade Federal da Paraíba
UFRJ-	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC-	Universidade Federal de Santa Catarina
UNEB-	Universidade do Estado da Bahia
UNESP-	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP-	Universidade Estadual de Campinas
UNIMEP-	Universidade Metodista de Piracicaba/ São Paulo
USP-	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

	ENTRE CLIQUES SOLITÁRIOS E <i>POSTS</i> SOLIDÁRIOS: ESCRITAS VIRTUAIS SOBRE A VIDA ESCOLAR.....	16
1	ODISSEIA NO ESPAÇO VIRTUAL: DIGITAR, NARRAR, POSTAR NAS COMUNIDADES DAS ESCOLAS.....	31
1.1	Singrando no mar da web: iniciando a minha operação historiográfica.....	31
1.1.1	<u>Nas águas das comunidades escolares: digitando nas redes sociais virtuais.....</u>	42
1.1.2	<u>Quem são esses navegadores? Narrando nas páginas do Orkut.....</u>	53
1.1.3	<u>Navegação digital: postando memórias da vida escolar na rede.....</u>	72
2	AVISO AOS NAVEGANTES: MODERADORES ATUANTES NOS FÓRUNS ESCOLARES.....	83
2.1	Arautos virtuais a postos: espiando os <i>scraps</i> dos usuários.....	83
2.2	No oceano da informatização tipográfica: ferramentas e recursos do Orkut	100
2.3	Na onda dos <i>posts</i>: mediadores nos circuitos dos Fóruns escolares.....	109
2.4	Fronteiras marítimas borradas na web: narrativas transitivas nas redes sociais.....	118
3	CIRCUNAVEGAÇÃO NOS <i>SCRAPS</i>, <i>POSTS</i> E DEPOIMENTOS: HISTÓRIAS ESCOLARES REVISITADAS.....	124
3.1	Ventos da modernidade no espaço virtual: autobiografias na internet.....	124
3.2	Dos litorais das redes sociais à costa oficial: cotejando fontes da web.....	132
3.3	Relatos ao sabor das marés: dilemas dos suportes digitais.....	143
3.4	Deságue na tela: memórias escolares na rede.....	151
4	PREAMAR DISCURSIVA: PRÁTICAS DE ESCRITA NAS COMUNIDADES ESCOLARES.....	159
4.1	Novas sensibilidades à flor da tela: narrativas pós-modernas no Orkut.....	159
4.2	Arquipélagos textuais: <i>posts</i> de ex-alunos à vista.....	167
4.3	Navegação de longo curso na web: histórias da vida escolar.....	179
4.4	Elos das amarras estilhaçados: partilhas de memórias no suporte digital.....	185
4.5	Despedida dos navegadores: expressões finais nos <i>scraps</i> dos usuários.....	191
5	VOCÊ DESÁGUA EM MIM, E EU OCEANO: ESCRITA MEMORIALÍSTICAS ESCOLARES NAS REDES SOCIAIS.....	197

REFERÊNCIAS	208
APÊNDICE A - Levantamento de dissertações e teses (base de dados CAPES)...	228
APÊNDICE B - Cartas encaminhadas aos moderadores das comunidades escolares do Orkut.....	232
APÊNDICE C - Entrevistas feitas com os moderadores.....	237

ENTRE CLIQUES SOLITÁRIOS E *POSTS* SOLIDÁRIOS: ESCRITAS VIRTUAIS SOBRE A VIDA ESCOLAR

Sawdades do nosso tempo do Colégio Militar!!!! Quem nunca marchou com garra nas formaturas do CMRJ? Abc a todos!!!!¹

Achei vcs!!!!Nossa que delícia encontrar com vcs por aqui!!!!O meu coração bate de muitas saudades do nosso COL!!!e das festas que vivemos ali...RSSSS Bjs²

Eu também fui da turma de 72 do colégio. Blz? Quanto tempo...a nossa turma era a maior do colégio. Se lembram? Abrç.³

O que é possível observar em comum, nas escritas da epígrafe deste estudo? Numa primeira tentativa de aproximação, observam-se três *scraps*, ou em outras palavras, recados, mensagens, depoimentos, deixados pelos ex-alunos nos Fóruns das comunidades das escolas do Orkut, redes sociais do suporte digital, instigando-me a pensar que, se era possível andar pelo passado através das escritas deixadas nos papéis, cadernos, agendas, documentos, saídos de sótãos, baús, caixas, malas, para tentar compreender as histórias dos sujeitos, hoje, quando se navega na internet, é possível também encontrar escritas de si nas páginas da web, aguardando o olhar atento dos pesquisadores, num repertório de textos que permitem aproximar o passado através da memória.

Quando se adentra e se defronta com os depoimentos saudosistas, nostálgicos, dos usuários nas comunidades escolares da internet, as novas redes sociais virtuais, percebe-se nos textos escritos, um tom melancólico dos tempos vividos, as experiências inesquecíveis narradas pelos ex-alunos e as várias histórias contadas do tempo da escola. O conjunto dessas escritas digitais pode oferecer pistas do período passado e permite ao pesquisador encontrar descrições variadas sobre a vida cotidiana escolar, as representações de uma época, que podem ser vistos

¹ Escrita retirada do Orkut em 08/04/2010, comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Fórum *Turma de 1970*, postada por Tadeu B. em 05/07/2004.

² Escrita retirada do Orkut em 08/04/2010, no Fórum *Formandos de 1971, alguém por aí?* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Rejane L. em 27/09/2004.

³ Escrita retirada do Orkut em 08/04/2010, no Fórum *Turma de 1972*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário José C. em 18/03/2004.

no sentido de Bloch (2001, p.48) quando afirma: “[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca, pode e deve informar-nos sobre ele”. Assim, talvez possa oferecer inspiração para se procurar entender os possíveis sentidos apreendidos com essas escritas na web, e os que ainda não foram revelados através dos relatos, memórias, histórias, enfim, palavras registradas pelos sujeitos, direcionando, portanto, os holofotes para iluminar novas problemáticas nas escritas de si.

O tempo das tecnologias digitais revolucionou os olhares a as atenções dos sujeitos na história da escrita/leitura; assim, é possível também entender que novas emoções se tornaram presentes junto à tela do computador, resignificando as funções e as relações do usuário com os textos na internet; impulsionando-o a postar as suas histórias escolares, pois relatando nessa rede social, possivelmente, o sujeito pode reduzir a sua solidão na interatividade dos cliques virtuais. Nessa acepção, se quiser, o navegador poderá se lançar à navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites (CHARTIER, 1996) e concentrar a sua sensibilidade na próxima jornada virtual.

Para situar o caminho desta pesquisa com as escritas digitais é imprescindível rever a minha trajetória profissional de pesquisador. Tentar decifrar os enunciados presentes no cotidiano: “Decifra-me ou devoro-te”⁴, tem sido na vida deste professor de Literatura Brasileira e Língua Portuguesa, uma grande jornada de aprendizado; um mergulho na compreensão dos discursos, ou, como diz Rosa (1965, p.74): “Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente”⁵.

A experiência como educador na área de códigos e linguagens fez perceber que cada vez mais os alunos vinham trazendo para a escrita na escola, “ecos” de uma linguagem típica da internet, cheia de signos, símbolos e abreviaturas; tentando refletir sobre essas questões, no ano de 2005, fiz parte de uma banca examinadora que elaborou e corrigiu a prova de seleção ao Cefet Química-RJ⁶ cujo tema foi internet, a fim de suscitar nos candidatos, possíveis reflexões sobre o sentido desse aparato tecnológico nas escritas do mundo contemporâneo⁷ que se

⁴ GALLO, Silvio. “Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar”. in: ALVES, Nilda (org). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Na tragédia “Édipo rei” de Sófocles, é a frase dita pela Esfinge a todos os que se apresentam na entrada da cidade grega de Tebas. O enigma proposto pelo monstro é: “Que criatura pela manhã tem quatro pés, ao meio-dia tem dois, e à tarde tem três?”; Édipo deu a resposta certa (trata-se do homem), o que lhe evitou ser devorado pela Esfinge.

⁵ REINALDO, Gabriela. *Mito e música em Guimarães Rosa: uma cantiga de fechar os olhos*. São Paulo: Annablume, 2005.

⁶ Instituição pública federal de ensino médio/técnico no estado do Rio de Janeiro, atual Instituto Federal do Rio de Janeiro.

⁷ A banca deparou com os seguintes mosaicos linguísticos: “[...]A internet ajuda mas se vc não entender, ela prejudica”; “[...]elas naum param pra entender vc”; “[...]ele faz atraveis das teclas do computador e vc neim

mostraram como possibilidade em apresentar questões para a minha futura dissertação de mestrado⁸.

Após um período de reflexão e na busca por novos questionamentos, porque o espírito de um pesquisador é incansável, em 2008, elaborei um texto intitulado *No itinerário escolar contemporâneo, novas narrativas autobiográficas para falar de si*, que foi aprovado pela comissão científica do III CIPA⁹. Esse estudo foi fruto de uma observação nas narrativas autobiográficas produzidas por meus ex-alunos, sublinhando as análises dessas escritas que falavam de si; o espírito da futura pesquisa de doutoramento nascera dessa inquietação; logo, um desafio estava por vir, debruçar-me nos estudos dessas escritas memorialísticas dos usuários da web, aprofundando a análise nos relatos dos sujeitos na rede social do Orkut, sob as lentes da História da Educação.

A minha aproximação às comunidades das escolas centenárias do Orkut foi motivada na medida em que percebia nesse espaço virtual, um ambiente privilegiado para investigação dessas escritas, porque ali os sujeitos organizam festas, encontros, reverenciam o passado, lutam para manter a tradição das escolas, bradam o orgulho de ter pertencido àquelas instituições de ensino, contagiando outros usuários com os seus testemunhos dos tempos dos bancos escolares. A escolha dessas fontes como possíveis objetos de estudo, justifica-se por se tratar de uma documentação no ambiente virtual que não pode ser mais desconsiderada pelos pesquisadores; as histórias de um passado escolar também são postadas nas redes sociais da web, tornando-se, portanto, visíveis, expostas, fazendo parte do “show do eu”, nos estudos¹⁰ de Sibilía (2008).

Ao investirmos nas escritas digitais com olhares investigativos, tentaremos contemplar os mais diversos caminhos de pesquisas, sobretudo no âmbito das Ciências Humanas, em particular, as da informação, da comunicação e da linguagem. A História da Educação também entra em cena nessa discussão, propondo tornar mais visíveis os caminhos da construção da memória ou das memórias¹¹ que nos constituem como sujeitos históricos. Nessa acepção, Tfouni (1995) destaca a lenda de Gilgamesh, um dos mais antigos documentos escritos. Diz-se que Gilgamesh, o rei de Uruk, só conseguiu apaziguar sua busca incessante pela imortalidade

percebe”; “[...]as máquinas teem grandes utilidades pra nois”; “[...] mas é tb importante para nois a informação”; “[...] não imaginei a blz desse aparelho pra agilizar os cálculos”.

⁸ *Voices inconclusas: mosaicos linguísticos presentes na sala de aula e na vida*, defendida em 2007 no ProPEd, sob a orientação da professora Dr^a Rita Ribes, que trouxe para o debate a produção escrita dos alunos matriculados no ensino médio/técnico, com vistas a problematizar o ensino formal da língua, face às transformações tecnológicas do mundo contemporâneo. Os referenciais teóricos conduziram a considerações acerca da linguagem com leituras ligadas à comunicação e expressão, aos recursos expressivos e às operações discursivas.

⁹ III Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica, realizado em Natal, RN, Brasil, 2008.

¹⁰ SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

¹¹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

quando gravou numa pedra toda a sua história, ou seja, quando escreveu os mistérios que viu e as coisas secretas conhecidas. Portanto, é possível interpretar a lenda de Gilgamesh como uma metáfora: a escrita simbolizando a imortalidade, porque garante a permanência no tempo daquele que escreve.

Mas quem são os guardiões das memórias dos sujeitos? Recorro a Thomson (1997) para tentar responder a essa questão, porque este historiador ratifica a necessidade de ficar atento às várias naturezas de memórias, que se acumulam ao longo do tempo, e à pluralidade de versões sobre o passado, fornecidas por diferentes locutores/suportes: fábulas, lendas, músicas, artefatos, escritas, imprensa, mídia, enfim, é possível pensar em tipologias diversas que mantêm vivas as histórias e os significados históricos, oferecendo, portanto, repertórios variados de fontes aos investigadores para o estudo dessas memórias, de geração em geração.

Pesquisadores brasileiros e estrangeiros vêm se debruçando sobre esses discursos digitais, a partir de várias leituras, investigando o seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular. Assim, num levantamento bibliográfico, pude constatar que essas narrativas com os relatos dos ex-alunos poderiam me levar a um caminho que ainda está na sombra, contribuindo, assim, para a pesquisa dessas escritas de si nas comunidades escolares no Orkut.

Os trabalhos com as escritas digitais nessa rede social virtual despertam a necessidade de se estabelecer um estudo num diálogo com outros autores, estimulando, assim, um possível esgarçamento das fronteiras do conhecimento, o que se possibilitaria este livre trânsito pelos saberes, logrando alcançar um horizonte sem limites, de extensão indefinida para se tentar compreender as tipologias textuais desenvolvidas pelos sujeitos nas redes sociais do Orkut. Num primeiro levantamento de teses de doutorado (T) e dissertações de mestrado (D) defendidas por vários pesquisadores no país, possibilitou-se produzir um mapeamento¹² conforme resumido no quadro a seguir, no qual se podem observar os esforços de pesquisas nas mais diversas áreas científicas.

¹² Foi recortado o período de 2003 a 2009 por dois motivos: a minha pesquisa de doutorado ter se iniciado em 2009 e a rede social do Orkut ter sido criada em 2004.

Área	Educação		Psicologia		Antropologia		Comunica- ção		Letras/ Linguística		Ciências Humanas/ História		Outros ¹³	
	T	D	T	D	T	D	D	T	D	T	D	T	D	T
2003	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2004	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2005	0	1	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0
2006	1	2	1	1	0	0	2	2	2	1	0	0	0	1
2007	1	1	0	2	0	1	2	2	2	0	0	0	3	1
2008	2	5	1	1	2	1	1	1	7	1	1	1	4	2
2009	1	2	0	0	0	0	2	2	2	3	1	1	0	2
Total	5	11	2	5	2	2	8	8	14	5	2	2	7	6

Quadro 1: Teses e dissertações defendidas de 2003 a 2009; tema *Orkut e redes sociais na internet*

Fonte: Banco de Teses da CAPES

As primeiras aproximações aos números fornecidos pelo banco de teses da CAPES¹⁴ deixam entrever um crescente interesse dos pesquisadores pelo tema *Orkut e redes sociais na internet*. Tal possibilidade pode ser interpretada, por ter sido criada em 2004, essa nova rede social na web, o que vem despertando, portanto, inquietações aos pesquisadores, sob vários ângulos de investigação. Pode-se observar, por exemplo, no quadro a seguir, sobretudo nas áreas Educação, Comunicação e Psicologia, como há um número considerável de teses e dissertações defendidas pelos programas de Pós-graduação¹⁵ em todo país.

¹³ Ciências da Informação, Direito, Ciências Sociais, Saúde Coletiva, Cultura Visual, Sociologia.

¹⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹⁵ Recentemente, o 3º Colóquio de Pesquisas em Educação e Mídia, realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, de 13 a 14 de setembro de 2012, evidenciou o interesse dos pesquisadores pela rede social do Orkut. Nesse evento, foram apresentadas as seguintes pesquisas que estão em andamento: “As crianças e os sites de relacionamento Orkut” da autora Nélia Macedo, orientanda de doutorado da professora Dr^a Rita Ribes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; “Sites de redes sociais e Educação Matemática”, da autora Cristiane Araújo, orientanda de mestrado da professora Dr^a Rosária Sperotto, da Universidade Federal de Pelotas; “Comunicação e aprendizagem nos espaços virtuais”, da autora Alessandra Oliveira, orientanda de mestrado da professora Dr^a Joana Peixoto, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás; “Laços de amigos: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital”, da autora Suzana Schwertner, orientanda de mestrado da professora Rosa Fischer, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Instituição \ Ciências	Letras	Comunicação	Educação	Psicologia	Ciências Sociais/ Antropologia	Ciências Sociais/ História	Outras ¹⁶	Total
UERJ/RJ	0	1	0	0	0	0	3	4
UFRJ/RJ	0	1	0	1	2	0	1	5
UFF/RJ	0	1	0	0	0	0	0	1
PUC/RJ	0	0	0	1	0	0	0	1
USP/SP	2	1	2	0	0	1	0	6
UNESP/SP	1	1	0	0	0	0	1	3
PUC/SP	0	2	0	0	0	0	0	2
UNICAMP/ SP	0	0	1	0	0	0	0	1
UEC/SP	1	0	0	0	0	0	0	1
UFSC/SC	0	0	0	0	1	0	0	1
UFMG/MG	0	0	0	0	0	1	0	1
UFRGS/RS	2	1	0	0	1	0	0	4
UCP/RJ	1	0	0	0	0	0	0	1
PUCRS/RS	1	2	0	0	0	0	0	3
UFGO/GO	0	0	0	0	1	0	0	1
UFAL/AL	0	0	2	0	0	0	0	2
OUTRAS ¹⁷	2	1	2	1	0	2	2	10

Quadro 2: Número de pesquisas (teses e dissertações defendidas de 2003 a 2009 sobre *Orkut e redes sociais*) por programa de Pós-graduação
Fonte: Banco de Teses da CAPES

Ao analisar os dados obtidos a partir do banco de teses da CAPES, é possível observar que as universidades brasileiras com o maior número de pesquisas sobre o Orkut e as redes sociais são a Universidade de São Paulo, com um total de 6 pesquisas, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, com 5 pesquisas. A terceira posição vai para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com 4 pesquisas para cada instituição.

A investigação deste trabalho traduz o ensejo de um professor da área de Letras em problematizar e analisar essas escritas de si, testemunhos transitivos de um tempo presente nas

¹⁶ Sociologia, Ciências da Informação, Direito, Saúde Coletiva.

¹⁷ UFPB, UFBA, UNIMEP/SP, Mackenzie/SP.

comunidades escolares do Orkut, entendendo que se trata de outro lugar de memória da escolarização. Nora (1993, p.9) ajuda a refletir sobre a memória: “A memória é vida; [...] está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, [...] suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações”; por sua vez, Ecléa Bosí (2003, p. 23) argumenta: “A memória é cooptada por estereótipos que nascem, ou no interior da própria classe ou de instituições dominantes como a escola, a universidade, que são instâncias interpretativas da História”.

As palavras organizadas tornam-se signos de comunicação, transmissão e preservação de conhecimentos, sentimentos e experiências de um passado vivido, individual e coletivamente, reconstruídos no presente. O tempo da narrativa não é o passado, mas o presente do qual parte o apelo à memória e que nos chama à ação, a ênfase são as verdades possíveis do autor (BRUNER, 1997), considerando seu lugar sócio-histórico, as condições e motivações do relato. É nesse sentido que essas escritas memorialísticas das comunidades escolares do Orkut podem ser entendidas como mais um repertório possível de histórias contadas sobre um passado escolar.

Os princípios teóricos que podem balizar a compreensão da memória autobiográfica podem servir de guia na viagem entre a polissemia e a polifonia dessas vozes; a polissemia (SANDMANN, 1990) na medida em que permite múltiplas leituras; a polifonia (BAKHTIN, 2000) se inscreve nesse ambiente de afirmação do heterogêneo, da multiplicidade de vozes, que se impõem por sua autenticidade, como sujeitos dos seus próprios discursos, das várias vozes integrantes do projeto de fala do sujeito comunicante; utilizando-se da cena enunciativa, o sujeito argumenta, faz com que os atuantes do processo de enunciação movam-se, dando vida aos conteúdos discursivos, através da palavra, e assim, a partir dela, pode-se indagar, construir, desconstruir, reconstruir e buscar novos sentidos, no processo de reinvenção do eu e do outro. A este respeito, sob as lentes da heteroglossia, Burke (1992) comenta que se observa a utilização de vozes variadas e opostas para as narrações de um fato ou de uma época, da maneira como foram vivenciadas.

Uma ampliação, em termos históricos, dos trabalhos com a memória é proposta por Lejeune (2008), ao considerar que, atualmente, graças à tecnologia, as escritas e testemunhos de si apresentam-se em novas formas na internet. É possível observar, assim, que as escrituras do eu nos diários, correspondências e blogs vêm se destacando como fontes para investigação. Este gênero possibilita um ângulo privilegiado para a percepção dos microfundamentos sociais nas escritas de si. Talvez, a reflexão de Lispector (1980, p.86): “[...]cada palavra é uma idéia. Cada

palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento” possa instigar a produzir os sentidos das escritas digitais dos alunos.

Volto às escritas que transitam nas páginas do Orkut para elencar outras reflexões. A memória escrita nesta rede social permite buscar traços de como foram representadas as vivências dos momentos da vida cotidiana escolar. Alguns costumes escolares estão distantes dos regulamentos oficiais das instituições de ensino; nessa acepção, entendo que se pode contribuir para percebermos as intenções e enraizamentos sociais dos indivíduos em seus relatos, demonstrando as dimensões sociais das perspectivas individuais. Quem sabe, ser nesse sentido que as escritas memorialísticas da comunidade do Orkut cumprem o seu papel, abrindo uma via de acesso ao terreno das memórias autobiográficas, desvelando histórias escolares encenadas no passado e presentificadas nessa rede social virtual.

Rego (2003, p.204) comenta sobre a narrativa de vida: “ela se reconstrói a cada uma de suas enunciações e reconstrói com ela o sentido da história que enuncia.” Com poesia, Britto anuncia em versos, a sua escrita autobiográfica: “Devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer, devia ter arriscado mais[...]ter feito o que eu queria fazer[...]cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração.[...]”¹⁸ Por sua vez, ao analisar a escrita memorialística, Lacerda nos instiga a pensar:

essa escrita pode assumir outras denominações, como romances pessoais, diários intimistas, crônicas memoriais e romances autobiográficos, embora todas elas sejam sobreposições da trilogia clássica ou mais conhecidas: diário – memória – autobiografia. O que diferencia basicamente essas formas literárias de outras são as marcas da escritura do eu e os modos de inscrição de si mesmo, que resultam num pacto denominado por Philippe Lejeune de pacto autobiográfico. (LACERDA, 2003, p.38)

O mundo das novas tecnologias otimizou novos espaços de comunicação, de sociabilidade, de informação (LÉVY, 1999), o que determinou também, conseqüentemente, a criação de novos espaços com as memórias dos diaristas. Nos diários on-line, as pessoas também escrevem as suas experiências da vida cotidiana, reclamações, poemas, pensamentos, e, muitas vezes, permitem que outros usuários possam também contribuir com reflexões. Para alimentar o debate sobre essas questões das escritas autorreferenciais na internet, Lejeune (2000) investigou sobre a prática de escrita do eu na tela do computador. Assim, trazer para o debate o universo das escritas digitais dos usuários, nas comunidades do Orkut constituiu-se

¹⁸ BRITTO, Sérgio. *Epitáfio*. Disponível em <<http://www.musica.uol.com.br>> Acesso em 14/10/2010.

uma possibilidade. Por que os usuários escrevem nessas redes sociais virtuais? É possível pensar que, em frente à tela do computador, os usuários encurtam distâncias de um tempo escolar; diminuindo as saudades, as lembranças escolares se multiplicam, anunciando uma nova prática de escrita, insinuando-se por novos “refúgios do eu”. (MIGNOT; CUNHA; BASTOS, 2000)

Interpretando a importância de trazer para o debate as escritas do universo virtual, Chartier (1999, p.126) destaca: “Com o texto eletrônico, enfim, parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos um sonho muito antigo da humanidade, que se poderia resumir em duas palavras: universalidade e interatividade”. Nesse sentido, pode-se supor uma nova caracterização do autor diante do advento do hipertexto eletrônico:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, essa liberdade do autor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. (CHARTIER, 1999, p. 236)

Retornando às escritas do Orkut, e tentando pensar este espaço virtual como possível guardião dos traços culturais de uma época, procura-se investir na interpretação de seus conteúdos, saber quais os temas mais postados pelos usuários, observar as formas de registro dos acontecimentos, conhecer as atividades das escolas, entrecruzar dados, fazer análises comparativas com outras fontes, pesquisar nos *sites* oficiais das escolas, selecionar episódios marcantes naquelas redes sociais, procurar entender os propósitos motivadores nessas escritas memorialísticas dos sujeitos. Nesse sentido, foram selecionadas para essa pesquisa: figuras com alguns Fóruns escolares, citações de *scraps* retiradas das próprias comunidades escolares, páginas iniciais das comunidades do Orkut, *sites* oficiais das instituições de ensino, procurando reunir um maior número de fontes para procurar entender as histórias escolares postadas naquele espaço virtual. Essa operação historiográfica foi importante, na tentativa de aprofundar as análises dessas escritas memorialísticas da web que compõem o meu objeto de estudo.

Com o incremento dessas tecnologias da informação, abre-se um leque de possibilidades para refletir sobre as técnicas utilizadas pelos usuários da rede ao criarem os seus espaços de interlocução, como declara Lévy (1999, p.86): “os dispositivos informativos penetram e se entrecruzam no mais íntimo do sujeito”. Temos assim, a transição das escritas do eu, com seus segredos e intimidades que antes eram reservados às páginas de um confidencial diário, para o

espaço virtual, percorrendo o mundo nas páginas da web; nessa passagem do antigo diário de um eu reservado e misterioso, às confissões públicas no diário virtual, os sujeitos põem em xeque o secreto, propondo uma interlocução sem eleger necessariamente um destinatário para as suas escritas; ao invés de desenvolver escritas no silêncio e na solidão do espaço privado¹⁹ observam-se as escritas de fora²⁰ visando à captação dos olhares alheios, tornando, portanto, visíveis e públicas, as suas histórias da vida escolar. O sujeito, como é sinalizado por Bakhtin (2000, p.169): “que narra a sua vida insinua-se nela, de modo imediato, através dos outros, através dos narradores”.

No que diz respeito à construção do objeto de pesquisa, a primeira etapa do trabalho foi a de constituir um corpus documental, no período de dezembro de 2009 a dezembro de 2010, acompanhando e gravando arquivos com os *scraps* dos usuários²¹ das comunidades do Orkut de dez escolas²² no Rio de Janeiro, observando as escritas memorialísticas dos sujeitos relacionadas às suas histórias escolares. Em seguida, iniciaram-se os contatos com dez moderadores²³, para que eu pudesse ter acesso às comunidades, enviando-lhes uma carta²⁴ para aproximação; obtive o retorno de quatro moderadores das seguintes comunidades escolares: Colégio Militar do Rio de Janeiro, Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, Colégio de São Bento do Rio de Janeiro e Instituto Abel do Rio de Janeiro; a escolha pelas três escolas centenárias, situadas na cidade do Rio de Janeiro, foi um critério de seleção para a pesquisa, uma vez que o Instituto Abel localiza-se em outra cidade do estado do Rio de Janeiro. Assim, retomei o contato via e-mail, solicitando-lhes uma possível resposta a algumas questões²⁵ que

¹⁹ O diário pessoal escrito no quarto, em surdina, por exemplo.

²⁰ Os diários pessoais que são tornados públicos, pela exposição na rede.

²¹ Optei em abreviar os sobrenomes dos sujeitos e esfumçar as imagens gravadas nos arquivos para preservar a identidade dos usuários.

²² Públicas, particulares e confessionais: Colégio Pedro II/Engenho Novo/RJ, Colégio Santo Inácio/RJ, Colégio Sion/RJ, Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro, Instituto Superior de Educação/ RJ, Colégio Estadual Amaro Cavalcante/RJ, Colégio Militar/RJ, Colégio Marista São José/RJ, Colégio de São Bento/RJ, Instituto Abel/RJ.

²³ Usuários responsáveis pelas comunidades escolares do Orkut.

²⁴ Nessa carta encaminhada em 14/09/2010, eu me apresento aos moderadores das comunidades escolares como pesquisador do ProPEd, enfatizando o meu interesse pelas postagens naquelas redes sociais do Orkut; terminei esse texto, deixando à disposição o meu endereço eletrônico, aguardando um possível contato daqueles sujeitos.

²⁵ Quando surgiu e qual(is) o(s) motivo(s) que o levou a ser um moderador na comunidade da sua escola no Orkut? Há algum estatuto para ser moderador? Qual o papel do moderador nesta comunidade virtual? Você usa algum mecanismo para verificar de fato que um novo usuário realmente teve algum vínculo com a sua escola? Qual o mecanismo? Quais as regras utilizadas para se permitir o acesso de um(a) novo(a) usuário(a)? Você armazena todas as escritas dos usuários? Caso afirmativo, quais os critérios que você utiliza para armazená-las? Com que frequência você acessa a sua comunidade? Por quê? Na sua opinião, qual(is) o(s) motivo(s) que estimula(m) o usuário a participar desta comunidade? Quais os Fóruns que você criou com mais postagens? Você poderia identificar qual é o tema mais recorrente nesta rede de sociabilidade virtual? Você já promoveu algum encontro presencial com os usuários da comunidade? Tem vontade de fazê-lo? Alguma vez você já leu algo postado por algum usuário, do qual você não tenha gostado? O que fez? Assinale quais os tipos de textos que você mais percebe

foram inspiradas no questionário²⁶ formulado por Alberca (2000). Após receber as respostas dos questionários dos moderadores, procurei chegar aos usuários, ex-alunos das escolas, procurando entrecruzar dados com os *posts* dessas comunidades escolares do Orkut.

Sibilia(2008) explica que a utilização dos blogs, Orkut e outras redes sociais virtuais seriam estratégias que os sujeitos do tempo da internet colocam em ação para responder a essas novas demandas socioculturais, balizando outras formas de ser e estar no mundo. Por sua vez, Lacerda (2003) sugere que o exercício de análise nas escritas autorreferenciais possibilitam revisitar os acontecimentos, as histórias escolares; entretanto, acredito que há de se observar também omissões e silenciamentos nesses *posts*. Será que essas narrativas representam apenas um registro escrito? Penso que também haja troca de ideias, fortalecimento de vínculos afetivos nessa rede social virtual.

Há muitos percursos que se embaralham quando penso e relembro a escrita desta tese. O título “Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os tempos da escola nas comunidades do Orkut” foi construído, elaborado, transformado ao longo desses últimos quatro anos, uma vez que esses *posts* transitórios, transitivos, fornecem indícios de que essas escritas memorialísticas do universo virtual podem estar, ou não, nas comunidades das escolas; assim, no esforço em poder consultá-los, esses *scraps* dos usuários foram gravados em arquivos para posterior consultas e análises.

Valorizar este tipo de fonte tem permitido reverter o quadro de escassez documental com a qual pesquisadores se deparam, indo além dos possíveis relatos orais e das escritas do papel, que já são conhecidos e cotidianamente utilizados. Com essa pesquisa, desejo contribuir nas investigações sobre as memórias escolares, procurando apresentar, portanto, mais um repertório de documentos para conhecer as memórias dos ex-alunos.

Nas linhas desta tese, é possível observar dois horizontes que se confundem e se entrecruzam na produção narrativa: o tom épico, ao poder acompanhar o embarque de um narrador numa possível singradura pelo mar da web, navegando desde a antiguidade clássica, perpassando pela idade média, seguindo em direção à idade moderna; entre *scraps*, memórias e histórias, essa navegação seguiu em direção à pós-modernidade, num esforço em desenvolver um trabalho com o rigor teórico-metodológico exigido pela academia; a travessia nessa viagem

circular na comunidade: poemas, canções, crônicas, recordações, relatos, pensamentos, artigos, correspondências, fotografias, imagens.

²⁶ A pesquisa desse pesquisador espanhol, aplicada em 1995 e 1996, na cidade de Málaga, aos alunos universitários e do ensino médio, num total de 702 sujeitos, entre homens e mulheres, procurava entender, se mesmo num mundo dominado pela cultura audiovisual, havia espaço para a cultura escrita de um diário.

metafórica privilegia o campo semântico marítimo; logo, farol, marés, ventos, litoral, costa, oceanos, juntos pintam um possível painel cenográfico numa navegação nas águas do mar da internet. As discussões, problematizações e reflexões acerca dessas escritas memorialísticas nas comunidades escolares do Orkut fundamentaram os meus olhares para compor este estudo, tornando possível sua organização em quatro capítulos.

O primeiro, intitulado “Odisseia²⁷ no espaço virtual: digitar, narrar, postar nas comunidades das escolas”, busca se aproximar dessas comunidades escolares, num esforço em observar e analisar como essas redes sociais são apresentadas pelos usuários; estes sujeitos têm a seu favor essas novas demandas socioculturais, colocam em ação outras formas de ser e estar no mundo; nesse processo de escritas coletivas, múltiplas, polifônicas, o ex-aluno pode digitar nos hipertextos, acumulando experiências e laços sociais, almejando colocar em cena o seu passado escolar. O que é o hipertexto? O que leva o usuário a optar por tornar pública a sua experiência escolar? As páginas do Orkut também ostentam o paradoxo do íntimo e aberto a todos os usuários. Mas quem são esses sujeitos? Discute-se acerca das possíveis identidades dos usuários; a escolha dos seus nomes; o que pode adquirir novas significações.

Neste capítulo, ainda reflito sobre os lugares sociais desses usuários; os possíveis sentidos de pertencimentos dos sujeitos são ambíguos, negociáveis ou revogáveis, dependendo não só do lugar, do destino, mas também das maneiras de pensar. Quais são os significados e intenções que os usuários atribuem aos seus textos? Esta questão me instiga a refletir sobre a sofisticação dos repertórios textuais com as histórias escolares não representadas em outros suportes. Será possível pensar estas escritas memorialísticas sob a ótica da História do tempo presente?²⁸

No segundo capítulo da tese, intitulado “Aviso aos navegantes: moderadores atuantes nos Fóruns escolares”, dedico-me à interpretação do papel desses moderadores que concederam licença para que eu participasse das suas comunidades escolares no Orkut. Mas o que é ser um moderador nessas comunidades escolares? Será que os moderadores cumprem os mesmos papéis desempenhados pelos editores? As entrevistas, realizadas com os moderadores das comunidades escolares do Colégio Militar do Rio de Janeiro, do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro e do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, foram os passaportes para que eu pudesse compreender os comportamentos e as atribuições desses mediadores nessas redes

²⁷ HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Edusp, 2000. Cânone literário ocidental que conta a chegada de Ulisses a sua cidade natal, depois da guerra de Tróia, no século VIII A.C.

²⁸ Os estudos de Chartier (1999), Sibilía (2008), Bauman (2001), Lévy (1999), Nicolaci-da-Costa (2006), Aymard (2009), Certeau (1982), Muzart (1998), Mignot (2006), Machado (2003) e Vidal (2000) possibilitam fundamentar estas minhas reflexões iniciais.

sociais virtuais. O mediador virtual tem a seu favor uma série de ferramentas nas comunidades do Orkut. Quais são essas ferramentas? O sujeito se apropria da palavra, da cultura e dos meios para relatar a sua vida. Há empecilhos que possam ameaçar os *scraps* dos usuários? Será que estas escritas memorialísticas podem ser observadas como experiências narradas ou como possíveis caminhos à espetacularização do sujeito?

O capítulo também nos reserva, no caminhar dessas discussões, os possíveis borramentos nas fronteiras virtuais. Mas o que é isso? As fronteiras que separavam os espaços públicos e privados desafiam as velhas categorias, demandando novas interpretações sobre esses *posts* na web. O que é autoria no universo digital? O ímã irresistível dessas escritas memorialísticas nas comunidades das escolas do Orkut pode se manifestar na dimensão pragmática da linguagem?

No terceiro capítulo, denominado “Circunavegação nos *scraps*, *posts* e depoimentos: histórias escolares revisitadas”, procurei enveredar pelos Fóruns das comunidades escolares, assim como pelos perfis dos usuários, no esforço em analisar as memórias dos ex-alunos. De que maneira as memórias de escola se inscrevem nas redes sociais da web? Esses *scraps* produzem um imaginário e exprimem relações com as pessoas ou grupos do tempo escolar, trilhando pelos caminhos das memórias das suas próprias vidas; trata-se de uma autobiografia? A performance discursiva dos *posts* constrói as memórias dos sujeitos nessa rede social virtual. Quem sabe, as escritas das comunidades escolares do Orkut mantêm um espírito romântico aceso mesmo no imperativo das conexões virtuais. Quais são os temas mais recorrentes encontrados neste espaço virtual? Os estudos realizados por Halbwachs (1990) sobre a memória individual, a memória coletiva e a memória histórica demonstram que é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação, os quadros sociais reais que servem de ponto de referência nessa revisita ao passado.

Faz, ainda, um convite ao leitor para pensar nos dilemas desse suporte virtual. Os estudos de Eco (2009) refletem sobre a efemeridade das mídias. Mas será que se guarda tudo? O que é guardar? Mignot (2006) acredita que guardar é diferente de esconder; consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor compartilhar; nesse sentido, guardar denota o cuidado com certo material para mantê-lo seguro, disponível para consultas. As novas tecnologias digitais também oferecem contribuições, no quesito espaço e guarda de documentos. Qual será o possível estatuto que essa fonte assumirá? Outro assunto tratado nessa discussão é o relativo à obsolescência. Os estudos de Vidal (2000) mostram que os perigos da nova tecnologia, seus desafios, estão relacionados à redução da vida útil dos materiais utilizados pelos suportes digitais. Será que os usuários dessas redes sociais pensam na importância do que se produz por

meio desses *posts*, face à questão das fontes materiais para a história das práticas escolares? Os testemunhos dos usuários, de acordo com Souza (2006), podem iluminar esta aprendizagem experiencial, na medida em que traduzem as suas expectativas nas histórias das suas formações. O sujeito se lembra de tudo o que aconteceu na sua vida escolar?

O quarto capítulo, intitulado “Preamar discursiva: práticas de escrita nas comunidades escolares”, é destinado ao estudo das narrativas autorreferenciais. De que maneira esses usuários narram as suas histórias? Os estudos de Chartier (2002) sugerem que as fronteiras do texto na tela não são mais tão radicalmente visíveis, como em outro suporte, por exemplo, o livro, evidenciando uma possibilidade em embaralhar, entrecruzar, reunir textos também inscritos nessa mesma memória eletrônica. Por sua vez, as reflexões de Moraes (2004) acenam que não podemos deixar de lado as experiências, as percepções dos sujeitos com entendimentos diferentes da realidade. Nesse sentido, as representações sociais não são estruturas neutras (CHARTIER, 1990); o registro de experiências vividas no cotidiano escolar possibilita ao sujeito, enquanto autor e ator de sua própria história, eleger histórias escolares significativas.

O capítulo também oferece ao leitor discussões sobre interlocução de linguagens, formas diversas de produzir sentidos e estabelecer relações entre os sujeitos nas mais diversas situações de interação (MARCUSCHI, 1991). Qual é este modelo de escrita que esses usuários das comunidades escolares do Orkut produzem? Essas novas escritas memorialísticas podem ampliar a discussão sobre as tipologias textuais? Como os usuários se despedem nas suas narrativas? Faz-se necessária a discussão dessas novas produções narrativas com as memórias dos ex-alunos, que oferecem, destarte, outras escrituras à historiografia, para além daqueles documentos perenes.

Sem a pretensão de esgotar a discussão sobre os *scraps* dos sujeitos nas comunidades escolares do Orlut, percebe-se que o exame de determinadas manifestações da escrita pode permitir o entendimento da representatividade, dos interesses sociais, das escolhas de atribuições de sentido, ou seja, saber que as particularidades das escritas têm um sentido socialmente construído; ademais, a função (re)memorativa é um fenômeno eminentemente social na perspectiva halbwichiana. Numa perspectiva do tempo presente enquanto categoria histórica, esses sujeitos também formam grupos distintos, com projetos e práticas diferentes. Nessa acepção, recorro a Boff (2010, p. 12) quando enfatiza: “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”, para levantar questões, ajudando, portanto, a problematizar essas escritas que transitam na internet.

Na senda da pesquisa, análise, crítica, aproximação e afastamento dos objetos, questões, formulações metodológicas, dúvidas, o caminhar no texto, ainda se apresenta o desafio englobante: o da escrita da tese. Nessa hora, por meio de suas inspirações, talvez o poeta sintetize mais esse constante desafio: “escrever é ofício dos menos tranquilos: se pode aprender a escrever, mas não a escrever certo livro. Escrever jamais é sabido; o que se escreve tem caminhos; escrever é sempre estrear-se e já não serve o antigo ancinho”. (MELO NETO, 1997, p.584)

As escritas de si digitais também são portadoras de testemunhos de um tempo da escola; a escrita, que une palavras, faz nascer sentidos, aproxima o distante, torna presente o ausente, alimenta os afetos, revela dimensões da imaginação²⁹; os *scraps*, portanto, como numa mágica linguística, recria as geografias, as histórias e as vidas escolares.

²⁹ SOARES, Carmen Lúcia. Sobre a palavra e a escrita. In: *Educação e cultura audiovisual: ressonâncias*. São Paulo: Moderna, 2012. pp. 5-10.

1 ODISSEIA NO ESPAÇO VIRTUAL: DIGITAR, NARRAR, POSTAR NAS COMUNIDADES DAS ESCOLAS

1.1 Singrando no mar da web: iniciando a minha operação historiográfica

Para alunos, ex-alunos e professores do Colégio Marista São José-RJ³⁰

Comunidade para quem estuda ou estudou no Colégio Militar do Rio de Janeiro³¹

Comunidade destinada aos alunos, ex-alunos, professores do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro³²

Ensaiai os primeiros passos, cambaleantes, apresentar sinais de hesitação, balbuciar os primeiros fonemas, são, talvez, alguns dos rituais para se começar a escrever as primeiras linhas desta viagem com destino às escritas memorialísticas nas redes sociais da web; de algum lugar, certamente, rumarei para ultrapassar as fronteiras do real, mergulhar no espaço virtual, buscando compreender e analisar essas escritas postadas pelos usuários nas comunidades escolares do Orkut na internet. Assim, sinto-me como um navegador dos tempos digitais, singrando intrepidamente os mares virtuais nos quais inúmeros navegantes professam o mundo interior.

Se já houve uma época em que os sujeitos anotavam os episódios da vida cotidiana, apenas nos seus diários íntimos, papéis, agendas, no tempo da web, é possível observar escritas em redes sociais da internet, tornando visíveis as histórias dos usuários, repensando, portanto, a relação histórica entre memória e escrita do eu. Nessa perspectiva, é possível estar sintonizado

³⁰ Escrita retirada do Orkut em 08/04/2010, página inicial da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.

³¹ Escrita retirada do Orkut em 08/04/2010, página inicial da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

³² Escrita retirada do Orkut em 08/04/2010, página inicial da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro.

com as novidades tecnológicas, evitando atitudes ufanistas, ou mesmo as excessivamente temerosas, com as leituras das diferentes linguagens que estão postas no mundo virtual, onde pessoas se cruzam, se representam, vivem ao seu modo uma “Odisséia” dos novos tempos.

Tal qual essa obra épica que narra as viagens e aventuras de Ulisses até a sua chegada à terra natal, vejo-me como um navegador nessa “Odisséia” do espaço virtual, no qual as memórias dos tempos escolares dispersas, esparsas, em trânsito, estão à espera de leitores navegadores. Chartier (1999) sugere que a leitura da revolução digital se apresenta de forma fragmentada, num mundo no qual cada texto é pensado como uma unidade separada de informação. Essa forma de leitura se reflete na relação com as obras, já que o livro impresso oferece ao leitor a percepção de totalidade, coerência e identidade o que não ocorre na tela. Nesse sentido, navegar na internet é uma nova caracterização do escritor/leitor diante do advento do hipertexto eletrônico, sujeito às intempéries.

Enquanto se navega nesse universo virtual, o que é possível encontrar? Águas turbulentas, ventos fortes, variações nas condições atmosféricas, correntes imprevistas, excesso de informação, catástrofes, documentários, jornais, revistas, blogs, twitter, facebook, myspace, lojas virtuais, enfim, inúmeras janelas abertas para o navegador do espaço virtual. É no Orkut que eu encontrei um mar tranquilo, horizonte favorável, águas apropriadas para um mergulho digital. Mas afinal o que é o Orkut?

Talvez, a resposta para essa questão não seja tão simples, uma vez que cabe ao pesquisador a tarefa de pensar o significado ou os significados e as suas respectivas relações com as interfaces ciberculturais das chamadas comunidades virtuais. É nesse sentido que Sibilia (2008) explica que a utilização dos blogs, fotologs, Orkut e outras redes sociais virtuais seriam estratégias que os sujeitos do tempo da internet colocam em ação para responder a essas novas demandas socioculturais, balizando outras formas de ser e estar no mundo.

Como os caminhos na realização das pesquisas, de maneira geral, são marcados por surpresas, acabei tendo acesso ao conjunto de três comunidades escolares do Orkut, a saber: comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro e comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. As escolhas, como já comentado anteriormente, são frutos das autorizações concedidas pelos respectivos moderadores dessas escolas centenárias na cidade do Rio de Janeiro.

Como o usuário da internet tem acesso ao Orkut? Para começar a interagir nessa rede social virtual, o sujeito precisa criar uma conta de e-mail no *Google*³³; constrói uma página pessoal, com a finalidade de se apresentar a outros participantes³⁴; para embarcar nesse espaço virtual é preciso ter ou ser um perfil³⁵; preenche-se o nome, idade, cidade onde mora, estado civil, opção sexual, tipos de música, livros etc; o participante possui um espaço para disponibilizar fotografias; pode ainda adicionar vídeos preferidos e fazer parte de comunidades com as quais se identifica. Uma vez inscrito, já pode visitar, passear virtualmente por milhares de comunidades, entre elas as comunidades escolares do Orkut. Assim, inicia-se a sua rede de conexões, numa permanente disponibilidade para visitas e contatos, com possibilidades de juntar-se a novos usuários, projetando o sujeito em um ambiente de alta visibilidade midiática, exibindo o seu perfil para o olhar de todos, uma espécie de vitrine³⁶ virtual, na qual se guardam objetos para exibição, com escritas nascidas para a visibilidade do outro; o que me remete à Sibilia (2008, p.78): “por todos esses motivos, os muros que costumavam proteger a privacidade individual estão sofrendo sérias rachaduras”.

Percebe-se que ali, na pasta de recados, no quadro de depoimentos, nos *scraps* recebidos nas comunidades das quais os usuários fazem parte, nessa heterogeneidade de artefatos e recursos existentes, são construídos os sujeitos nessas redes sociais, mostrando que essas postagens constituem elos no tecido das lembranças dos sujeitos que não se intimidam em contar as suas histórias nesses novos suportes de escrita. Tomar conhecimento do teor dessas escritas, e desses registros digitais, cria uma ilusão de participação desses sujeitos nessas comunidades, na mesma acepção dada por Vaz (1998), nas quais os usuários compartilham, numa possível interação, um grupo de convivência.

O esforço em valorizar a fonte digital tem permitido reverter o quadro de escassez documental com a qual pesquisadores se deparam; indo além dos relatos orais e das escritas do papel, que já são conhecidos e utilizados. Nessa acepção, navegando nos mares e horizontes do Orkut, orientado pelos astros do universo, aportei nas comunidades das escolas centenárias do estado do Rio de Janeiro, nas quais, impressionado, espiei como um espectador folhetinesco,

³³ Empresa multinacional de serviços on-line e software com sede nos Estados Unidos.

³⁴ COUTO, Edvaldo Souza e ROCHA, Telma (orgs). *A vida no Orkut. Narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador (BA): Ed.UFBA, 2010.

³⁵ Conjunto de informações pessoais que apresenta, representa, personaliza o eu.

³⁶ Algumas autoras já utilizaram este termo em outros contextos; ver: SOUZA NEVES, Margarida de. *As vitrines do progresso. O Brasil nas Exposições Internacionais*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CNPq, 1986. VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.

suscitando, assim, o meu interesse, ao observar que escritas e imagens compunham aquelas comunidades virtuais para relatar os passados escolares.

Nas tensões entre estar na comunidade e/ou pertencer ao grupo dos ex-alunos da escola estão em jogo as fronteiras de um mundo líquido (BAUMAN, 2001); nesse sentido, quem sabe, tal conceito seja o cerne para se pensar a complexidade (MORIN, 1996) na qual deve ser observado o perfil do sujeito:

A complexidade nos convoca para uma verdadeira reforma do pensamento, semelhante à produzida no passado pelo paradigma copernicano. Mas essa nova abordagem e compreensão do mundo, de um mundo que se "autoproduz", confere também um novo sentido à ação: trata-se de fazer nossas apostas, o que vale dizer que com a complexidade ganhamos a liberdade. (MORIN, 1996, p.49)

Algumas questões me instigaram, incentivando-me a mergulhar neste tema para investigação: como são apresentadas essas comunidades escolares? Em outras palavras, como os usuários exibem as suas comunidades no Orkut? Ao enveredar pela polifonia das escritas memorialísticas dessas redes sociais, talvez, seja possível entender que outros sentidos estejam presentes neste espaço virtual. As citações, que servem de epígrafe para esta reflexão, retiradas respectivamente, das primeiras páginas das comunidades escolares do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, Colégio Militar do Rio de Janeiro e Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, descrevem os sujeitos autorizados a se vincularem nessas redes sociais; é o que podemos examinar na leitura do quadro a seguir.

Integrantes das redes sociais virtuais	Discentes	Docentes	Outros
Comunidades Escolares do Orkut			
Colégio Militar do Rio de Janeiro	Alunos Ex-alunos	–	–
Colégio Marista São José do Rio de Janeiro	Alunos Ex-alunos	Professores Ex-professores	–
Colégio de São Bento do Rio de Janeiro	Alunos Ex-alunos	Professores	–

Quadro 3 - Sujeitos autorizados à participação nas redes sociais virtuais
Fonte: Primeiras páginas das comunidades escolares do CMRJ; CMSJRJ; CSBRJ

Uma possível aproximação ao quadro dos sujeitos com autorização confirmada pelos moderadores nas comunidades escolares do Orkut mostra que na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, os usuários eleitos são os alunos, os ex-alunos, os professores e ex-professores, formando, portanto, uma rede social que agrega outros integrantes, tais como, os atuais alunos e os ex-professores. No entanto, ao descrever em sua página inicial: “Comunidade para quem estuda ou estudou no Colégio Militar do Rio de Janeiro”, observa-se uma restrição na escolha dos componentes; somente alunos e ex-alunos são os integrantes dessa rede virtual; o que não acontece com a comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, na qual os professores também se integram nessa rede social. Logo, examinam-se divergências no quesito participação dos usuários nos circuitos dessas comunidades escolares do Orkut.

Essas práticas de escrita possibilitam aos sujeitos trocarem mensagens, *posts*, *scraps*, trazendo as suas memórias escolares, nos Fóruns dessas comunidades, estreitando laços de amizades, aproximando usuários, possivelmente distantes nos espaços geográficos, provavelmente, na solidão das grandes cidades. Essas relações de sociabilidade, através desses *scraps* nas comunidades escolares do Orkut, representam não apenas registros escritos, mas a possibilidade de se ter um espaço para troca de ideias, fortalecimento de vínculos afetivos³⁷. Nesse sentido, procurar saber inicialmente quem são os sujeitos autorizados a participar dessas comunidades escolares virtuais, talvez, possa me auxiliar a compreender melhor os possíveis significados dos *scraps* que circulam naquele espaço virtual.

Numa tentativa de pensar a história do tempo presente, os estudos de Gaddis (2003) discutem o papel do historiador e dos seus métodos; isso é feito com o levantamento de questões – como o objeto de estudo, o modo de pensar e analisar a realidade – cuja discussão é permeada por exemplos advindos das mais diversas obras: pintura, literatura, cinema. Uma possível análise da pintura³⁸ é o mote para um desencadear de reflexões sobre a posição do historiador pesquisador, em relação ao seu objeto. Como o personagem do quadro “O viajante sobre o Mar de Névoa”, observam-se os acontecimentos com um distanciamento que o tempo exige, porque o passado chega até cada um de nós, inacessível, sendo somente possível sua representação pelos artefatos sobreviventes. Dessa forma, para Gaddis, o que deve ser buscado é uma abstração, não uma descrição literal dos eventos ocorridos. Nesse sentido, é possível entender que a história

³⁷ ROCHA, Inês de Almeida. *Canções de Amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade*. Tese de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, 2009.

³⁸ FRIEDRICH, Caspar David. *O viajante sobre o Mar de Névoa*. [Pintura]. Hamburgo, 1818.

pode ser como um mapa, destacando aspectos de acordo com o que se pretende compreender e explicar. Ora, o conjunto de informações disposto nas páginas das redes sociais virtuais também monta um painel, num repertório de dados que se complementam, destacando aspectos importantes na representação da comunidade escolar virtual; é o que podemos observar na figura a seguir.

The screenshot shows the Orkut community page for 'Colégio Marista São José'. The page layout is as follows:

- Left Sidebar:** Contains a profile picture of the school, the name 'Colégio Marista São José (4.994 membros)', and a list of icons for 'participar', 'denunciar abuso', 'fórum', 'enquetes', 'eventos', and 'membros'.
- Main Content Area:**
 - Header:** 'Colégio Marista São José' with a breadcrumb trail: 'Início > Comunidades > Alunos e Escolas > Colégio Marista São José'.
 - Description:** 'Para alunos, ex-alunos e professores do Colégio Marista São José - RJ'.
 - Idioma:** Português (Brasil)
 - Categoria:** Alunos e Escolas
 - Dono:** Marcelo Alvim
 - Moderadores:** Raphael
 - Tipo:** moderada
 - Privacidade do conteúdo:** aberta para não-membros
 - Local:** Brasil
 - Criado em:** 6 de maio de 2004
 - Membros:** 4.994
- Forum Table:**

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> QUEM JOGOU BOLA AO MASTRO !!!!	19	05/03/10
<input type="checkbox"/> Bio Negao	18	05/03/10
<input type="checkbox"/> Quem ai foi aluno do serjao ?	60	01/03/10
<input type="checkbox"/> Paulo Waldemar. Alguém lembra?	26	06/02/10
- Right Sidebar:** Titled 'membros (4994)', it displays a grid of member avatars with names: André, Danilo, Eliane, Julia, Rodrigo, Danielle, Sandra, Erika, and SiMoNe.

Figura 1 – Página inicial da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro
Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José. Acesso em 10/09/2011

Numa aproximação inicial à primeira página da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, observa-se uma justaposição de quatro blocos, montados numa disposição tal, que, possivelmente, ofereça uma melhor visão dos principais dados dessa rede social virtual; um quadro à esquerda, com uma imagem da instituição de ensino, seguida do número de membros da comunidade escolar: 4994; logo abaixo, os ícones: participar, denunciar abuso, Fórum, enquetes, eventos e membros, sugerindo possível praticidade no manuseio. O quadro maior, intitulado *Colégio Marista São José*, localizado no centro da página, oferece para os usuários os seguintes dados: descrição, idioma, categoria, dono, moderadores, tipo, privacidade do conteúdo, local, com criação em 6 de maio de 2004 e 4994 membros, numa possível espécie de cabeçalho, no qual podem se identificar o dono, Marcelo A., assim como o seu moderador, Raphael. O quadro *Fórum* está localizado logo abaixo do quadro maior; nele estão os itens: tópico, postagens

e última postagem; o sistema atualiza, portanto, as datas das últimas postagens dos usuários. No último quadro, localizado à direita da página, estão os membros dessa rede social; é possível observar as imagens dos usuários, assim como os nomes pelos quais os usuários se apresentam nessa comunidade escolar. Nesse sentido, pinta-se um possível painel dessa rede social virtual, de acordo com o que se quer anunciar.

As discussões de Vidal (2005) sobre a escrita da história iluminam o sinal verde para os pesquisadores atentos à história do tempo presente; em seu texto, a autora mostra a importância do presente na ordenação do olhar sobre o passado. Assim, os horizontes históricos me concedem o passaporte para que se possam trazer para discussão as escritas autobiográficas nas comunidades escolares do Orkut como fontes historiográficas.

Combinações diferentes nas justaposições de painéis configuradores das primeiras páginas das comunidades escolares do Orkut, ou em outras palavras, outras disposições e escolhas por outros conjuntos de quadros, podem ser observados nessas redes sociais virtuais. É o que podemos observar na página inicial da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, como segue abaixo.



Figura 2 – Página inicial da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro
Fonte: Comunidade do CMRJ. Acesso em 10/09/2011

Ao mergulhar nas águas da página inicial na comunidade escolar do Colégio Militar do Rio de Janeiro, observo outra disposição, na arrumação dos quatro blocos: um quadro à esquerda, com uma imagem da instituição de ensino, seguida do número de membros da comunidade escolar: 3347; logo abaixo, os ícones: participar, denunciar abuso, Fórum, enquetes, eventos e membros, conferindo uma semelhança na disposição desse quadro com as outras comunidades. No quadro maior, intitulado CMRJ, observa-se o título da instituição de ensino, com as iniciais em letras maiúsculas, talvez, conferindo à página um possível ar de formalidade vivido naquela instituição. O idioma escolhido é o português; na categoria, registram-se alunos e escolas; a moderadora da comunidade é a Aline P. que a criou em 8 de maio de 2004, do tipo comunidade moderada. O centro da página contém os seguintes dados: descrição, idioma, categoria, dono, moderadores, tipo, privacidade do conteúdo, local e membros. O quadro *Fórum* está localizado logo abaixo do intitulado CMRJ. As postagens de alguns Fóruns também aparecem atualizadas na primeira página. À direita da tela, aparecem os membros dessa comunidade escolar; há ainda as comunidades relacionadas que são os links oferecidos pela comunidade, possivelmente por razões de afinidade, analogias e combinações, a saber: Esquadrão de Cavalaria CMRJ, Infantaria CMRJ, Comunicações do CMRJ.

Talvez, o que chame a atenção do usuário, ao se aproximar da primeira página da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, seja o brasão³⁹ que a página ostenta: uma insígnia com a figura de um castelo e um dragão, o que nos remete aos mosteiros da idade média, habitação dos monges e religiosos como podemos examinar a seguir.

³⁹ Um brasão de armas ou, simplesmente, brasão, na tradição europeia medieval, é um desenho especificamente criado - obedecendo às leis da heráldica - com a finalidade de identificar indivíduos, famílias, clãs, corporações, cidades, regiões e nações. Disponível em <<http://www.heraldica.com.br>> Acesso em 10/09/2011.



Figura 3 – Página inicial da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro
 Fonte: Comunidade do Colégio de São Bento-RJ. Acesso em 10/09/2011

Olhando atentamente a primeira página da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, observa-se que alunos, ex-alunos e professores foram eleitos para acessar e participar dessa rede social virtual; até a data visitada, havia 979 membros inscritos nesse circuito social; parece que a disposição dos quadros da página inicial da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro é a mesma da comunidade escolar anterior; a justaposição dos quatro blocos: um quadro à esquerda com uma imagem do brasão, o nome da instituição, a saber, Colégio de São Bento do RJ, seguida do número de membros da comunidade escolar: 972; logo abaixo, os ícones: participar, denunciar abuso, Fórum, enquetes, eventos e membros. No quadro maior, intitulado Colégio de São Bento-RJ, observa-se o título da instituição de ensino, com as iniciais em letras maiúsculas. O idioma escolhido é o português na categoria escolas e cursos; a moderadora inicial da comunidade escolar é a Marrie S., do tipo aberto para não-membros, ostentando uma diferença, na medida em que outros usuários podem também participar dessa rede social. No centro da página, também contém os seguintes dados: descrição, idioma, categoria, dono, moderadores, tipo, privacidade do conteúdo e local. À direita da tela, aparecem os membros dessa comunidade escolar; há ainda as comunidades relacionadas que são *Amamos o Alfredo Sotto* e *Eu sou fã do professor Osni*. Destaco as normas e as sanções utilizadas naquele espaço virtual; seriam reflexo da disciplina escolar? Quem sabe, os ecos linguísticos utilizados

pelos sujeitos nesta rede social, deixam transparecer a observância de uma disposição dos ex-alunos em postarem as suas memórias escolares.

No esforço em visualizar e comparar alguns dados retirados das três páginas iniciais das comunidades escolares para procurar dar visibilidade a essas fontes, elaborei o quadro a seguir.

Comunidades Página inicial	Comunidade do Colégio Militar do RJ	Comunidade do Colégio Marista São José RJ	Comunidade do Colégio de São Bento RJ
Número de membros	3347	4994	972
Descrição	Para quem estuda ou estudou no CMRJ	Alunos, ex-alunos e Professores CMSJRJ	Alunos, ex-alunos e Professores CSBRJ
Dono	Aline Portelinha	Marcelo Alvim	Marrie Spencer
Moderador	Aline Portelinha	Raphael	Marrie Spencer
Nº de comunidades relacionadas	3	0	3
idioma	Português (Brasil)	Português (Brasil)	Português (Brasil)
Tipo de moderação	moderada	moderada	moderada
Nº de postagens atualizadas no fórum	8	123	0
Data da criação	08/05/2004	06/05/2004	não existente

Quadro 4 – Informações disponíveis nas páginas iniciais das comunidades escolares do CMRJ, CMSJRJ e CSBRJ

Fontes: Comunidades das escolas do Orkut: Colégio Militar do Rio de Janeiro, Colégio Marista São José do Rio de Janeiro e Colégio de São Bento do Rio de Janeiro

No conjunto dos dados examinados, merece destaque o relativo à data da criação das comunidades: observa-se que as comunidades do Colégio Militar do Rio de Janeiro e do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro tiveram as suas datas de criação bem próximas: 8 e 6 de maio de 2004, respectivamente; possivelmente, a criação do Orkut, neste período, tenha instigado à participação dos usuários nessa rede social virtual, impulsionando os ex-alunos a criar as suas próprias comunidades escolares. Um olhar aos números das atualizações das postagens mostra que os usuários do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro tem um maior número de postagens: 123 postagens; a comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro apresenta, logo

em seguida a sua pontuação: 8 postagens. Talvez, o número de membros também seja relevante ressaltar: a comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro registra um número bem maior do que as comunidades dos outros colégios juntos: 4994 usuários, contra o somatório dos 3347 da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro e 972 da Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, o que possibilita analisar que a Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro é um espaço muito procurado para a participação dos usuários.

Após a análise e compreensão da maneira como as comunidades do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, do Colégio Militar do Rio de Janeiro e do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro se apresentavam nessa rede social virtual, procurei seguir a minha viagem pelo oceano da web, procurando mergulhar agora nos *scraps* dos ex-alunos, num esforço em problematizá-los e estudá-los; nesse sentido, procurei salvaguardar os arquivos para poder me aprofundar nos estudos dessas escritas memorialísticas que circulam nessa rede social. Essa operação me instigou a mapeá-los para uma melhor visualização dessas narrativas transitivas nessas comunidades escolares. O quadro a seguir procura dar visibilidade a alguns números relativos a essa mostra de arquivos que compõe o meu estudo.

Arquivos	Fóruns	Site oficial da instituição de ensino	<i>Scraps</i> (citação)	Páginas pessoais dos ex-alunos	Site do Orkut (Página do Google)
Comunidades do Orkut					
comunidade escolar do CMRJ	20	1	75	1	-
comunidade escolar do CMSJRJ	19	1	86	3	-
comunidade escolar do CSBRJ	5	3	30	3	-
Outros (as)	4	4	8	-	4
Total	48	9	199	7	4

Quadro 5 - Número de arquivos trabalhados nas redes sociais virtuais
Fontes: Comunidades escolares do Orkut: CMRJ, MSJRJ e SBRJ

Com um olhar mais atento aos números oferecidos na tabela, é possível examinar que as citações dos *scraps* dos usuários foi um recurso predominante nesta pesquisa das escritas memorialísticas dos ex-alunos nestas redes sociais virtuais.

Navegando pelas águas deste oceano da web, com o objetivo de me aproximar dos relatos autobiográficos, observei as diferentes intenções, gerações e histórias, esbarrando-me com algumas questões: Quem está navegando no outro lado? Será que as identidades desse território são confiáveis? Durante esta singradura, enfrento as questões de identidade nas comunidades das escolas no Orkut. Assim, para embarcar neste mar virtual, serão necessárias provisões, que apresento, para procurar encontrar as motivações que levam os usuários a digitar, narrar e postar nas comunidades escolares do Orkut; nesse sentido, que soprem os ventos marítimos para ajudar este navegador a conhecer as estratégias utilizadas pelos usuários nas redes sociais virtuais.

1.1.1 Nas águas das comunidades escolares: digitando nas redes sociais virtuais

Eu estudei!!! Quem não se lembra da voz do professor de biologia: caros cientistas do Marista!!! E o de matemática: Seus polígonos!!! Quanta saudade... E também dos nossos amigos... Mônica, você trouxe o dever? RS Então... muita saudade... Abços...⁴⁰

Na trajetória inicial de um poema épico, é peculiar a invocação do poeta à musa, ou às ninfas dos rios ou dos mares, para lhe(s) pedir proteção, abrigo, resguardo, amparo, no percurso narrativo, rogando também inspiração, vigor e destreza para poder narrar, exprimir-se com facilidade. É o que se pode verificar também na *Odisseia*, na qual o poeta invoca a sua musa inspiradora para lhe acompanhar na sua história que se inicia numa assembleia dos deuses, em Ítaca. Nesse mesmo sentido, rogo a sorte e a inteligência para que não se afastem desse pesquisador que tenta decifrar as práticas de escritura do eu na web, esforçando-se em problematizar essas escritas nas comunidades das escolas no Orkut.

Se a mão dos sujeitos incansavelmente deslizava, anotava os apontamentos da vida cotidiana em diários íntimos, cadernos, folhas, em caráter secreto, num tempo das tecnologias

⁴⁰ Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, no Fórum *Quem estudou na década de 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Ana T. em 26/01/2005.

digitais, o usuário move-se sobre teclados, telas, deixando registros de uma vida, relatos de experiências individuais, tornando, portanto, visíveis as suas histórias do cotidiano, as suas memórias nas redes sociais da internet, ressignificando, portanto, as funções e as relações do autor/leitor com os textos no mundo contemporâneo. Nessa assertiva, o campo das novas tecnologias, como diz Lévy (1999, p.112), é: “aberto, conflituoso e parcialmente indeterminado, no qual nada está decidido a priori”.

A epígrafe apresenta a escrita da usuária Ana T. que digitou as suas palavras na tela de qualquer computador, provavelmente na sua casa, no colégio, ou numa *lan house*⁴¹, trazendo para a tela o vivido no cotidiano do seu colégio; discursos escritos que trazem pistas dos inesquecíveis professores de Biologia, de Matemática, assim como as dos seus amigos de classe. Observa-se, assim, que a ex-aluna tem a seu favor o acesso à comunidade do Orkut em qualquer um equipamento digital que tenha acesso à internet.

Chartier (1999) lembra que a textualidade eletrônica permite desenvolver as argumentações e demonstrações segundo uma lógica não necessariamente linear nem dedutiva, mas que pode ser aberta, clara e racional, graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais, ou seja, trata-se de um processo de escrita/leitura realizado no ciberespaço não determinado. Por sua vez, Nicolaci-da-Costa (2006) também observa que a revolução digital com o surgimento do hipertexto, ou seja, de um texto não linear, não sequencial e repleto de links que remetem a outros textos, inaugura a possibilidade de diálogo entre escritores e leitores; ora, o hipertexto é o grande personagem propiciador de mudanças nas práticas de escrita/leitura, permitindo supor uma nova caracterização do escritor/ leitor diante do mar da web.

No esforço em valorizar este tipo de fonte, o conjunto dessas escritas digitais permite ao pesquisador encontrar em suas páginas, signos, mensagens, links; pode-se dizer que nesse hipertexto, o usuário ganha uma oportunidade de leitura diferenciada da de um leitor do texto impresso, remetendo a outros textos, encorajando ainda mais a subversão dessa ordem, de modo que, os leitores podem mover-se de um bloco a outro do texto, de maneira ágil e não sequencial. É o que podemos observar na figura abaixo no Fórum *Quem estudou na década de 70*, na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.

⁴¹ Trata-se de um estabelecimento comercial, onde as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à internet e uma rede local. Disponível em <<http://www.nexcafe.com.br/wp/content/comece-certo-sebrae>> Acesso em 20/09/2011.



Figura 4- Fórum *Quem estudou na década de 70*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 14/09/2011

O *scrap* postado pelo usuário Luiz, em 20 de janeiro de 2005, na sua comunidade escolar, revela a existência de uma página da internet que reúne os antigos alunos dos anos 70 do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Neste espaço, é possível observar o link⁴² permitindo ao usuário a migração automática para aquele espaço virtual; essa natureza intertextual é marcada pelos recursos textuais de textos ou fragmentos em forma de notas, citações, consultas, entre outros, o que possibilita o deslocamento imediato do usuário, se assim, desejar, àquele endereço eletrônico. Chartier (1999), a este respeito, comenta que o leitor pode intervir em seu próprio conteúdo, não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica; pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais da quais se apodera. Nesse processo desaparece a atribuição dos textos ao nome de seu autor, já que estão constantemente modificados por uma escritura coletiva, múltipla, polifônica.

Se o homem buscou preservar a sua memória pela reprodução de textos, por intermédio dos dispositivos técnicos disponíveis em cada época: cópia manuscrita, cópia impressa, edição de textos antigos com rigor filológico, microfilmagem, digitalização etc, a transferência de um suporte ao outro (do rolo ao códice, do manuscrito ao impresso, do impresso ao microfilme ou ao suporte digital) é, ao mesmo tempo, uma possibilidade de conservação da escrita e uma transformação de sua forma textual. Ler uma obra antiga em um livro constituído de capítulos, folhas e páginas – que, justamente por isso, torna possível a indexação, a reunião, em um único

⁴² Postado pelo usuário Luiz, na cor azul, com o seguinte endereço eletrônico <<http://www.lei.adv.br/maristas70>> Acesso em 14/09/2011.

objeto, de uma obra inteira ou de várias obras – é uma leitura totalmente diferente daquela da mesma obra por um leitor grego ou romano que a encontrava dispersa entre vários rolos, sem dispor de índice e que, além disso, não podia escrever ao mesmo tempo em que lia. Nesse sentido, infere-se que num tempo cada vez mais digital, memória e história estão num encadeamento inacabado para recriação, conferindo outros tipos de ressignificações plurais e móveis para sublinhar a vida cotidiana dos sujeitos. Nessa acepção, a história do passado escolar pode ser revisitada, acolhida, compartilhada entre os usuários dessa rede social virtual.

Delory-Momberger (2008) destaca que a narrativa é o momento primeiro do processo de produção de uma história de vida, um prenúncio⁴³. Nesse sentido, é possível examinar nesses *scraps* das comunidades escolares, tentativas de se compreender as histórias escolares a partir dos seus respectivos ordenamentos discursivos digitados; examinando-se com as lentes das suas experiências históricas e sociais, os seus registros escolares saltam aos olhos, tornam-se visíveis aos sujeitos dessa rede social. A figura a seguir, exemplifica possíveis compreensões nas histórias de escola dos ex-alunos na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.



Figura 5- Fórum *Bola ao Mastro*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 16/09/2011

No Fórum *Bola ao Mastro* dessa comunidade escolar, os usuários Sérgio, Jorge e Renata digitam os seus olhares e suas experiências quando participavam das partidas no jogo *Bola ao mastro*. As várias escritas permitem inferir o júbilo dos sujeitos na existência de uma

⁴³ DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto*. São Paulo: Paulus, 2008.

brincadeira na qual só os alunos daquele colégio conheciam. Estes *scraps* também revelam experiências, constroem significados nessas páginas virtuais; as escritas destes usuários, portanto, evocam os rituais escolares através das lembranças desse divertimento na escola.

Estas escritas memorialísticas evocam os passados escolares, mesmo sendo produzidas com novas maneiras de narrar, registrando usos e apropriações da língua e outros aspectos reveladores das transformações históricas nas tecnologias de escrita. Certeau (1982) nos inspira a refletir que os discursos são emitidos de um dado lugar, que deve ser interrogado pelo pesquisador: um lugar temporal, espacial, institucional; um lugar de fala ou de autoria; um lugar social. É o que se pode observar, na escrita de outro usuário: “Estudei só em 1975, *vcs* me lembraram de cada figura... *RS*⁴⁴”. As palavras grifadas *vcs* e *RS*, na narrativa do ex-aluno João G., da comunidade escolar do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, acionam o motor de pertencimento do usuário a uma rede social, demonstrando que este sujeito utiliza os signos recorrentes do universo virtual.

Aymard (2009) nos mostra que ao sujeito nunca faltaram mediações sociais. Desse modo, percebe-se que o indivíduo acumula experiências e laços sociais, que em parte serão esquecidos e desfeitos, em parte o acompanharão pela vida afora, estruturando ou animando seu espaço pessoal e social, mesmo que não haja cartas, lembranças ou escritas íntimas para comprová-los. Assim, sobre os laços sociais dos sujeitos:

Tais laços se conjugam com os da família e do parentesco para criar ao redor de cada indivíduo um conjunto de relações horizontais – com equivalência de idade, sexo ou situação social – ou verticais; em outras palavras, simétricas ou assimétricas, tranquilas ou conflituosas. Pois cada uma delas cria seu sistema de direitos e deveres, que uma casuística sempre mais sutil se empenha em colocar em ordem uma ordem hierárquica que forneça a solução racional e razoável para todos os casos. Sob esse aspecto o verbete "Amizade" da *Encyclopédie*, elaborado pelo Chevalier de Jaucourt, constitui um modelo do gênero. Contrariamente à tradição estoica, que apreciava colocar os problemas em termos de tudo ou nada, não há definição nem código único, e sim "deveres da amizade" que variam "de acordo com seu grau e sua natureza; o que acarreta outros tantos graus e naturezas distintas de deveres". (AYMARD, 2009, p. 440)

Essas escritas trazem as memórias autobiográficas como fontes, carregam as marcas da história dos tempos escolares, procuram fortalecer os laços de amizades através desses *scraps* digitados, buscam aproximar um grupo de ex-alunos que compartilham as experiências dos sujeitos. Quem sabe, não possamos identificar nessa rede social virtual, mais uma representação

⁴⁴ Escrita retirada do Orkut em 16/09/2011, no Fórum *Bola ao Mastro*, do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário João G. em 26/01/2005.

do mapa dos sentimentos⁴⁵, pensado por Aymard (2009). É nesse sentido que, talvez, possamos observar na escrita do usuário Jorge, no Fórum *Bola ao Mastro*, ainda referente à comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, uma revisita à clássica brincadeira daquela instituição de ensino, da qual participavam os seus amigos da escola.

Os estudos de Muzart (1998) sugerem que a internet reacende o gosto de ler e de escrever, apesar de afastar o usuário da máquina da página branca de papel, ligando-o à escrita no branco do vídeo, num ato de liberdade, escrevendo para partilhar os momentos de vida, as alegrias e o prazer. Por sua vez, Sibilia (2008) acena sobre a espetacularização da intimidade cotidiana na web, com todo um arsenal de técnicas na estilização das experiências dos sujeitos, multiplicando, assim, os números de narrativas para falar de si, realimentando, assim, os códigos apropriados pelos novos gêneros que proliferam na internet. Quem sabe, observar outras comunidades que os ex-alunos estejam vinculados no Orkut, possibilite entender mais sobre as trajetórias pessoais ou profissionais desses usuários das comunidades escolares. A seguir, podemos examinar as comunidades das quais o usuário João C. também participa.



Figura 6- Página pessoal do usuário João C., ex-aluno do CMSJRJ
Fonte: Comunidades do usuário João C. Acesso em 12/04/2010

45 Este termo é aqui utilizado no sentido que lhe confere AYMARD, Maurice. Amizade e Convivialidade. In: CHARTIER, Roger; ARIÈS, Philippes (orgs.) *História da vida privada, 3: da Renascença ao século da luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.441, para quem “nesse mapa dos Sentimentos, distinguem-se cuidadosamente o amigo com o qual não se terá outro envolvimento além das meras diversões literárias, ou aquele que se terá cultivado pelo prazer [...] de sua conversação, do amigo homem de bom conselho, que não pode pretender essa confiança concedida apenas a amigos da família e do parentesco”.

Numa leitura inicial, percebe-se que um dos temas preferidos do usuário João C. é o religioso, uma inspiração, talvez, mote na vida desses ex-alunos que viveram e fizeram a sua história numa instituição de ensino católica, na qual se apegam os fundamentos religiosos. Nessa acepção, participar das comunidades virtuais da Santa Bernadete, São Miguel Arcanjo e Jesus Cristo conferem possíveis significados ao usuário, na medida em que vínculos católicos fizeram parte da sua história no passado escolar.

Este esforço de interpretação constitui-se, também, num exercício em apreender, através desse conjunto de textos, indícios das práticas de escritas escolares, almejando colocar em cena as histórias do cotidiano da escola; essas narrativas da vida escolar são possíveis discursos transitórios⁴⁶, vivos, transitivos, na medida em que recompõem o sentido da história enunciada; pode-se examinar na comunidade escolar a seguir.



Figura 7 – Fórum *Vc de lembra do seu número?*

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 10/04/2010

Criado pelo usuário Betinho, o Fórum *Vc de lembra do seu número?* da Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, quiçá, possa oferecer pistas de como era importante o aluno se manter obrigado a saber de cor e salteado o número de sua identificação naquela instituição de ensino, em 1968. O usuário Fernando M. afirma que mesmo depois de tanto tempo, de 1968

⁴⁶ DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto*. São Paulo: Paulus, 2008.

a 1971, ainda se lembra do número 906; Betinho também se lembra do seu número: 333, assim como o usuário Ronaldo, que não se esquece do seu número 0333.

Quando o assunto é o tempo estudado naquela instituição de ensino, encontram-se escritas no Fórum na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro designado: *Quando vc estudou no CM?* que traduzem os momentos ali vividos. Ao revisitarem as suas vidas escolares, os ex-alunos tornam-se sujeitos de suas próprias histórias; protagonizam os acontecimentos passados, talvez, não divulgados, não socializados, que têm uma forma e sentido nas suas escritas memorialísticas. Nessa acepção, recorro à tessitura da intriga, de Ricoeur (1994), cuja reflexão é a que a história de vida acontece na narrativa; assim, as suas narrativas geram formas, nas quais os narradores elaboram e experimentam as histórias das suas vidas; contudo, o tempo também se deixa mostrar através das narrativas; no das redes sociais virtuais, abrem-se as portas para uma libertação dos gêneros narrativos nos cliques dos sujeitos; nesse sentido, é possível perceber novos territórios existenciais (SIBILIA, 2008) que são criados, construídos e incorporados pelos sujeitos, em meio a uma teia de links, de símbolos e de significados; o Fórum *Vc de lembra do seu número?* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro pode ser um exemplo de um espaço revelador de novos significados nessas redes sociais.

Uma recorrência a ser destacada nos textos memorialísticos diz respeito às razões que impelem, motivam a produção das memórias pelos sujeitos; talvez a saudade e a solidão procurem acolhimento e companhia junto à rememoração dos acontecimentos passados. O usuário Fernando M. enfatiza que ao sair em 1972, o seu irmão permaneceu com o seu mesmo número. Assim, observam-se nos *scraps* dos usuários, rotinas de um tempo de escola; esses *posts* também podem desvelar as representações nessa trama de significados ao longo do passado escolar.

Através das postagens dos fatos, festividades, acontecimentos, exposição das histórias individual e coletiva, da preocupação em construir testemunhos dos tempos dos bancos escolares, é possível ler textos que revisitem o passado e ofereçam indícios dos esforços em materializar os vestígios do tempo escolar nas comunidades escolares no Orkut. O aspecto político também é abordado nos *scraps* dos sujeitos nessas redes sociais; podemos examinar, a seguir, na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro.

É com grande tristeza que venho comunicar que a obra do Mosteiro está parada, pois a empresa contratada não estava pagando os empregados por alegar falta de verbas. No entanto, toda a verba acordada para obra já foi entregue para a mesma. Precisamos nos mobilizar para que tal descaso não se perpetue; se valguem de vcs forem advogados, jornalistas, e puderem ajudar para que a obra seja retomada. Este é o momento.

Vamos levar isso aos jornais e TV, já que no Brasil, as coisas só andam assim. Falta muito pouco para a conclusão da obra, basta pressionarmos a empresa através da mídia ou da justiça.⁴⁷

A memória escrita nessa rede social permitiu buscar traços de como foram representadas as vivências dos momentos da vida cotidiana escolar, e até a possível denúncia feita pelo usuário André. A sua escrita, no Fórum *Obra do Mosteiro São Bento parada*, destaca as memórias da história do Mosteiro São Bento; em seu discurso argumentativo, o usuário revela o descaso com as obras daquela edificação, solicitando a participação de todos para resolver o problema. A receita dessa escrita não está apenas numa tipologia textual persuasiva, ela, estrategicamente, contagia os usuários da comunidade da escola, na medida em que se percebe socialização, integração, vínculo, nessa rede social do Orkut.

Os seres humanos são constituídos pelas suas palavras, e no processo de apropriação do saber sobre as suas vidas, também silenciam, omitem, apagam, (re)constroem, ressignificam as suas escritas memorialísticas. De acordo com Maluf (1995, p.28), o trabalho de rememoração é “um ato de intervenção no caos das imagens guardadas; assim, o memorialista organiza o passado, e procura atribuir sentidos aos fragmentos rememorados numa tentativa de abraçar o passado”. Com o incremento dessas novas tecnologias da informação, abre-se um leque infinito de possibilidades para pensar as técnicas utilizadas pelos usuários da rede para criarem os seus espaços de interlocução, como nos declara Lévy (1999, p. 98): “os dispositivos informativos penetram e se entrecruzam no mais íntimo do sujeito”. Temos assim, a transição das escritas do eu, com seus segredos e intimidades que antes eram reservadas às páginas de um confidencial diário, para o diário virtual, percorrendo o mundo nas páginas da web. Nota-se que as escritas do Orkut na web passaram a ocupar o lugar do antigo diário íntimo para o usuário que opta por tornar público aspectos de sua vida, suas experiências, memórias e opiniões.

Nesta passagem do antigo diário de um eu reservado e misterioso às confissões públicas no diário virtual, observamos que os sujeitos põem em xeque o secreto, propondo uma interlocução para acompanhar, concordar ou discordar de suas ideias e experiências. Mas o que leva um usuário a optar por tornar pública a sua experiência? Talvez, a razão para as escritas pessoais na internet possa residir no desejo do sujeito de ser lembrado, de ver a singularidade de sua trajetória inscrita na história.

⁴⁷ Escrita retirada do Orkut em 18/04/2011, no Fórum *Obra do Mosteiro São Bento parada*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário André em 02/08/2005.

Se atentarmos para um *scrap*, postado na figura do Fórum *Bola ao Mastro*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, vista anteriormente, podem-se verificar as histórias de vida na escola: “E eu q pensei q muita gente praticava este esporte... hehehe.”⁴⁸ É, portanto, no âmbito da construção de identidade que estão em jogo as comunidades escolares do Orkut e o ato da escrita, oferecendo ao usuário a oportunidade de empenhar-se no projeto de uma vida com notoriedade e sentido, aumentando assim, suas possibilidades de interagir com um número maior de pessoas, ao mesmo tempo em que, no transcorrer de seus dias, o sujeito possa voltar aos seus *posts* e tornar viva a sua memória.

A memória individual dialoga com o coletivo e redimensiona a realidade passada; as lembranças amparam-se em fatos, acontecimentos históricos e, ao mesmo tempo, ampliam e informam aspectos da história do cotidiano escolar. Abaixo, foi estruturada uma tabela cujo objetivo é dar visibilidade ao maior número de *scraps* postados nos tópicos⁴⁹ da comunidade do colégio Marista São José, no Rio de Janeiro, em outras palavras, criou-se um recurso para poder espiar os Fóruns com o maior número de participação; pode-se examinar abaixo.

Número de postagens	Tópicos	Comunidade	Tema	Data da última postagem	Autor
123	O melhor professor de todos os tempos	Colégio Marista São José	Professor querido pelos alunos	27/01/2010	Renata
334	Turma-ano	Colégio Marista São José	Identificação do ex-aluno	28/07/2010	Paulo
230	Quem estudou na década de 70?	Colégio Marista São José	Alunos que estudaram na década de 70	08/07/2010	Valter
74	Quem foi aluno do Plácido?	Colégio Marista São José	Alunos que estudaram com o Plácido	09/07/2010	Cristiane

Quadro 6 - Tópicos mais postados na comunidade escolar do CMSJRJ

Fonte: Página da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 18/04/2010

⁴⁸Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, no Fórum *Bola ao Mastro*, da comunidade do colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada por Sergio N. em 04/10/2004.

⁴⁹ Vale lembrar que a cada participação nova no tópico com uma nova escrita, o sistema atualiza a data da última postagem.

De olhos bem abertos ao quadro dos tópicos mais postados, examinam-se os números dos *posts* dos Fóruns mais requisitados pelos usuários da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Observa-se que o Fórum mais acessado é o de *Turma/ano*; possivelmente, para aproximação de outros usuários que ainda não se apresentaram nesta rede social. O tratamento histórico dessas escritas dos usuários da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro possibilita, dessa feita, pensar sobre as práticas sociais dos seus usuários na internet; por meio desses *scraps*, podemos rever as representações das suas vidas escolares, seus encantamentos, suas saudades e suas histórias. O sujeito digita nessa rede social virtual; nasce, assim, mais um espaço para sociabilidades dos sujeitos. As perspectivas de pesquisa dessas escritas centram-se não só nos fatos, mas também sobre as comunidades discursivas que os interpretam e os inscrevem num espaço/tempo dado. (NÓVOA, 1997)

Se a sociedade da informação e das tecnologias, mediadas por computador, vem se constituindo cada vez mais com softwares e *sites* para viabilizar o compartilhamento dos mais variados arquivos com documentos, desde publicações científicas, livros, fotografias, imagens até escritas íntimas, é possível observar também na trama da cultura virtual, entrevistas, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, e, mais recentemente, agendas e blogs aparecem no horizonte digital. Nessa acepção, surgem considerações a partir dessa forma subjetiva da escrita virtual, trazendo para discussão a privatização do público e a publicização do privado (Viñao, 2000); o tipo de diário íntimo virtual, representado pelas comunidades do Orkut, ostenta esse paradoxo: ele é, ao mesmo tempo, íntimo e aberto a todos os usuários daquela página.

O espaço virtual tem-se mostrado ainda mais generoso ao oferecer múltiplas opções de narrativas sobre si para o usuário do tempo da web. Mas quem são estes navegadores que se materializam nesses *scraps*? Esta questão remete-nos a Bobbio (1997, p.94): “o sujeito é aquilo que lembra, realiza, ama e esquece”; as dimensões da cultura e da identidade são evocadas nesta reflexão; o aprofundamento sobre as identidades dos usuários nas comunidades escolares do Orkut indica o caminho para a próxima discussão, na qual prosseguirei esse debate.

1.1.2 Quem são esses navegadores? Narrando nas páginas do Orkut

O Código da Vinci por trás de uma mirabolante trama policialesca, esconde uma doutrina anticristã e ataca diretamente uma pessoa adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo e sua Igreja. A gravidade desse ataque é aumentada pela enorme publicidade em torno desse livro (que agora se transforma em filme), e por ele se inserir num longo processo de blasfêmias desferindo contra o Catolicismo e o Cristianismo em geral. [...]Vamos defender nossa Igreja Católica.⁵⁰

Sinceramente tenho dúvidas quanto à posição da igreja. Acho que estamos dando muito valor ao livro. Pessoalmente eu li o livro e gostei muito... Eu o tenho como um bom livro de ficção científica nada mais. Eu penso que as pessoas estão querendo colocar esses livros de ficção como uma obra doutrinária de seara religiosa.⁵¹

Início esta reflexão propondo uma nova incursão na obra literária *Odisseia*. Na terra dos feácios, Ulisses apresenta-se ao rei Alcino, e narra para o monarca as suas histórias desde a sua saída de Tróia. Assim, sinto-me como alguém que tal qual aquele rei, procura compreender as histórias do outro desconhecido, narrador das suas histórias escolares na web. Quem sabe, um primeiro caminho a ser percorrido, seja o de refletir acerca das representações desses sujeitos na comunidade do Orkut?

Na tentativa de compreender, como sugere Chartier (2002), que as práticas são produzidas pelas representações nas quais os indivíduos e os grupos dão sentido aos seus mundos, caberia uma questão: como estes sujeitos se revelam nessas comunidades virtuais? Para tentar responder a essa questão, torna-se necessária uma reflexão acerca das possíveis identidades dos sujeitos nas comunidades do Orkut.

Observa-se na epígrafe, a escrita do usuário, padre T., trazendo para a comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, a sua leitura acerca do livro *O Código Da Vinci*, sugerindo, assim, a rejeição dessa ficção científica. O que foi questionado pelo usuário Ricardo,

⁵⁰ Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, no Fórum *Rejeitando o Código da Vinci*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Padre T. em 15/05/2006.

⁵¹ Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, no Fórum *Rejeitando o Código da Vinci*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Ricardo em 21/05/2006.

logo a seguir, enfatizando que “as pessoas estão querendo colocar esse livro como uma obra doutrinária de seara religiosa”. Nasce, assim, uma discussão na página do Orkut, nesta comunidade escolar virtual; as palavras Padre T. e Ricardo, que aparecem na comunidade do Colégio de São Bento, Fórum *Rejeitando o Código da Vinci*, podem oferecer dúvidas quanto à veracidade dos nomes. Não seriam heterônimos? Pseudônimos? *Nicks*⁵²? Ou quem sabe, *nicknames*? A questão da identidade do mundo virtual pode ser interpretada como uma verossimilhança literária, ou em outras palavras, as criações semânticas, sintáticas e estilísticas dos sujeitos são representadas a partir do universo da imaginação dos usuários.

O que é nome? O que significa nomear? Os estudos sobre os nomes e as suas respectivas escolhas realizados por Mignot (1993, p. 620) sugerem que: “Nomear implica designar, proferir, chamar, criar, instituir, eleger, escolher. A escolha de um nome é sempre um ato de arbítrio, liberdade, manipulação, dominação”. Por outro lado, o nome marca também uma forma de classificação. Machado (2003, p.27), por sua vez, assinala: “O nome marca também um aspecto da subjetividade ou da posição social daquele que nomeia, e que é significado pelo nome que escolhe. Portanto, o nome é sempre significativo.” Nesse sentido, podemos observar alguns nomes escolhidos pelos usuários da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro para um de seus professores, destacando os momentos importantes nas suas vidas escolares, como se observa a seguir.

Bio Molécula... Quem nao lembra desse grande professor? Vcs se lembram desse prof. de biologia? Todo mundo escolheu esse nome pra ele...Eu lembro dele dormindo durante a prova..saudades de vcs...⁵³

Podes crer... Senhor Bio Molécula!! Nunca mais esqueci dele...Adorava aquele mestre... Bio Molécula era showwww...⁵⁴

Parece confirmar que o nome *Bio Molécula* foi escolhido pelos alunos para homenagear aquele professor de Biologia, do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, com um significado que vai além de uma metáfora, de uma metonímia, ou das próprias personificações dos elementos que compõem as especificidades das ciências da natureza. Quem sabe, esses

⁵² Os *nicks* apresentam uma significação que vai além de uma estrutura formal. Grosso modo, sua função é identificar o participante de um espaço virtual. É reconhecido também como *nicknames*, por ser uma espécie de apelido com o qual o usuário deseja ser reconhecido. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

⁵³ Escrita retirada do Orkut em 09/03/2010, no Fórum *Bio Molécula*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Valente C. em 01/08/2004.

⁵⁴ Escrita retirada do Orkut em 09/03/2010, no Fórum *Bio Molécula*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Fabiano C. em 10/08/2004.

significantes possam produzir outros sentidos para os usuários, num possível jogo de espelhos⁵⁵, refletindo, desse modo, outros significados para os ex-alunos dessa rede social virtual.

Os estudos de Gullar (2010) sobre os heterônimos⁵⁶ do poeta Fernando Pessoa também podem encaminhar uma reflexão acerca da criação dos nomes. Há autores que escrevem narrativas, dramas, e nessas ficções atribuem sentimentos e ideias às figuras que as povoam. A cada personalidade que o autor viveu dentro de si, ele criou uma personalidade diferente, e fez dessa personalidade uma personagem. Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro Campos são exemplos dessas criações de Fernando Pessoa, portanto, o autor cria e assume outras personalidades como se fossem pessoas reais.

Por sua vez, Machado (2003) procura examinar um dos grandes mistérios que assombram o leitor, em todas as épocas e sociedades: como funcionam os mecanismos das escolhas dos nomes nas narrativas? Machado (2003, p.27) explica: “o ponto de partida está diante de uma página em branco de um romance ou novela; as únicas palavras já preexistentes são os nomes dos personagens, tudo o mais poderá ser escolhido pelo autor [...]”. Debruçando-se sobre as obras literárias de Guimarães Rosa, a autora examina de perto como os nomes desempenham um papel deflagrador e estruturador nas narrativas. Por sua vez, Houaiss (2003, p.10) entende que:

essas transformações sígnicas (de significante e significado) se operam já por recursos paronímicos regulares da língua — hipocorísticos, diminutivos, aumentativos, redobros, desdobros, indobros, dedobros —, já por recursos regulares da fala ou discurso — associações sônicas, fônicas, fonológicas, mórficas, morfemáticas, paradigmáticas ou sintagmáticas. [...] Cada nome próprio em Guimarães Rosa pode funcionar multivocamente, constituindo um centro de constelação sêmica palpitante de dinamismo e, mais, de adequação, quanto aos usos que de si mesma faz a personagem, os interlocutores, o próprio universo físico ou social que o envolve, inclusive o mítico, supersticioso, religioso, ideológico ou histórico.

Nessa acepção, numa tentativa de aproximação aos nomes encontrados na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, a seguir, mais especificamente, na página dos membros desta rede social, podemos examinar as seguintes designações:

⁵⁵ MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

⁵⁶ GULLAR, Ferreira. *A Razão poética*. Disponível em < <http://www.cfh.ufsc.br/~magno/frames.html> > Acesso em 20/01/2010.

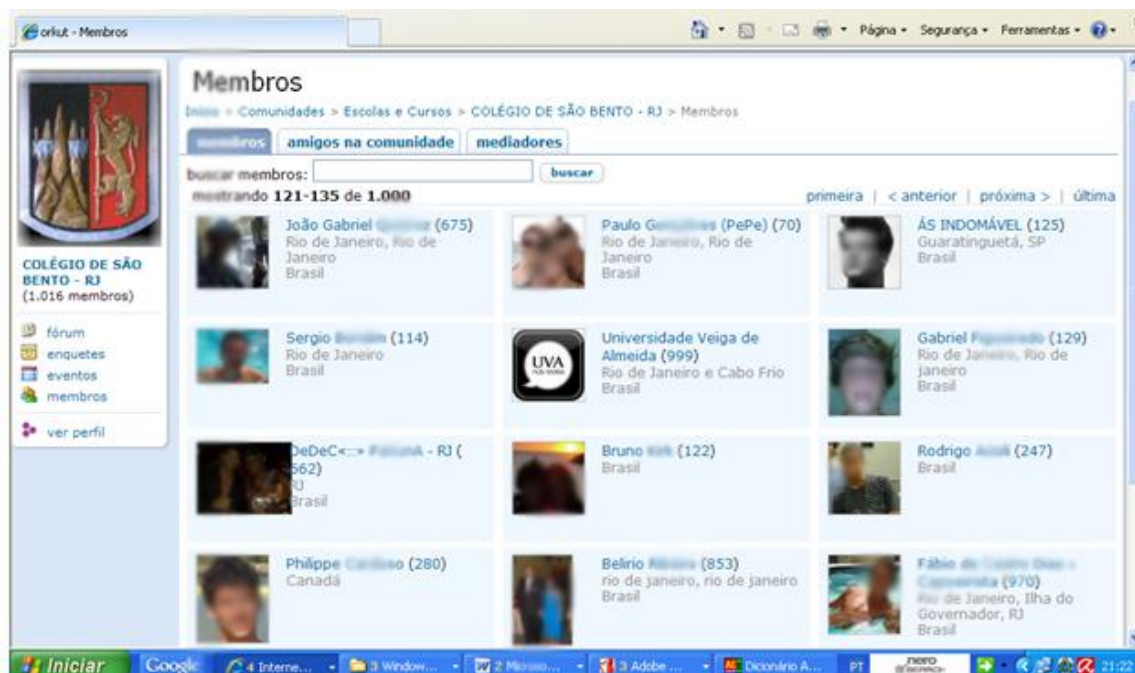


Figura 8 - Página dos Membros (CSBRJ)

Fonte: Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Acesso em 09/03/2010

O usuário João Gabriel Q. apresenta-se com um nome próprio e dois sobrenomes; Gabriel F., um nome próprio e um sobrenome; Paulo G. (Pepe) e Fábio de C., capoeirista, aparecem com um nome próprio, um sobrenome e um apelido; DedeC da P., apresenta, possivelmente, um apelido; *As Indomável*, um nome que traz à memória, um filme com as aventuras de um piloto nos ares. Mas o que é nome próprio? Sobrenome? Nome de batismo? Apelido?

Na reflexão acerca dos nomes próprios, Machado (2003, p.44) enfatiza: “não há mais um sentido único de leitura, mas uma decifração e recriação permanente, feita de dedução e de intuição, de sensibilidade e de exploração das diferentes possibilidades de atualização daquilo que é dito potencialmente pelo nome.” O significado para o nome próprio, segundo Ferreira (1975), é o nome com que se nomeiam individualmente os seres e que se aplica em especial a pessoas, nações, povoações, montes, mares, rios etc. Para sobrenome, Ferreira (1975, p.1870) destaca: “o que vem após o primeiro do batismo, ou prenome”.

Por seu turno, o apelido para Ferreira (1975) é a designação especial de alguém ou de alguma coisa. Quanto ao nome de batismo, Mignot (1993, p.621) observa que este “sugere nascimento, um dado tempo e espaço; confere uma identidade, projeta sonhos, desejos e expectativas dos nomeadores”. Verifica-se, por conseguinte, que a escolha dos nomes dos usuários adquire novas significações na medida em que a imagem projetada de si não precisa ser

necessariamente comprovada nessa rede social da web, sendo o mais importante, talvez, a construção de uma identidade com os reflexos dos seus desejos.

Há de se lembrar também, nesta reflexão, dos pseudônimos⁵⁷ criados pelos poetas Tomás Antônio Gonzaga (Dirceu), Basílio da Gama (Termino Sipílio) e Cláudio Manuel da Costa (Gluceste Satúrnio), ao final do século XVIII, no Brasil, ainda colônia portuguesa, para poderem destacar ecos de liberdade em suas escritas. Ao estudar os periódicos escolares⁵⁸, Caruso (2005, p.24) comenta:

No início do século XX, mais especificamente nas escritas da imprensa quando havia uma função de proteger as autoras e suas famílias de críticas mal intencionadas, também é possível observar a continuidade na utilização de outros nomes para assinar artigos, que estava mais relacionada a uma lógica estética, pois as assinaturas com pseudônimos europeus, por exemplo, davam certo charme e elegância à escrita, já que tudo que vinha da Europa era considerado, principalmente pela elite daquela época, mais avançado e refinado.

No entanto, os estudos de Rocha, O. (2003) permitem ver que os pseudônimos vão saindo de cena, quando a condição social da mulher vai mudando e dando lugar a um discurso socialmente aceito. Assim, infere-se que essas estratégias com designações de outros nomes para identificar um sujeito não são de exclusividade do universo virtual. Os autores estabeleceram e ainda descobrem novas estratégias de autoria, pensando sobretudo nas formas de relação com os seus interlocutores, preservando, assim, os seus anonimatos nos textos.

Nas janelas abertas dessas redes sociais virtuais, observam-se os *nicknames*. O espectro da representação provocado pelas tecnologias digitais desencadeou a presença verossímil de uma pessoa na rede, o hiper-eu, um alguém digital na comunidade escolar do Orkut, podendo não ser o usuário; são os nomes criados pelos sujeitos da internet, que por um motivo ou outro, não necessariamente representam as suas identidades reais. Estes nomes têm um valor discursivo por ser uma espécie de apelido com o qual o usuário deseja ser reconhecido. Com o seu nome real ou não, esses sujeitos convocam a desmesurada publicização do privado (VIÑAO, 2000), levando a exibição da intimidade (SIBILIA, 2008) e a celebração do tom confessional (BAUMAN, 1998) como forma de legitimar a performance da própria existência.

É possível refletir que essas estratégias com designações de outros nomes para identificar um sujeito não são utilizadas apenas na internet, não são de exclusividade do universo virtual. Quem sabe, um baile de máscaras, uma carnavalização na escrita da internet (BAKHTIN, 1979),

⁵⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.

⁵⁸ CARUSO, Andrea. “Traço de União como vitrine”: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do colégio Jacobina. PROPEd / UERJ. Dissertação de mestrado, 2006.

na medida em que essa transposição do carnaval pode caracterizar-se por proceder a uma inversão do cotidiano, por corresponder à vida escolar que não está escrita ou narrada nos documentos oficiais encontrados na instituição. A metáfora do carnaval sugere o espírito da excentricidade dos sujeitos no Orkut, possibilitando aos usuários revelarem os seus silêncios, as suas histórias não ditas nas vidas escolares. As escritas do Fórum *Quem estudou na década de 70?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, podem nos revelar alguns fatos que aconteciam na escola; podemos examiná-las a seguir.

Vcs se lembram do professor de Estudos sociais? Achu que ele era daltônico... volta-e-meia vinha com um sapato de uma cor e o outro de outra cor... uma piada! Sawdadiiiii... BJJSSS⁵⁹

Amiga... Deixa eu te refrescar a tua memória...não era só os sapatos nãuummm... era tb as meias dele...Era o Lilico... RS Abçus...⁶⁰

Talvez, os *nicknames* Pantera e Leão, escolhidos pelos usuários dessa rede social, nessa possível carnavalização virtual, possam ser estratégias culturais de um tempo de internet, nas quais os usuários narram as suas histórias de um tempo escolar, contudo não se identificam. As suas narrações revisitam a história de um professor que, às vezes, ia para a sala de aula com cores de sapatos e meias diferentes; o que traz à tona, algo que possivelmente não convinha ser comentado naquela instituição de ensino.

Entende-se o quanto este gênero de escrita torna-se um espaço de autorrepresentação, no qual o sujeito se posiciona frente a si mesmo, como se estivesse utilizando um espelho para o seu confessor. Sendo assim, as suas escritas podem representar uma miríade de experiências para o seu interlocutor; o que se deve sublinhar, no entanto, é que nessa rede social virtual, não se encontram apenas uma opinião acerca de um assunto; não há só afinidades nas narrações dos usuários; olhares diferentes para as suas experiências também são encontrados nas histórias dos sujeitos, o que podemos observar a seguir, na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Sou ex-aluno de 1977. A rainha das armas é a artilharia!!!!!! Começaria de novo se assim fosse!!! As minhas experiências no curso de material bélico me fizeram viajar e fazer cursos em outro estados do Brasil... forma os melhores...inesquecíveis... aprendi muito para toda minha vida. RS⁶¹

⁵⁹ Escrita retirada do Orkut em 19/03/2010, no Fórum *Quem estudou na década de 70?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Pantera em 18/09/2004.

⁶⁰ Escrita retirada do Orkut em 21/03/2010, no Fórum *Quem estudou na década de 70?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Leão em 20/09/2004.

⁶¹ Escrita retirada do Orkut em 24/03/2010, no Fórum *CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Ferreira em 07/07/2005.

Não concordo...Claro que a melhor é a Cavalaria... Melhor arma do Colégio Militar...Eu me formei em 1975. Nos nossos desfiles militares, éramos considerados padrões. Muita saudade. Abços⁶²

As narrações no Fórum *CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, guardam semelhanças entre si, mas também revelam singularidades específicas daquela instituição militar: as armas de formação dos alunos. É possível observar, através das narrações dos usuários Ferreira e Lereno S., as respectivas especificidades dos cursos e as trajetórias escolhidas pelos mesmos, tornado visível, portanto, as suas opiniões diferentes quando o assunto é a possível melhor arma do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Mediados pela cibercultura, os autores estabeleceram e ainda inventam novas estratégias de autoria, pensando, sobretudo, nas formas de relação que o usuário tem com o outro, ao preservar o seu anonimato. Mas o que é a cibercultura? Para tentar responder a esta questão, remeto-me a Lèvy (1999, p.142):

é o novo meio de comunicação; surge da interconexão mundial dos computadores; o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo cibercultura, ele especifica como um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, ou seja, o espaço virtual para a comunicação disposto pela tecnologia.

Dois fatos importantes são reconhecidos por Lèvy (1999): o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem; depois, a abertura de um novo espaço de comunicação, que pode explorar as potencialidades positivas nos planos econômico, político, cultural e humano. Por outro lado, embora o autor assuma um olhar otimista para a cibercultura, ele afirma que a internet não resolverá os problemas sociais e culturais do planeta.

Os estudos de Certeau (1982, p. 14) nos instigam a pensar que a produção do historiador, portanto, deveria ser considerada: “[...] como a relação entre um lugar, procedimentos de análise e a construção de um texto. É admitir que ela faz parte da realidade de que trata, e essa realidade pode ser compreendida como atividade humana, como prática”. Nessa perspectiva, a operação historiográfica se refere à combinação de práticas científicas, de uma escrita e de um lugar

⁶² Escrita retirada do Orkut em 24/03/2010, no Fórum *CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Lereno S. em 17/07/2005.

social. Assim, tentar compreender o lugar social do sujeito, o território de sua origem, talvez seja interessante, para que se possa entender os pertencimentos, ou quem sabe, impedi-los de participar dos mesmos.

Quando se pergunta “quem sou eu?” ou “quem é você?”⁶³, surgem algumas possíveis respostas: o nome, o lugar de nascimento, a data do nascimento, o local do nascimento; assim, tornam-se visíveis os dados da carteira de identidade do sujeito, que é o documento oficial de um lugar social. Aquelas perguntas desvelam, portanto, a sua individualidade; para além dela, uma parte da história. Nessa acepção, é possível perceber que em cada uma dessas situações, declaramos a nossa identidade e o lugar que ocupamos em um grupo, logo, reafirmam-se os nossos territórios. Ora, a rede social do Orkut também possui os seus links com as descrições dos seus usuários, estando disponível para visibilidade, referência e apresentação aos usuários. Santaella (2004) lembra, no entanto, que o espaço virtual se apropria de outras linguagens pré-existentes e desse hibridismo, emerge uma nova constituição dos sujeitos culturais, criando-se, desse modo, novos laços sociais que se estabelecem.

As páginas das comunidades escolares do Orkut mantêm as suas janelas abertas aos seus membros, tornando a viagem, mesmo pelo mar da web, muito rápida; basta um clique para que o sujeito navegue em outras águas e observe o lugar social daquele ex-aluno; é o que se pode observar abaixo na página do usuário José P., membro da comunidade escolar do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

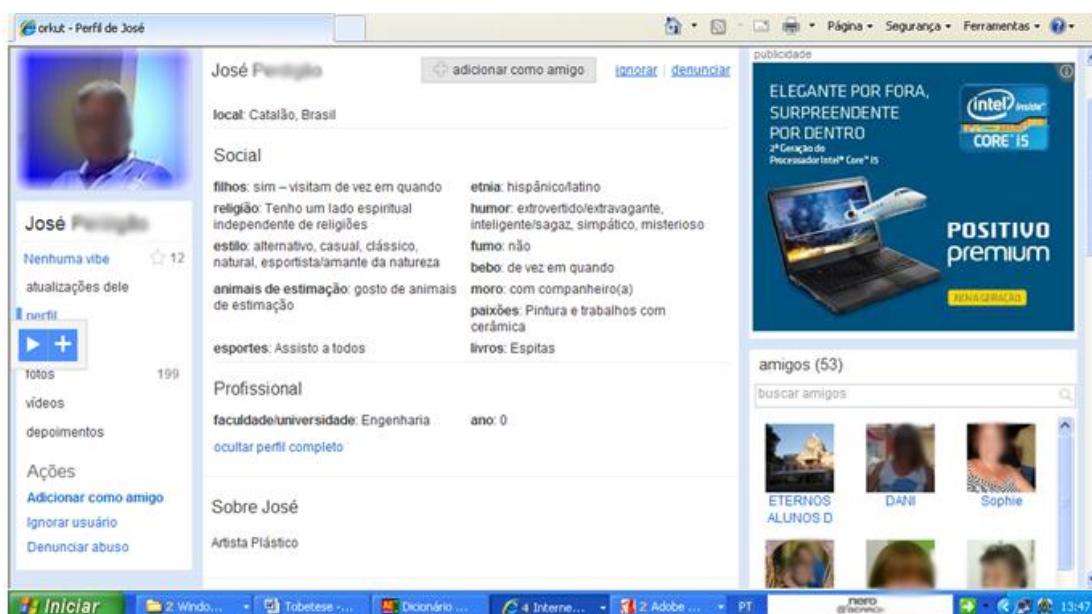


Figura 9 – Página do usuário José P., membro da comunidade do CMRJ

Fonte: Página inicial do usuário. Acesso em 10/05/2010

⁶³ BRANDÃO, Vera Maria A. T.. *Labirintos da memória: Quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

Ao nos aproximarmos da página do usuário José P., ex-aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, o que talvez nos salte aos olhos, seja a sua descrição sobre si mesmo: artista plástico; militares, possivelmente, são sistemáticos; no entanto, trata-se de um sujeito que se insere num universo da abstração artística, com pinturas e trabalhos com cerâmica. Outras informações pessoais também são apresentadas: gosta de animais de estimação; é um profissional da engenharia e assiste aos esportes, exibindo, assim, uma parte da sua vida social.

É possível entender que os lugares sociais dos usuários das comunidades escolares são múltiplos, facetados, ligados a diferentes culturas; na tentativa de mapear os seus saberes, projetos, gostos, afinidades, os usuários se constroem, se exibem, se mostram, nas suas respectivas páginas do Orkut, ancorados nas suas cenas do cotidiano. Vejamos outro exemplo na figura abaixo.



Figura 10 – Página do usuário Serginho490, membro da comunidade do CMSJRJ
Fonte: Página inicial do usuário. Acesso em 10/05/2010

Se observarmos atentamente como o usuário Serginho490 se apresenta na sua página no Orkut, é possível examinar, de imediato, o seu gosto pelo animal de estimação; o ex-aluno do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro faz questão de exibir em sua página pessoal, a sua foto com o animal; o que é examinado à esquerda. Percebe-se que na apresentação social da sua página, no item *animais de estimação*, o usuário afirma que adora o seu animal de estimação;

também é observada mais uma vez, a presença desse cão, no item *moro*, no qual, registra: com companheira e animal de estimação.

Na medida em que os canais de comunicação nesta rede social virtual se constituem janelas múltiplas de visibilidade do eu, é possível pensar que algum ex-aluno de alguma comunidade escolar possa ter um número expressivo de amigos na sua página inicial, revelando-se, assim, um usuário assíduo dessa rede social virtual. É o que se pode observar na figura a seguir.



Figura 11 – Página do usuário Luiz F., membro da comunidade do CSBRJ

Fonte: Página inicial do usuário. Acesso em 10/05/2010

O número de amigos que aparece na página inicial do ex-aluno Luiz F. do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, talvez, ofereça uma pista de quanto esse usuário seja presente nessa rede social do Orkut. São oitocentos e vinte e oito amigos; os seguintes adjetivos montam o painel do seu ser: sujeito simpático, agradável, inteligente, culto, atualizado, modesto e informatizado, possivelmente, revelando ser um sujeito que tem facilidade em fazer novos amigos.

Em contrapartida, é possível entender que haja também nessas redes sociais virtuais usuários sisudos, talvez inibidos, membros dessas comunidades escolares. Os possíveis sentidos de pertencimentos são ambíguos, negociáveis ou revogáveis, dependendo não só do lugar, do destino, mas também das maneiras de pensar, das escolhas feitas, das ações dos sujeitos. Nesse sentido, é possível também observarmos páginas de usuários que não fazem questão de se

identificarem nas suas páginas pessoais. Podemos examinar abaixo um membro da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro com esse perfil.

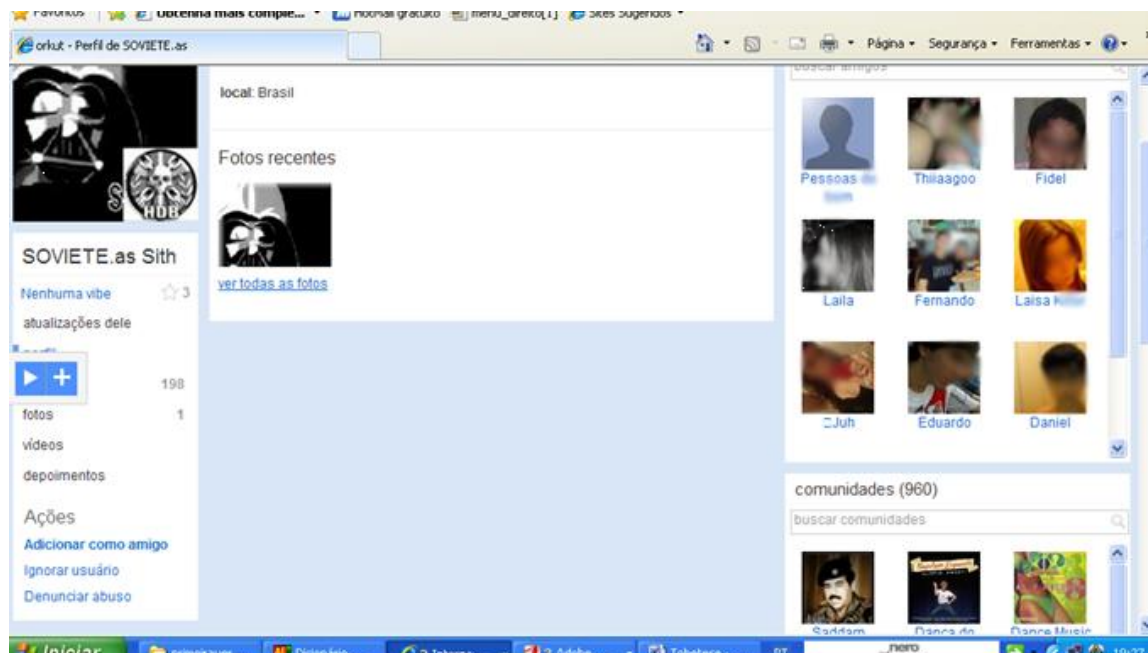


Figura 12 – Página do usuário Soviete.as Sith, membro da comunidade do CSBRJ
Fonte: Página inicial do usuário. Acesso em 10/05/2010

O ocultamento talvez seja o seu grande companheiro nessa rede social virtual; não se observa uma descrição desse usuário na sua página no Orkut; sabe-se apenas que ele se apresenta como Soviete.as Sith. Talvez, esta maneira de se expressar, também seja acolhida nesse espaço virtual; a sua única linguagem é a imagem de uma personagem de cor preta que se apresenta no espaço das fotos recentes.

Há ainda, nessa comunidade escolar do Orkut, um usuário cujo nome é Águeda B., que estampa em sua página inicial uma imagem com a seguinte frase: “Mudamos para o Facebook”, embora ele ainda se apresente com algumas descrições na sua página pessoal do Orkut; é o que se observa a seguir.

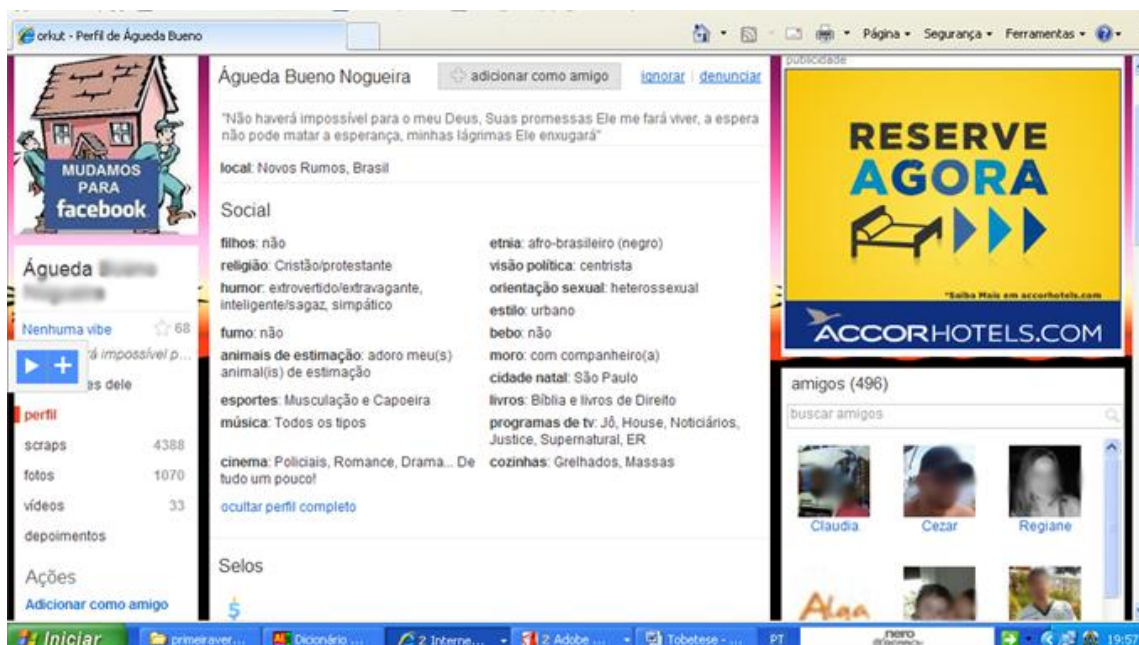


Figura 13 – Página do usuário Águeda B., membro da comunidade do CSBRJ
 Fonte: Página inicial do usuário. Acesso em 10/05/2010

Ao registrar e criar uma imagem com a mensagem “Mudamos para o Facebook”, o usuário Águeda B. nos ajuda entender que a sua filiação ao Orkut deixou de ser a sua possível residência virtual. Nas suas descrições, observa-se o gosto pelo cinema (nas tramas policiais e romances), pelos esportes (musculação) e na culinária (massas e grelhados). Este painel pessoal é pintado na cidade de São Paulo. Talvez, seja possível afirmar que, da mesma forma que essas narrações feitas por esses usuários das comunidades escolares são transitivas, essas redes sociais virtuais também sejam efêmeras.

Ao se mostrar interessado em participar de uma rede social virtual, o usuário tem a seu favor várias possibilidades; o sujeito pode operar em diferentes níveis, como, por exemplo, redes de relacionamentos⁶⁴, redes profissionais⁶⁵, redes comunitárias⁶⁶. Neste trabalho, enfocase o olhar para as comunidades escolares do Orkut; mas de que maneira o usuário poderá se vincular a esta rede social⁶⁷?

⁶⁴ Facebook, Orkut, Myspace, Twiter, entre outras.

⁶⁵ LinkedIn entre outras.

⁶⁶ Redes sociais em bairros ou cidades, redes políticas, entre outras.

⁶⁷ RECUERO, Raquel da Cunha. *Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no orkut e nos weblogs*. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/limc>> Acesso em 18/04/2011.

O sistema permite a entrada de quem foi convidado por alguém já cadastrado nele; logo, o Orkut⁶⁸ aproxima usuários com quem de alguma forma mantêm um vínculo de sociabilidade na vida real. Esta rede social virtual funciona basicamente através de perfis e comunidades; o perfil é criado pelo sujeito ao se cadastrar. As comunidades são criadas pelos usuários e podem agregar grupos, funcionando com Fóruns, tópicos, mensagens, recados etc.

Mas será que essas identidades criadas nas comunidades do Orkut não são reais, mesmo sabendo que os usuários agregam outros sujeitos conhecidos? Com a chegada dos ambientes virtuais, o termo identidade também sofreu deslocamentos conceituais com a crescente complexidade das sociedades modernas e com a chegada das redes no pós-modernismo (Morin, 2000). Com o advento da internet, diversos estudos sobre as identidades dos sujeitos virtuais têm se desenvolvido; o motivo que tem despertado o interesse de tantas discussões, possivelmente, está na influência de que o mundo virtual tem provocado no indivíduo, seja na sua relação profissional, educacional, interpessoal e consigo mesmo.

Os estudos de Recuero (2004) indicam que já havia uma preocupação em analisar o indivíduo e o seu eu, basicamente voltado para uma identidade mais individual; eram abordagens sobre a essência do ser humano, sobre a visão de que cada um tinha de si mesmo. No entanto, outros estudos sobre as identidades apresentam uma concepção fragmentada do eu: é a identidade formada pela aproximação de vários outros eus; tomando como base essa perspectiva individual, a identidade de um sujeito se verificaria como as características pessoais que um indivíduo apresenta dentro de um grupo, de uma sociedade. Essa identidade poderia ser percebida através do modo de vestir, de falar, escolhas artísticas, culturais etc; num ponto de vista social, coletivo, seria a caracterização de que esse sujeito adquire dentro de um grupo social, considerando aqui alguma atribuição de valores. As postagens abaixo dos usuários da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, talvez, possam iluminar este debate.

Eu naum posso esquecer... o meu 1º ano no colégio... naum sabia nada... nem rotina...nem os locais pra estudar... nem ordem unida...Pôoo...no segundo ano já fui aprendendo sobre tudo... os esportes... conhecendo os professores... os novos amigos...os soldados...os tenentes...UAU... não era mais novato... Muitas saudades....Vlw....⁶⁹

⁶⁸ Apresentado em janeiro de 2004, por Orkut Buyukkokten, e criado enquanto o mesmo era aluno da Universidade de Stanford e funcionário do Google. Disponível em <<http://www.orkut.com.br>> Acesso em 18/04/2011.

⁶⁹ Escrita retirada do Orkut em 27/03/2010, no Fórum *CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Daniel H. em 07/07/2005.

A escrita memorialística do usuário Daniel H., no Fórum *CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, talvez, possa oferecer uma possível reflexão do que seja engajamento numa cultura, ou em outras palavras, a caracterização de que o sujeito adquire dentro de uma instituição escolar; no esforço em se aproximar do seu passado na escola, o ex-aluno enfatiza o seu desconhecimento na rotina diária no Colégio Militar do Rio de Janeiro; no entanto, o sujeito relata que, no seu segundo ano escolar, o ex-aluno foi aprendendo mais sobre a rotina daquela escola.

Por seu turno, em seu artigo⁷⁰, Sibilía & Diogo (2010) argumentam que a rede social Orkut permite conhecer pessoas, e se fazer conhecer, mas também estimula mudanças nos seus usuários; o sujeito deixa de ser aquele que era, nesse sentido, ele se reinventa o tempo todo. Ao atualizar o perfil, o usuário atualiza a sua própria personalidade: muda e se re-faz. O *site* promove, assim, o encontro entre personalidades instantâneas e mutantes que postam escritas transitivas de um passado escolar. Mas quem disse que isso possivelmente pode desconstruir sentidos entre os usuários daquele espaço virtual? Se o universo do *fast food*⁷¹ oferece facilidade, agilidade e praticidade, logo, é possível entender que estes *posts* são passaportes linguísticos que oferecem a praticidade de um tempo dos cliques fugazes dos navegadores das comunidades escolares do Orkut.

As contribuições de alguns elementos da modernidade têm sido responsáveis pela formação cada vez mais líquida (BAUMAN, 2001) da identidade do homem; é nesse cenário que surge o mar da web e as suas respectivas redes sociais virtuais. Mas o que são essas tais redes sociais? Para responder a esta questão, recorro à Recuero (2004, p.154): “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores – pessoas, instituições ou grupos – e suas conexões”. De acordo com Joas (1996, p.89),

a conexão apresentada entre dois atores em uma rede social é denominada laço social; [...]um laço social é composto por relações sociais, que por sua vez, são constituídas por interações sociais.[...] Uma interação social é aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares; ou seja, trata-se de uma manifestação comunicacional que se constituem relações sociais.

Em um tempo de mediações digitais, considero as redes sociais virtuais instrumentos possíveis de comunicação entre os sujeitos, que têm ao seu dispor a multiplicidade das telas e

⁷⁰ SIBILIA, Paula; DIOGO, Lúcia Azevedo. *Imagens de família na internet: fotografias íntimas na grande vitrine virtual*. In: A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: Eduufba, 2010.

⁷¹ Termo utilizado para pensar o que se consome muito rápido.

outros espaços do ver. Este novo tipo de olhar, com as suas características, redefine também a modalidade por meio da qual os sujeitos compartilham as suas relações sociais; a interlocução também acontece nessa rede social, tornando possíveis as relações de pertencimento dos usuários, mesmo que os mesmos não estejam no mesmo espaço geográfico.

É possível pensar que as identidades criadas pelos navegadores nas redes sociais da web possam gerar usuários não confiáveis, é o que nos mostra, Bernardo (2008, p.24): “devido ao autointeresse, viés pessoal ou memória seletiva, narradores confiáveis seriam narradores não confiáveis, sem dicas ou pistas de muitas de suas próprias não confiabilidades”⁷².

No entanto, um outro olhar sobre a confiabilidade nas comunidades virtuais vem oferecendo novas opiniões acerca das identidades na web. O texto⁷³ de Giannetti (2011, p.11) informa que: “redes como o Facebook e o Orkut estão encorajando as pessoas a empregar os seus nomes e identidades reais; a internet se faz parecer uma extensão do mundo real”. Assim, essas redes sociais virtuais também levaram as pessoas a se tornarem menos inclinadas a enxergar os outros que estão on-line como meros “estranhos” e mais propensos a pensar neles apenas como pessoas que ainda não se conheceram.

Nessa acepção, aparece um horizonte de confiança nas identidades criadas nas redes sociais da web; o Orkut, neste sentido, pode ser também um espaço virtual que seja a extensão das relações de confiabilidade dos usuários. Ademais, se na rede social do Orkut há, entre outras, a intenção de se aproximar dos amigos distantes, convidar alguém conhecido, infere-se que nesses termos, exista uma relação de confiança, logo, possíveis identidades confiáveis. Bergmann (2010) sugere que, talvez, o mais importante do que o questionamento da “veracidade” dos textos, das informações, dos depoimentos, ou mesmo das características dos usuários⁷⁴ do Orkut seja justamente poder entendê-las como o efeito de um conjunto de práticas que, já há algum tempo, tencionam profundamente os domínios tanto da escola como o das novas tecnologias. Nesse sentido – e daí a importância de nos determos nesse tipo de material – é que a força e as possíveis verdades contidas nos meios de comunicação são ampliadas “de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso que, por exemplo, opera através das páginas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar”. (Fischer, 1996, p. 124).

⁷² BERNARDO, Gustavo. *A Leitura simpática do assombro*. In: Revista ideias do Jornal do Brasil de 23/08/2008.

⁷³ GIANNETTI, Cecília. *O amor está no ar*. In: *Revista de O Globo* de 3 de abril de 2011.

⁷⁴ Se for homem, mulher ou se é alguém “inventado” por algum membro que também “navega” no site.

Indícios na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro nos oferecem pistas de que as identidades daqueles usuários podem ser confiáveis. Quando o assunto é o que se posta nos Fóruns da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, também, observam-se possíveis indícios de horizontes confiáveis, uma vez que as identidades apresentadas são eminentemente masculinas. Maurício, Paulo C., Mauro A. e Valdemar são os usuários que aparecem no Fórum *Alunos do Internato*, possibilitando anuir a realidade interna de uma instituição na qual só alunos do sexo masculino ingressam em seus cursos. Logo, nota-se outro fator relevante para se pensar uma rede social com vocação favorável a identidades confiáveis, com fotografias, que ajudam nesta aproximação.



Figura 14 - Fórum *Alunos do Internato* (CSBRJ)

Fonte: Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Acesso em 06/03/2010

Verifico que várias gerações de usuários se apresentam nas comunidades, criando novos vínculos de amizade a partir da própria comunidade escolar do Orkut. Nessa acepção, encontram-se alguns ex-alunos, por exemplo, que estudaram nas décadas de 60 e 70; é o que podemos observar nos *scraps* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro a seguir.

Achu que não tem mais ninguém de 69... To ficando velho....Risos⁷⁵

⁷⁵ Escrita retirada do Orkut em 30/08/2010, no Fórum *Qual a sua turma?*, da comunidade do colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada por Jorge L. em 12/06/2004.

Eu estudei em 70, quem mais aêeeee! Bjus!!!!⁷⁶

Lúcia... quanta saudade.... sabe quem está postando? A sua melhor5 amiga do Vôlei!!!
Se lembra???? Beijaummmm!⁷⁷

Assim, a escrita, conjunto linguístico utilizado no contexto social e na vida, constitui-se uma das possibilidades do sujeito registrar as suas práticas, experiências, ideias, acontecimentos, ou seja, representações de um tempo vivido. Narrar no espaço virtual, portanto, se constitui uma produção de memória, e, por conseguinte, um instrumento para rever o passado. Chartier (1999) lembra que, por meio da escrita, em seus vários suportes, são fixados os “traços do passado, a lembrança dos mortos, ou a glória dos vivos”.

Os estudos de Mignot (2006) mostram que o debate acerca desse tipo especial de escrita, a narração de si, sobretudo aquela produzida por homens e mulheres comuns, abre um campo de possibilidades para os estudos recentes sobre o assunto. No tempo de tecnologias, as folhas de papel são trocadas e substituídas pelos monitores, estas máquinas de registro não apenas fixam, num suporte reprodutor, aquilo que os olhos vêem e os ouvidos escutam, mas também duplicam a capacidade humana de ouvir e ver.

Observa-se na escrita do usuário Luis A, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro: “A Cia esp que eu fiz parte, acabou. Tem alguém aí?”⁷⁸, um fio de discurso procurando construir sentidos para o interlocutor acerca das diferenças culturais de seu tempo. Observa-se que o usuário Adenauer afirma ter estudado no Colégio Militar do Rio de Janeiro, sem mencionar o ano, contudo faz um convite a algum usuário que também tenha estudado naquela instituição de ensino; portanto, observa-se que estão em jogo a rede de sociabilidade e o ato da escrita, oferecendo ao usuário possibilidade de interagir com um número maior de pessoas, ao mesmo tempo em que, no transcorrer de seus dias, ele possa voltar aos seus escritos e tornar viva a memória.

Chartier (2001) aconselha o pesquisador das escritas de si a evitar cair numa dupla ilusão: ou a ilusão da singularidade das pessoas frente às experiências compartilhadas, ou a ilusão da coerência perfeita numa trajetória de vida. O que nos remete também à ilusão biográfica de Bourdieu (1996), tentando pensar a vida num único fio; quando na existência de qualquer ser

⁷⁶ Escrita retirada do Orkut em 30/08/2010, no Fórum *Qual a sua turma?*, da comunidade do colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada por Maria L. em 12/06/2004.

⁷⁷ Escrita retirada do Orkut em 30/08/2010, no Fórum *Qual a sua turma?*, da comunidade do colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada por Regina em 12/06/2004.

⁷⁸ Escrita retirada do Orkut em 30/08/2010, Fórum *Quando você estudou no Colégio Militar?*, da comunidade do colégio Militar do Rio de Janeiro, postada por Luis A. em 12/06/2004.

humano, multiplicam-se os azares, as causalidades, as oportunidades. O *post* do usuário Leandro: “Estudei de 1998 a 2004. Eu era da equipe de natação e judô. Foi sem dúvida a melhor época da minha vida”⁷⁹ também acentua um estatuto do passado como um alicerce legítimo do eu; em vez de subjetividades construídas pelas escritas do silêncio e na solidão dos espaços privados, observa-se a proliferação de escritas de fora, à captação de olhares alheios. Cunha (2009, p.258) reflete:

Os blogs, fotologs, webcams, Orkut, You Tube - para além de uma parafernália tecnológica e de dispositivos virtuais de comunicação e interação – instauram novas formas de sociabilidade e novos modos de escritas pessoais, e assim, registram a nossa época.

As memórias individuais e coletivas no espaço virtual se entrelaçam e podem favorecer a produção de sentidos para acompanhar trajetórias de vidas. Essa busca de sentido, talvez possa acompanhar, também, no reconhecimento da trajetória em processo, que visa articular presente, passado e futuro, num movimento de ações da vida escolar. É do hoje que partimos rumo ao passado, uma ponte na busca de novos sentidos. Mas quem fala através deste texto com o passado exposto? Ecléa Bosi (2003) sugere que o sujeito falando e escrevendo, literalmente, ele se produz, porque narrar não é diferente de inventar uma vida.

O usuário, então, se torna como o editor de sua própria vida na escola, no sentido daquele que rearranja ou melhora aquilo que já é um texto. Assim, se alguém se põe a narrar o seu passado escolar, é porque tem em mente fixar um sentido em sua trajetória e tecer um caminho com omissões, seleções de acontecimentos e desequilíbrios entre os relatos, operações feitas pelo autor, na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca esta que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais devem ser narrados (LEJEUNE, 1975). É essa busca também que prevalece na estrutura dos *scraps*; os relatos ganham sentido à medida que vão sendo narrados, acumulando-se uns aos outros, de modo que a significação se constrói no momento mesmo em que o usuário narra os fatos da sua história escolar.

Com o objetivo de iluminar o debate, a seguir, apresento outro Fórum da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro: *Só para maior de 50 anos*. Sugestiva, a chamada desse Fórum fornece pistas de que usuários com maior experiência militar também fazem parte dessas redes sociais do Orkut. Entre as turmas que se formaram de 1960 a 1972, estão, portanto, os ex-alunos

⁷⁹ Escrita retirada do Orkut em 30/08/2010, Fórum *Quando você estudou no Colégio Militar?*, da comunidade do colégio Militar do Rio de Janeiro, postada por Leandro em 29/08/2004.

que também compartilham as suas memórias de um passado escolar, como se pode observar nos *posts* abaixo.



Figura 15 - Fórum *Só para maior de 50 anos*

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 08/03/2010

A leveza dos seus estilos, as formas como reconstituem o cotidiano escolar, impulsionam as memórias desses usuários à saudade, conforme se observa na escrita do usuário Fernando B., declarando que foi ex-aluno de 1958 a 1964, sendo os melhores anos de sua vida escolar; enquanto o usuário Albérico A. afirma que ficou reprovado no segundo ano ginasial, tendo estudado de 1960 a 1967.

De acordo com Ecléa Bosi (2003), o narrador não busca recuar do presente para reviver, tal como se deram, os acontecimentos vividos; rememorar é uma atividade orientada pela atualidade, determinada pelo lugar social, referenciada pela gama de significados do imaginário social de um grupo, alimentada pelo relicário da vida pessoal, limitada pelas margens da própria atividade de escrita de quem registra e depende do trabalho de uso dessa memória individual e social.

As escritas virtuais nascem com uma vocação exibicionista para serem vistas e lidas por milhões de olhos alheios nas telas da rede mundial de computadores. Os estudos de Viñao (2000) indicam que as escritas virtuais podem ser um grande subsídio que marca a importância de fontes autobiográficas na escrita da História da Educação:

Um cambio radical en la nocion de privacidad. En una época en que lo íntimo es rentable o, al menos, puede serlo cuando se convierte en público, y en la que la privacidad virtual sustituye a la privacidad real – o esta última deviene virtual –, escribir diarios personales accesibles de un modo general a desconocidos- y conocidos- equivale, en el mundo de la nueva cultura escrita, al acto de mostrar, en la pantalla televisiva, los sentimientos y emociones más personales e íntimos. (VINÃO, 2000, p.14)

Mas o que se posta nas páginas do Orkut? Quais os possíveis significados e intenções que os usuários atribuem aos seus textos? Estas questões suscitadas são reveladoras de uma preocupação em reconhecer o grande desafio que se coloca em sofisticar o repertório das histórias dos sujeitos não representadas em outros tipos de documentos; encaminho essas reflexões a seguir.

1.1.3 Navegação digital: postando memórias da vida escolar na rede

*Quem jogou Handball na Conde de Bonfim em 1978? Eu sou Andreia e, talvez alguns ainda se lembrem de mim, pois era a melhor goleira que esse colégio já teve...Se alguém ainda tem saudades, poste alguma boa recordação...*⁸⁰

Se no início desta minha discussão, eu ainda continuo a recorrer à *Odisseia*, é porque talvez, ainda esteja imbuído por esse espírito intrépido, aventureiro, para continuar a navegar nas águas dos mares da internet. Similar à atenção que Ulisses e seus companheiros de viagem ofereciam às vozes das suas mulheres, com os seus encantos e ritmos, nas proximidades das ilhas das sereias, observo atento às escritas postadas nas comunidades das escolas no Orkut do espaço virtual; é o que se pode examinar na epígrafe desse estudo iniciado com o *scrap* da ex-aluna Andréa, usuária da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, na qual ela posta a sua memória sobre os tempos em que jogava handebol naquela instituição de ensino.

Parece-me possível afirmar que as emoções vividas com as práticas desportivas também entram em cena nas escritas memorialísticas dessa rede social virtual. Além de outras experiências escolares vividas no cotidiano daquela instituição de ensino, os esportes também aparecem como elementos fundamentais às práticas de sociabilidades vividas no Colégio

⁸⁰ Escrita retirada do Orkut em 02/03/2010, no Fórum *Quem jogou handball na Conde de Bonfim?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Andrea em 07/02/2005.

Marista São José do Rio de Janeiro; o que também se pode examinar a seguir, no depoimento do usuário Marcelo da mesma instituição de ensino.

Sou da época que havia o prédio do Alto da Tijuca. Adorava o refeitório e os jogos na quadra nos tempos de Dom Justino. Muitas saudades. Abraço a todos.⁸¹

O *post* de Marcelo, usuário da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro permite compreender aspectos geracionais, ou da menção de vivências cotidianas, porque conduz a criação de significados para o eu, e também do momento histórico vivido pelos alunos, em especial, pela escola. Compreende-se que além da materialidade do suporte eletrônico e pelos fatos narrados, as escritas com as reflexões feitas pelos usuários são do interesse do pesquisador, na medida em que os momentos em que o cotidiano e o ordinário se unem, como uma parte constitutiva das experiências humanas, procura entender os propósitos que motivaram as escritas dos Fóruns, confere significados à trajetória de vida escolar e seleciona episódios relevantes com as histórias dos sujeitos no passado da escola:

La memoria humana es, por ello, un proceso dinámico. Está en permanente reconstrucción. Posee una naturaleza transformadora, recreativa y omnipresente. Reaparece, quiérase o no, mezclada con la ficción. Uno de sus componentes es la ficción. Y viceversa. De ahí que lo autobiográfico aflore siempre em mayor o menor grado, más o menos visible, de modo más o menos consciente, en toda obra de ficción. De ahí también que, junto a ello, en esta amalgama de recuerdos y ficción, de sensaciones e imaginación, operen los silencios y olvidos, los disfraces y enmascaramientos. (VIÑAO, 1997, p, 138)

Escrever, portanto, se constitui uma produção de memória, e, por conseguinte, um instrumento para rever o passado; a escrita, nessas comunidades escolares do Orkut, anuncia histórias do cotidiano escolar, de festas e comemorações oferecidas pela instituição de ensino, das emoções vividas pelos ex-alunos. Assim, estas postagens constituem partes fundamentais do tecido das lembranças dos sujeitos que não se intimidam em narrar nessas novas materialidades de escrita, que interessam à história da cultura escrita⁸², e que também unem os usuários das

⁸¹ Escrita retirada do Orkut em 02/03/2010, no Fórum *Quem jogou handball na Conde de Bonfim?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Marcelo em 08/02/2005.

⁸² Esta abordagem vem sendo realizada pelo grupo liderado por António Castillo Gómez e Verónica Sierra Blas que lançou recentemente uma coletânea de estudos intitulada “Mis primeros pasos. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)” (2008). Para eles, a História da Cultura Escrita é o estudo da produção, difusão, uso e conservação dos objetos escritos; para isso busca alianças com quantos saberes, como os advindos da História da Educação escolarizada, que têm [...] como seu objeto o estudo da escrita em suas várias modalidades (p.19). Ver também: CASTILLO GÓMES, António / org. (2002).

comunidades. Nessa acepção, podemos observar a figura a seguir que apresenta o Fórum *Eu me lembro!* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

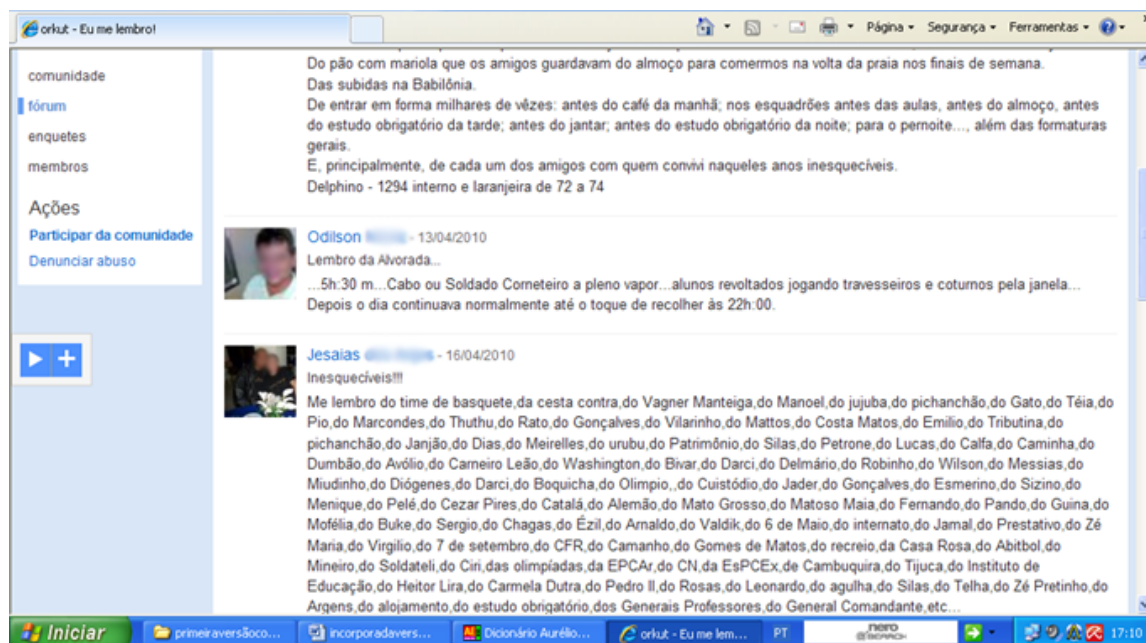


Figura 16- Fórum *Eu me lembro!*

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 21/04/2010

Observo na postagem do usuário Jesaias A., um estilo que traz à baila os modos de vida, os costumes e práticas do Colégio Militar do Rio de Janeiro, em regime de internato. A sua escrita memorialística destaca alguns amigos e procedimentos diários naquela instituição de ensino. Nas memórias do ex-aluno Jesaias A., portanto, rotina escolar e relações de sociabilidade se misturam:

Me lembro do time de basquete, da cesta contra, do Vagner Manteiga, do Manoel, do jujuba, do pichanchão, do Gato, do Téia, do Pio, do Marcondes, do Thuthu, do Rato, do Gonçalves, do Vilarinho, do Mattos, do Costa Matos, do Emilio, do Tributina, do pichanchão, do Janjão, do Dias, do Meirelles, do urubu, do Patrimônio, do Silas, do Petrone, do Lucas, do Calfa, do Caminha, do Dumbão, do Avólio, do Carneiro Leão, do Washington, do Bivar, do Darci, do Delmário, do Robinho, do Wilson, do Messias, do Miudinho, do Diógenes, do Darci, do Boquicha, do Olimpico, do Cuistódio, do Jader, do Gonçalves, do Esmerino, do Sizino, do Menique, do Pelé, do Cezar Pires, do Catalá, do Alemão, do Mato Grosso, do Matoso Maia, do Fernando, do Pando, do Guina, do Mofélia, do Buke, do Sergio, do Chagas, do Ézil, do Arnaldo, do Valdik, do 6 de Maio, do internato, do Jamal, do Prestativo, do Zé Maria, do Virgilio, do 7 de setembro, do CFR, do Camanho, do Gomes de Matos, do recreio, da Casa Rosa, do Abitbol, do Mineiro, do Soldateli, do Ciri, das olimpíadas, da EPCAr, do CN, da EsPCEX, de Cambuquira, do Tijuca, do Instituto de Educação, do Heitor Lira, do Carmela Dutra, do Pedro II, do Rosas, do Leonardo, do agulha, do Silas, do Telha, do Zé Pretinho, do Argens, do

alojamento,do estudo obrigatório,dos Gerais Professores,do General
Comandante,etc...⁸³

O cotidiano escolar é atravessado por momentos entremeados por alegrias e percalços; o texto constitui-se de fatos corriqueiros, nomes dos seus amigos, professores, e traduz as suas experiências como ex-aluno de uma instituição militar de ensino; entre as postagens de outros usuários da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, ainda no Fórum *Eu me lembro!*, observa-se, a seguir, o *scrap* do ex-aluno Odilson que marca a história do seu tempo escolar.

Lembro da alvorada... Cabo e soldado corneteiro a pleno vapor... Alunos revoltados jogando travesseiros e coturnos pela janela... Depois o dia continuava normalmente até o toque de recolher às 22h:00.⁸⁴

Esses momentos eram saboreados junto ao corpo militar daquela instituição de ensino; flashes de experiências e rotina militar juntas montam um painel saudoso na vida desse ex-aluno. Nota-se que a escrita do usuário Odilson também fornece pistas de uma escola em regime de internato; como no registro do usuário Jesaias A., é possível refletir que a memória tem seus próprios saltos e apagamentos. Assim, as seleções dos acontecimentos desse usuário privilegiam certos aspectos escolares em detrimento de outros.

Quando o assunto é reencontrar velhos amigos da escola, talvez, o vínculo a esta rede possa ser uma saída para conectar o usuário ao seu passado escolar; portanto, as escritas memorialísticas desses usuários povoam esse território; nesse sentido, a seguir, observam-se outras possíveis finalidades das comunidades escolares no Orkut.

⁸³ Escrita retirada do Orkut em 12/03/2010, no Fórum *Eu me lembro!*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Jesaias A. em 16/04/2010.

⁸⁴ Escrita retirada do Orkut em 21/04/2010, no Fórum *Eu me lembro!*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Odilson em 13/04/2010.



Figura 17 - Fórum *colegas de 1970-1972*

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 22/04/2010

Observo que o *post* do usuário Osvaldir P., da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, por exemplo, traduz o seu desejo em encontrar os ex-alunos que estudaram no período de 1970 a 1972; além disso, o seu *scrap* nessa rede social convida outros usuários e amigos do seu tempo escolar a se inscreverem em sua página pessoal no Orkut. Nota-se, portanto, novos canais sociais que unem os sujeitos nessas redes sociais.

Em outras páginas dessas redes sociais virtuais encontram-se escritas memorialísticas que também procuram narrar os cotidianos das suas vidas escolares. Na postagem do usuário Rubem, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, é possível examinar a sua experiência na sala de aula com os professores.

Melhor colégio que eu estudei! A formação serve para a vida toda. Eu discordava muito com os professores na sala de aula. Cada aula era uma guerra com os professores. Dom L. nada contra você. Eu é que não me enquadrava.⁸⁵

Ao mesmo tempo em que se dirige à comunidade escolar, o usuário Rubem também inclui Dom L., provavelmente um educador daquela instituição de ensino, como um possível interlocutor daquela rede social; estaria o ex-aluno postando memórias inadequadas? Parece que neste espaço virtual, o navegador procura tornar público as suas histórias na instituição escolar,

⁸⁵ Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, no Fórum *Você gosta de estudar no colégio*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Rubem em 11/09/2008.

mesmo que possa evocar outros sujeitos; seu *scrap*, portanto, ressignifica as memórias do ex-aluno Rubem, sublinhando que estudou na melhor instituição de ensino do Rio de Janeiro.

Ao refletir sobre a memória autobiográfica, Kotre (1997) afirma que a tem como tarefa manter todas estas identidades vivas, e faz isso, vasculhando o fundo da hierarquia da memória em busca de acontecimentos nítidos, simbólicos, que tornam as identidades concretas. Mas será que o acontecimento relatado numa primeira lembrança realmente aconteceu? Os estudos de Kotre (1997) reforçam a compreensão de que:

As perguntas sobre a precisão histórica das primeiras lembranças são do guardião de arquivos. Mas a menos que você se ache prestes a enfrentar um tribunal de justiça ou precise acomodar alguma briga familiar, as perguntas do guardião têm pouca importância. O que importa, em vez disso, é o significado das nossas lembranças. (KOTRE, 1997, p.193)

As práticas das escritas memorialísticas dos usuários das comunidades das escolas no Orkut também oferecem outras possibilidades ao pesquisador, na medida em que algumas palavras ou expressões não são tão conhecidas ao serem representadas pelos usuários nessas redes sociais virtuais. Nas narrativas dos sujeitos, os usuários revisitam espaços, recordam histórias, acontecimentos que podem ser lembrados com apenas uma palavra. A seguir, segue o Fórum *Palavras que lembram o CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

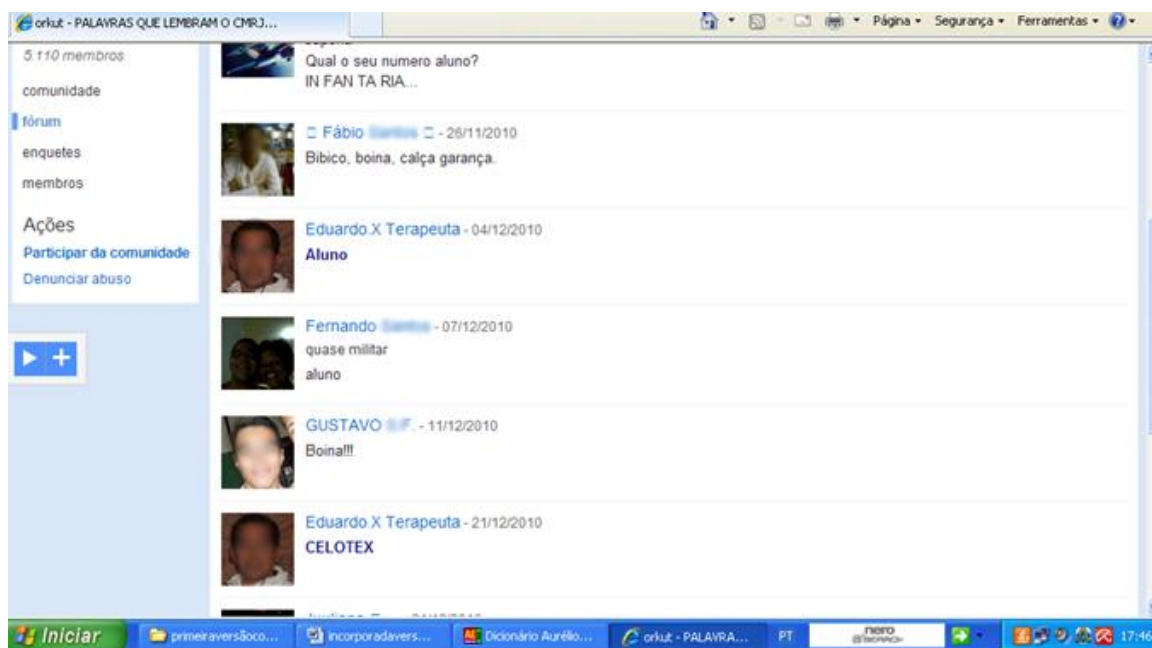


Figura 18 - Fórum *Palavras que lembram o CMRJ*

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 28/12/2010

Por meio das palavras dos usuários dessa comunidade escolar do Orkut, observam-se expressões: bibico, boina, aluno, quase militar, infantaria, que juntas compõem o cenário cotidiano de uma instituição militar. Por meio dessas palavras, é possível conhecer aspectos do mundo militar e as possíveis vestimentas utilizadas pelo corpo de alunos naquela instituição de ensino. À medida que despertam lembranças, as palavras ditas pelos ex-alunos personificam uma educação militar vivida pelos usuários; nessa acepção, os uniformes, a rotina, a vida cotidiana escolar, servem como testemunhos de um tempo escolar.

De história em história, vai-se compondo o passado dos ex-alunos e, por entre as memórias, o despojamento dos costumes, valores, práticas escolares. Os estudos de Zuin (2008) e Nicolaci-da-Costa (2006) mostram que o computador e a internet se metamorfosearam em instrumentos tecnológicos multifuncionais, permitindo os sujeitos serem percebidos coletivamente, conectando, portanto, o outro numa espécie de telepresença⁸⁶ em rede, numa experiência cotidiana na qual apenas alguns elementos (texto, imagem, som) em detrimento de outros (texturas, odores, sabores) personificam-se em espectros pelos quais os usuários se manifestam, abrindo espaço para reapresentação dos cenários do passado nas comunidades das escolas no Orkut.

Se se muda o suporte da escrita de um diário (do papel para a tela do computador), contudo vários objetivos e funções permanecem; segundo Alberca (2000) a escrita e os motivos que levam alguém a escrever um diário envolvem funções terapêuticas – para desabafar, contar os desassossegos da alma; funções éticas – para guardar a memória dos momentos exemplares que se referem à boa conduta humana; e funções estéticas – para conservar o diário como ato de escrita, como expressão da cultura gráfica de seu tempo, pois a prática diarista liga-se à necessidade de introspecção, de comunicação, para contar experiências, para relacionar-se com um interlocutor ideal. Aquele autor espanhol explica que as escritas em diários podem ser vistas como um exercício do cidadão moderno sair do isolamento;

De manera general pero cierta el diário se relaciona con la soledad, y lo atestiguan la mayoría de los testimonios, que lo consideran como um ejercicio y um refugio para combatirla, para salir del aislamiento y, finalmente, para superar la falta de comunicación. Pero el diário no es solamente remedio para el que está solo, también es solaz de soledad para el que quiere o quisiera estar solo. Como se va a leer, la soledad desencadena muchas veces El diário y, em esos caso, su función consecuente es la de ejercer del amigo o interlocutor que no se tiene. Pero no se deve olvidar que para escribir um diário, em el gesto y em el fondo, se precisa también recogimiento y aislamiento, que se necesita y se debe optar em muchas ocasiones por estar solo. (ALBERCA, 2000, p. 35).

⁸⁶ LOBO, Luiza. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Vivendo-se num impacto de revoluções tecnológicas das mais variadas ordens documentais e de uma enorme ampliação de memórias históricas, não é possível permanecer com olhos vendados para o universo virtual. Nunes, C. (2005) lembra ainda não ter sido explorado sequer a quarta parte de um mar de documentos que nos ameaça afogar, que obriga o pesquisador a sucessivos mergulhos. Se os diários de viagem, correspondências, relatórios de diretores, de professores, memoriais, desenhos e fotografias aguardam o olhar atento dos pesquisadores, as páginas das comunidades escolares do Orkut devem fazer parte, também, do repertório de textos que contribuem para a investigação de outras escritas memorialísticas.

Algumas postagens nas comunidades das escolas trazem também algumas histórias que contam episódios relevantes, mas que não necessariamente representam memórias favoráveis às experiências no passado escolar, como se pode examinar a seguir.

Não gostei muito de estudar nesse colégio! Por isso pedi transferência para outro colégio, e não me arrependi!!!!!!⁸⁷

A postagem do usuário Victor, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, pode ser também um testemunho de outras situações ocorridas no colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Por ser uma instituição confessional, talvez a disciplina rigorosa afastasse outras possibilidades mais aprazíveis de se viver o cotidiano escolar. Nesse sentido, Ecléa Bosi (2000, p.89) afirma que “a memória é um trabalho sobre o tempo – do quem sou eu hoje, em direção ao passado para refazer, reconstruir, repensar.”

Navegando nas águas da página oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro⁸⁸, observa-se o lema “Integridade, Trabalho em equipe e Cidadania”, podendo despertar a atenção dos pais, alunos, da sociedade em geral; o *site* possui elementos e recursos convidativos: links com os departamentos da escola, fotos, áreas restritas a alunos, programação semanal da escola, entre outros, para convencer o interlocutor da sua importância no ensino fundamental e médio na cidade do Rio de Janeiro.

⁸⁷ Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, no Fórum *Você gosta de estudar no colégio*, da comunidade do colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Victor em 18/09/2008.

⁸⁸ Disponível em <<http://www.csbrj.org.br/novo>> Acesso em 22/04/2010.



Figura 19 - Site oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Parte 1
 Fonte: <<http://www.csbrj.org.br/novo>> Acesso em 20/04/2010

Nesta página, há a menção de que nos anos de 2003, 2004, 2005, 2007 e 2008, a instituição de ensino foi a primeira colocada no ranking do Enem 89, tornando-se teoricamente, a partir deste critério, o melhor colégio do Brasil. Observa-se também que há a ênfase em registrar na página oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, os ex-alunos ilustres do país; entre eles estão: Antônio Silva Jardim, advogado e jornalista, Arnaldo Camanho de Assis, desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, professor universitário, Benjamin Constant, militar, Ministro da Instrução do 1º governo republicano, Cândido barata Ribeiro, 1º prefeito do distrito federal, ex-ministro do Superior Tribunal Federal, Márcio Gomes, jornalista, Noel de Medeiros Rosa (Noel Rosa), músico e compositor, Pixinguinha, músico e compositor, Paulo Francis, jornalista e escritor. Nesse sentido, observa-se uma instituição confessional com renome na cidade do Rio de Janeiro.

A história institucional afirma que o Colégio de São Bento do Rio de Janeiro é um estabelecimento de ensino confessional católico, exclusivamente para meninos, dirigido e mantido pelos monges beneditinos do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Fundado em 1858, tem como objetivo não apenas a educação cristã dos jovens nele matriculados, mas também a formação cultural necessária para o desenvolvimento integral da personalidade humana. Assim, marca o quanto a escola é prestigiada no campo educacional no país.

⁸⁹ Exame Nacional do Ensino Médio/ ENEM.



Figura 20- Site oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Parte 2
Fonte: <http://www.csbrj.org.br/novo>. Acesso em 20/04/2010

Despertando o interesse de outros interlocutores nesse mar da web, as redes sociais virtuais parecem que cumprem o papel em poder revelar, exhibir, mostrar as memórias dos seus usuários com as postagens, trazendo outras histórias, distantes daquelas encontradas nos regulamentos oficiais das instituições de ensino, a saber, nos seus *sites* oficiais⁹⁰. É o que podemos observar, a seguir, na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro.

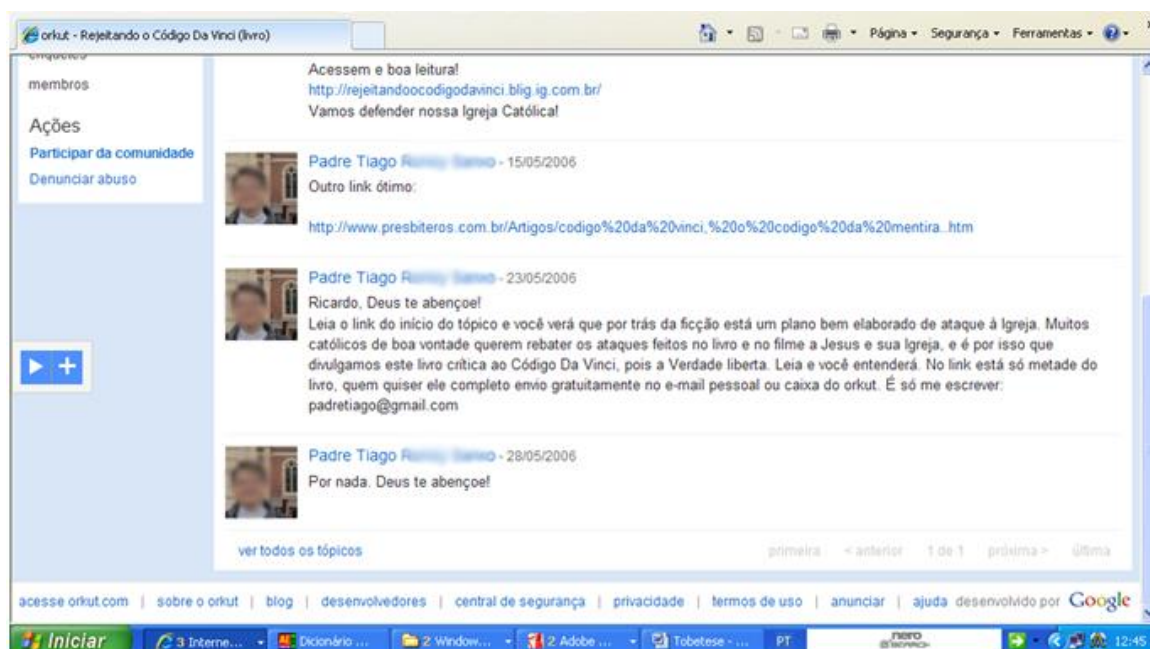


Figura 21- Fórum *Rejeitando o Código da Vinci*
Fonte: Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Acesso em 14/04/2010

⁹⁰ Priorizei visitar e pesquisar somente fontes e documentos disponibilizados na internet, encontrados no espaço virtual, tendo em vista que o objeto de estudo são as escritas memorialísticas da web.

Aquele que pesquisa consegue perceber a complexidade e a pluralidade ao lidar com a memória; analisar os fatos ocorridos, identificar os episódios e refletir sobre o passado são ações que exigem um grande esforço por manusear, examinar e fundamentar a escrita da história (Freitas, 2005). A palavra pode ser entendida como a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma sociedade se explicitam e se confrontam. Nesse sentido, as escritas do usuário padre Tiago R. na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, Fórum *Rejeitando o Código da Vinci*, nos ajudam entender a sua vinculação ao ensino religioso; em seu discurso “vamos defender a igreja católica”, observa-se a sua postura crítica em relação à obra ficcional.

Se as musas da web e os bons ventos nos levarem a navegar pelas águas da página inicial da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro é porque, possivelmente, naquele espaço virtual há tesouros a serem descobertos. Criada no dia 4 de setembro de 2004, pelo moderador Rafael, inserida na categoria escolas e cursos, é possível observar que esse espaço otimizou a privacidade dos conteúdos que circulam ali, para usuários não membros, significando dizer que qualquer usuário da web poderá visitar e acompanhar as postagens das escritas memorialísticas dos sujeitos nessa rede social.

Esse fato chamou a atenção desse navegador pesquisador, uma vez que é comum observar restrições de acesso em outras comunidades escolares, permitindo o acesso apenas para os usuários que fazem parte daquele contexto. O que é ser moderador das comunidades do Orkut? Quais as suas principais atribuições? Há censuras nessas escritas nas páginas das escolas? Qual a figura do editor virtual? Deixarei estas questões para serem tratadas no próximo capítulo.

2 AVISO AOS NAVEGANTES: MODERADORES ATUANTES NOS FÓRUNS ESCOLARES

2.1 Arautos virtuais a postos: espiando os *scraps* dos usuários

Carioca, publicitário, orkuteiro, moderador e antenado. Prático e objetivo, talvez numa tentativa de vencer a preguiça... Contra o stress, mas levo uma vida estressante, que é compensada pelas pequenas felicidades materiais que a vida me traz !!⁹¹

Ao iniciar este capítulo, proponho uma navegação em outras águas da web; quem sabe, navegar nos territórios longínquos das monarquias da Idade Média para que se possa lembrar dos arautos reais, representantes oficiais nos reinados dos soberanos, uma espécie de agentes do rei. Quem era mesmo o arauto real? Quais eram as suas atribuições? Nas vidas dos monarcas, esse personagem era o oficial que fazia as proclamações solenes, o emissário das mensagens; anunciava a guerra e proclamava a paz nas terras do seu rei. Assim sendo, observamos a importância daquele sujeito na mediação da mensagem, no pronunciamento das decisões tomadas, trazendo as novas a um público num determinado governo monárquico. O arauto real pode ser encontrado na obra clássica *Os três mosqueteiros*⁹², uma narrativa na qual alternam-se duelos, intrigas políticas, cavalgadas, raptos, passagens dramáticas e cômicas, cenários que nos remetem ao passado francês. É o que se pode observar na ficção de Alexandre Dumas, quando o arauto real se encontra com os três mosqueteiros Athos, Porthos e Aramis, trazendo uma mensagem do monarca, despertando no leitor, destarte, a importância desse personagem na mediação nos cenários reais.

Talvez, novos arautos foram concebidos nos espaços virtuais; mensageiros envolvidos em missões políticas para a observação das memórias escolares dos usuários nas redes sociais do Orkut; em outras palavras, quem sabe, o universo virtual tenha ressignificado a figura histórica do arauto, num moderador das comunidades das escolas na web, para que este sujeito possa

⁹¹ Escrita retirada do Orkut em 10/07/2011, página do usuário Rafael, moderador da Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro.

⁹² *Os Três Mosqueteiros* é um romance histórico escrito pelo francês Alexandre Dumas. Inicialmente publicado como folhetim no jornal *Le Siècle* de março a julho de 1844, foi posteriormente lançado como livro, ainda em 1844, pelas Edições Baudry, e reeditado em 1846, por J. B. Fellens e L. P. Dufour com ilustrações de Vivant Beaucé. Disponível em <<http://www.editoraevora.com.br/ostresmosqueteiros/tresmosqueteiros.pdf>> Acesso em 16/09/2011.

examinar as narrativas dos sujeitos, analisar as postagens das histórias dos ex-alunos, num esforço em poder sondar as memórias dos usuários da sua rede social, evitando problemas de comunicação, como se pode observar, a seguir, na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

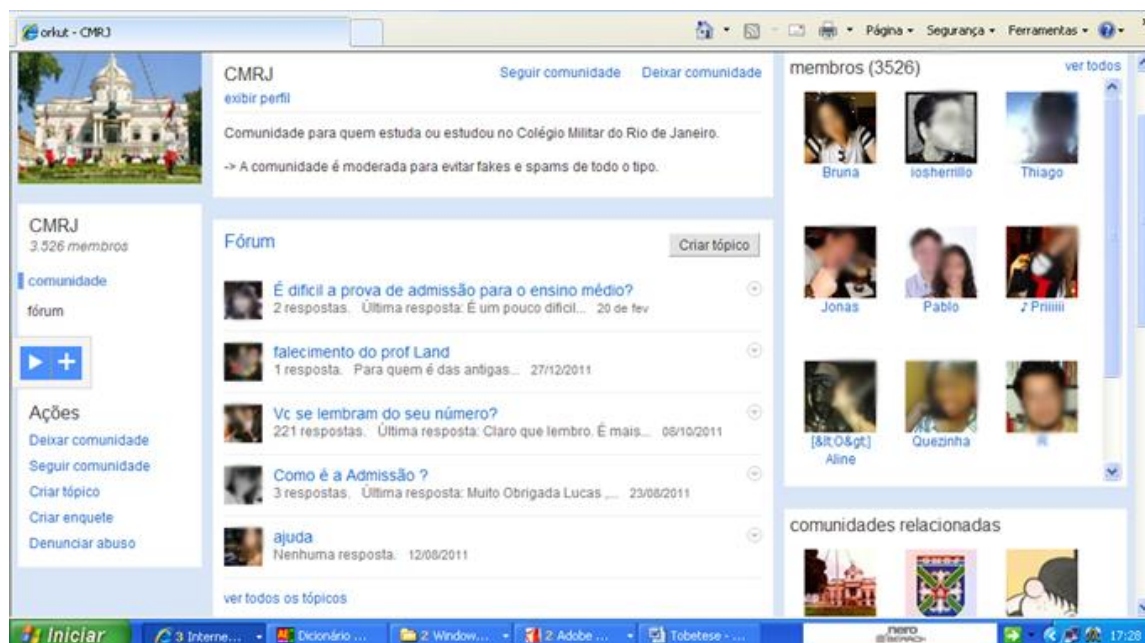


Figura 22 - Página inicial da CMRJ

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 10/07/2011

Na segunda linha da página inicial da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro é possível examinar a expressão: “a comunidade é moderada para evitar *fakes*⁹³ e *spams*⁹⁴ de todos os tipos”, trazendo à tona o compromisso do moderador nas águas desse litoral, as possíveis ações desse sujeito nas escritas com as memórias dos ex-alunos na rede social virtual.

Quem sabe, uma das questões seminais para se pensar a edição e a leitura seja a do processo pelo qual os diferentes autores envolvidos com a publicação dão sentido aos seus textos transmitidos e lidos. Os textos não existem fora dos suportes materiais – sejam eles quais forem – de que são veículos. Não se pode esquecer ainda de que as formas da leitura, da audição ou da visão participam da construção dos seus significados. Essa é a síntese de reflexão acerca dos

⁹³ Vocábulo inglês, literalmente, significa falso; é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na internet para ocultar a identidade real de um usuário, na maioria das vezes usando-se de identidades de famosos, personagens de filmes ou desenhos animados ou mesmo de pessoas conhecidas do dono da conta. Como não se sabe quem é o dono do *fake*, é comum chamar o próprio dono desse perfil de “fake”. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br>> Acesso em 20/09/2011.

⁹⁴ A sigla *Spam*, vem do termo em inglês “spiced ham” (presunto apimentado), e é utilizada para chamar aquelas mensagens eletrônicas não solicitadas, encaminhadas em grande quantidade para o espaço do usuário. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br>> Acesso em 20/09/2011.

Os diferentes Fóruns existentes na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro propiciam aos usuários uma liberdade de escolha para poderem compartilhar os seus *scraps*; *Quem tem medo do Sgt. Tavares, Turma Centenário, Gostaria de manter contato com a turma 1978, Internato* são, portanto, possibilidades de interlocução nessa rede social. Ali, nessa rede social, percebem-se práticas de escrita dos usuários, que compartilham os seus códigos, habilidades e histórias dos tempos escolares.

Os estudos de Thompson (1995) sobre a influência das mídias na sociedade sublinham que as interações comunicacionais eram predominantemente face a face. Este sociólogo inglês nos ajuda a entender que novas redes de transmissão e novos tipos de relacionamentos sociais foram sendo incorporados pela sociedade. Nesse sentido, surgem as interações mediadas⁹⁷ e as interações quase mediadas⁹⁸. Se as modalidades de interação relacionam-se com os diversos contextos sociais,

a apropriação das mensagens da mídia deve ser vista como um processo socialmente diferenciado que depende do conteúdo das mensagens recebidas, da elaboração discursiva das mensagens entre os receptores e dos atributos sociais dos indivíduos que as recebem. (THOMPSON, J., 1995, p. 102)

Por seu turno, em seus estudos⁹⁹, os pesquisadores das ciências da informação Almeida & Crippa (2009) consideram que uma possibilidade de se conceber a mediação é considerá-la como produto resultante da ação dos meios de comunicação e informação. Nessa concepção, é possível apreender que os indivíduos não são informados exclusivamente por meio da comunicação intencional, mas pelo contato com uma grande variedade de objetos. O que leva Buckland (1991) a considerar que a informação se constitui a partir de relações e interações com os movimentos da informação como processo e da informação como conhecimento. Se os sistemas de informação atuam como mediadores materiais, a sua constituição sinaliza uma mediação humana que muitas vezes é esquecida na discussão sobre as novas tecnologias de informação e comunicação. Nesse sentido, é possível observar a seguir os *scraps* do moderador da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, intercedendo a favor de uma organização nessa rede social virtual.

⁹⁷ Aquelas que implicam o uso de um meio técnico, como papel, fios elétricos, ondas eletrônicas etc.

⁹⁸ As relações sociais estabelecidas pelos indivíduos com os conteúdos dos meios de comunicação como livros, jornais, rádio, televisão, e que implicam numa ampla disponibilidade de informação e conteúdo simbólico no espaço e no tempo.

⁹⁹ Artigo publicado para o X ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Disponível em < <http://dci.ccsa.ufpb.br/xenancib> > Acesso em 16/08/2011.

Não vou repetir... Não permitirei bagunças aqui na nossa comu...Apago, deleteo, o que não tiver sentido!!!!¹⁰⁰

Cuidado com as palavras!!!! Vou deletar de novo....!!!!¹⁰¹

Parece mesmo que o moderador Raphael, também usuário da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, está interessado em observar esses *scraps* dos ex-alunos. A sua preocupação em continuar atento ao que se posta, ao que se relata, é bem nítida nas suas escritas, não permitindo nenhum tipo de desentendimento naquele espaço virtual. É nessa rede social virtual, que se observam, portanto, os sujeitos virtuais das comunidades escolares do Orkut intercedendo como emissários, mensageiros, mediadores nessa interface digital; sob essas vagas do oceano da web, movimentam as diversas histórias escolares dos sujeitos intermediadas por esse agente virtual intitulado moderador. Num possível horizonte favorável para se conhecer as missões desses mensageiros do circuito virtual, procurarei levantar uma questão: qual é a função desses moderadores nas comunidades das escolas do Orkut?

Para ajudar a responder essa questão, penso ser importante mergulhar com uma indumentária de mergulho própria na página inicial da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, procurando, assim, me aproximar de alguns dados importantes nas águas nessa página virtual para quem sabe, poder entender melhor sobre a presença dos mediadores nessa rede social do Orkut.

¹⁰⁰ Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, Fórum *Moderadora Comu*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada por Raphael em 10/09/2005.

¹⁰¹ Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, Fórum *Moderadora Comu*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada por Raphael em 18/09/2005.



Figura 24 - Página inicial do CSBRJ

Fonte: Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Acesso em 10/08/2011

Se a descrição inicial da página da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro permite oferecer um recorte no seu público-alvo, destinada, portanto, aos alunos, ex-alunos e professores daquela instituição de ensino, é nesse mesmo território que o moderador Rafael não deixa escapar a sua instrução; ou em outras palavras, exercita a sua função de moderador, postando em letras bem grandes, para provavelmente não se indispor aos futuros problemas na comunidade: “Como todos estudaram aqui no São Bento, sei que sabem ler, portanto não quero reclamações [...] se você quer fazer um anúncio de algo que tenha a ver com a comunidade ou conosco, [...] peça autorização ao manager, assim conseguiremos manter a ordem”; nesse sentido, observa-se na sua escrita um encaminhamento de possíveis exercícios relativos à participação e às práticas de escrita dos sujeitos na página daquela comunidade escolar.

O moderador é um usuário de confiança que o dono da comunidade escolhe para ajudar a mantê-la organizada. Este mediador pode aceitar novos membros, banir, remover usuários das comunidades, como também ser o responsável pela organização dos tópicos e postagens, em outras palavras, apagar tópicos considerados impróprios a partir da memória que deseja preservar. Por sua vez, o dono da comunidade é um usuário membro do Orkut que teve a ideia de criar um novo tema para reunir novos amigos em comum.

Após o meu mergulho virtual, outra inquietação pairou sobre esse pesquisador nesse mar da web: talvez um novo usuário dessa comunidade ou de outras comunidades escolares no

Orkut possa encaminhar a seguinte questão aos seus respectivos moderadores, a título de curiosidade: será que não há falhas nesse sistema virtual? Pensando nos funcionamentos dessa rede social:

“já se proliferam as metáforas procedentes do universo informático quando se trata de arquivar ou deletar algum dado particular do nosso acervo mental, escanear a própria memória procurando algo esquecido, gravar uma informação com segurança redobrada no cérebro, desfazer um pensamento indesejável ou clicar no ponto certo para abrir um link hipertextual. Pode ocorrer, também – e, de fato, isso acontece cada vez mais assiduamente –, que a nossa memória *dê uma pane*. Nesses casos, é bem provável que tenhamos esquecido também de fazer *backup*, uma cópia de segurança das informações mais valiosas. Em certas ocasiões convém desligar o equipamento, desconectar todos os fios, respirar fundo e tentar reiniciar a aparelhagem mental pressionando algum prodigioso botão. Ou, talvez, caiba cogitar a possibilidade de trocar o disco rígido ou, por que não, dar uma turbinada nas capacidades de memória fazendo um *upgrade* geral”. (SIBILIA, 2008, p. 121)

A matéria *Falha no Orkut*, veiculada no jornal on-line Globo.com¹⁰², talvez, possa responder a esse possível novo usuário que falhas no sistema existem, e não há recursos possíveis para os moderadores recorrerem para sanar essa pane. Essa reportagem divulgou que a falha ocorre no processamento das mensagens dos usuários, permitindo que hackers¹⁰³ insiram um código JavaScript¹⁰⁴, tornando a pessoa um membro da comunidade. Ao acessar os *scraps*, além de ser levado e tornar-se membro da página “Infectados pelo Vírus do Orkut”, o usuário passa o bug¹⁰⁵ automaticamente para os amigos. O colunista Rohr (2010) explica que basta os usuários não acessarem as páginas de mensagens dos amigos até o problema ser resolvido para evitar ser atingido pelo *bug*, ou em outras palavras, o erro. Talvez, não haja tanta segurança por parte do sistema para que o moderador das escolas do Orkut permaneça seguro nas suas atribuições virtuais.

Trazer à baila a discussão sobre os moderadores nas redes sociais da web, suas atribuições, suas influências nas comunidades escolares é também uma preocupação de quem trabalha com a escrita, a memória e a história. Os textos eletrônicos, escritos e lidos nas telas dos computadores instauram novos hábitos e práticas, tanto para os autores quanto para os leitores. A seu ver, Sibilía (2008, p.152) assinala que: “[...]os signos se propagam na magia etérea dos impulsos

¹⁰²Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2010/09/falha-do-orkut>> Acesso em 18/07/2011.

¹⁰³Indivíduo que acede ilegalmente a sistemas computacionais; pirata informático. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>> Acesso em 21/09/2011.

¹⁰⁴Linguagem para programação em navegadores da web.

¹⁰⁵ Chamado de falha na lógica programacional de um programa de computador, e pode causar discrepâncias no objetivo, ou impossibilidade de realização, de uma ação na utilização de um programa de computador ou apenas uma trava no sistema. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>> Acesso em 21/09/2011.

elétricos e passam a brilhar na tela do monitor. Convertem-se em pura luz intangível, algo que aparenta não possuir qualquer consistência material.” Assim, esses hipertextos no ambiente multimídia seriam as novas formas de escritura e de comunicação que expandem, ampliam e aumentam a rapidez da circulação da informação. Nas palavras de Ossenbach Sauter & Somoza Rodriguez (2003, p.902): “[...] El lector de hipertexto está obligado a tomar decisiones propias para establecer un itinerario de lectura posible y fértil para su curiosidad, su interés o sus necesidades intelectuales”.

Se as escritas íntimas e confessionais das cartas e diários exigiam a solidão do autor no momento da sua criação, além de uma distância espacial com relação ao destinatário desses textos e aos seus eventuais leitores, nas versões digitais, sobretudo nas novas redes sociais virtuais, essas escritas íntimas¹⁰⁶ sugerem implicações nas experiências cotidianas, nas suas elaborações e nas suas leituras:

“los rasgos que definen el texto electrónico: su inmaterialidad, ya que en sí mismo no existe salvo cuando es traído a la pantalla del ordenador pulsando una tecla o presionando con el ´ratón` en el punto indicado. Esa misma inconsistencia y fugacidad entraña algunas mudanzas en el concepto y práctica de la lectura. Leer en La pantalla no es igual que hacerlo en un libro-códice apoyado sobre una mesa o sostenido entre las manos. El nuevo soporte induce una modalidad lectora fragmentada y discontinua efectuada conforme ´bajamos` el texto en la pantalla del ordenador, en cierto sentido como se hacía antiguamente al desplegar horizontal o verticalmente el rollo, o al ritmo establecido por La apertura de enlaces y ventanas. Por eso mismo la obra como totalidad no existe, a diferencia de cuanto sabemos de La cultura manuscrita e impresa. En la pantalla los textos son porciones que se suceden, de ahí que nuestra manera de efectuar la lectura no pueda ser igual”. (CASTILLO GÓMEZ, 2005, p.344)

Nesse sentido, a escrita serve como instrumento para tecer a memória de um tempo escolar; as postagens dos ex-alunos nas comunidades das escolas pedem passagem para uma discussão de uma história de um tempo de moderadores virtuais nas redes sociais da internet. A moderadora da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro também enfatiza ser responsável pela boa organização na sua rede social, com um possível olhar de censura. É o que podemos observar nos *scraps* encontrados na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro a seguir.

Leio, apago, deleteo, caso não interesse para o grupo! Não adianta reclamar!!!!¹⁰⁷

¹⁰⁶ BAUMAN, Zygmunt. Entrevista cedida à jornalista Laura Greenhalgh, em 30/04/2011, no jornal *O Estado de São Paulo* online. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-face-humana-da-sociologia>> Acesso em 28/08/2011.

¹⁰⁷ Escrita retirada do Orkut em 26/04/2010, Fórum *Eu modero*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada por Aline P. em 18/09/2005.

Deletei umas palavras chulas da nossa comunidade!!! Por favor, evitem!!! Obrigada!!!¹⁰⁸

As palavras da moderadora da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro conferem a sua atenção naquilo que está sendo postado na rede social; a sua função de observadora e mantenedora de um espaço livre de transtornos, lhe confere possíveis ações, como por exemplo, deletar, apagar possíveis escritas que inspire cuidados com as memórias dos ex-alunos.

Por outro lado, numa leitura nada otimista do universo dos mediadores nas redes sociais da internet, Martín-Barbeiro concedeu uma entrevista¹⁰⁹ ao jornal *Folha de São Paulo*, vendo a internet como um dos fatores de desestabilização do mundo. Para este filósofo espanhol, fala-se em rede social, mas o que isso significa?

Comunidade não é homogeneidade. Mas o que me ocorre ao usarmos o termo comunidade para esses *sites* é que nunca a sociedade moderna foi tão distinta da comunidade originária. O sentido do que entendemos por sociedade mudou. Veja os vizinhos, que eram uma forma de sobrevivência da velha comunidade na sociedade moderna. Hoje, nos apartamentos, ninguém sabe nada do outro. Outra chave: o parentesco. A família extensa sumiu. Hoje, uma família é um casal. O que temos chamado de sociedade está mudando. Creio que há pessoas nessas redes sociais virtuais que pela primeira vez em suas vidas, se sentem em sociedade. Um inglês que passa boa parte de sua vida só, em um *pub*, com sua grande cerveja, desfruta muito desse modo de vida. Nós, latinos, desfrutamos mais, estando juntos. Evidentemente a relação com as redes sociais é distinta. O *site* é real, mas a maneira como nos relacionamos, como o usamos, é muito distinta. [...] Não quero ser catastrofista, mas o tanto que a internet nos permite ver é proporcional ao tanto que sou visto. Em quanto mais páginas entro, mais gente me vê. Hoje há tanta informação que é muito difícil saber o que é importante. [...] Há muitas coisas a repensar radicalmente. (MARTIN-BARBEIRO, 2009, *Folha de São Paulo*, 23/08/2009)

Ao retomar o contato com os moderadores das seguintes comunidades escolares do Orkut: Colégio Militar do Rio de Janeiro, Colégio Marista São José do Rio de Janeiro e Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, que concordaram via e-mail em participar de uma entrevista virtual; solicitei-lhes uma possível resposta a algumas questões¹¹⁰ que foram inspiradas no questionário¹¹¹ formulado por Alberca (2000).

¹⁰⁸ Escrita retirada do Orkut em 26/04/2010, Fórum *Eu modero*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada por Aline P. em 18/09/2005.

¹⁰⁹ Concedida ao jornalista Essensfelder em 23/08/2009, no jornal *Folha de São Paulo*. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/19281108/Martin-Barbero-Entrevista-FSP-23809>> Acesso em 28/08/2011.

¹¹⁰ Foram as seguintes questões encaminhadas para os moderadores virtuais: quando surgiu e qual(is) o(s) motivo(s) que o levou a ser um moderador na comunidade da sua escola no Orkut? Há algum estatuto para ser moderador? Qual o papel do moderador nesta comunidade virtual? Você usa algum mecanismo para verificar de fato que um novo usuário realmente teve algum vínculo com a sua escola? Qual o mecanismo? Quais as regras utilizadas para se permitir o acesso de um(a) novo(a) usuário(a)? Você armazena todas as escritas dos usuários? Caso afirmativo, quais os critérios que você utiliza para armazená-las? Com que frequência você acessa a sua comunidade? Por quê? Na sua opinião, qual(is) o(s) motivo(s) que estimula(m) o usuário a participar desta

A visão de um moderador entrevistado é uma, portanto, entre muitas possíveis. Conhecer essas diferentes perspectivas talvez, possibilite compreender um pouco mais sobre esse tipo de mediação nas redes sociais virtuais; com isso, é possível dizer que esses depoimentos não foram observados como materiais absolutos, capazes de esgotar a temática e propor uma via de mão única para se pensar este assunto. Nesse sentido, Ortega y Gasset (1998, p. 523), nos adverte que visões distintas não se excluem, pelo contrário, tendem a se integrar já que se uma realidade que é vista a partir de qualquer ponto permanecesse sempre idêntica: “seria um conceito absurdo[...] cada vida é um ponto de vista[...] a única perspectiva falsa é essa que pretende ser única.”¹¹²

As respostas desses moderadores são fontes valiosas no esforço em compreender os comportamentos e as atribuições desses mediadores nas comunidades escolares do Orkut. As entrevistas foram realizadas via e-mail, após a minha primeira tentativa de aproximação, a partir de uma carta digital, postada nas suas respectivas comunidades das quais são os moderadores, permitindo, assim, a troca de endereços eletrônicos. É importante ressaltar que não houve a preocupação, nesta investigação, em saber se o entrevistado disse ou não “a verdade” nas suas respostas. O interesse está em compreender suas visões, impressões, interpretações, enfim: “no que foi escolhido para perpetuar-se na história da sua vida”. (ECLÉA BOSI, 2004, p.37).

Nos privilégios dos moderadores das comunidades escolares do Orkut incluem-se: excluir tópicos, mensagens e eventos inadequados da comunidade assim como aceitar, recusar, expulsar e remover membros e suas postagens. A comunidade é criada e possibilita até 10 moderadores gerenciarem esta rede de sociabilidade; talvez, isso possa explicar o sentido ubíquo dessa rede social, em que até os moderadores podem renunciar e transferir a moderação da comunidade.

A epígrafe deste texto nos mostra alguns predicados do usuário Rafael, ex-aluno do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, moderador da comunidade virtual de mesmo nome, o entrevistado via e-mail¹¹³. As questões foram formuladas por mim, pesquisador-entrevistador e as respostas concedidas pelo moderador Rafael. Nas suas palavras, observa-se o empenho do

comunidade? Quais os Fóruns que você criou com mais postagens? Você poderia identificar qual é o tema mais recorrente nesta rede de sociabilidade virtual? Você já promoveu algum encontro presencial com os usuários da comunidade? Tem vontade de fazê-lo? Alguma vez você já leu algo postado por algum usuário, do qual você não tenha gostado? O que fez? Assinale quais os tipos de textos que você mais percebe circular na comunidade: poemas, crônicas, recordações, relatos, pensamentos, artigos, correspondências, fotografias, imagens.

¹¹¹ O autor espanhol aplicou em 1995 e 1996, em Málaga, aos alunos universitários e do ensino médio, num total de 702 sujeitos, entre homens e mulheres, para entender se mesmo num mundo dominado pela cultura audiovisual, havia espaço para a cultura escrita de um diário.

¹¹² REGO, Teresa Cristina. *Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

¹¹³ Entrevista concedida via e-mail em 19/10/2010.

ex-aluno em manter a sua turma bem informada nas tarefas escolares, nos compromissos dos estudantes, submetendo-o ao esforço expressivo em apenas aceitar professores da turma e amigos da classe como novos integrantes da comunidade. Embora tenha utilizado bastante como ferramenta para a comunicação com os amigos da classe, nos dias atuais, ele afirma que o Orkut perdeu a sua popularidade para o Facebook, nesse sentido, ele atualmente acessa poucas vezes a sua comunidade. Respondendo as questões sem a preocupação em desenvolver as suas respostas, ele informa que criou um Fórum intitulado *Oração de São Bento* e, na época, não pensou em promover encontros presenciais com a turma. O moderador Rafael relata que sempre vigiava os *scraps* e já havia respondido e deletado uma postagem na comunidade. Para finalizar, ele registra que os tipos de textos mais observados na comunidade são: poemas, relatos do tempo da escola, pensamentos e reflexões de si.

Embora este estudo não esteja voltado para outras redes de sociais da web, talvez seja interessante refletir sobre as mesmas, devido ao comentário do entrevistado Rafael acerca da popularidade da rede social Facebook, que acabou comprometendo o seu comportamento de moderador na comunidade da sua ex-escola no Orkut. Uma reportagem da colunista Sartori do portal Terra on-line¹¹⁴, veiculada em 17/08/2011¹¹⁵, declarou que a última pesquisa CNT/Sensus¹¹⁶ mostra que o Orkut ainda é a principal rede social acessada pelos brasileiros. A pesquisa mostrou que 64,5% dos entrevistados têm conta na rede social do Google, número que cai para 37,4% no Facebook e para apenas 20,8% no Twitter. Assim, é possível perceber que ainda o Orkut é a rede social mais frequentada na web, o que não significa dizer que não haverá alguma mudança no futuro¹¹⁷.

O artigo publicado por Savazoni (2011) em *Retrato do Brasil*¹¹⁸ intitulado “O duplo Perfil”¹¹⁹ traz para o debate as tensões vividas pelos usuários com os fenômenos das redes sociais na internet; o texto daquele autor faz referência à invenção do Facebook¹²⁰, por Mark

¹¹⁴ Disponível em <<http://tecnologia.terra.com.br/noticias>> Acesso em 21/08/2011.

¹¹⁵ Data em que foi elaborado esse texto.

¹¹⁶ Um retrato do que pensa a população brasileira sobre os principais assuntos do momento. Essa é a Pesquisa CNT/Sensus, que desde 1998, mostra a opinião dos cidadãos sobre os principais temas nacionais, como política, economia, emprego, renda, saúde, educação e segurança pública. Disponível em <<http://www.cnt.org.br>> Acesso em 25/08/2011.

¹¹⁷ Essa pesquisa foi desenvolvida no segundo semestre de 2011, logo, os pontos percentuais são relativos ao período que foi escrito esse texto.

¹¹⁸ Disponível em <<http://www.oretratodobrasil.com.br/revista>. Edição nº 44 de março/2011> Acesso em 10/09/2011.

¹¹⁹ Disponível em <http://www.oretratodobrasil.com.br/edicoes_anteriores/oduploperfil> Acesso em 10/09/2011.

¹²⁰ *Facebook* é uma rede social lançada em 4 de fevereiro de 2004. Foi fundada por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes. Disponível em <<http://facebook.com>> Acesso em 10/09/2011.

Zuckerberg. Dialogando com os professores André Lemos¹²¹, Giselle Beiguelman¹²², Ivana Bentes¹²³ e Sérgio Amadeu da Silveira¹²⁴, Savazoni nos instiga a pensar que um site de rede social tem três características: 1) permitir ao usuário construir um perfil; 2) articular uma lista de amigos e conhecidos; 3) visualizar e cruzar sua lista de amigos com os seus associados e com outras pessoas dentro do sistema; o autor deste artigo também destaca que a explosão dessas redes sociais virtuais ocorreriam a partir da criação do *Friendster*¹²⁵ e, logo depois, do *MySpace*¹²⁶. No Brasil, diferentemente dos outros países, a experiência foi singular; o que o mundo vem experimentando nos últimos dois anos com o crescimento do Facebook, os brasileiros experimentaram a partir de 2004, com a invasão do Orkut.

Se como Lévy & Lemos (2010) declaram: “a rede não é o canal por onde passam coisas, como pensamos comumente, mas algo fluido, movente: ela é a relação que se estabelece, a cada momento, entre os diversos atores, ela é o que agrega, ela faz o social”:

o decisivo é que o desejo, a criação, a colaboração vêm antes e não se reduzem ao comando, transbordam os dispositivos, mesmo quando são capturados, rastreados, monetizados. Para ser mais brutal, eu diria que por enquanto precisamos também dos Facebooks e Googles para fazer a insurreição digital que será decisiva para inventarmos uma nova política para o século XXI. Pós-Google e pós-Face. (BENTES, 2006, p. 136)

Eu me arrisco a pensar que essas redes sociais contribuem, não se esgotam, assim, talvez, o melhor caminho seja o de pensar nessas redes sociais como fluidas, efêmeras, nascidas para durar pouco, como as próprias escritas desses usuários das comunidades escolares do Orkut.

Por sua vez, a outra moderadora, agora da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Aline P., informou que sempre gostou de internet, e por isso, resolveu moderar essa comunidade do Orkut. Atenta, ela a acessava três vezes na semana, motivada em rever nos *scraps*, os acontecimentos escolares semanais. As memórias dos ex-alunos foram as razões fundamentais em manter a moderadora em cena para observar as escritas postadas. Expressando-se também com poucas palavras, ela informou que também deletou alguns *posts* e

¹²¹ Universidade Federal da Bahia – UFBA.

¹²² Universidade de São Paulo – USP.

¹²³ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

¹²⁴ Universidade Federal do ABC – UFABC.

¹²⁵ *Friendster* é uma rede social fundada em 2002 por Jonathan Abrams em Mountain View, Califórnia. Foi pioneira no gênero, que tem como exemplos mais famosos o Orkut, MySpace e o Facebook. Disponível em <<http://frienster.com.br>> Acesso em 10/09/2011.

¹²⁶ *MySpace* é um serviço de rede social que utiliza a Internet para comunicação on-line através de uma rede interativa de fotos, blogs e perfis de usuário. Foi criada em 2003. Inclui um sistema interno de e-mail, fóruns e grupos. Disponível em <<http://myspace.com.br>> Acesso em 10/09/2011.

os tipos dos textos mais presentes em sua comunidade são: relatos dos tempo da escola, assim como pensamentos e reflexões.

A última entrevista realizada foi a com o moderador Raphael, ex-aluno do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Ele afirmou que a comunidade da sua escola foi criada para uma relação de amizades virtuais. Com suas respostas mais desenvolvidas, suas palavras otimizam um compromisso desse moderador em manter uma organização na comunidade, em aceitar os novos membros, além de comandar as postagens que circulam nesse espaço virtual: “é preciso verificar o que está transitando no meio”. O ex-aluno declarou que uma das funções dessas postagens era saber quais as novidades do colégio que ninguém tinha coragem de falar ao vivo. Ele mencionou que a turma já havia agendado alguns encontros, contudo ressaltou pouquíssimas presenças nas reuniões fora da escola. Raphael já encontrou algo impróprio postado por algum ex-aluno, levando-o a advertir o usuário e deletar o seu *scrap*. Quanto aos tipos de textos mais presentes na comunidade são: relatos do tempo da escola, pensamentos e reflexões.

Foi a partir das experiências dos entrevistados que pudemos compreender, um pouco, quais os motivos, as representações, as importâncias desses moderadores nas redes sociais do Orkut. Como por exemplo, o moderador Raphael, do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, destaca que é possível observar nesse espaço virtual, novidades do colégio que ninguém tem coragem de falar ao vivo, o que torna esta comunidade virtual muito frequentada, um local de interação muito visitado pelos ex-alunos. A moderadora Aline P., por sua vez, afirma que se tornou moderadora porque foi eleita a representante da turma e que tinha encontrado, portanto, um espaço no qual poderia passar os últimos informes para os colegas. É possível, neste sentido, observar a importância de se mediar nesse espaço virtual, onde se constroem histórias da escola que nos convidam ao mundo das memórias. Neste encontro entre memória coletiva e individual localiza-se um possível convite à participação na história¹²⁷.

As palavras dos moderadores entrevistados podem ser cotejadas e sistematizadas por meio de alguns destaques principais. Numa tentativa de mapear os depoimentos dos moderadores para expor as opiniões que mantêm uma semelhança nas ideias, criou-se uma tabela com o objetivo de pontuar, tornar mais visíveis, essas possíveis reflexões semelhantes destes moderadores.

¹²⁷ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1983.

Moderadores Questões	Moderador Rafael do Colégio de São Bento do RJ	Moderadora Aline P. do Colégio Militar do RJ	Moderador Raphael do Colégio Marista São José do RJ
Motivo(s) que o(a) levou(aram) a ser um moderador(a)?	Nossa turma queria interagir mais, se conhecer melhor, assim, eu optei em ser o moderador.	Como sempre gostei de internet, resolvi moderar a comunidade para me aproximar mais dos meus colegas da turma.	A comunidade foi criada para uma relação de amizades virtuais.
Alguma vez você já leu algo postado por algum usuário, do qual você não tenha gostado? O que fez?	Sim, respondi e deletei.	Sim, deletei.	Sim, apaguei e adverti o usuário.
Quais os tipos de textos que você mais percebe circular?	relatos do tempo da escola, pensamentos e reflexões.	relatos do tempo da escola, pensamentos e reflexões	relatos do tempo da escola, pensamentos e reflexões.

Quadro 7 – Depoimentos dos três moderadores das comunidades escolares do Orkut
Fonte: entrevista com os moderadores das comunidades do Orkut

Os depoimentos dos moderadores deixam entrever que as suas funções nas comunidades escolares podem ser variadas, contudo alguns testemunhos oferecem uma margem de aproximação, sobretudo quando o tema é a textualidade observada nesses espaços virtuais, assim como a execução sumária dos moderadores ao intervir nos textos dos usuários. Essas reflexões nos guiam aos estudos acerca da revolução do mundo digital:

uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição. Nesse sentido, o leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. Nesse processo desaparece a atribuição dos textos ao nome do seu autor, ou do editor, já que estão constantemente modificados por uma escritura coletiva, múltipla, polifônica. (CHARTIER, 2002, p. 25)

Percebo ainda que o desejo de ser moderador nas comunidades das escolas do Orkut nos três depoimentos evidencia a preocupação dos sujeitos em se aproximarem um dos outros, e faz pressupor um clima favorável de amizade e consideração entre moderadores e usuários

nessa rede social virtual. Com a pressão atmosférica favorável, os ventos fracos e uma temperatura agradável por que não continuarmos a navegar nesses mares da web, procurando examinar os possíveis horizontes de sentido nas mediações e nas práticas de escrita nessa rede social virtual? A seguir, O Fórum *Alguém da turma 1970/1976?* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, quem sabe, possa nos inspirar para se poder refletir se o mediador dessa rede social pode ser considerado um editor.



Figura 25- Fórum *alguém da turma 1970/76?*

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 18/08/2011

As memórias postadas pelo usuário Maurício M. encenam a sua passagem pelo Colégio Militar do Rio de Janeiro assim como a do seu irmão, que estudou de 1969 a 1975. Em seu texto: “eu fui bicho de vocês”, a sua memória viaja ao tempo de estudante. Observa-se, dessa maneira, como que as novas possibilidades oferecidas por esse texto digital, maleável e aberto a reescrituras múltiplas, colocam em questão os próprios fundamentos da apropriação individual dos textos. Os hipertextos e o universo virtual nos trazem novas problemáticas, acometendo-nos a refletir sobre as suas escritas e as suas mediações editoriais.

Para abrilhantar essa discussão, proponho inicialmente recorrer à reflexão de Foucault (1992, p.70) proferida em sua conferência, em 1969: “Nas diversas culturas e épocas históricas, existem certos discursos que estão dotados da função de autor e outros que dela prescindem”.

Nesse sentido, é possível pensar que a função-autor é uma das formas da função-sujeito e, como tal, ela também muda historicamente¹²⁸.

Por seu turno, Barthes (1999) apresenta a ideia do autor como sujeito social e historicamente constituído, e o vê como um produto do ato de escrever. Nessa acepção, o hipertexto vai ao encontro das postulações de Barthes quando liberta a escrita da possível tirania do autor, pela facilidade que oferece a cada interlocutor de adicionar, alterar ou simplesmente editar outro texto. Chartier (1999) acena um possível caminho para se entender sobre os autores diante da textualidade no universo digital, quando essas escritas tomam uma multiplicidade de formas, cada vez mais difíceis de apreender:

Todos os processos modernos sobre a propriedade literária, em particular, em torno da noção de imitação, de plágio, de empréstimo, já estão ligados a esta dupla questão: a dos critérios que caracterizam a obra independentemente de suas diferentes materializações e a de sua identidade específica. A distinção entre a obra e o conjunto das materialidades, das formas por meio das quais ela pode ser vista ou ouvida, designa ela própria o lugar de uma questão ao mesmo tempo jurídica e estética que é preciso aprofundar.[...] Para o autor, assim como para o leitor, as propriedades específicas, os dispositivos materiais, técnicos ou culturais que comandam a produção de um livro ou a sua recepção, de um CD-Rom, de um filme, permanecem diferentes, porque eles derivam de modos de percepção, de hábitos culturais, de técnicas de conhecimentos diferentes. A obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, a cada vez, um outro significado.[...] Talvez os autores da era da mídia, um pouco como o autor do teatro, sejam governados, não mais pela tirania das formas do objeto-livro tradicional, mas, no próprio processo da criação, pela pluralidade das formas de apresentação do texto permitida pelo suporte eletrônico. (CHARTIER, 1999, p. 71)

Nos seus estudos sobre a edição dos textos, Chartier (2001) lembra que uma primeira forma de edição, publicação, foi precisamente a leitura em voz alta de um novo texto; era na prática das universidades ou das cortes medievais, quando publicar um texto era lê-lo em voz alta em um salão, em um cenário literário, como visto algumas vezes com a poesia. O segundo modelo foi o momento em que a edição se vincula ao comércio de livraria; para a terceira forma, a edição moderna do editor como ofício particular, definido mediante critérios intelectuais mais que técnicos ou comerciais, além das edições eletrônicas, que sem dúvida, vieram modificar as relações editoriais. Se for o editor encarregado de reunir o conjunto das seleções feitas para publicar um livro: escolha do texto, escolha do formato, escolha num certo sentido de um mercado por meio da publicidade e da difusão, significa dizer que o editor desempenha o papel central para unificar os processos que fazem de um texto um livro. É possível, assim, entender o editor como um maestro do processo de publicação. Nesse sentido,

¹²⁸ SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

como são essas moderações nas comunidades das escolas no Orkut? Quem sabe, a figura abaixo possa me inspirar a alguma reflexão.



Figura 26 - página inicial da CMRJ

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 19/08/2011

Talvez, o termo apropriação¹²⁹ seja relevante no âmbito das mediações nas comunidades dos ex-alunos no Orkut, como por exemplo, da Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, da qual a usuária Aline P., como se pode observar na figura acima, é a moderadora. É possível pensar que este termo apropriação anule a possibilidade de um único sentido. Se a apropriação segue ou seguirá inevitavelmente para algum lugar que talvez tenha a ver com a intenção do autor, do editor, por que não a do mediador?

Por seu turno, Foucault (1992, p. 68) reflete: “apropriação é, na ordem do discurso, a vontade por parte de uma comunidade, qualquer que seja sua natureza, de estabelecer um monopólio sobre a formação e circulação de discursos”. Nesse sentido, o termo se refere à proibição do acesso dos outros a um discurso monopolizado. Observa-se, assim, uma definição etimológica; uma apropriação como propriedade, como controle, como monopólio. Já para Chartier (2001, p.116) trata-se da apropriação no sentido de fazer algo com o que se recebe: “prefiro utilizar o termo no sentido da pluralidade de usos, da multiplicidade de interpretações, da diversidade de compreensões dos textos”.

¹²⁹ CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.

Na função de observar, eleger, descortinar as expressões e memórias dos ex-alunos para serem recebidas e lidas por tantos outros usuários que as elegerem, o mediador virtual tem a seu favor uma série de ferramentas nas comunidades do Orkut. Quais são essas ferramentas? De que formas o mediador pode utilizá-las? Assim, deixarei as estratégias e os recursos utilizados pelos moderadores destas comunidades do Orkut para serem explanados no estudo a seguir.

2.2 No oceano da informatização tipográfica: ferramentas e recursos do Orkut

*Como podemos ajudá-lo? Ou encontre o que você quer aqui. Pronto para começar?*¹³⁰

Com o tempo estável, ventos brandos, temperatura ideal para mais um mergulho nas águas do oceano da internet, proponho-me a examinar as ferramentas e os recursos do Orkut que estão à disposição de qualquer navegador, a saber: convidar alguém para fazer parte da comunidade da escola, organizar contatos em grupos, enviar um recado para apenas um grupo de amigos da comunidade ou adicionar alguém da sugestão de amigos. Mas como lidar com todas essas informações? Um novo usuário não precisa se desesperar, querer assimilar todos os detalhes em apenas algumas horas, nem muito menos passar todas as madrugadas de plantão para poder aprender a utilizar os recursos disponíveis dessa rede social virtual. Ora, os usuários têm a seu dispor a página¹³¹ do Orkut que oferece informações, dicas, artigos de ajuda, Fórum de ajuda, assim como um canal direto para perguntas, que facilitam e contribuem na busca das informações necessárias para quem deseja navegar nessas águas da web.

Os estudos de Lévy (1999, p.130) fazem lembrar que nesse universo da conexão, “as comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universo por contato”. Nessa cumplicidade dos sujeitos, o estabelecimento de vínculos entre os ex-alunos e o compartilhamento de histórias escolares, tanto o moderador quanto o usuário desfrutam de uma série de dispositivos existentes no sistema para auxiliá-los no envio dos seus *scraps* para os seus amigos. Assim, o universo virtual também se apropriou e produziu a sua própria tipografia;

¹³⁰ Mensagem para o usuário encontrada na página do Orkut. Disponível em <http://www.google.com/support/orkut> Acesso em 18/09/2011.

¹³¹ Disponível em < <http://www.google.com.br/support/forum/p/orkut> > Acesso em 18/09/2011.

remetendo-nos à revolução tecnológica¹³² da escrita operada por Gutenberg, a tipografia permanece viva nas formatações, nos estilos e grafias, mesmo com o advento dos computadores; ou em outras palavras, uma possível informatização tipográfica está disponível nessa rede social do Orkut, podendo oferecer recursos para a produção das memórias dos sujeitos.

Por falar em estabelecimento tipográfico, com o título *Dom Quixote na tipografia*, Chartier (2002, p.33) nos oferece uma revisita histórica na obra de Cervantes¹³³, na qual o protagonista da obra é Dom Quixote, um pequeno fidalgo castelhano que perdeu a razão por muita leitura de romances de cavalaria e pretende imitar seus heróis preferidos, por isso, parte pelo mundo e vive o seu próprio romance de cavalaria. O romance narra as suas aventuras em companhia de Sancho Pança, seu fiel amigo e companheiro, que tem uma visão mais realista. Nessas incursões, ele se envolve em uma série de aventuras. E uma dessas aventuras, mais especificamente, no capítulo LXII, da segunda parte do romance¹³⁴: “[...]indo por uma rua, Dom Quixote levantou os olhos e viu escrito sobre a porta: ‘Aqui se imprimem livros’, o que muito o satisfez porque até então não vira nenhuma tipografia e desejava saber como era”.

Mergulhando na sua página inicial, percebo que o conjunto das estratégias linguísticas utilizadas convocam o interlocutor¹³⁵ ao acesso imediato às páginas do Orkut. A frase *Igual à vida real* assim como as sequências injuntivas: Fale, interaja, converse, comunique-se, divirta-se, estrategicamente utilizadas na página inicial, imbuídas de um espírito atrativo, convidam os usuários à viagem neste universo virtual, como se pode observar a seguir.

¹³² A escrita passou a ficar duradouramente fixada em letras de chumbo; as formas das letras já não evoluíram exclusivamente pela invenção, destreza e fluidez da mão do calígrafo, já não sofreram as mutações próprias do gesto humano de escrever. A partir deste ponto, serão os mestres tipógrafos que orientam a evolução das letras. Com o advento da fundição de tipos, passamos a falar de letras fundidas, de fontes. In: CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Sabotit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

¹³³ *Dom Quixote de La Mancha* (*Don Quijote de la Mancha* em castelhano) é um livro escrito pelo espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616). O título e ortografia originais eram *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*, com sua primeira edição publicada em Madrid no ano de 1605. É composto por 126 capítulos, divididos em duas partes: a primeira surgida em 1605 e a outra em 1615. Disponível em <<http://www.unila.edu.br/node/239>> Acesso em 10/09/2011.

¹³⁴ CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002. p.34.

¹³⁵ **Igual à vida real.** Fale com todos os seus amigos ou apenas com grupos separados. Você controla quem vê o quê. Interaja com seu melhor amigo, seu chefe e até com sua avó com privacidade. **Comunique-se:** *Chat, scraps* e comentários: converse com cada grupo de amigos como você quiser. **Divirta-se!** Compartilhe fotos, vídeos e novidades facilmente. Participe de comunidades para discutir assuntos de seu interesse. Disponível em <<http://www.google.com>> Acesso em 21/08/2011.

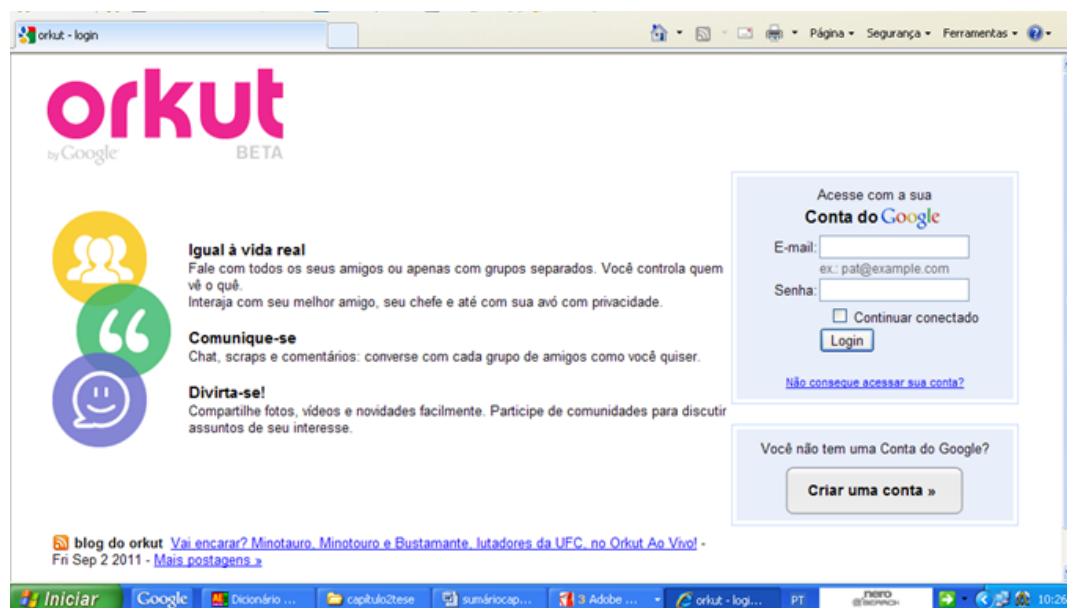


Figura 27 - Página inicial da rede social do Orkut

Fonte: <<http://www.google.com/accounts/ServiceLogin>> Acesso em 19/08/2011

Ao me aproximar da página inicial do Orkut, identifico alguns traços marcantes que garantem ao usuário um acesso rápido às comunidades das escolas. Através de um passaporte chamado e-mail pessoal, criado anteriormente na conta do *Google*¹³⁶, e a sua respectiva senha, para que o sistema autorize o acesso ao território dessa rede social; o usuário do sistema estará autorizado a ingressar na página que o convier.

A Google Brasil¹³⁷ afirma que o Orkut ainda possui forte participação no país e apresenta um crescimento constante. Além de destacar o número de recados, fotos e vídeos enviados pelos usuários, a empresa tenta atrair a atenção dos internautas para as comunidades da rede social. Segundo a equipe do *Google*, mais de 30 milhões de brasileiros possui uma conta no serviço e grande parte deles acessa o *site* diariamente. A empresa afirma que a taxa de retorno é muito grande, especialmente em relação ao público jovem, na qual fica em torno de 95%. Além disso, é informado que somente na véspera do Natal de 2010, houve mais de 2 bilhões de acessos em um período de 24 horas, contabilizando no mesmo dia, mais de 93 milhões de novos recados escritos e encaminhados através dessa rede social.

Os estudos de Sibilía (2008) mostram que para além das possibilidades sempre disponíveis em editar, recortar, colar, apagar, um dos traços constitutivos dessas redes sociais virtuais é a sua organização cronológica na apresentação das informações. As últimas atualizações

¹³⁶ Conta do *Google* é um registro que permite o usuário ter acesso ao sistema, utilizando apenas o nome e a sua palavra-passe. Disponível em <<http://support.google.com>> Acesso 20/08/2011.

¹³⁷ Disponível em <<http://google.com/support/orkut/bin/answer>> Acesso 20/08/2011.

aparecem sempre no começo da página inicial e as mais antigas vão ficando cada vez mais embaixo. Além disso, cada postagem ou fragmento de texto é encabeçado pela data e horário da publicação; é o que podemos examinar, a seguir, na página da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro.



Figura 28 - Fórum *Turma 51 de 1980*

Fonte: Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Acesso em 21/09/2011

O *scrap* do usuário Claudio na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro confirma a afirmação da pesquisadora Sibilia (2008) acerca da atualização da postagem do ex-aluno. É possível examinar que há uma atualização feita pelo sistema, realizada em 18/08/2010. Nas palavras de Recuero (2004, p. 140): “Esta estrutura privilegia a atualização mais recente, mostrando ao visitante de modo quase imediato se o *site* foi atualizado ou não. Este esquema se baseia no princípio da atualização frequente, com a última atualização no início do site”.

Tornar-se membro do Orkut significa estar vinculado ao sistema mesmo que o usuário esteja *off-line*, pois o perfil permanece disponível para visitaçã¹³⁸. Destarte, estar no Orkut implica transformar-se navegável e oferecer-se como parte do que pode ser encontrado. As reflexões de Bello (2009) sugerem que o sistema disponibiliza um instrumental, promovendo, por um lado, a comunicação, o relacionamento e o estabelecimento de vínculos entre os usuários, e por outro, projetando o sujeito em um ambiente de alta visibilidade, exibindo para e perante o olhar de todos. O usuário poderá, dessa forma, ser localizado a qualquer momento

¹³⁸ BELLO, Cintia Dal. *Cibercultura e subjetividade: uma investigação sobre a identidade em plataformas virtuais de hiperespetacularização do eu*. Dissertação de Mestrado defendida no PEPGCOS/PUC-SP, em 2009.

para os mais diversos fins. Nesse sentido, a página da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro a seguir, pode nos ajudar a compreender a visibilidade dos usuários nessa rede social.



Figura 29 - Membros do Colégio Marista São José RJ

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 22/08/2011

Os membros da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro congregam nesta rede social um vínculo de amizade, tornando-se visíveis para todos aqueles que estejam interessados em acessar a conta de qualquer um dos membros dessa comunidade escolar; dito de outra forma, os usuários Zé, Guilherme P., Luiza A., Monica R., entre outros, podem, portanto, rastrear, especular, solicitar acesso às páginas dos outros ex-alunos. Nessa acepção, o indivíduo teleinteragente¹³⁹ tem a seu dispor o outro, configurado na página da comunidade escolar do Orkut.

Ao navegar nas águas do oceano do Orkut, o usuário deve concordar, inicialmente, com os seguintes termos de serviço do Google¹⁴⁰: as políticas de privacidade¹⁴¹, ou em outras palavras, o acesso, informações pessoais, opções de compartilhamento e autorização de determinados tipos

¹³⁹ Trivinho (2001, p.125) funde nesta expressão as categorias analíticas de emissor, receptor e mensagem, dado que, para adentrar, navegar, existir, interagir no universo virtual, o usuário precisa, necessariamente, transformar-se em um conjunto de signos verbo-imagéticos-sonoros. In: TRIVINHO, Eugênio. *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

¹⁴⁰ Disponível na página <<http://www.google.com.br/accounts/tos>> Acesso em 21/09/2011.

¹⁴¹ Disponível na página <<http://www.orkut.com/html/pt-BR/privacy.orkut.html>> Acesso em 21/09/2011.

de serviços; as regras e diretrizes da comunidade do Orkut¹⁴², sublinhando que a conta dos usuários é penalizada pela violação das diretrizes para as comunidades; todos esses termos em conjunto são denominados contratos.

Assim, no estatuto virtual¹⁴³, o internauta precisa ter pelo menos 13 (treze) anos de idade para usar essa rede social. Se tiver entre 13 (treze) e 18 (dezoito) anos de idade, o futuro usuário precisa declarar que possui autorização formal dos seus responsáveis ou do seu tutor para aceitar o contrato, e de que é plenamente capaz de compreender e aceitar os termos, condições, obrigações, declarações e garantias estabelecidas no presente documento.

É possível verificar que a *Google* também se reserva o direito de recusar o serviço a qualquer usuário, a qualquer momento, sem aviso prévio e por qualquer motivo. Ao possuir uma conta no Orkut, o internauta concorda que as leis do Brasil se aplicarão a esses termos de serviço, bem como a quaisquer disputas que se originem a partir deles. As partes se sujeitam à jurisdição e à competência exclusiva dos tribunais do Brasil, para quaisquer conflitos originários destes termos de serviço.

Os termos de serviço¹⁴⁴ do *Google* destacam a aceitação e o idioma dos termos, a prestação dos serviços, a segurança da conta e senha do usuário, o conteúdo nos serviços, os direitos de propriedade, a licença de conteúdo do usuário, as atualizações de software, o término da relação do usuário com o *Google*, a exclusão de garantias, a limitação de responsabilidade, as políticas relativas a direitos autorais e marcas comerciais, anúncios, outros conteúdos, alterações nos termos e termos jurídicos gerais. Numa tentativa de se examinar mais de perto as águas do *Google* contas, verifica-se a seguir, a página inicial “criar uma conta”; um novo usuário precisa se registrar para que possa participar das comunidades escolares do Orkut.

¹⁴² Disponível na página <<http://www.orkut.com/html/pt-BR/additionalterms.orkut.html>> Acesso em 21/09/2011.

¹⁴³ Disponível na página <<http://support.google.com/adwordspolicy>> Acesso em 21/09/2011.

¹⁴⁴ Disponível na página <<http://support.google.com/adwordspolicy/bin>> Acesso em 21/09/2011.

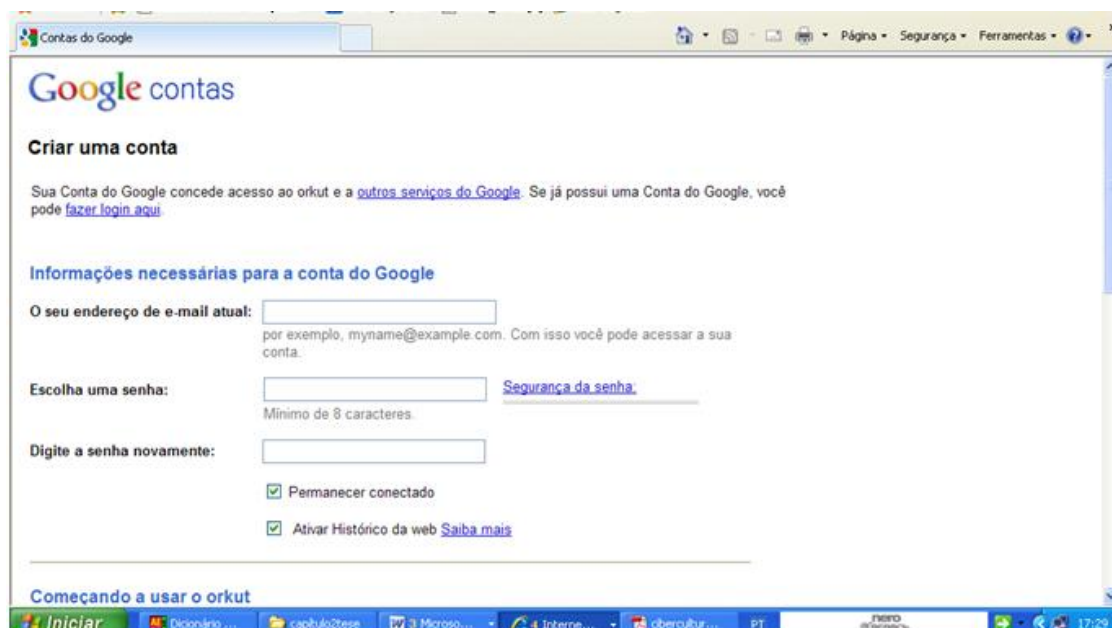


Figura 30 - página inicial do Google - Parte 1

Fonte: <<https://accounts.google.com/newAccount>> Acesso em 20/08/2011

A página inicial do *Google contas*, está à disposição dos novos usuários na internet; há as informações e instruções necessárias para as inscrições dos sujeitos; digitar o e-mail; escolher uma senha; digitar novamente esta senha escolhida; são os primeiros passos. É importante preencher os campos corretamente e clicar no botão “Aceito. Criar minha conta.” Pronto, num clique, o sistema encaminha um e-mail de confirmação para o endereço do usuário, com os dados da sua inscrição. O novo usuário deverá usar o e-mail e a senha escolhida para acessar a página, assim como deverá ler e concordar com os termos de serviço do Orkut. Trata-se, portanto, de uma operação simples para o usuário que deseja se manter ligado aos amigos das comunidades escolares dessa rede social virtual.

Mergulhando nas águas do oceano do *Google*, o usuário poderá criar um perfil ou uma comunidade que inclua informações pessoais; tais informações poderão ser acessadas e visualizadas por outros usuários da internet. É o que podemos ver a seguir, na página inicial do usuário Renato M., ex-aluno do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.

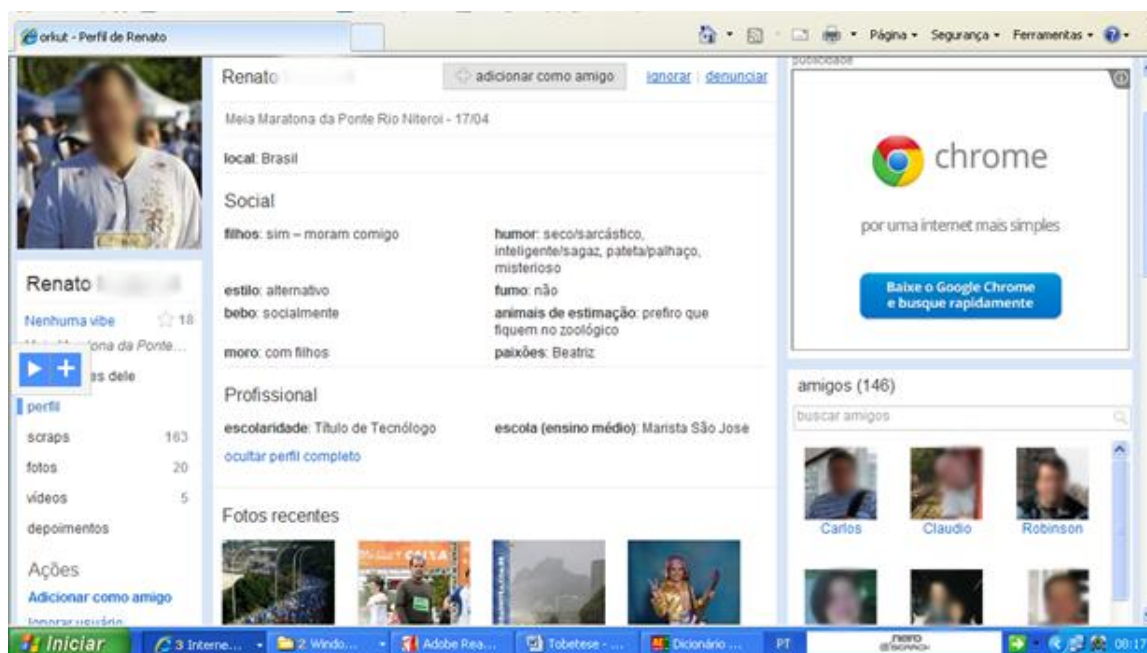


Figura 31- página do usuário Renato M. no Orkut, ex-aluno do CMSJRJ

Fonte: Página do usuário Renato M. Acesso em 24/08/2011

Observo que o usuário Renato M., ex-aluno do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, ao completar o seu perfil social, optou em preencher que mora com os filhos, não fuma, e parece não gostar de animais de estimação, pois enfatiza que os prefere no zoológico. As informações contidas no seu perfil de usuário são exibidas de acordo com as configurações escolhidas. Se o usuário convidar um não usuário para visualizar conteúdos do Orkut, o nome e o e-mail desse sujeito convidado serão utilizados para contato. As mensagens que o usuário recebe do Orkut podem ser enviadas ao e-mail principal ou à caixa de entrada, conforme a preferência indicada na página inicial.

Quando o assunto for o fechamento da conta, o usuário pode fazê-lo a qualquer momento. Se optar em encerrá-la, o seu perfil e as mensagens da caixa de entrada serão removidos do site e excluídos dos servidores do *Google*. Devido à forma de manutenção dos serviços, a exclusão das informações pode não ser imediata, sendo que cópias residuais das informações do seu perfil poderão permanecer nos sistemas de backup.

O sistema encoraja o usuário a utilizar perfis e comunidades no Orkut para compartilhar ideias livremente. Entretanto, ele tem restrições a certos conteúdos e comportamentos inapropriados; a violação a qualquer uma destas restrições pode resultar na suspensão ou remoção de um perfil ou comunidade, como podemos observar na página do Google a seguir.

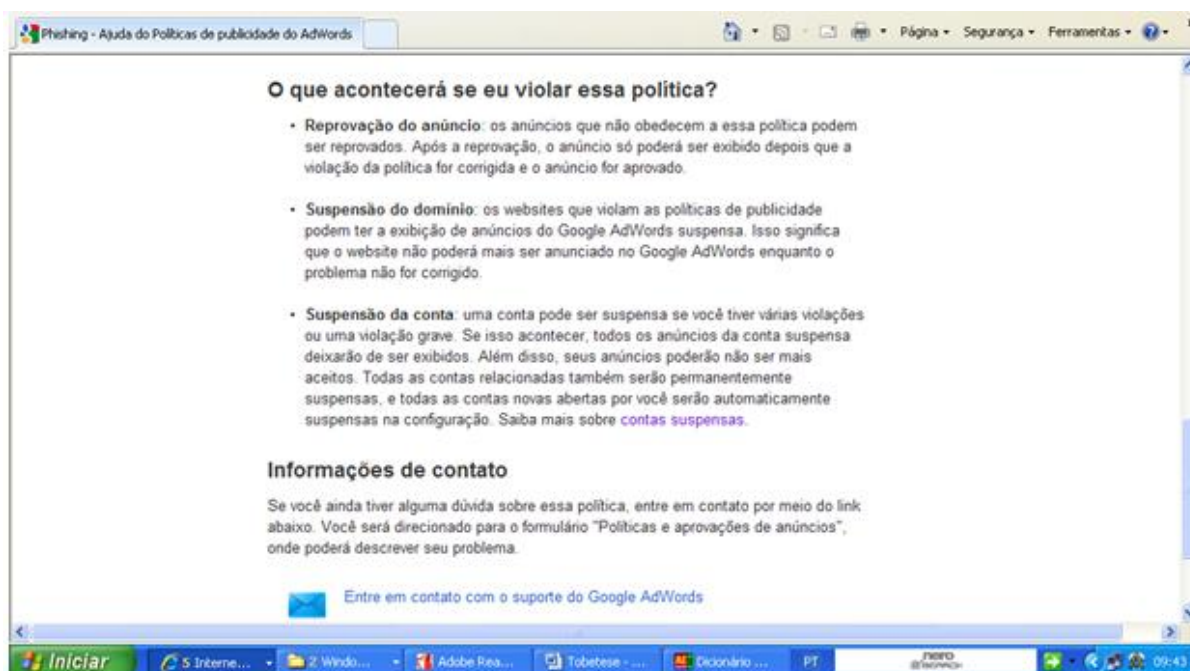


Figura 32 - página inicial do *Google* – Parte 2

Fonte: <http://support.google.com/adwordspolicy/bin/answer>. Acesso em 24/08/2011

As violações graves às políticas do *Google* acarretarão na suspensão da conta, perdendo o usuário o direito ao seu acesso nessa rede social; são elas: nudez e material explicitamente sexual, conteúdo malicioso, comportamento violento, discurso de ódio idade entre outros.

Se por um lado, o sistema do *Google* oferece ao usuário do Orkut tantas ferramentas e dispositivos que procuram contribuir no armazenamento das memórias nesse universo das redes sociais, por outro lado, será que não existe nenhum empecilho nesse sistema que ameace essas escritas transitivas? Como os moderadores lidam com isso? Estas questões poderão ser um convite a um mergulho nas próximas reflexões.

2.3 Na onda dos *posts*: mediadores nos circuitos dos Fóruns escolares

*Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.*¹⁴⁵

Tudo indica que esta navegação pelos oceanos da web vai de vento em popa; ora, melhor notícia, não posso obter; quem sabe, nesta viagem pela internet, rumo à problematização desses *scraps* transitivos, eu possa encontrar tesouros escondidos, jamais revelados em outros suportes, nas memórias dos usuários com as suas histórias dos tempos escolares. Se os *posts* dos usuários podem chamar muito a atenção com as exposições das intimidades dos ex-alunos nessas redes sociais do Orkut, é possível inferir que, por um motivo ou outro, haja possíveis estratégias, alguns pactos, ou quem sabe, convenções que estejam nas entrelinhas entre os mediadores dessas comunidades escolares e os seus respectivos usuários, para que não se estejam em cena algumas histórias muito íntimas dos ex-alunos, evitando, assim, possíveis constrangimentos.

A transferência para outros endereços virtuais postados nos próprios Fóruns escolares, quiçá, seja uma saída para aqueles usuários que assim o fizerem, evitando, desse modo, possíveis embaraços com os ex-alunos dessas redes sociais virtuais. Nas escritas de si das comunidades escolares, os sujeitos assumem uma posição reflexiva em relação à sua história escolar, constituindo, portanto, uma prática privilegiada de acesso a atitudes e representações dos ex-alunos.

Ora, o oceano da web possibilitou ao sujeito investir em outros repertórios para a sua prática da escrita autobiográfica; é o que podemos examinar a seguir, na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, com um número considerável de usuários que compartilham as suas memórias. Entretanto, curiosamente, nessas escritas não se observam possíveis intimidades dos usuários.

¹⁴⁵ Escrita retirada do Fórum *Em que ano vc estudou lá*, da página da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Disponível em < <http://www.orkut.com.br/cmm=9404785> > Acesso em 22/09/2011.

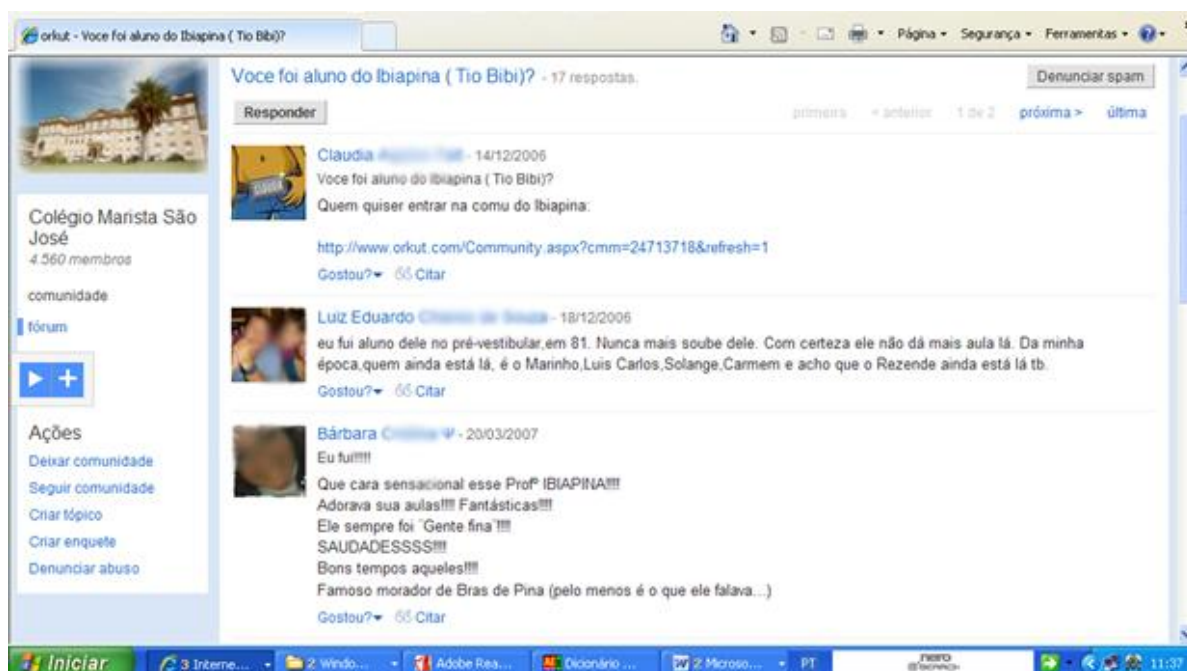


Figura 33 - Fórum *Você foi aluno do Ibiapina (Tio Bibi)?*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 25/08/2011

Os *scraps*, postados pelos usuários Luiz E., Cláudia A. e Bárbara C., deixam entrever um tom saudoso do professor Ibiapina, morador de Brás de Pina, um bairro do Rio de Janeiro. Entre as possíveis descrições do professor e a lembrança de como era chamado, tio Bibi, destaca-se, também, nesse Fórum, a postagem do endereço eletrônico daquele professor¹⁴⁶, espaço para o qual os outros usuários são convidados a participar. Esses sujeitos das comunidades escolares do Orkut utilizam essa rede social como um link convidativo; uma estratégia para se poder ter um espaço onde se possa tratar das intimidades dos usuários; nessa acepção, quem sabe, os moderadores preferiam que essas escritas mais íntimas sejam redirecionadas para outras páginas.

É preciso admitir que os conteúdos nas comunidades escolares podem suscitar questões; há alguma valorização nesses depoimentos dos ex-alunos? Será que essas fontes podem ser observadas como experiências narradas? Ou como possíveis caminhos à espetacularização do sujeito? Diante dessas reflexões, há quem defenda que os usuários deveriam ter o direito de administrar suas próprias memórias nessas comunidades, evitando, assim, a intervenção dos moderadores. Nesse sentido, talvez não seja tão fácil responder às questões propostas, e tampouco tentar encaminhar reflexões apressadamente.

Iniciarei este estudo a partir da reflexão de Sarlo (2007, p.10) quando a autora considera: “Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim

¹⁴⁶ Disponível em <<http://www.orkut.com/community.cmm=24713718>> Acesso em 24/09/2011.

como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada. [...]a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa”. Mas o que faz em nós despertar, involuntariamente, lembranças alegres, tristes, engraçadas ou até mesmo desagradáveis? Tanto as memórias voluntárias como as involuntárias são resultados desse trabalho de busca que, consciente ou inconscientemente, a memória realiza.

Diante de uma memória repentina, involuntária, verifica-se um estímulo do presente em direção ao passado, na busca do registro, que já existe, mas naquele momento, adormecido, acaba presentificado. Em sua obra¹⁴⁷, Proust (1981) oferece um exemplo da memória involuntária; um gole de chá misturado ao de um pequeno bolo, as madeleines, trazendo uma memória fugaz da sua infância.

No texto¹⁴⁸ de Cony (2006), a lembrança do seu pai é evocada a partir de um pacote, sem remetente, no qual reconhece o cheiro e o modo de embrulhar do pai. Logo, nos dois exemplos citados, é possível observar que a motivação para iniciar a narrativa se apresenta involuntariamente¹⁴⁹, mas ambas têm a mesma origem: as sensações pessoais e subjetivas; o paladar em Proust; e do olfato, em Cony.

Ao trazer para a discussão a memória, os estudos¹⁵⁰ de Ecléa Bosi (2003) refletem que a toda hora, somos capazes de reavaliar os aspectos do nosso passado; é como se contássemos histórias a nós mesmos, chegando a registrá-las em forma de diários. Contudo, o relato primordial é o que pode ser feito a outras pessoas; através dele, o que vivemos e que é bem nosso, ganha uma dimensão social, obtém testemunhas, faz com que os outros ampliem sua experiência, através das nossas palavras; há troca e cumplicidade. É possível observar que *Viver, para Contar (a vida)*¹⁵¹, uma possível tradução para o título das memórias de Márquez (2002), serve para todos nós. Viver algo notável gera a necessidade de contar: você sabe o que eu vi? Você sabe o que me aconteceu? O que nos acontece é notável porque nos diz respeito; ora, as águas das comunidades das escolas no Orkut também proporcionam aos usuários essas experiências em relatar as suas histórias de escola através dos *scraps* partilhados e convidativos, estimulando à participação nessa rede social virtual. Nesse sentido, aquela autora afirma: “Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” (ECLÉA BOSI, 2003, p. 69).

¹⁴⁷ PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido – No caminho de Swan* (vol. 1). Porto Alegre: Globo, 1981.

¹⁴⁸ CONY, Carlos Heitor. *Quase memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹⁴⁹ BRANDÃO, Vera M.A.T. *Labirintos da memórias: quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

¹⁵⁰ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*, São Paulo, Ateliê editorial, 2003.

¹⁵¹ MÁRQUEZ, Gabriel Garcia, *Vivir para contar*, Bogotá, Editorial Norma, 2002.

As reflexões de Sibilía (2008) destacam a memória como um processo que ocorre na duração. Ambos os fenômenos: percepção e memória estão relacionados de maneira estreita e complexa. A este respeito, em seu ensaio “Matéria e memória”¹⁵², Bergson (1999) comenta que tanto a percepção como a memória são atos contínuos na experiência vital do sujeito, embora a necessidade de ação imponha limites e filtros na lembrança. Efetua-se um recorte no mundo percebido e lembrado, em função das necessidades e dos interesses presentes do sujeito que percebe e lembra; nesse sentido, percebem-se também estímulos sensoriais que partem do presente em busca de algo no passado escolar nessas redes sociais virtuais; é o que podemos ver a seguir na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.



Figura 34 - Fórum CMRJ

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 24/08/2011

O *scrap* do usuário Odilson documenta que após ter recebido as fotos da cerimônia do dia 6 de maio no seu e-mail, e poder olhá-las atentamente, as memórias dos desfiles, do seu tempo de internato, de 1970 a 1976, vieram a sua mente, lembrando, assim, das suas práticas militares naquela instituição de ensino; nesse sentido, o ex-aluno revisita o seu passado sem suspender o presente. Ao narrar, ele conta as suas histórias naquela instituição de ensino; numa relação dicotômica entre as ações voluntárias e involuntárias, a sua memória é capaz de trazer à tona todas aquelas vivências percebidas do tempo de escola. Então, como tornar valorosa a emoção

¹⁵² BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

vivida pelo usuário da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro? A hegemonia do presente sobre o passado no discurso é da ordem da experiência e se apoia, no caso do testemunho, na memória e a dimensão subjetiva¹⁵³.

O que garante a memória e a primeira pessoa como captação de um sentido de experiência? Sarlo (2007) sugere que as contradições teóricas admitem ao mesmo tempo a indizibilidade de uma verdade e a verdade identitária dos discursos de experiência, criando problemas não só para a filosofia como para a história. Quiçá, quando ninguém estiver disposto a aceitar a verdade de uma história (o que Benjamin denominou os fatos reificados), todos devam parecer mais dispostos à crença nas verdades de histórias no plural. Assim, diante de um otimismo teórico, aquela autora afirma que proliferam as narrações chamadas não ficcionais: testemunhos, histórias de vida, entrevistas, relatos, entre outras. A dimensão intensamente subjetiva caracteriza o presente, e isso também é possível observar nas redes sociais virtuais. Nesse sentido, todos os possíveis gêneros testemunhais parecem capazes de dar sentido à experiência.

Ecléa Bosi (2003) mostra que não entenderemos o ser humano se não prestarmos atenção à sua inserção no seu contexto principal, que é o social. O grupo representa mais do que o conjunto de oportunidades a partir das quais se concretizam as ações individuais, as experiências; é a matriz na qual a individualidade se estrutura e na qual se desenvolvem as ações significativas da pessoa, efetuadas no espírito de pertencer e de participar. Nessa acepção, aquela autora afirma: “Quando um acontecimento mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá a este acontecimento”. (Ecléa Bosi, 2003, p.21). Nesse sentido, os *posts* a seguir dos usuários da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro remetem às memórias dos sujeitos.

Eu me lembro muito bem das nossas comemorações no dia de São Bento! Quantas saudades!!!¹⁵⁴

Eu gostava das brincadeiras da gente...mas às vezes, eu trabalhava tb naqueles eventos!!!!¹⁵⁵

Acesse a página <http://www.orkut.com/community/cmm548972356> e poste a sua melhor foto da sua melhor festa de São Bento¹⁵⁶

¹⁵³ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1997.

¹⁵⁴ Escrita retirada do Orkut em 27/04/2010, Fórum *Dia do São Bento*, da comunidade do colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada por Netinho em 22/08/2005.

¹⁵⁵ Escrita retirada do Orkut em 27/04/2010, Fórum *Dia de São Bento*, da comunidade do colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada por Júlio em 28/09/2005.

Os usuários Netinho e Júlio lembram nos seus *scraps* dessa festa intitulada *Dia de São Bento*, que muito provavelmente trata-se de uma referência festiva daquela instituição de ensino, com uma representação muito forte para aqueles alunos. A influência religiosa, portanto, se faz presente também nas escritas memorialísticas desses usuários; há de se enfatizar também os possíveis silêncios das intimidades desses usuários, o que pode ser examinado no *post* do ex-aluno Renato no qual convida os seus amigos a postar as melhores fotos daquele evento religioso; talvez aqui o moderador dessa comunidade não tenha entrado em cena.

Em contrapartida, Benjamin (1994, p.114) sugere: “a razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações; em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação”. Aquele autor vislumbrou que os tempos modernos teriam aniquilado o velho hábito de contar histórias, bem como o moroso prazer de escutá-las. Por sua vez, Eco (2005, p.98) reflete: “Enquanto um livro requer uma leitura cúmplice e responsável, uma leitura interpretativa, o filme ou a televisão mostram-nos as coisas já prontas”. Nesse sentido, este autor italiano parece denunciar uma possível pobreza num esforço de interpretação pessoal: a comunicação audiovisual, em comparação à riqueza infundável das palavras. Quem sabe, essas escritas nas comunidades escolares possam oferecer sentidos plurais de experiências, como se pode examinar na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro a seguir.

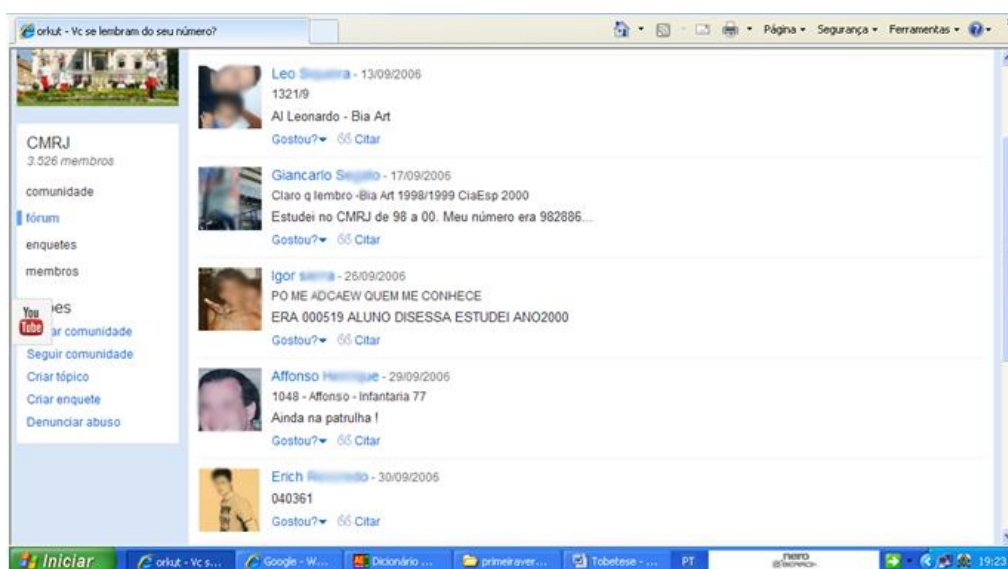


Figura 35 - Fórum Vcs se lembram do seu número?

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 26/08/2011

¹⁵⁶ Escrita retirada do Orkut em 27/04/2010, Fórum *Dia de São Bento*, da comunidade do colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada por Renato em 29/09/2005.

Os números 1321, 982886, 000519, 1048 e 040361 pintam um tempo de escola, deixam entrever histórias, experiências que são trocadas nessa rede social virtual; os usuários Erich R., Affonso H., Igor S., Giancarlo S. e Leo S. vão se construindo a partir das memórias dos seus números naquela instituição de ensino. Portanto, a alusão aos números, relativos aos seus tempos escolares, permitem ampliar o discurso memorialístico, trazendo à baila um diálogo com outros discursos inventariados neste estudo.

Considero que um fato narrado, seja em quaisquer materialidades, pode ser reelaborado e reconstruído pelos vários mecanismos, conscientes e inconscientes, que atuam na formação e consolidação das memórias, seja nas diferentes influências do meio sócio-histórico e do lugar que nele ocupa o narrador; assim, o sujeito da memória se apropria da palavra, da cultura e dos meios para relatar a sua vida.

Ao refletir sobre o eu narrador do universo virtual, Sibilia (2008) destaca os estudos de Debord (1995, p.27): “a arte de conversação estava morta e que logo feneceriam todos seus praticantes, pois o espetáculo era o oposto do diálogo”. Na defesa de que o espetáculo se transformou em nosso modo de vida e em nossa visão de mundo, na forma como nos relacionamos uns com os outros e na maneira como o mundo se organiza, aquela autora afirma que tudo é permeado pelo espetáculo, sem deixar praticamente nada de fora:

Os contornos dessa gelatinosa definição ultrapassam aquilo que se exhibe na mídia, pois o espetáculo recobre toda a superfície do mundo e se banha indefinidamente em sua própria glória. Por isso, em vez de se limitar à enxurrada de imagens que se mostram nas telas e que trituram as velhas potências das palavras – sejam escritas ou conversadas –, o espetáculo é a transformação do mundo nessas imagens (SIBILIA, 2008, p.44)

Esta instância subjetiva do usuário no mundo da modernidade líquida¹⁵⁷ poderá se estabilizar como um personagem da mídia audiovisual. Então, ele tenderá a atuar como se estivesse sempre diante de uma câmera, disposto a se exhibir diante de qualquer tela¹⁵⁸. Agora, dando outra inesperada volta neste parafuso, parece que essas celebridades das telas tornaram-se um fenômeno curioso; é o que se observa, a seguir, na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.

¹⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

¹⁵⁸ SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



Figura 36 - Fórum Fazendo coisas

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 26/08/2011

Parece que os usuários Paulo L., Gabriel C. e Louise A. se empenharam em outras atividades quando estudaram naquele colégio do Rio de Janeiro. Em suas escritas, podemos examinar as suas participações nos campeonatos internos, na animação litúrgica, nos cantos das missas, no grêmio estudantil, entre outras. As suas memórias estão diante de uma câmera para serem visualizadas, exibidas, reconhecidas; parece que não foram visitadas pelo moderador dessa comunidade escolar. As palavras¹⁵⁹ de Bauman (2011) consideram sobre essa chamada sociedade confessional:

Elas parecem nos avisar que chegou a hora de rever o famoso veredicto de Descartes, 'penso, logo existo', alterando-o para, 'sou visto, logo existo'. Como sugere o psicanalista francês Tisseron, os relacionamentos significativos passaram do campo da *intimité* para o da *extimité* - ou seja, extimidade. Celebidades encarnam essa nova condição, funcionando como estrelas-guias, padrões a serem seguidos. Tudo isso comprova o apagamento da sacrossanta divisão entre a esfera privada e a esfera pública, transformamo-nos numa sociedade confessional: microfones são fixados no cofre dos nossos mais recônditos segredos, violando aquilo que só poderia ser transmitido para Deus, ou para os seus mensageiros. Hoje esses microfones se encontram conectados a alto-falantes que bradam nossas vidas em praça pública. (BAUMAN, jornal *o Estado de São Paulo*, 30/04/2011)

¹⁵⁹ Entrevista concedida à jornalista Greenhalgh, em 30/04/2011, no jornal O Estado de São Paulo online. Disponível em < <http://www.estadao.com.br/noticias/a-face-humana-da-sociologia>> Acesso em 30/09/2011.

Por seu turno, Vidal (2000) sugere possíveis mecanismos de identificação na internet porque esse suporte virtual vem se tornando a prioritária fonte de informação para um contingente cada vez maior de leitores. Quem sabe, esse seja o bojo da questão para se pensar nas ações dos mediadores nas comunidades escolares do Orkut. Uma política de preservação, descarte e administração dos conteúdos veiculados nessa rede social do Orkut podem fazer parte de um acordo dos usuários com os moderadores. Quiçá, ainda haja um grande caminho a ser percorrido quando o assunto for a observação feita por esses mediadores das redes sociais virtuais, mesmo sabendo que o provedor¹⁶⁰ não é obrigado a ter controle prévio de conteúdos na internet.

No esforço, ou, mais propriamente, neste movimento de debruçamento subjetivo, o estatuto de moderar pode perder a sua essência, uma vez que o específico, o particular adquirem formas próprias, exigindo um recriar constante de parâmetros narrativos. Sibilia (2008, p.142) adverte: “a relação com a eternidade é outra nos relatos que circulam pelo ciberespaço, pois estes não pretendem atingir uma imortalidade no tempo mas uma celebridade no instante”.

As considerações feitas sobre essa dimensão da escrita de si no ambiente virtual remetem-nos à constatação de que as histórias nelas contidas serão versões individuais ou coletivamente construídas sobre determinados acontecimentos escolares vividos pelos usuários, ou dos quais se inteiraram de diversas formas no seio dos laços sociais virtuais, borrando os limites das fronteiras virtuais. Mas como um mediador/usuário borra as fronteiras do ciberespaço? Qual o significado desse borramento das fronteiras virtuais? Refletirei sobre estas questões mais adiante.

¹⁶⁰ Um provedor de serviços é uma empresa previamente homologada e certificada através de um contrato firmado com o *Registro.br*, para que o registro e a manutenção dos domínios e entidades possam ser feitas através de uma interface específica. Disponível em <<http://www.google.com>> Acesso em 25/09/2011.

2.4 Fronteiras marítimas borradas na web: narrativas transitivas nas redes sociais

Para manter a comunidade organizada, os usuários que enviarem qualquer tipo de spam ou propaganda que não tenha ligação com o nosso colégio São José serão excluídos da comunidade. No caso de reincidência, serão expulsos sem possibilidades de retorno. Peço desculpas se pareço chato, mas temos quase 5 mil membros. Se cada um resolver postar inutilidades, a comunidade perde seu objetivo. Mais uma coisa: eventos na parte de eventos, ou serão deletados.¹⁶¹

Quando se navega neste mar de almirante na web, com horizontes nítidos, temperaturas agradáveis, o convite a outros mergulhos em litorais desconhecidos parece ser inevitável; quem sabe, a epígrafe deste estudo seja um mote para que esse propósito seja realizado. A narrativa do ex-aluno Raphel, usuário da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro me chamou a atenção; as suas palavras explicitam a preocupação em manter o seu papel de mediador na sua rede social: “os usuários que enviarem qualquer tipo de spam ou propaganda que não tenha ligação com o nosso colégio São José serão excluídos da comunidade. No caso de reincidência, serão expulsos sem possibilidades de retorno.”; ora, nesse sentido, observa-se um moderador-usuário preocupado em manter uma comunidade organizada, o que pode me remeter ao clichê da literatura francesa: *Um por todos e todos por um!* da narrativa *Os três mosqueteiros*.

O esforço em visitar outras águas virtuais na literatura francesa pode ser uma boa opção; o brado de união dos três mosqueteiros Athos, Porthos, Aramis e o personagem D'Artagnan que, sob o duplo selo da lealdade e da coragem, tornam-se invencíveis na narrativa *Os Três Mosqueteiros*¹⁶² despertando a fraternidade e, juntos, os quatro enfrentaram grandes aventuras a serviço do rei da França, Luís XIII, e principalmente, da rainha, Ana d'Áustria. Com seus numerosos combates e suas reviravoltas romanescas, este romance histórico é um exemplo típico da narrativa com força literária. Mas qual o possível sentido de se iniciar um texto que trata das comunidades escolares do Orkut na internet, e mais especificamente, no capítulo que

¹⁶¹ Escrita retirada do Orkut em 06/09/2011, Fórum *Mensagem disso e daquilo*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo moderador Raphael em 12/01/2009.

¹⁶² *Os Três Mosqueteiros* é um romance histórico escrito pelo francês Alexandre Dumas. Inicialmente publicado como folhetim no jornal *Le Siècle* de março a julho de 1844, foi posteriormente lançado como livro, ainda em 1844, pelas Edições Baudry, e reeditado em 1846 por J. B. Fellens e L. P. Dufour com ilustrações de Vivant Beaucé. Disponível em < <http://www.livroostresmosqueteiros.com.br> > Acesso em 06/09/2011.

versa sobre os moderadores dessas comunidades escolares com um grito de guerra literário? Uma das possibilidades dessa intertextualidade literária está em perceber que um moderador de uma comunidade escolar pode também ser um usuário nos *scraps* de um Fórum.

O Fórum *Mensagem disso e daquilo* organizado pelo moderador/usuário Raphael da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, poder ser um bom exemplo de borramentos nas águas desta rede social, como se pode examinar a seguir.

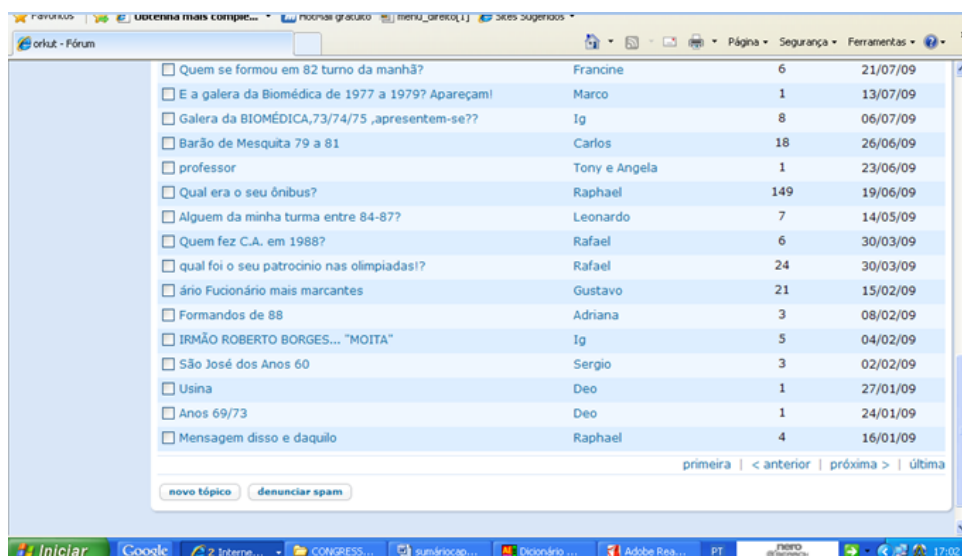


Figura 37 - Fóruns da comunidade do CMSJ RJ

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 27/08/2011

Ao me aproximar do tópico *Mensagem disso e daquilo* criado pelo autor Raphael, com um indicativo de 4 postagens, sendo a última, feita em 16/01/2009, observei um possível sentido das fronteiras das redes sociais virtuais borradas: o usuário Raphael desempenha tanto o papel de moderador da sua comunidade como o do ex-aluno, interagindo com os seus amigos nessa rede social da web, em outras palavras, as marcas das fronteiras virtuais são borradas, móveis, provisórias, transitórias. O espaço virtual definido como um universo de comunicação aberto pela interconexão mundial e das memórias dos computadores:

trata-se do conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos – aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas –, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo, e resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.92)

Nesta interação fluida da comunidade escolar, cabe ao pesquisador analisar essas escritas como parte de uma dada cultura, o que significa compreender as estratégias utilizadas pelos

moderadores/usuários das comunidades para mantê-la organizada, o que se pode observar em outro trecho da epígrafe: “Peço desculpas se pareço chato, mas temos quase 5 mil membros. Se cada um resolver postar inutilidades, a comunidade perde seu objetivo”.

Examinam-se temas variados quando o moderador/usuário também inicia um Fórum para socializar os seus relatos nas comunidades virtuais; o que não significa dizer que outros usuários não possam questionar os seus relatos nessa rede social.



Figura 38 - Fórum *Qual era o seu ônibus?*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 27/08/2011

O Fórum intitulado *Qual era o seu ônibus?* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro trata do transporte escolar oferecido pela instituição de ensino para os ex-alunos. Nas postagens com as suas histórias sobre as utilizações dos ônibus, o usuário Joker questiona sobre o depoimento da ex-aluna Mônica dessa rede social: “Três crianças por banco???? Só se fosse no seu ônibus... fui de vários ônibus e NUNCA vi isso!!!”. A sua escrita pode nos ajudar a pensar sobre a inversão dos papéis: o moderador Raphael cumprindo o papel de apenas um usuário postando as suas histórias, e o ex-aluno Joker, um mediador em potencial. O que pode nos remeter à reflexão sobre os sujeitos¹⁶³ na vida líquida de Bauman (2011): “podem diferir em muitos aspectos, mas o que os une é precisamente sua fragilidade, fugacidade, seu pendor para câmbios constantes”.

Talvez, o ímã irresistível das escritas nas comunidades escolares possa se manifestar na dimensão pragmática da linguagem. Mas o que é isso? Austin (1990) afirma que as dimensões pragmáticas da linguagem vinculam-se, nos seus aspectos centrais, à enunciação, que é a força

¹⁶³ Entrevista cedida à jornalista Laura Greenhalgh, em 30/04/2011, no jornal *O Estado de São Paulo* online. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-face-humana-da-sociologia>> Acesso 27/08/2011.

organizadora particularmente determinante da própria estrutura da língua. A concepção pragmática da linguagem se opõe à ideia de que a língua seja apenas um instrumento para transmitir informações; coloca em primeiro plano o caráter interativo da atividade de linguagem, recompondo o conjunto da situação de enunciação¹⁶⁴. Nesse sentido, pode-se entender que o nível pragmático funde-se, fixa-se imbricado nos níveis gramatical e léxico-semântico – as variadas interações que se dão no discurso. Os estudos de Guimarães (2009) sugerem que a dimensão pragmática se relaciona com a exploração das atitudes do produtor e do receptor do texto nas situações de comunicação: “Ligam-se os traços textuais da intencionalidade referentes a atitudes do produtor, os da aceitabilidade ligados a reações do receptor; os da situacionalidade relacionados com as situações comunicativas”.

Um convite de um usuário aos seus contemporâneos do Colégio Militar do Rio de Janeiro, no Fórum *25 anos da turma de 1984*, é um ponto de partida para se poder entender essa dimensão pragmática da língua. Produtor, receptor, interlocutores, na medida em que manejam a linguagem, mobilizam estratégias – interacional, textual, social – com vistas à produção de sentido; é o que se pode observar no *post* a seguir.

Pessoal da turma de 1984, Dia 15 de dezembro fazemos 25 anos de formados e gostaria de chamar a todos para comemarmos a data. Sei que nem todos são católicos mas de qualquer forma pensei em celebrar na missa do dia 13 de dezembro na capela do colégio. Posteriormente poderíamos brindar em um restaurante nas proximidades. Caso saibam de outros colegas não participantes do orkut mandem a mensagem também para eles. Vamos lá pessoal 25 anos, bodas de prata! Vamos aproveitar a data e rever os amigos e lembrarmos dos momentos felizes, as vezes duros e também difíceis, que estivemos juntos em nosso querido CMRJ. Meu email é: claudiojmsilva@oi.com.br, confirmem a presença mandando um e-mail. Espero que localizemos muitos denós, repassem a todos. Abraços do amigo eterno, Claudio - CANDANGO. Zum, zaravalho! Abcs!¹⁶⁵

Num fascínio em convocar os seus amigos do tempo escolar, o usuário Claudio tem a intenção de celebrar os vinte e cinco anos de formados, é o que se pode observar em sua escrita: “Vamos lá, pessoal, 25 anos, bodas de prata!”. No seu discurso, é possível examinar os seus interlocutores eleitos, a saber, aqueles que acompanharam a sua história no Colégio Militar do Rio de Janeiro: “Vamos aproveitar a data e rever os amigos e lembrarmos os momentos felizes, às vezes duro e também difíceis, que estivemos juntos em nosso querido CMRJ”. O que também pode ser visto é o seu esforço em interagir nessa rede social virtual: “O meu e-mail é

¹⁶⁴ GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.

¹⁶⁵ Escrita retirada do Orkut em 28/08/2011, *Fórum 25 anos da turma de 1984*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Claudio em 12/01/2005.

claudiojmsilva@oi.com.br. [...] Repassem a todos.” Ora, há também neste *scrap* uma preocupação em manter-se unido, ligado, aos seus amigos, criando um possível sentido de fluidez entre os laços sociais das fronteiras virtuais.

Sibilia (2008) reflete sobre a transformação tecnológica ao entender que nesse novo contexto, cabe à tela, ou à mera visibilidade, a capacidade de conceder um brilho extraordinário à vida comum recriada no rutilante espaço midiático, essa estranha sede de visibilidade que marca as experiências subjetivas contemporâneas. Esta cultura da visibilidade também pode ser observada a seguir na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

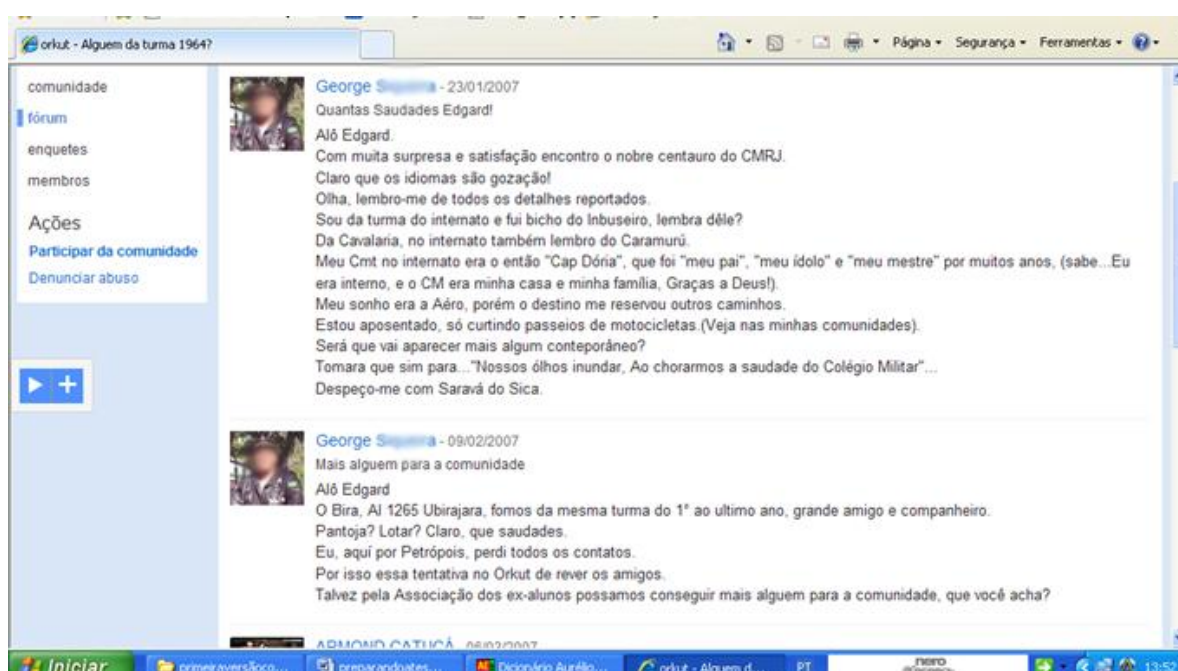


Figura 39 - Fórum *Alguém da turma de 1964?*

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 28/08/2011

Ao ter acesso a essas escritas do usuário George no Fórum *Alguém da turma de 1964?*, o pesquisador pode espiar por uma fresta a sua história escolar, fortalecendo o que se pode chamar de cultura da visibilidade, na qual o público e o privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva. O seu depoimento de ex-aluno registra a saudade do amigo Caramuru, que também era do regime internato daquela instituição de ensino. O usuário está aposentado e se despede: “Nossos olhos irão se inundar ao chorarmos a saudade do Colégio Militar”. Quem sabe, essas memórias do usuário George possam nos remeter ao possível sentido de uma solidão mais povoada¹⁶⁶, numa tentativa em revisitar as suas histórias escolares, procurando preencher alguns espaços vazios, como num quebra-cabeça que são

¹⁶⁶ LE MOING, Monique. *A solidão povoada: uma biografia de Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

impossíveis de se “completar porque as peças que faltam deixam buracos nos céus, hiatos nas águas, rombos nos sorrisos”¹⁶⁷. Nesse sentido, é possível observar que os cliques desse usuário tornam visíveis as suas histórias no Colégio Militar do Rio de Janeiro, desmanchando as possíveis fronteiras que separavam os espaços públicos e privados, desafiando as velhas categorias e demandando novas interpretações.

É possível nos surpreendermos nesses Fóruns virtuais, mediados pelos moderadores, da mesma forma que possamos nos admirar com os relatos nos cadernos, nas agendas, nos diários dos sujeitos com as suas histórias escolares. Se se peregrinar nessas comunidades escolares na condição de moderador é, possivelmente, se colocar em situação de mediador e usuário, quem sabe, possa se reproduzir nessas redes sociais virtuais a reflexão de Cândido (1999) designada “dupla entrada”¹⁶⁸, na qual o crítico literário chama a atenção para o fato de que não é mais possível escolher uma só “entrada” nas narrativas, mas as duas ao mesmo tempo, quando se trata de um narrador que se dilui na coletividade.

À medida que me aproximo dos Fóruns nas comunidades das escolas do Orkut, observo relatos que aliam a memória e a história do cotidiano escolar. Com temas os mais diferentes possíveis, variações linguísticas relevantes e motivações de escritas peculiares, essas narrativas fabricam um imaginário e exprimem relações com as pessoas ou grupos no tempo da escola. Este repertório entra em cena nas linhas da discussão do próximo capítulo.

¹⁶⁷ NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹⁶⁸ CÂNDIDO, Antônio. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

3 CIRCUNAVEGAÇÃO NOS SCRAPS, POSTS E DEPOIMENTOS: HISTÓRIAS ESCOLARES REVISITADAS

3.1. Ventos da modernidade no espaço virtual: autobiografias na internet

*6 de maio. Data em que todos retornam para relembrar aqueles tempos, tempos em que a antiguidade era posto, tempo em que se amava a aula de literatura e de biologia, enfim, tempo em que éramos felizes e não sabíamos...*¹⁶⁹

Parece que as musas inspiradoras estão mesmo acompanhando esta investida no oceano da web, ajudando este pesquisador a se aproximar dessas narrativas postadas nas águas das comunidades escolares do Orkut. Ao ler a epígrafe dessa reflexão, o leitor poderia se confundir se essas palavras não estariam num diário íntimo, ou numa carta confidencial, ou até mesmo numa missiva destinada a alguém muito querido, o que nos remete aos textos românticos, modernos, que eram desenvolvidos entre quatro paredes, no silêncio das acomodações íntimas, dada a semelhança do tom saudoso observado na narrativa do usuário Zum C., ex-aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, encontrada na sua página no Orkut.

A escrita, feita em primeira pessoa, confere ao dia 6 de maio, possivelmente uma data importante daquela instituição de ensino carioca, uma inspiração para que ele possa reviver os momentos escolares que mais saltam aos seus olhos e ao seu coração. Imbuído de uma paixão por um tempo vivido, o ex-aluno narra a sua história a partir de curtas passagens do seu cotidiano, marcando a sua vida no Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Quando me refiro à modernidade, é possível refletir um duplo sentido, isto é, imaginar que estamos fazendo referência aos acontecimentos do mundo contemporâneo, ou atentar para o que historicamente podemos entender por idade moderna¹⁷⁰. De fato, o termo modernidade se transformou em uma palavra que denota o mundo em que vivemos. Encurtar distâncias, desvendar a natureza, lançar em mares nunca antes navegados foram apenas uma das poucas realizações que definem esse período histórico. Nesse sentido, Ariès (1981) destaca três fatores como fundamentais para a compreensão do processo que conduziu a uma modificação das mentalidades na idade moderna:

¹⁶⁹ Escrita retirada do Orkut em 10/08/2011, *Fórum 25 anos da turma de 1984*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Carvalho em 12/01/2005.

¹⁷⁰ MASSAUD, Moisés. *A criação literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

1) o novo papel desempenhado pelo Estado, que, passa a se impor cada vez mais e sob modos diferentes no espaço social antes reservado às comunidades; 2) o desenvolvimento da alfabetização e da leitura, sobretudo graças à imprensa, que contribui para a ampliação da prática da leitura silenciosa, tornando-se uma alternativa para a leitura em voz alta, até então única maneira de se ler; 3) as novas formas de religião desenvolvem uma devoção interior – sem excluir, muito pelo contrário, outras formas coletivas da vida paroquial –, o exame de consciência, sob a forma católica da confissão ou a puritana do diário íntimo. (ÁRIES, 1981, p. 10)

Sibilia (2008) destaca que ao inaugurar oficialmente a era moderna, a proposta cartesiana de voltar-se para dentro de si não visava mais à busca de um encontro com Deus no interior da própria subjetividade. A noção ganhava cada vez mais autonomia, junto às capacidades individuais de ordenamento racional e junto à gradativa secularização do mundo que acompanharia os processos civilizatórios da sociedade industrial. No entanto, esses trajetos não foram lineares, mas zigzagueantes, e que não foram sem resistências que todas essas novidades se impuseram até se naturalizarem tornando-se hegemônicas. Nesse sentido, a interioridade individual foi coagulando, assim, como um lugar misterioso, rico e sombrio, localizado dentro de cada sujeito. Assim, Sibilia (2008, p.96) ainda sugere: “Um âmago secreto onde despontam e são cultivados os pensamentos, sentimentos e emoções de cada um, em oposição ao mundo exterior e público; [...] nascia nessas páginas as escritas de si.”

Por seu turno, Henrique (2009) mostra que os sujeitos souberam criar alternativas para superar as dificuldades encontradas nos suportes para a escrita de si; como sugere Lacerda (2003), esses registros, apoiados ou não em diários, com maior ou menor valor literário, são representativos como uma documentação pessoal, pois as informações sobre a vida do autor revelam diferentes experiências, circunstâncias e situações da vida.

Ao escolher um tópico no Fórum, o usuário tem ao seu favor a leitura das postagens dos usuários que mantêm os seus depoimentos para abrilhantarem as suas experiências e seus relatos na instituição de ensino que estudou. Talvez, neste espaço possam existir relatos que um dia, na história desses ex-alunos, tenham exigido segredos, silêncios; é o que se pode examinar nos *scraps* a seguir da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.

Eu tenho MUITTAASSS SAUDDADDES da nossa turma de Bio... Momentos inesquecíveis vividos no colégio, parecem não sair das nossas memórias!!!! Beijussss

171

¹⁷¹ Escrita retirada do Orkut em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Raquel em 21/08/2009.

Quem não se lembra das aulas práticas nos laboratórios? Serviram para a minha vida.... Abção...¹⁷²

Eu amava as aulas práticas... eu me lembro do dia que faltou luz geral... foi um horror... RISUS... VLWWWWW... Bjs¹⁷³

As escritas da usuária Gisele parecem testemunhar o esforço em observarmos que cada texto constrói seus próprios leitores. A expressão “MUITTAASSS SAUDDADDES ” pode traduzir a emoção – em letras maiúsculas – conferindo a sua inserção linguística numa rede social da comunidade escolar do Orkut. Nesta alusão a um possível espírito romântico, reconhece-se aquilo que se pode inferir a qualquer vanguarda: ilegibilidade perante aos anteriores protocolos de leitura e ruptura com a tradição antiga; atitude tão radical que, virando do avesso os valores, parece entronizar o feio, a desordem e o incompreensível nas escritas de si. Parece que os holofotes linguísticos se direcionam aos feitos relevantes a favor dos usuários da comunidade escolar.

Se nos textos diaristas íntimos observam-se a utilização de datas, a explicitação de lugares, pessoas e situações do cotidiano, assim como é possível examinar a elaboração de textos compactos, de informações breves e mais ou menos contínuas, interesse do sujeito no registro das impressões e das expressões sobre o vivido no âmbito individual, examinei uma certa semelhança com os *scrap*s postados nas comunidades escolares. Nessa acepção, quem sabe, da mesma forma que numa narrativa folhetinesca, recortada em capítulos diários ou semanais, os usuários complementem nesse espaço virtual, as suas histórias escolares vividas.

¹⁷² Escrita retirada do Orkut em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Ana T. em 21/08/2009.

¹⁷³ Escrita retirada do Orkut em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Gisele em 21/08/2009.

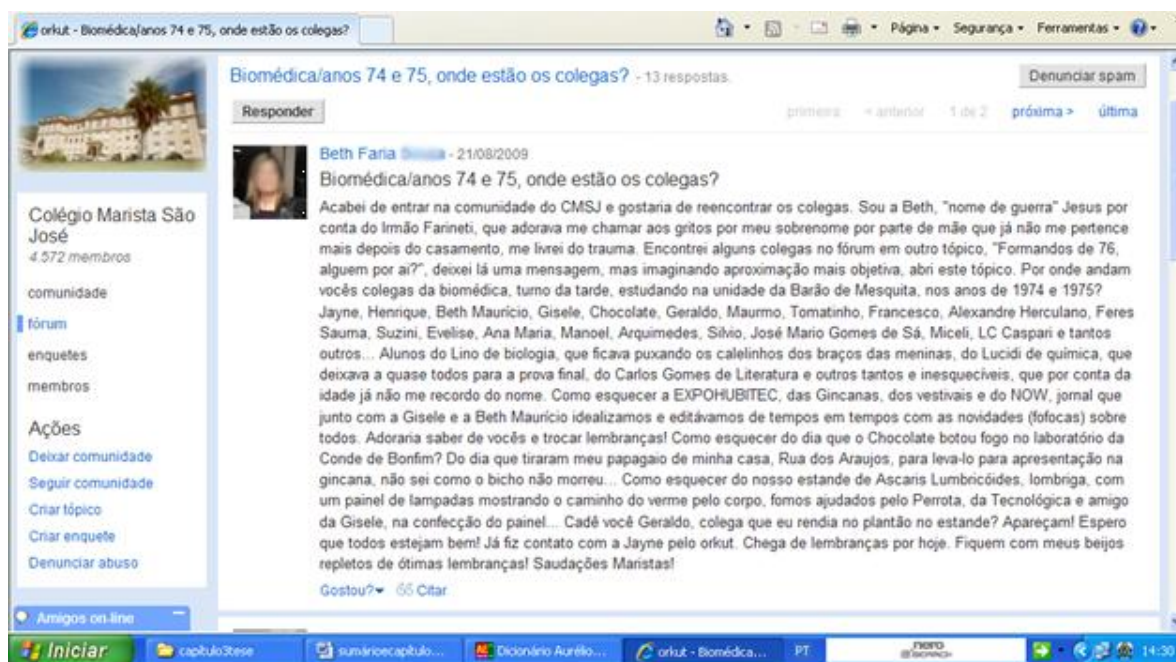


Figura 40 - Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 26/08/2011

O depoimento da usuária Beth F. no Fórum *Biomédica/anos 74 e 75, onde estão os colegas?*, na rede social virtual do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, pode nos revelar possíveis diálogos com as escritas diaristas íntimas: as datas, que são atualizadas pelo sistema da web; a repetição das pessoas no corpo do seu texto, como por exemplo, Gisele e Beth M.; a escrita do cotidiano escolar: “Como esquecer do dia que o Chocolate botou fogo no laboratório da Conde de Bonfim?”; as anotações que se associam umas às outras, de uma certa maneira, independentes; desse modo, também nessa narrativa, percebem-se registros sobre o vivido no âmbito individual.

Os estudos de Lacerda (2003) sobre as escritas memorialísticas podem despertar a atenção dos pesquisadores ao se trilhar pelos caminhos das memórias de vida; a autora nos instiga a pensar que aquelas escritas podem assumir outras denominações, como romances pessoais, diários intimistas, crônicas memoriais e romances autobiográficos, embora todos esses textos sejam sobreposições da trilogia: diário – memória – autobiografia; o que diferencia essas formas literárias de outras são as possíveis marcas da escritura do eu e os modos de inscrição de si mesmo, o que nos remete ao pacto autobiográfico¹⁷⁴:

Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo; alguém pede para ser amado; é você quem deverá fazê-lo.

¹⁷⁴ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

Trata-se de uma proposta que só envolve o autor; o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar a sua reação. (LEJEUNE, 2008, p. 118)

Nessa acepção, é possível entender que o texto denominado autobiográfico constitui-se com marcas de um estilo próprio e maior afinidade com o literário. Se por um lado, o traço literário oferece ao texto características ficcionais e, por isso, poder-se-iam levantar suspeitas sobre a verossimilhança na escritura; então, observa-se um possível nó no campo da Teoria Literária e nos estudos sobre as memórias¹⁷⁵: realidade e imaginação; vivência e representação. Sobre essas lacunas memorialísticas, Perpétua (1997) considera que o pacto autobiográfico é selado num acordo tácito de cumplicidade entre quem escreve e quem lê, à medida que o texto avança e que se partilham experiências do mundo íntimo do autor. É nesse sentido que os *scraps* a seguir, do Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, podem ilustrar essa reflexão.

O que era mais difícil p/ mim nas aulas de BIOMOL era a decoreba... Eu não queria decorar os elementos... Abços¹⁷⁶

Já naquela nossa época eu já entendia que eu ia ser médico... Muito bommmm¹⁷⁷

Eu fui monitora das aulas de prática. Meu aprendizado me levou a grandes conquistas na vida. Beijinhos!!!!¹⁷⁸

As características marcantes das escritas memorialísticas dos usuários desta rede social, talvez, sejam as suas memórias sobre as aulas práticas nos laboratórios naquela instituição de ensino; esses *scraps* acenam e ao mesmo tempo desvelam, palavra por palavra, as vivências pessoais das vidas escolares dos usuários.

Ao relatar: “eu não queria decorar os elementos”, o ex-aluno Henrique procura descrever suas vivências escolares, apoiando-se em fórmulas verbais para acomodar o passado; nesse exemplo, o pretérito imperfeito, combinado ao infinitivo pessoal, exemplifica possíveis sentidos

¹⁷⁵ PERPÉTUA, Elzira. *A escrita autobiográfica*. In: ALMEIDA, M. I. (org.). *Para que serve a escrita?* São Paulo: EDUC, 1997.

¹⁷⁶ Escrita retirada do Orkut em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuário Henrique em 22/08/2009.

¹⁷⁷ Escrita retirada do Orkut em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuário Manoel em 24/08/2009.

¹⁷⁸ Escrita retirada do Orkut em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Evelise em 24/08/2009.

de algo ainda presente, tanto para si, quanto para todos aqueles que participam da comunidade, num trabalho intenso e marcado pelas limitações e possibilidades no uso da memória.

Aliás, as estratégias verbais aliadas à curiosidade do leitor foram utilizadas pelos narradores românticos para se criar um público leitor ávido e fiel. É também interessante ressaltar que a circulação inicial dos romances ocorre nas páginas dos periódicos; além de noticiar os principais acontecimentos, os jornais publicavam também folhetins estrangeiros traduzidos, dando início à formação de um novo tipo de leitor: alguém que aprecia as histórias folhetinescas¹⁷⁹ e compra o jornal para poder acompanhá-las.

Ainda recorrendo às escritas dos usuários da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, observa-se a seguir outros *posts* imbuídos de emoção, ao comentar sobre as práticas de aula nos laboratórios daquela instituição de ensino:

Aprendi muito com aqueles recipientes, aquelas balanças, aqueles elementos químicos... Muita saudade... BJS¹⁸⁰

Se fosse contar as vezes que eu tinha dor de cabeça nas aulas práticas... perdia as contas... e a nossa turma dizia... Relaxa Beth!!!!Saudades...¹⁸¹

Cenas da geografia escolar, do cotidiano escolar e os cenários locais se mesclam nas histórias escolares dos sujeitos, anunciando um tom romântico nessas escritas memorialísticas. Parece que as aulas práticas nos laboratórios do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro ficaram marcadas mesmo pelos ex-alunos, deixando-os com saudades, ainda que a usuária Beth afirme que tinha sempre dor de cabeça naqueles encontros.

Nas narrativas românticas, o segredo merece destaque e, nessa acepção, o narrador procura estabelecer um diálogo com o seu interlocutor, contar um segredo, uma confidência, quem sabe, preferencialmente, em voz baixa, num sussurro para que ninguém escute; partilhada entre duas possíveis pessoas íntimas, essa prosa simula uma conversa com o leitor, criando um clima de cumplicidade com o mesmo; é assim que se pode ver, a seguir, um trecho de uma narrativa brasileira clássica.

¹⁷⁹ LAJOLO, Marisa ; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

¹⁸⁰ Escrita retirada do Orkut em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Jayme em 24/08/2009.

¹⁸¹ Escrita retirada do Orkut em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Beth em 24/08/2009.

É coisa singular, minha prima! O amor que é insaciável e exigente e não se satisfaz com tudo quanto uma mulher pode dar, que deseja o impossível, às vezes contenta-se com um simples gozo d'alma, com uma dessas emoções delicadas, com um desses nada, dos quais o coração faz um mundo novo e desconhecido. Não pense porém, que eu fui a Petrópolis só para contemplar com enlevo as janelas de um chalé; não; ao passo que sentia esse prazer, refletia no meio de vê-la e falar-lhe. (ALENCAR, 2009, p. 22)

Nota-se que essa estratégia narrativa torna a tarefa do romance de costumes mais simples: discutir comportamentos, fazer a propaganda de valores morais e sociais. Nesse sentido, nessas escritas se acumulam vivências afetivas, sensoriais, conceituais, provocadas pela experiência dos sujeitos; os estudos de Massaud (1984, p.279) nos instigam a pensar: “o texto romântico possui ou pode possuir uma dimensão filosófica, religiosa, política etc, mas cada obra ou cada autor combinará essas dimensões de acordo com a sua cosmovisão”. Quem sabe, as escritas das comunidades das escolas também mantêm o espírito romântico aceso, mesmo no imperativo das conexões virtuais; murmurando, sussurrando os segredos, aquilo que não foi revelado, a confidência, tornando-se os modelos das escritas íntimas¹⁸² de um tempo da internet. As escritas memorialísticas abaixo exemplificam essa reflexão.

Eu tenho saudades da minha turma, dos soldados, dos cabos, dos Sargentos e *da vez em que eu pulei o muro do CMRJ*¹⁸³, ninguém ficou sabendo [...] Foi o melhor ano da minha vida.¹⁸⁴

A narrativa do usuário Carlos A. traz à tona um acontecimento do seu passado escolar; no seu *scrap* emerge uma possível transgressão disciplinar naquela instituição de ensino, relatada num tom confessional. A escrita vai muito além das intenções de quem escreve; uma forma de se refletir sobre um contexto histórico, trazer à baila rumores sócio-políticos recusados ou ignorados num tempo escolar. Os estudos de Chartier (2001) destacam que é útil falarmos da pluralidade, diferenças, multiplicidade de sentidos; essa ideia de que não há um sentido fixo, congelado, estabelecido na escrita;

hoje atrevo-me a dizer que durante muito tempo pensei que para nós não era de grande utilidade esse tipo de proposta em virtude de que nos distanciava de uma perspectiva sócio-histórica. Mas agora modifiquei meu pensamento e creio que se pode fazer algo

¹⁸² Entrevista cedida à jornalista Laura Greenhalgh, por Zygmunt BAUMAN, em 30/04/2011, no jornal *O Estado de São Paulo* online. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-face-humana-da-sociologia>> Acesso em 28/08/2011.

¹⁸³ Grifo meu para ressaltar um relato de uma possível transgressão disciplinar do regime militar.

¹⁸⁴ Escrita retirada do Orkut em 12/09/2011, Fórum *CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Carlos A. em 14/11/2004.

com essa ideia de um texto não fechado, da instabilidade do sentido, da pluralidade interna da linguagem. Indica algo importante: há textos abertos a reapropriações múltiplas e outros que não o estão. (CHARTIER, 2001, p. 105)

Sobre a possível instabilidade dos textos, que estão abertos às interpretações, às releituras, aos usos diversos, Darnton (1992, p.156) reflete: “podemos utilizar, do lado da produção do texto, tudo o que sabemos sobre os jogos paratextuais e textuais; e do lado do leitor, a reconstrução dos horizontes de expectativa próprios de cada comunidade e de interpretação”. Por seu turno, Lacerda (2003) destaca a dificuldade do memorialista durante o ato da escrita. Como o texto assume um caráter autorreferencial, permanece também uma marca da personalidade do autor, manifestada por meio das lembranças e das seleções sobre o passado, mas de um ponto de vista determinado pela atualidade e pelo presente do “eu-narrador”. É o que se pode examinar na figura, a seguir, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.



Figura 41 - Fórum *Barão de Mesquita 79 a 81*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 26/08/2011

As escritas da usuária Denise L. podem nos chamar a atenção quando afirma: “Eu fui da 1302. Achei o meu caderno de Matemática e estão todos lá: Garetto, Abil, Paulo M., Menezes, nossssssa que volta ao tempo...”; lembrar é uma atividade do presente sobre o passado; assim, a usuária não busca recuar do presente para reviver os acontecimentos vividos; rememorar é uma atividade orientada pela atualidade, determinada pelo lugar social, referenciada pela gama de significados do imaginário social de um grupo. Neste exemplo, é possível observar como o encontro com o seu caderno de matemática pode lhe oferecer um passaporte a uma viagem ao

seu tempo escolar; a memória individual dialoga com o coletivo e redimensiona a realidade passada¹⁸⁵.

Considerando as experiências dos usuários nos Fóruns das comunidades escolares do Orkut, quais são os temas mais recorrentes encontrados neste espaço? As histórias mais postadas? Sobre o que retratam? Como relatam? Essas e outras questões nortearão a próxima discussão.

3.2 Dos litorais das redes sociais à costa oficial: cotejando fontes da web

Recordando e respondendo...Ricardo, sou filho do Cel Marçal-prof de Português. No 4º ano (1970), eu seria aluno dele, mas me transferi (para Turma D2) e fui aluno do Cel Johnson (excelente professor). Essas recordações parecem aquele anúncio: "O tempo passa, o tempo voa..." e agente não esquece e, quando recorda, fica numa boa!!! ZUM ZARAVALHO!!! Marçal (67 a 70 - 1º ao 4º ano "ginasial")¹⁸⁶

A navegação pelo mar da web também nos reserva alguns imprevistos, algumas surpresas, que por um motivo ou outro, pode desencadear uma pequena mudança no rumo da viagem. Embora os boletins meteorológicos apresentem boas condições para a navegação, entre uma nuvem e outra, entra em cena, intrepidamente, uma névoa, um possível horizonte embaçado, ofuscado, duvidoso, obrigando aquele que faz essa travessia pelas águas da internet a rever a sua navegação. No esforço em interpretar e dar visibilidade às escritas autobiográficas encontradas nas comunidades das escolas do Orkut, considerando-as fontes para a historiografia da educação, é possível também deparar-se com escritas de usuários que já passaram por aquelas instituições de ensino há mais tempo.

O usuário Marçal, como se pode verificar na epígrafe desse texto, é um exemplo disso; ex-aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro de 1967 a 1970, ele posta no Fórum *Só para maior de 50 anos*, contribuindo, assim, à aproximação dos amigos do seu tempo escolar. Entre outras leituras, é possível pensar que o seu *scrap* nessa rede social virtual, instiga o interlocutor a pensar nos momentos agradáveis pelos quais o ex-aluno passou na sua história com o Colégio Militar do Rio de Janeiro, chamando a atenção para outra reflexão sobre postagens de memórias escolares nas águas da web; estas práticas de escritas memorialísticas não necessariamente estão

¹⁸⁵ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

¹⁸⁶ Escrita retirada do Orkut em 15/08/2011, página do Fórum *Só para maior de 50 anos* usuário Fernando M. da Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

vinculadas aos usuários adolescentes e jovens; observa-se, assim, um protagonismo na escrita para os estudantes de outras idades. Quais as histórias das escolas mais lembradas por esses ex-alunos?

Conhecer o máximo possível sobre a história dessas escolas pode ser um caminho para poder tentar compreender os possíveis sentidos atribuídos às experiências manifestadas através dos relatos dos ex-alunos, aos conflitos existentes naquelas instituições de ensino, às resistências a outras memórias; às histórias construídas pelos estudantes, assim como propor um cotejamento com outras fontes e informações sobre a vida daquelas escolas também propiciam passaportes fundamentais para possíveis compreensões do contexto da enunciação dos usuários. Nesse sentido, recorrer ao termo “Zum Zaravalho” observado na epígrafe dessa reflexão, pode ser o ponto de partida para uma comparação com outras fontes¹⁸⁷ que podem oferecer informações oficiais do Colégio Militar do Rio de Janeiro. De onde surgiu este termo? Será que é uma expressão de conhecimento de todos os ex-alunos? Talvez, um mergulho no *site* oficial dessa escola na web, possa trazer respostas a essas questões.

A página¹⁸⁸ virtual dessa instituição de ensino oferece muitas informações sobre o Colégio Militar do Rio de Janeiro ou Casa de Thomaz Coelho¹⁸⁹, fundada na cidade do Rio de Janeiro em 1889. Com o endereço fixado na Rua São Francisco Xavier no número 267, bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, o cerne desta instituição de ensino é despertar no aluno a vocação militar. O seu sítio na web está à disposição dos navegadores com as ferramentas e links¹⁹⁰ acessíveis, permitindo o acesso rápido aos arquivos com as estruturas, organogramas e legislações do colégio, conforme se pode observar a seguir.

¹⁸⁷ Para esta pesquisa, privilegiou-se a aproximação dos documentos *on line*.

¹⁸⁸ Disponível em < <http://www.cmrj.ensino.eb.br>> Acesso em 26/08/2011.

¹⁸⁹ Ver em História do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.cmrj.ensino.eb.br/historico>> Acesso em 26/08/2011.

¹⁹⁰ Forma de apresentação ou organização de informações escritas, em que blocos de texto estão articulados de modo que em lugar de seguir um encadeamento linear e único, o leitor pode formar diversas sequências associativas, conforme seu interesse. Disponível em <<http://dicionarioonline.com.br>> Acesso em 25/09/2011.



Figura 42 - Site oficial do Colégio Militar do Rio de Janeiro
 Fonte: <<http://www.cmrj.ensino.eb.br>> Acesso em 26/08/2011

O usuário pode encontrar naquele endereço eletrônico¹⁹¹, mais especificamente, no link Ensino, as matérias, os livros, o apoio pedagógico, as notas de aula, os projetos político-pedagógicos, os estatutos; é possível encontrar também, ali, no *Corpo de Alunos* desse mesmo endereço virtual, brados de guerra, as canções, os hinos que são efetivamente ligados ao corpo de alunos. Nesse conjunto de composições está a saudação do aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, intitulada *Zum Zaravalho*:

"E ao Colégio, tudo ou nada?
 Tudo!
 Então como é? Como é que é?
Zum, zaravalho
 opum, zarapim zoqué,
 Oqué-qué, oqué-qué, zum!
 Pinguelim, pinguelim, pinguelim
 Zunga, zunga, zunga.
 Cate marimbáu, cate marimbáu,
 Eixáu, eixáu. COLÉGIO!"¹⁹²

¹⁹¹ Disponível em <<http://www.cmrj.ensino.eb.br>> Acesso em 26/08/2011.

¹⁹² Segundo o *site* oficial do Colégio Militar do Rio de Janeiro, essa saudação colegial é de autoria desconhecida; sabe-se que foi criada por algum aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.cmrj.ensino.eb.br>> Acesso em 26/08/2011.

A saudação colegial pode ser compreendida como um brado de guerra, uma senha de acesso ao ambiente cultural e social dos partícipes. Ora, nos relatos, da Comunidade do Orkut do Colégio Militar do Rio de Janeiro, ecoam, portanto, os elementos difundidos na história de vida desses ex-alunos que fundamentam, consolidam e estreitam as relações de amizades iniciadas num tempo de escola daquela instituição de ensino. Nessa acepção, as reflexões de Cunha (2009, p.119) advertem sobre as subjetividades das escritas on-line: “o *post* dos usuários é uma marca no compartilhamento entre amigos de escola”; logo, podemos observar um entrecruzamento de expressões e jargões de conhecimento dos participantes daquela rede social virtual.

As escritas no Fórum *Só Para Maior de 50 anos*, como podemos ver na figura abaixo, oferecem outros elementos que revelam vestígios de memórias do cotidiano estudantil do Colégio Militar; é preciso também cruzar informações dos usuários com outros registros da história escolar para superar possíveis aparências, divergências, procurando, nesse sentido, abrir caminhos para considerar esses *scraps* das comunidades escolares do Orkut como fontes para a História da Educação.



Figura 43 - Fórum *Só Para Maior de 50 anos*

Fonte: Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Acesso em 26/08/2011

Ao se deparar com o *post* do usuário Rui Machado, observa-se o termo *Literária*. Em seu *scrap*, o ex-aluno afirma que nos finais de semana, algumas meninas subiam em direção à Literária, e o grupo dos alunos internos gostava muito. Mas o que seria este espaço? Uma biblioteca? Uma cantina? O *site* oficial revela a existência da sociedade Literária do Colégio

Militar, mais conhecida pelos alunos por Literária¹⁹³; os depoimentos desses sujeitos comuns, essas escritas ordinárias¹⁹⁴ possibilitam compreender as maneiras de viver e de se pensar a época vivida no Colégio Militar no Rio de Janeiro.

Ainda no *site* oficial do Colégio Militar do Rio de Janeiro, a saber, no link *Manual do aluno*¹⁹⁵, observei informações e orientações relativas aos conjuntos de regras relativas aos discentes; é no item *Instalações do Colégio Militar do Rio de Janeiro* que encontrei a descrição e as funções dessa sociedade Literária no Colégio Militar.

Os tipos de perguntas nos Fóruns acionam um motor de interação nas postagens das memórias dos ex-alunos; observei que os títulos são possíveis convites à participação dos sujeitos: *Galera da Biomédica, 73,74,75, apresentem-se?, Será que alguém aí é dessa época – 71 a 78?, Anos 74/75 e alguém mais por aí?*¹⁹⁶ apresentam algo em comum; encontrados no Fórum do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, podem assumir uma dicção saudosa dos amigos de turma, despertando a atenção dos sujeitos; com as sentenças terminadas com pontos de interrogação, o que linguisticamente significa uma questão, uma chamada ao interlocutor, possivelmente, aproxima mais os usuários. Por outro lado, é por meio dos títulos sugestivos dos Fóruns que os sujeitos se sentem atraídos, aproximando-se dos outros amigos, motivando-se a postar as suas histórias; assim, observei o caráter das redes sociais nos Fóruns, pois, relatar e trocar experiências para os usuários é uma prática social, o que pode ser visto a seguir.

Quem estudou na usina lembra do Festival do Milinho. O Prof. Brito dava o festival quando a gente fazia o milésimo exercício...tinha corrida de bicicleta e ganhava quem chegava p.último.Lembro dos ensaios das bandas no ginásio...um barulhão.Lembro q um dia um aluno explodiu o vaso sanitário do banheiro dos meninos com uma "cabeça de nego". Nossa...eu lembro de muita coisa. Penso que tenho uma excelente memória. Eu entrei em 1971, segunda turma de meninas no colégio. Será que alguém se lembra?¹⁹⁷

Barão de Mesquita - Entrada do Colégio: Baiano (vendia mate e cheirava rapé);quinta a sétima série: Reitor (Moita), irmãos: Moíses (batatinha - rezava o terçodurante a aula de religião),Portaria Zanata. Professores: Ronaldo Tupinambá, Ratinho (Educação Física) Policarpo (Portugues) o filho dele também estudava com a gente, Giacomo (geografia), Carlos(Ingles), Carmelo (Frances),Alunos: Camilo de leles (espetava os novatos com uma agulha de costura),Vinicius (Olaria), Gusmão Silvio Camel, Milho (jogava futebol de botão)Fazenda em Mendes(passeio a cavalo,

¹⁹³ Fundada em 7 de setembro de 1892 pelos alunos Daltro Santos, Graça Couto, Milton Cruz, Armando Ferreira, Félix Pacheco. Disponível em <<http://www.cmrj.ensino.eb.br/variedades>> Acesso em 29/08/2011.

¹⁹⁴ CHARTIER, Roger (org.). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Disfel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

¹⁹⁵ Disponível em <http://www.cmrj.ensino.eb.br/corpo_alunos/manual_aluno> Acesso em 29/08/2011

¹⁹⁶ Fórum da Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.

¹⁹⁷ Escrita retirada do Fórum *Será que alguém aí é dessa época – 71 a 78?* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada por Beatriz G. em 16/07/2005.

cemitério a noite, comida caseira) – Quadro de honra - missa aos sábados. Na oitava série entraram meninas pela primeira vez no colégio: Cristina (representante de turma), Primeiro e segundo ano área Tecnológica: Professor: Gurgel¹⁹⁸

Li alguns relatos aqui e acho que alguns foram da minha turma, alguns eu já sei. Entrei em 73 (Usina) 6ªE, 74- 7ªE, "descemos" para a Barão: 75-811, 76 (Humanas) 1.109, 77 (H) 1.209 e o terceiro acho que foi a 1302 que era a de Humanas. Bom resumindo, vamos fazer 30 anos de formados e estou querendo reunir mais pessoas. Tenho na minha lista já 53. Quem quiser, me acha no meu orkut ok??? Eu era uma figurinha fácil de identificar, muito alta e magra (1,80) espero que lembrem. Um beijo a todos¹⁹⁹

Nas postagens do Fórum *Será que alguém aí é dessa época – 71 a 78?*, parece que os usuários não conseguem conter em postar os seus relatos, talvez, motivados pela questão inicial do Fórum. Os estudos²⁰⁰ de Halbwachs (1990) refletem sobre a memória individual; ela se constitui com base em pontos de referência: datas, marcos históricos e pessoas que estruturam simultaneamente a memória coletiva.

Aquele autor demonstra que é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação, os quadros sociais reais que servem de ponto de referência nessa reconstrução denominada memória. Situa-se ainda naquele autor, uma possível distinção entre a memória histórica, de um lado, supondo uma possível retomada dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado, e a memória coletiva, aquela que revisita o passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas formas de memória, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam. Esses repertórios narrativos da comunidade virtual ilustram o cotidiano escolar. Os seus significados, portanto, são tão mais distintos quanto mais distintas forem as condições de sobrevivência individuais e da memória dos ex-alunos:

Como esquecer a EXPOHUBITEC, das gincanas, dos festivais e do CPTV, que junto com a Gisele e a Beth Maurício idealizamos e editávamos de tempos em tempos com as novidades sobre todos. Adoraria saber de vocês e trocar lembranças! Como esquecer do dia que o Chocolate botou fogo no laboratório da Conde de Bonfim? Do dia que tiraram meu papagaio de minha casa, Rua dos Araújo, para levá-lo para apresentação na gincana, não sei como o bicho não morreu... Como esquecer do nosso estande de Ascaris Lumbricóides, lombriga, com um painel de lâmpadas mostrando o caminho do verme pelo corpo, fomos ajudados pelo Perrota, da Tecnológica e amigo da Gisele, na confecção do painel[...]²⁰¹

¹⁹⁸ Escrita retirada do Fórum *Será que alguém aí é dessa época – 71 a 78?* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada por André D. em 13/04/2005.

¹⁹⁹ Escrita retirada do Fórum *Será que alguém aí é dessa época – 71 a 78?* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada por Lucia L. em 10/09/2005.

²⁰⁰ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos tribunais, 1990.

²⁰¹ Escrita retirada do Fórum *Anos 74/75; alguém mais por aí?* Postada por Beth F. em 21/08/2005.

Se nessa possível amalgamação das memórias dos usuários encenam-se pontos de vista, concepções e princípios, simultaneamente, em contrapartida, possíveis tensões e conflitos podem aparecer, abrindo, portanto, uma via de interrogação nas histórias escolares dos sujeitos. O conjunto dessas narrativas, possíveis caminhos virtuais de liberdade, convida a refletir também sobre as possíveis resistências de um tempo escolar; podem-se examinar, a seguir, nos depoimentos dos usuários da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro.

Quem gostava daquelas refeições do colégio? Fala sério!!!!Eu tinha que levar alguma coisa a mais... meu estômago pedia mais comida...RS²⁰²

Eu Tb naum me contentava com aquelas comidas. Tudo controlado. Sofria nas aulas da tarde...VLW...²⁰³

As escritas memorialísticas dos usuários Vinícius e Wagner L., no Fórum *Momentos de emoção* da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, encenam outros temas do cotidiano escolar, que também circulam nessas redes sociais virtuais. Há partilhas de memórias com outras possíveis leituras das histórias vividas por esses sujeitos; os lanches e as refeições servidas naquela instituição de ensino parecem que também estão no rol de assuntos tratados pelos usuários; nessas memórias, algumas tensões vêm à tona quando o tema é alimentação. Nesse sentido, um possível mergulho na página do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro²⁰⁴ oferece outras leituras sobre esse assunto tratado pelos usuários. É o que se pode examinar a seguir.

²⁰² Escrita retirada do Fórum *Momentos de emoção* da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Postada por Vinícius em 16/02/2005.

²⁰³ Escrita retirada do Fórum *Momentos de emoção* da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Postada por Wagner L. em 16/02/2005.

²⁰⁴ Disponível em <<http://www.csbrj.org.br/estruturarestaurante>. Acesso em 30/08/2011.



Figura 44 - Site oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro
 Fonte: <<http://www.csbrj.org.br>> Acesso em 26/08/2011

A página oficial na web do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro se abre aos visitantes com um número grande de informações daquela instituição de ensino; é no link institucional²⁰⁵ que se encontram maiores informações sobre a alimentação do corpo discente: tanto o almoço quanto os lanches dos alunos. Nesse sentido, as memórias virtuais dos ex-alunos também se encontram numa contramão das histórias escolares.

As narrativas, assim, revisitam a vida na escola, explicam fenômenos, ilustram situações, constroem significados e o imaginário desses sujeitos. Nessa acepção, o *scrap* da ex-aluna Beth M. no Fórum *Anos 74/75; alguém mais por aí?* pode ser um caminho para despertar lembranças; as páginas desse Fórum montam um painel de histórias ocorridas no cotidiano escolar, sentimentos que impulsionaram a escrita das memórias da usuária Beth F. Mas qual(is) seria(m) a razão ou as razões que motivam a produção de memórias, de escritas dos ex-alunos na Comunidade do Colégio São Marista São José do Rio de Janeiro, sobretudo para aqueles usuários que já estão há mais tempo afastado da instituição de ensino? Talvez a saudade, ou quem sabe a melancolia, ou até mesmo a solidão, sejam as razões que aproximem a usuária à sua história na escola:

Cadê você Geraldo, colega que eu rendia no plantão no estande? Apareça! Por favor! Espero que você esteja bem! Já fiz contato com a Jayne pelo orkut. Chega de

²⁰⁵ Disponível em <<http://www.csbrj.org.br/institucional>> Acesso em 30/08/2011.

lembranças por hoje. Fique com meus dedos repletos de ótimas lembranças! Saudações Maristas! [...]²⁰⁶

Ora, vestígios e indícios, quaisquer que sejam eles, continuam a atrair. Na tentativa de confrontar informações com outras fontes, busquei no *site* oficial da instituição de ensino Marista São José do Rio de Janeiro, elementos para se cotejar com as fontes virtuais, que também podem deixar pensamentos e atos dos sujeitos do passado. Ao navegar no portal Marista São José da Tijuca, o navegador pode se perder por uma quantidade de informações que este espaço procura oferecer: Notícias, Galeria Multimídia, Estrutura do colégio, Destaques, Apoio pedagógico, Secretaria, Publicações e Contatos. Estes links, de uma maneira convidativa, convidam o usuário a mergulhar nas informações oficiais daquela instituição de ensino, o que se observa na figura abaixo.



Figura 45 - Site oficial do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro
Fonte: <<http://www.marista.edu.br>> Acesso em 30/08/2011

Quando o assunto são os laboratórios do colégio, o usuário tem ao seu dispor o link *Ambientes de aprendizagem*²⁰⁷, que apresenta a descrição e o mapa para utilização das turmas. A página afirma que há laboratórios de Física, Química e Biologia localizados no 2º andar; estes

²⁰⁶ Escrita retirada do Fórum *Anos 74/75; alguém mais por aí?* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Postada pela usuária Beth F. em 21/08/2005.

²⁰⁷ Disponível em <<http://marista.edu.br/ambientesdeaprendizagem>> Acesso em 30/08/2011.

espaços têm estruturas privilegiadas, possibilitando aos alunos realizarem e observarem experiências práticas dos fenômenos estudados em sala de aula.

Se o tema são as exposições, a galeria Multimídia²⁰⁸ pode oferecer informações que traduzem o ensejo desta instituição de ensino em socializar os trabalhos dos seus alunos. Divulgar e entreter, talvez, sejam os pilares constitutivos do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro para expor o compromisso em tornarem notórias as experiências dos alunos nas atividades fora da sala de aula, além de oferecer aos alunos espaço midiático, de interação, núcleo de comunicação do Colégio Marista São José da Tijuca. Assim, no esforço de não se deixar seduzir pelos encantos das histórias da ex-aluna, ao se confrontar com as escritas postadas por Beth F., no Fórum *Anos 74/75; alguém mais por aí?* e as informações oficiais retiradas do sítio do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro na internet, podemos inferir que as suas memórias constituem representações de um tempo vivido; em seus relatos, pistas dos espaços escolares e os seus respectivos equipamentos midiáticos.

Outros Fóruns podem exibir outros temas, como por exemplo, os ligados às confraternizações, os dias de festas, as celebrações na instituição de ensino. Observa-se no Fórum intitulado *Usina 75 a 81*, a reunião de vários depoimentos dos usuários para traduzir os momentos de alegria na escola. Nesse sentido, os estudos de Otte (1996) mostram que as memórias também são evocadas por meio das lembranças dos dias de festas populares, religiosas, dos rituais escolares, religiosos, familiares, das celebrações e tradições sociais, dos costumes e práticas comuns à época. Assim, tomar os dias de festa é a outra forma de registrar o ordinário por meio do extraordinário; são cenas da vida escolar jamais esquecidas.

Grande viagem no tempo!!!! Sou o Amadeu, Amadeu... Com certeza nos esbarramos todos nestes anos... corredores, salas de aulas, competições, recreio, grupo de estudo, festas. Confesso lembrar-me dos fatos, de alguns nomes, mas da fisionomia nem por isso... Nomes em comum e marcantes.. Piriquita, Sr. Elísio, Mercadeante, Moema e tantos outros... Festas: Formatura, Exposições no SEAC, centro de cultura. Estudei desde o Jardim de infância até a 8º série (84), já na Barão de Mesquita. Não consigo precisar muitos detalhes, pois estou fora do Brasil há 18 anos... e a para nós quarentões, penso que o que realmente ficou intrínseco foi a base de ensino que nos tem servido para a vida. Nunca mais tive contato com ninguém... A não ser passar pelo Usina e ver o Colégio pela rua quando vou ao Brasil de férias. O contato mais pessoal, foi com a Moema no extinto Hobby Bar... ela namorava um amigo músico e alguns anos depois fui ao Brasil casar-me e ela esteve presente... mas hoje em dia já não tenho o contato dela. Enfim, desculpem o testamento... mas algo se apossou de mim, ou melhor dos meus dedos e não consegui parar de escrever... Para finalizar...

²⁰⁸ Disponível em < <http://marista.edu.br/galeriamultimedia>> Acesso em 30/08/2011.

marcante sempre será por tudo o que foi passado de bom ou de ruim... fez parte de uma parte da parte de nossas vidas²⁰⁹

Bons tempos. Também sou dessa época, do sino que a Periquita tocava, turma C na 7ª série, turma A na 5ª (turno da tarde). Na Barão, fui da 803, 1103, 1203 e na 3ª não lembro. Alguém se lembra do passeio ciclístico com o Lilico, de História? É a minha melhor lembrança. Saíamos domingo de manhã por uma Pres Vargas vazia e sem canteiro. O passeio ia até o Aterro. É isso aí!²¹⁰

Lacerda (2003) lembra que mesmo o tempo passando, as festas, as confraternizações, os episódios e os rituais marcam as memórias dos sujeitos; o significado dessas relíquias é inestimável, visto que adornam as ruínas do passado. É o que se pode observar nas postagens dos ex-alunos Claudio M. e Marcelo P. do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Os seus *scraps* esboçam a satisfação ao revisitarem o Baile de Formatura, a exposição no centro de cultura e o passeio ciclístico no centro do Rio de Janeiro.

Se por um lado, observam-se interesses dos usuários em postar memórias nessa rede social virtual, por outro, parece também haver alguns depoimentos que não circulam nestas comunidades, não são ditos ou exibidos; os silêncios também povoam o cenário virtual. Os estudos de Ecléa Bosi (2000) apontam ao que é escrito desse relicário de lembranças está orientado por uma necessidade determinada pelo momento atual e, assim, os supostos lapsos de memória não podem ser considerados apenas como falhas ou rupturas do que se tenta apreender do passado, mas podem, nessa perspectiva, constituir partes do próprio texto.

Relação Ano x Sala x Professores x Alunos. Será que ninguém tem e nem conseguiria esta relação?!?!?! Alguém do Próprio São José não tem estas informações?!?!?!²¹¹

Você foi meu aluno? Será que alguém foi meu aluno??? Embora não tenha feito parte dessa turma, entrei para essa comunidade para rever meus ex alunos... Foram muitos anos de trabalho no Marista e ninguém responde???? Saudades²¹²

Por que motivo os Fóruns assinados pelos usuários André e Sandra S. não possuem respostas ou novos *scraps*? Qual ou quais os motivos que culminaram na inobservância de outros depoimentos? Lacerda (2003, p.60) sugere que: “As relações entre memória e esquecimento podem ser capturadas sob diferentes nuances, o que implica diferentes possibilidades de análise.”

²⁰⁹ Escrita retirada do Fórum *Usina 75 a 81* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada por Marcelo P. em 15/01/2005.

²¹⁰ Escrita retirada do Fórum *Usina 75 a 81*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Claudio M. em 21/02/2005.

²¹¹ Escrita retirada do Fórum *Relação Ano x Sala x Professores x Alunos* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário André em 14/08/2005.

²¹² Escrita retirada do Fórum *Você foi meu aluno?* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Sandra S. em 28/09/2005.

Estas questões me instigam a pensar em lacunas, silêncios, que por um motivo ou outro, também existem no espaço virtual.

Se o silêncio pode ser compreendido como um texto, dependendo de um contexto de interlocução, é possível pensar que também existam ruídos, problemas, dilemas nesse suporte virtual, que por um motivo ou outro, também estão presentes nesse espaço virtual. Deixarei para o próximo debate essa reflexão.

3.3 Relatos ao sabor das marés: dilemas dos suportes digitais

*Se vc estudou no internato São Bento do Alto da Boa Vista no Rio de Janeiro de 1964 a 1970, por favor, entre em contato para que possamos relembrar dos velhos tempos!*²¹³

*Quem se lembra do Frei Cássio de 65 a 71? Quem lembra da Radio Baiuca? Quem comeu frita no bar do Zé? Quem jogou futebol de tampinha?*²¹⁴

A navegação por este oceano da web prossegue com um nevoeiro um pouco espesso, tornando a visibilidade comprometida; contudo, os boletins meteorológicos afirmam que isso é passageiro, efêmero, transitório. Ao mergulhar nas escritas memorialísticas dos usuários Maurício e João R., na epígrafe dessa discussão, observo que entre uma postagem e outra, há uma infinidade de objetivos e interesses: a primeira, num tom evocativo, clama por contato com os colegas que estudaram naquela mesma instituição de ensino entre 1964 e 1970; na segunda, as sentenças interrogativas incorporam um sentido, possivelmente de saudade, no depoimento do ex-aluno.

As reflexões²¹⁵ de Eco (2009) nos inspiram a refletir que os suportes modernos são criados mais para a difusão do que para a conservação, endossando a questão da efemeridade das escritas do universo virtual. Será que os ex-alunos escritores estão conscientes disso? Essa reflexão é oportuna não só para a questão da memória que não será preservada, mas pode ajudar a entender também o tipo de escrita que é mais utilizado. Será que essa observação não é importante para se

²¹³ Escrita retirada do Fórum *Alunos do Internato* da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Maurício em 14/08/2005.

²¹⁴ Escrita retirada do Fórum *Que ano?* da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro; postada pelo usuário João R. em 28/08/2005.

²¹⁵ ECO, Umberto. *Sobre a efemeridade das mídias*. 26/04/2009. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/blogs-colunas/colunas-do-new-york-times/umberto-eco>> tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves.

entender o laconismo e a linguagem telegráfica de muitos deles? Seguem outros *scraps* dos usuários da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro para se pensar sobre a questão.

Camargo 1042. no CMRJ de 70 a 81. Formado em Ed Fís. na UFRJ. Depois de um tempo girando pelo mundo, entrei concursado no Serviço Público Federal no Colégio Pedro II como prof Ed. Física. Vlw???HJ, por opção particular vivo em João Pessoa-PB, trabalho na CEFET-PB, Ex Escola Técnica Federal da Paraíba!!!!²¹⁶

Que legau esse TOPIQUO!!!!Hj sou PM. Ahhh ja ia esquecendo, hj moro em Fortaleza-CE.²¹⁷

MILICO!!!!Segui a carreira do EXÉRCITO. Abraços!²¹⁸

Os *posts* dos ex-alunos nas comunidades escolares no Orkut pedem passagem para uma discussão da história de um tempo de redes sociais na internet. Ao se ler os *scraps* no Fórum *E depois do CM?* dos usuários Mauro R., Alcino R. e Thadeu S. observam-se as variações linguísticas *Legau* e *Topiquo*, que ressignificam as formas de narrar, expondo a extimidade²¹⁹ dos ex-alunos. Nesse sentido, Castillo Gómez (2005, p.344) destaca: “El nuevo soporte induce una modalidad lectora fragmentada y discontinua efectuada conforme ‘bajamos’ el texto; [...] en la pantalla los textos son porciones que se suceden, de ahí que nuestra manera de efectuar la lectura no pueda ser igual.” Um olhar mais atento às escritas memorialísticas destacadas, permite observar pontos de interrogação, pontos de exclamação combinados às palavras grafadas com letras maiúsculas; brados linguísticos são os possíveis significados dessa combinação nas escritas desses usuários da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Imbuído de uma das discussões²²⁰ de Eco (2009) sobre a efemeridade das mídias: “basta um pico de tensão ou outro acontecimento mais banal para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão longo não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica”, à medida que me aproximava dos depoimentos dos ex-alunos, via a necessidade de gravar as suas escritas memorialísticas em arquivos para uma posterior consulta. Quem sabe, essa reflexão possa sintetizar a questão do tempo de duração das narrativas dos suportes virtuais; nesse sentido,

²¹⁶ Escrita retirada do Fórum *E depois do CM?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Mauro R. em 17/10/2008.

²¹⁷ Escrita retirada do fórum *E depois do CM?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Alcino R. em 27/07/2008.

²¹⁸ Escrita retirada do fórum *E depois do CM?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Thadeu S. em 12/08/2008.

²¹⁹ Disponível em <<http://www.estadao.com.br/busca/extimidade.com.Bauman>> Acesso em 30/08/2011.

²²⁰ *Sobre a efemeridade das mídias*. 26/04/2009. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/blogs-colunas/colunas-do-new-york-times/umberto-eco>> tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves.

podemos observar os seguintes *scraps* postados na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro:

Estudei na época do externato, da década de 70. Hoje, muito do que aprendi, devo a Dom Lourenço, Dom Estevão e a Dom Romualdo. Abraço.²²¹

Também sou da década de 70. Adorava Dom Justino e Dom Ambrósio. Abraço a todos²²²

Os elogios, possivelmente às autoridades daquela instituição de ensino, ensejam o desejo dos usuários Alexandre S. e Marcelo em registrar as suas homenagens na comunidade do Colégio São de Bento do Rio de Janeiro àqueles que contribuíram de alguma forma, na década de 70, nas suas formações. Gravados em arquivos para essa pesquisa, esses *scraps* não poderão ser mais vistos on-line por qualquer usuário, contudo essa pesquisa pôde salvaguardar essas expressões de admiração aos religiosos daquela instituição de ensino.

Mas, se ao tentar mergulhar nessas águas desse mar virtual, aproximando-me dessas escritas dos ex-alunos nas comunidades escolares e não conseguir salvaguardar esses testemunhos que vagueiam pelo mar da web? O pesquisador deverá enfrentar essa questão. Quem sabe, não ser interessante refletir sobre esse suporte digital capaz de lançar, divulgar, exibir as narrativas dos usuários para entender que o ambiente virtual não pode ser mais ignorado, desconhecido pela historiografia:

Recusar o produto eletrônico é, hoje, uma impossibilidade. Não apenas porque cresce vertiginosamente seu mercado, mas porque a linguagem digital tem permitido a construção de outras práticas de leitura e escrita, que oferecem maneiras novas de organizar, hierarquizar e distribuir a informação e combinações de estímulos visuais e sonoros impensáveis para o suporte papel. (VIDAL, 2000, p. 36)

Os papéis, as cartas, os diários, os cadernos de receitas, os cartões pessoais, outras materialidades possivelmente guardadas nas gavetas, nos armários, nas caixas, nos baús, são encontradas pelos pesquisadores da História da Educação para serem submetidos às operações historiográficas; o caminho aberto por esses estudos aguçou ainda mais o interesse por esses tipos de fontes, aproximando vários pesquisadores²²³ às escritas de si. Mas o que é guardar?

²²¹ Escrita retirada do Fórum *Alunos do Internato* da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Alexandre S. em 14/08/2005.

²²² Escrita retirada do Fórum *Alunos do Internato* da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Marcelo em 10/08/2005.

²²³ Entre outros, no Brasil, destacam-se os trabalhos de Marina Maluf, Maria José Motta Viana, Ana Chrystina Venancio Mignot, Maria Helena Câmara Bastos, Maria Teresa Santos Cunha, Zahidê Muzart, Ângela de Castro Gomes; na França, Philippe Lejeune, Daniel Fabre, Verena Von Der Heyden- Rynssch; na Espanha, Manuel Alberca, António Viñao, António Castillo Gomes, Verónica Sierra Blas, na Argentina, Leonor Arfuch

Mignot (2006, p.41) nos instiga a pensar: “guardar é diferente de esconder. Guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor compartilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído[...]”; nesse sentido, guardar denota o cuidado com certo material para mantê-lo seguro, disponível para consultas; quem sabe, aos olhares atentos dos pesquisadores, nessas fontes salvaguardadas possam aparecer relatos e experiências de vida jamais revelados. Mas será que se guarda tudo? Quem sabe o eu lírico da composição²²⁴, me ajude a refletir sobre esta questão:

Eu hoje joguei tanta coisa fora
 Eu vi o meu passado passar por mim
 Cartas e fotografias gente que foi embora
 A casa fica bem melhor assim [...]

Eu hoje joguei tanta coisa fora
 E lendo teus bilhetes, eu lembro do que fiz
 Cartas e fotografias gente que foi embora
 A casa fica bem melhor assim[...]²²⁵

Nesses versos poéticos, o eu lírico optou em jogar fora alguns materiais, afirmando que a sua casa ficaria melhor assim; assim, é possível perceber que a emoção motiva o sujeito a se desvencilhar de algum material, sobretudo quando for um manuscrito pessoal: uma carta, um bilhete, um diário. Ora, alguns materiais que guardam histórias individuais com marcas da escolarização, sobretudo nas redes sociais virtuais, também correm o risco de serem descartados, entretanto por outros motivos.

Em seu texto, Vidal (2000) comenta que nos últimos 250 anos, houve um crescente exponencial das publicações técnicas e científicas; e isso se duplica a cada 10 anos²²⁶. Ainda sobre este assunto, ela revela duas informações: a primeira é que a biblioteca do congresso norte-americano acumula aproximadamente 80 milhões de itens e a cada dia, 7000 novas peças são acomodadas em suas instantes; a segunda, é que no Brasil, a biblioteca nacional, oitava biblioteca do mundo, possui no seu acervo por volta de 8 milhões de itens²²⁷.

²²⁴ VIANA, Herbert; TILLET, Tet. “Tendo a Lua”. Disponível em <www.uol.com.br/letrasmusica> Acesso em 10/09/2011.

²²⁵ Trecho da composição *Tendo a Lua* do grupo musical Os Paralamas do Sucesso; retirada do seguinte endereço eletrônico: <<http://letras.terra.com.br/os-paralamas-do-sucesso>> Acesso em 10/09/2011.

²²⁶ LERNER, Fred. *The story of libraries*. New York: Continuum, 1998.

²²⁷ SANT` ANNA, Affonso Romano. *Libraries, social inequality and the challenge of the twenty-first century*. In: GRAUBARD, Stephen & Leclerc, Paul. *Books, brics & bites: libraries in the twenty-first century*. New Brunswick (USA), London (UK): Transaction Publisher, 1997.

Por sua vez, as reflexões²²⁸ de Eco (2009) sugerem que há muito tempo se realizam congressos e se estudam meios diferentes para salvar todos os livros que abarrotam as bibliotecas; um dos meios possíveis para maior êxito, contudo quase impossível de realizar para todos os livros existentes, é escanear todas as páginas e copiá-las para um suporte eletrônico. Mas será que essa operação será suficiente? Como não bastasse uma resposta negativa, o próprio autor ressalta que os suportes para a transmissão e conservação de informações, da foto ao filme cinematográfico, do disco à memória *pen drive*²²⁹ usados no computador, são mais perecíveis; ele cita a velha fita cassete para exemplificar o esforço feito ao tentar desemaranhá-la, enfiando um lápis no carretel, geralmente com resultado nulo.

É preciso refletir sobre a política de preservação, do descarte documental, uma vez que não há espaço suficiente para engavetar todos os impressos, publicações de todas as esferas, materiais para leitura, tampouco correremos o risco de legarmos ao futuro o que o passado nos legou: documentos que sobreviveram a uma espécie de seleção natural (intempérie, descuido humano ou outras razões). Quem sabe poder avaliar a documentação, descartando o desnecessário, criando condições de sobrevivência para esses documentos, sejam os caminhos possíveis para se pensar esse assunto?

Por outro lado, os altos custos também vaticinam profundas discussões no âmbito da sobrevivência e acúmulo de peças documentais: pessoal especializado, materiais específicos, tempo dispensado para os serviços, assim como investimentos para recuperação de materiais protagonizam a história das alocações e dos acúmulos dos materiais, é o que também se pode examinar nos estudos de Vidal (2000). Nessa acepção, talvez as novas tecnologias digitais também possam oferecer uma contribuição, um auxílio no quesito espaço e guarda de documentos. Então qual será o estatuto que essa fonte assumirá?

Nem sempre numa mudança radical do objeto, a mudança da sua forma física, por exemplo, possa implicar numa mudança radical do documento; ou em outras palavras, transformá-lo em arquivos possa descaracterizá-lo de sua importância como fonte. Nessa acepção, Karnal & Tatsch (2009) nos instigam a pensar que muda mais o olhar sobre a fonte do que a fonte em si. Assim, se o ditado popular francês “Le papier souffre tout”²³⁰, que pode ser traduzido por o papel aguenta qualquer coisa, for o mote cujo significado está na força, no vigor

²²⁸ Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/blogs-colunas26042009/colunas-do-new-york-times/umberto-eco>> tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Acesso em 10/09/2011.

²²⁹ Dispositivos de memória constituídos por memória *flash*. Disponível em <http://www.google.com> Acesso em 22/09/2011.

²³⁰ KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. *Documento e História: a memória evanescente*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

do papel, que sofre calado, jamais se rebela contra as penas do autor, contra os dedos do escritor, quiçá, possa ser ressignificado por, as fontes transformadas em arquivos transcendem as forças dos papéis, não rebelando-se contra os dedos do digitador ou muito menos contra a tinta da impressora.

Outro assunto que pode merecer destaque nas linhas das discussões acerca da salvaguarda dos arquivos é aquele relativo à obsolescência. Como dar visibilidade aos documentos? Os estudos de Vidal (2000) ainda destacam que os perigos da nova tecnologia, seus desafios, estão relacionados à redução da vida útil dos materiais utilizados pelos suportes digitais. Essa autora nos convida a pensar que um livro abre-se sempre à leitura; o olhar atento do leitor para essa materialidade percorre as suas páginas, decifrando os segredos, processando os códigos partilhados e construídos historicamente, o que parece não acontecer com os dispositivos de arquivo como o disquete ou *cd-rom*²³¹; o fechamento de um livro não compromete em nada numa próxima investida do interlocutor; no entanto, para se ter acesso novamente aos conteúdos dos arquivos, a leitura deve ser mediatizada por uma máquina.

Por sua vez, Eco (2009) comenta que com o desaparecimento dos diversos suportes, também desapareceram os computadores capazes de lê-los, e se alguém não copiou no suporte sucessivo tudo o que tinha no anterior, o perdeu irremediavelmente. Mas, como lidar com isso? As reflexões de Vidal (2000) fazem referência a Lerner (1998, p.203), encaminhando possíveis caminhos: “a manutenção de um quadro de especialistas que [...]se ocupem em atualizar as informações[...]e a guarda, por parte das bibliotecas de versões de hardware e software, de forma a permitir que cada peça seja lida no equipamento para a qual foi produzida”. Quem sabe, assim possamos gravar essas fontes efêmeras, antes que algum sistema entre em pane:

Pane no sistema, alguém me desconfigurou
 Aonde estão meus olhos de robô?
 Eu não sabia, eu não tinha percebido
 Eu sempre achei que era vivo
 Parafuso e fluído em lugar de articulação
 Até achava que aqui batia um coração
 Nada é orgânico, é tudo programado
 E eu achando que tinha me libertado
 Mas lá vem eles novamente
 E eu sei o que vão fazer:
 Reinstalar o sistema[...]
 Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça

²³¹ Sigla do inglês (*compact disc read-only memory*); um tipo de arquivo industrializado também produzido para armazenar dados. Disponível em <<http://www.michaelis.uol.com.br>> Acesso em 10/09/2011.

Use, seja, ouça, diga...
 Não senhor, Sim senhor[...]²³²

As escritas transitivas do espaço da web estão à disposição dos navegadores, tripulantes de uma produção histórica do tempo presente, para serem decifradas, analisadas, problematizadas, do mesmo modo que outras fontes historiográficas²³³ apresentam vivas as vozes que clamam por visibilidade nos territórios da História da Educação, como pode se ver nas escritas a seguir:

Eu fui aluno da sua mãe em 1970, na 5ª série. Adorava muito a professora Aryclea. Bons tempos! Viajamos ao sul do Brasil com a sua mãe!²³⁴

Sou sua filha, e tb estudei nos 2 Maristas na área biomédica. Gostaria de obter histórias e fotos no orkut. Vocês podem me postar?²³⁵

Eu fui aluna da sua mãe, inclusive viajei em uma excursão p/ o sul e ela ficou no meu quarto. Eu gostava bastante da sua mãe e ela foi uma ótima profa. Foram ótimos tempos... Mande lembranças p/ sua mãe. Eu acho que tenho uma foto com ela em Foz do Iguaçu, vou procurar e te falo depois.²³⁶

O Fórum *Quem foi aluno da professora Aryclea Marinho?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, traz nas escritas memorialísticas dos usuários a saudade da professora. Nesses *scraps*, também as histórias de uma excursão ao sul do Brasil, mais especificamente, a Foz de Iguaçu, são revisitadas, deixando muitas saudades. Esses sujeitos que postam as suas memórias efêmeras são os protagonistas de uma história de um tempo escolar da qual eles fizeram parte; nessa discussão sobre o repensar o tempo presente:

o historiador trabalha sobre o passado, mesmo próximo, isto é, sobre o que está abolido. Não que ele conceba sua prática unicamente como uma espécie de retorno das cinzas do passado a um presente que seria totalmente desconectado daquele. Bem ao contrário, esse historiador, qualquer que seja sua especialidade cronológica, bebe em seu presente e, longe de pensar que é de nenhum tempo e de país nenhum, ele sabe que está ligado por múltiplas fibras a seu tempo e à comunidade à qual pertence.[...] (SIRINELLI, 1999,p.78)

²³² PITYY, Leone. *Admirável Chip novo*. Disponível em < <http://letras.terra.com.br/pitty> > Acesso em 12/09/2011

²³³ Papéis, Cadernos, diários, cartas etc.

²³⁴ Escrita retirada do Fórum *Quem foi aluno da professora Aryclea Marinho?* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Luiz E. em 29/08/2005.

²³⁵ Escrita retirada do Fórum *Quem foi aluno da professora Aryclea Marinho?* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro; postada pela usuária Márcia M. em 08/11/2005.

²³⁶ Escrita retirada do Fórum *Quem foi aluno da professora Aryclea Marinho?* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro; postada pela usuária Ana P. em 13/11/2005.

Em seu artigo²³⁷, Meneses (2007) destaca que nos tornamos participantes dessas histórias, na medida em que a simultaneidade da informação nos leva à condição de testemunhas; nesse cenário, um elemento situa-se como ponto fundamental: os usos em torno da constituição da memória e da história; essa constatação acabou sendo capital para a mudança de perspectivas que as pessoas comuns tinham e passaram a ter em sua relação com o tempo e na suas maneiras de pensar historicamente seu cotidiano. Por outro lado, é também a partir dos seus vários discursos narrativos que as temporalidades são significadas e articuladas; exemplo disso, é a submissão do presente e, conseqüentemente, o passado a uma contínua exposição (Sibilia, 2008). Examinamos essa reflexão na próxima figura.



Figura 46 - Fórum *Quem estudou na década de 70*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 12/09/2011

Os *posts* dos usuários Diego P., Bruno R. e Joker RJ deixam entrever que quando o assunto era matar aulas naquela instituição de ensino, talvez não tivesse sido uma tarefa tão difícil para os estudantes ficarem ausentes de suas respectivas salas de aulas; nas suas escritas memorialísticas, a coordenação do professor Gaspar, assim como a biblioteca eram os espaços mais frequentados por aqueles sujeitos para essa situação rotineira. Há de se pensar também nos estatutos contraditórios e ambíguos dessas memórias efêmeras que podem ocasionar possíveis

²³⁷ MENESES, Sônia. *Passageiros entre palavras fugazes: pensar o tempo presente entre mídia, história e memória*; Revista eletrônica História Agora: a revista de História do tempo presente, nº 7, 2007. Disponível em <http:// www.historiagora.com> Acesso em 16/09/2011

descartes nessas redes sociais; se por um lado, é possível observar a necessidade de nunca esquecer o fato, torná-lo inesquecível, valorizando, assim, as experiências, do outro, a necessidade de ocultar, silenciar, ou pela necessidade de se preservar algo depois de um acontecimento. Se um possível sentido é atribuído à narrativa revelada pelo ex-aluno Joker RJ em relatar que matava aula à beça, conversando com o Adão dentro da coordenação do Gaspar, por outro lado, há de se perceber outro sentido, o de comprometer a figura do coordenador Gaspar, nessa investida do ex-aluno Joker RJ, afinal, o usuário estava ausente de uma sala de aula.

Será que esses ex-alunos param para perceber o quanto esses *scraps* são importantes para se pensar historicamente? Será que os usuários dessas redes sociais pensam na importância do que se produz por meio desses *posts* haja vista a questão das fontes para a história das práticas escolares? Deixarei essas questões para serem refletidas a seguir.

3.4 Deságue na tela: memórias escolares na rede

*Me sinto muito triste por saber que não existe mais internato no CMRJ. Ele era a saída para todos aqueles que moravam longe e não tinham condições de se deslocar. Me lembro que muitos dos meus irmãos de internato tinham os pais servindo fora do Rio. O que também foi o meu caso.*²³⁸

O nevoeiro escasso que dificultava a visibilidade para navegação nas águas da internet, tornando o horizonte nublado, agora está se dissipando, afastando-se gradativamente do curso desse navegador; ora, esses momentos cobertos de nuvens, nessa viagem pelo mar da web, também foram fugazes, transitórios, efêmeros, transitivos, o que me permite mergulhar no litoral das memórias; portanto, se eu iniciar esta reflexão com uma questão, talvez seja uma tentativa em refletir que esse tema memória requer um diálogo, uma abertura do pensamento em uma perspectiva interdisciplinar. Poderíamos perguntar aos psicólogos, educadores, linguistas, historiadores, filósofos, poetas, antropólogos, neurobiólogos, enfim, a uma série de profissionais que, dia após dia, procuram enfrentar este desafio: afinal o que é a memória? Quem sabe, a resposta possa indicar um caminho longo a ser percorrido, como uma viagem em busca de

²³⁸ Escrita retirada do Fórum *Internato*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Mauro C. em 10/11/2005.

diferentes sentidos e significados, portanto, requer, de cada um de nós, pesquisadores, um despojamento dos pré-conceitos e um possível desligamento de algumas verdades que possam restringir a nossa compreensão, bem como assumir uma atitude de respeito diante dos diferentes saberes que se entrelaçam.

A leitura dos neurobiólogos pode iniciar o esforço em poder entender os depoimentos encontrados nas comunidades escolares que trazem a memória como o cerne desses *scraps* virtuais. A escrita do ex-aluno Mauro C., por exemplo, na epígrafe deste texto, mostra o tom de tristeza ao se comentar a extinção do internato do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Para se iniciar esse passeio nas discussões acerca da memória, o território das ciências médicas, com o neurobiólogo Izquierdo (2004) aponta que a memória é a aquisição, conservação e evocação das informações, dos fatos vividos por cada indivíduo, e que tanto a formação quanto à sua extinção, a saber, os esquecimentos, estão vinculados a um sistema complexo, e dependem de forma direta das modificações bioquímicas estruturais. Será a memória um assunto só para neurobiólogos?

As ciências humanas bradam a resposta negativa quando se traz a memória para o debate. As reflexões²³⁹ de Von Simson (2000) nos mostram que memória é a capacidade humana de transmitir às novas gerações através de diferentes suportes empíricos: voz, música, imagem, textos etc, o que se viveu. Para Ecléa Bosi (2000), lembrar não é reviver, mas re-fazer, reconstruir e re-elaborar as experiências do passado e que nesse trabalho de recuperar a memória de uma vida, fica o que significa;

Para este também se coloca a meta ideal de refazer, no discurso presente, acontecimentos pretéritos, o que, a rigor, exigiria se tirassem dos túmulos todos os que agiram ou testemunharam os fatos a serem evocados. Posto o limite fatal que o tempo impõe ao historiador, não lhe resta senão reconstruir, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos. Nesse esforço exerce um papel condicionante todo o conjunto de noções presentes que, involuntariamente, nos obriga a avaliar o conteúdo das memórias. (Ecléa Bosi, 2000, p. 59)

É possível pensar que exista uma memória individual, ou seja, aquela guardada por um indivíduo, podendo se referir às suas próprias vivências na vida, mas que também contém aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado. Ainda com os holofotes direcionados às escritas do usuário Mauro C., ex-aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, observam-se em seu discurso, aspectos da memória de um grupo, o que ele denominou os irmãos de internato. Halbwachs (1990) sugere que a memória

²³⁹ VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moares. *Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp*. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. (org.). Campinas: Ed. Autores associados, 2000.

individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

Se para Von Simson (2000) a memória coletiva é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla, geralmente se expressando naquilo que chamamos de lugares da memória que são os monumentos, hinos oficiais, quadros, obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade; por seu turno, as reflexões²⁴⁰ de Pollak (1989) reforçam que na análise da memória coletiva, Halbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos; incluem-se nesses lugares da memória, analisados por Nora (1995), o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida; as paisagens, as datas e personagens históricas de cujas importâncias somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. Quem sabe, nas escritas que se seguem, as memórias coletivas e individuais possam se entrelaçar nas histórias evocadas pelos usuários da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Fui interno de 68 a 70 tempos bons aqueles, ser aluno do cmrj é muito show mas ser aluno interno é de mais... sinto muito orgulho da irmandade que fiz lá (Bené,Nazi,Alex,Fariseu,Cozendei,Queiroz,Queirod,Pacheco,Vilela,Falcao,Fany,Ribas,Castelo,Caybi,André,Sambarilove,Irmãoossalsicha,Mauricio,Franklin,Cajazeira,Abtibol, e muitos outros camaradas que nunca esquecerei. fiqm com Deus...²⁴¹

O pessoal do internato aprontava demais; eu Tb era do internato. Mas eu gostava da nossa casa (o meu pai era adido militar em Israel). VLW!!!²⁴²

Observei nesses *scraps*, portanto, a memória de uma coletividade da qual os ex-alunos Orlando J. e Bruno T. fizeram parte; a irmandade do internato do Colégio Militar do Rio de Janeiro formada pelos amigos Bené, Nazi, Alex, Fariseu, Cozendei, Queiroz, Pacheco e outros, oferecem repouso e amizade para aqueles usuários que por um motivo ou outro, não podiam retornar para as casas dos seus familiares, oferecendo, assim, uma aproximação aos membros daquela residência estudantil.

Em seu artigo²⁴³ sobre a memória, Ferreira (1995) sugere que nós não nos lembramos de tudo o que aconteceu ou nos foi ensinado ao longo da nossa vida; nesse sentido, descartamos a

²⁴⁰ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. Estudos históricos: Rio de Janeiro, 1989.

²⁴¹ Escrita retirada do Fórum *Internato* da Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada por Orlando J. em 20/08/2005.

²⁴² Escrita retirada do Fórum *Internato* da Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada por Bruno T. em 10/08/2005.

maioria das experiências vivenciadas e só retemos aquelas que possuem significado. Será que isso também ocorre nas páginas das comunidades escolares do Orkut? Quem sabe, se a cultura da internet também tenha herdado a questão das escolhas das memórias dos usuários, aliada à facilidade e à rapidez dos constantes avanços tecnológicos? Nesse sentido, os *posts* das comunidades escolares do Orkut podem oferecer as possíveis versões das histórias das escolas eleitas pelos seus ex-alunos, como se pode observar na figura a seguir.



Figura 47 – Fórum *Funcionários mais marcantes*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 18/09/2011

No Fórum *Funcionários mais marcantes* da Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro há escritas que elegem a Senhora Iracema e o Senhor Aloísio como os possíveis funcionários que mais se destacaram na história daquela instituição de ensino. Possivelmente, esses alunos não quiseram ou não optaram em deixar registrado um depoimento que revelasse um servidor que não correspondesse às suas expectativas no tempo da escola.

Nos *scraps* desses usuários, observei pistas das suas histórias de vida²⁴⁴. Quem nunca ouviu de um educador, por exemplo, relatos com os caminhos que o levaram ao magistério, as experiências escolares decisivas na sua formação? Tais expressões evidenciam que esse profissional, como qualquer outra pessoa, tem uma história própria, traz as marcas do tempo

²⁴³ FERREIRA, Jerusa Pires, *Cultura é memória*, Revista da USP, n.24, p. 116-117, dez/jan/fev, 1995. Disponível em <<http://www.usp.br/revistausp/24/14-jerusa.pdf>> Acesso em 28/12/2011.

²⁴⁴ FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. *Didática e docência: aprendendo a profissão*. Brasília: Líber Livro, 2009.

em que vive, dos lugares e condições concretas de sua existência. Nesse sentido, os testemunhos dos usuários podem iluminar esta aprendizagem experiencial²⁴⁵, na medida em que traduzem as suas expectativas nas histórias das suas formações, como podemos observar nos depoimentos que se seguem.

Vendo as suas fotos, desde a tenra idade até a saudável juventude que nos é revelada bela, sinto um aperto no coração. Que inusitada é a vida que, por um lado, nos mostra momentos tristes ao constatarmos a agonia de tantos e que, por outro, nos permite gozar do privilégio diante de situações de sublime beleza e prazer, nos levando a agradecer a Deus por fazermos parte da humanidade. [...]dentre inúmeras razões de reconhecimento de felicidade, uma delas foi a de fazer parte da família marista. São José amado, tuas paredes e corredores, tuas salas com teus alunos e toda a tua rica atmosfera estão gravados na memória da minha formação. Você, São José, é um exemplo de excelência acadêmica, dignificando o ensino em nosso país. Abençoados sejam esses maravilhosos Irmãos Maristas que, através de sua perseverança, humildade e abnegação, permitiram que nós pudéssemos usufruir de um colégio que ficará presente em todos aqueles que povoaram as suas áreas no dia a dia de suas vidas. Fiquem com Deus.²⁴⁶

Eu tb tive o prazer de estudar com os melhores professores na minha formação!!! e agradeço a Deus por isso...bjs!²⁴⁷

Nos seus relatos, examinei ventos de otimização soprando a toda força, propiciadores de fôlego nas diferentes convivências e bagagens culturais, assim, favorecendo as experiências formadoras. Observei nas escritas desses ex-alunos, portanto, a satisfação e o orgulho nas histórias de suas formações. À luz da formação profissional²⁴⁸, que pode ser configurada como a atividade humana de caráter dinâmico, e no seu processo de desenvolvimento são fundamentais a colaboração, o envolvimento coletivo, o empenho, a maturidade e o compromisso para superar as metas, assim, observam-se nas escritas memorialísticas dos usuários da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, ecos de uma história de superação nas escolas.

Fui atleta de atletismo. Fui atleta da grandiosa arma de artilharia, da equipe de atletismo(arremesso de disco e peso); o professor nos motivava muito para a nossa formação profissional! Velhos tempos!!! Ab.²⁴⁹
Em 70, bola militar; De 74 a 75, no Esquadrão de Cavalaria; Volley, basquete, corridas em geral. Os nossos empenhos e os nossos resultados só garantiam as nossas vitórias! Valewwww!²⁵⁰

²⁴⁵ SOUZA, Elizeu Clementino. *O conhecimento de si: estágios e narrativas de formação de professores*. Salvador: UNEB, 2006. Disponível em <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/>> Acesso em 29/12/2011.

²⁴⁶ Escrita retirada do Fórum *Saudade de vcs!*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Júlio C. em 13/12/2005.

²⁴⁷ Escrita retirada do Fórum *Saudade de vcs!*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro; postada pela usuária Zilpa E. em 18/12/2005.

²⁴⁸ NÓVOA, Antônio. *Vidas de Professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.

²⁴⁹ Escrita retirada do Fórum *Quem foi atleta do CMRJ?* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Reni D. em 14/03/2005.

Atleta de 70 a 74, ao lado do Nery, Jujuba, Manel, Pralon, Vagner Manteiga e tantos outros. Disciplina, empenho e força! Muitas saudades...²⁵¹

Os *scraps* dos usuários Renni D., Ricardo P. e Jesaias A. dessa rede social virtual anunciam a disciplina, o empenho e o esforço dos sujeitos, nos seus respectivos compromissos como atletas, em ultrapassar os seus próprios limites nos campeonatos esportivos, também ligados à formação profissional dos alunos militares.

Os testemunhos vivos dos usuários das comunidades escolares possibilitam inventariar através das suas escritas e reflexões, que as suas memórias interpretam, compreendem e sugerem novas reflexões para a vida daquelas escolas; são saberes produzidos na história inserida no contexto escolar, numa relação com o outro, em várias instâncias e localizações; assim, norteiam as suas relações com o mundo. Expressas em palavras, signos de comunicação, de transmissão, de preservação de um passado vivido e reconstruído no presente, as trajetórias de vida dos usuários, embora singulares e históricas, apresentam pontos de aproximação; as lembranças dos tempos da escola constituem uma dessas recorrências, representando momentos importantes no modo como eles organizam e se posicionam nas relações sociais das quais participaram. É o que podemos observar nos *posts* com os carneirinhos na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, a seguir.

EEEEEEEEEEEEUuuuuuuuuuu!!!!!!Carreguei um dos carneirinhos no 7 de setembro de 1976, na Presidente Vargas. Em 76, caiu num domingo, quando foi dada a notícia sobre o desfile, ficou a minha imagem na tv, carregando.....digo.....sendo literalmente arrastado pelo carneirinho....rsrs Boa lembrança, essa!²⁵²

Oi turma! Posso informar que nos anos 60 quem carregou muito o carneirinho foi o aluno Nelson Luiz Lott de Moraes Costa Neto, na época do Ministro da Guerra Marechal Lott. abrs²⁵³

Fui da turma 61/67 e, se me lembro bem, quem puxava o carneirinho era o filho do Cel. Oldemiro, prof. de geografia, neto do Gal. Arione Brasil. Bai de uei, esse Gal. que era boa gente! Abbbb.²⁵⁴

²⁵⁰ Escrita retirada do Fórum *Quem foi atleta do CMRJ?* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Ricardo P. em 27/03/2005.

²⁵¹ Escrita retirada do Fórum *Quem foi atleta do CMRJ?* da Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Jesaias A. em 27/05/2005.

²⁵² Escrita retirada do Fórum *Alguém aí carregou o carneirinho?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Carlos C. em 01/08/2005.

²⁵³ Escrita retirada do Fórum *Alguém aí carregou o carneirinho?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Almachio P. em 04/08/2005.

²⁵⁴ Escrita retirada do Fórum *Alguém aí carregou o carneirinho?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Braulio G. em 29/08/2005.

Os *scraps* postados, como num passo cadenciado, no Fórum *Alguém aí carregou o carneirinho?*, celebram as memórias vivas dos ex-alunos sobre o desfile do 7 de setembro na avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro; o dia da independência brasileira, aqueles militares se organizando, marchando na avenida, desfilando na cidade; os alunos dos colégios militares com os carneirinhos são cenas inesquecíveis que povoam as memórias dos ex-alunos.

Os estudos²⁵⁵ de Menezes (2007) mostram que o cotidiano na escola deixa marcas do saber desejado: documentos, livros, material pedagógico, mapas, mobiliário escolar que não são matérias inertes, mas elementos constitutivos de uma concepção de ensino determinada, de um tempo; quem sabe, se a tarefa do historiador da educação não seja juntar esses elementos da memória não apenas para a sua guarda, mas para a busca dos possíveis sentidos da sua utilização. Observa-se que além dos objetos, constituem também elementos dessa memória da instituição escolar músicas, fotos, filmes, vídeos, mapas da cidade e os próprios prédios escolares, que formam elementos físicos, visuais, auditivos, em movimento, e que registram, guardam e lembram fazeres da escola. Traços dessa memória da escola estão também nos próprios indivíduos: as falas dos alunos, dos professores, diretores, funcionários, articuladas com as falas dos que não foram para ela, mas a tiveram no seu desejo, precisam ser trazidas para a cena, encontrando canal para expressar-se. Nesse sentido, os depoimentos nas comunidades escolares também oferecerem as memórias da instituição escolar, apresentando nas redes sociais virtuais uma nova materialidade para os registros de suas vivências de um tempo de escola.

Por seu turno, as reflexões²⁵⁶ de Mignot (2007) sugerem que em até bem pouco tempo, valorizava-se apenas os relatos de homens públicos e a documentação oficial para fontes de pesquisas para a história da Educação; no entanto, novas discussões no âmbito das escritas de si aguçaram historiadores da Educação a se voltarem para temas, objetos e fontes pouco examinados na historiografia da Educação. Quem sabe, se registrarmos ou arquivarmos essas escritas memorialísticas nessas redes sociais virtuais, possamos manter outras fontes para estudos e pesquisas sobre as histórias da Educação? Os depoimentos encontrados na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro abaixo, me levam a valorizar essas fontes historiográficas.

²⁵⁵ MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. *Memória. Autobiografia e relatos de formação: a escola, a sala de aula e o fazer docente*. In: SOUZA, E. C. de. *História de vida e formação de professores*, boletim 1, março de 2007. Disponível em <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165212>> Acesso em 12/09/2011.

²⁵⁶ MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Diários, formação e projeto pedagógico da escola: memória em construção*. In: SOUZA, E. C. de. *História de vida e formação de professores*, boletim 1, março de 2007. Disponível em <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165212>> Acesso em 12/09/2011.



Figura 48 – Fórum *Quem foi aluno da Dona Wilma?*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 12/09/2011

As escritas dos usuários Paulo B., Edgar F. e Luiz E., no Fórum *Quem foi aluno da Dona Wilma?*, podem se constituir uma possibilidade de construção de memórias que evocam os cotidianos escolares, os conflitos vividos nas salas de aulas; é possível observar que quando o assunto era disciplina, havia um rigor nas aulas da professora Dilma. Para os pesquisadores, essas fontes podem ser vistas como documentos que possibilitam compreender e interpretar as tensões e contradições que perpassam o permanente processo de construção do cotidiano escolar.

Neste espaço, observo as práticas de escrita, os estilos de linguagem diversos; se alguns depoimentos são mais narrativos, outros mais lacônicos, alguns respondem estritamente ao que foi perguntado no Fórum, outros transformam o espaço em lugar de expressão de sentimentos; quem sabe, as relações de cada sujeito com o espaço virtual e com os assuntos são diversas; então, deixaremos essas reflexões para o próximo capítulo.

4 PREAMAR DISCURSIVA: PRÁTICAS DE ESCRITA NAS COMUNIDADES ESCOLARES

4.1. Novas sensibilidades à flor da tela: narrativas pós-modernas²⁵⁷ no Orkut

O kêe mateeeeeeeeeee??bem a origem,,,,, ninguem sabe,,,,,mas axu q devia ser de algum poço secreto no interior do cmrj...porq ele acalmava,,,,, nas horas tristes,,, depois das provas, ele alegrava nas horas das comemoracoes,,,e conseguia o ke o mundo hoje anda precisando,,,reunir em volta uma porçao de amigos,,,,, e fikavamos la trokando ideias,,,e papos falando sempre das mesma coisa,,,,, as meninas do pedro II e do instituto,,,rsssss²⁵⁸

*Mate do Manuel...
Cara, vcs tiraram do fundo do baú um passado muito gostoso... Abços...²⁵⁹*

Realmente, essa lembrança foi muito boa. Não tinha como evitar o mate geladinho logo após a Ed Fis ou após a pelada com o caroço do abacate, ao lado da igreja, antes das aulas. Já que estamos recordando, alguém lembra do Al.Albertino da nossa turma de 69, que ficava sozinho no recreio jogando chapinha com seu borzeguim, narrando o jogo e grintando goooooooooo!?²⁶⁰

Na navegação rumo às escritas memorialísticas nas comunidades do Orkut, procurei também me inspirar na obra épica *Os Lusíadas*²⁶¹, do poeta-historiador Luis de Camões, na qual o renascentista canta o passado português, ao narrar em seu texto, o momento em que o ocidente (os lusitanos) se encontra com o oriente (Cabo das Tormentas), numa possível metáfora do encontro entre o mundo ocidental e o universo oriental desconhecido pelo povo português, para me ajudar a pensar num estudo das escritas ordinárias nas comunidades escolares como fontes para a historiografia da Educação.

Ainda nesse horizonte de inspirações, a minha tentativa em organizar um estudo linguístico mais elaborado das práticas de escrita dos usuários nessa rede social virtual, mira-se no esforço em entender que as relações de cada sujeito com o espaço virtual e com as suas memórias escolares são diversas. Desse modo, pensei em poder iniciar este capítulo, atentando

²⁵⁷ O termo *pós-moderno* nas ciências humanas é um tema de muitas discussões; procuro neste texto encaminhar uma reflexão com vistas a problematizá-lo na trajetória das escritas literárias.

²⁵⁸ Escrita retirada do Fórum *Quem lembra do Mate do Manuel?* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Eric C. no dia 14/01/2005.

²⁵⁹ Escrita retirada do Fórum *Quem lembra do Mate do Manuel?* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Gilson M. no dia 16/01/2005.

²⁶⁰ Escrita retirada do Fórum *Quem lembra do Mate do Manuel?* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Mário F. no dia 16/01/2005.

²⁶¹ CAMÕES, Luis. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Ed. Klick, 1999.

para uma possível disposição dos ex-alunos, que visitam, interagem e participam desse suporte virtual, em expressar novas memórias, novos relatos, numa sequência de depoimentos, parecendo não ter fim.

As escritas da epígrafe parecem oferecer um exemplo dessa reflexão; as datas em que foram postadas, dos dias 14 a 16 de janeiro de 2005, ajudam a perceber uma possível continuação em suas narrações a partir do tema discutido no Fórum: *O mate do Manuel*; o que me remete a uma possível intertextualidade com a obra literária *As mil e uma noites*²⁶² na qual a personagem Xerazade, estrategicamente, desperta a atenção do sultão Xariar, contando, durante mil e uma noites, fantásticas histórias de aventuras e aventureiros. Mas de que maneiras esses usuários narram as suas histórias? Os estudos de Chartier (2002) destacam que o fluxo sequencial do texto na tela, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como em outro suporte, por exemplo, o livro, evidencia uma possibilidade do leitor embaralhar, entrecruzar, reunir textos também inscritos nessa mesma memória eletrônica. Nesse sentido, é possível observar uma miríade de narrativas com as memórias dos ex-alunos nas comunidades escolares do Orkut.

Em seu ensaio²⁶³, Moraes (2004) considera que quando se trata de um fenômeno histórico total a ser estudado, não podemos deixar de lado a experiência, os sentimentos e as percepções dos sujeitos sociais; eles formam grupos distintos, com projetos e entendimentos diferentes acerca da realidade. O pesquisador, no seu trabalho de pesquisa e interpretação, depara-se com o imperativo de uma estrutura mental que, ao lado de outras determinações históricas, estão informando e orientando ações sociais. Nesse sentido, “as representações sociais não são estruturas neutras”, como nos lembra os estudos²⁶⁴ de Chartier (1990). É possível pensar que essas representações sociais sejam fruto de interesses específicos dos grupos sociais, disputando ora a hegemonia política, ora a discursiva, em relação à interpretação correta de uma dada situação social; dessas representações se originam estratégias e práticas sociais. Assim, observam-se nessas comunidades escolares do Orkut, práticas discursivas que também fazem andar o carrossel das representações sociais de um tempo escolar. Quando a discussão é a relevância dos estudos das representações sociais, as reflexões²⁶⁵ de Duby sugerem:

²⁶² GALLAND, Antoine. *As mil e uma noites*. São Paulo: Ediouro, 2007.

²⁶³ MORAES, Dislane Zerbinatti, “E foi proclamada a escravidão”: Stanislaw Ponte Preta e a representação satírica do golpe militar, in: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, nº 47, p. 61-102, 2004.

²⁶⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

²⁶⁵ DUBY, Maurice, *História social e ideologia das sociedades*, in: Le Goff, NORA, P. (Org.) *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

Com efeito, para compreender a ordenação das sociedades humanas e para discernir as forças que as fazem evoluir, é importante dedicar igual atenção aos fenômenos mentais, cuja intervenção incontestavelmente é tão determinante quanto a dos fenômenos econômicos e demográficos. Pois não é em função de uma condição verdadeira, mas da imagem que constroem e que nunca fornece o reflexo fiel, que os homens pautam a sua conduta. Eles se esforçam para conciliá-la com os modelos de comportamento que são produto de uma cultura e que mais ou menos se ajustam, no decorrer da história, às realidades materiais. (DUBY, 1995, p. 130)

Por seu turno, Luz (1993) acredita que o surgimento de uma nova tecnologia acarreta o surgimento de uma nova linguagem, como, por exemplo, o cinema: "invenção científica e diversão de parque, tornou-se uma fábrica de contar histórias e uma indústria de produção de consenso". Aquele autor sugere que as novas tecnologias terão cada vez mais influência sobre os modos de inteligência, sobre a gestão do espaço e do tempo e sobre a relação do sujeito consigo mesmo e com os outros.

Se as transformações materiais podem se refletir na cultura e criam a base para o surgimento de novos suportes que irão exigir novas práticas sociais de escrita e, conseqüentemente, o aparecimento de um novo narrador, os estudos de Souza (2006) abrem as portas para refletirmos sobre as histórias de vida e as narrativas de escolarização, ajudando-nos a pensar que a narrativa é tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação, porque é parte das experiências e dos fenômenos humanos advindos das mesmas. O cotidiano humano é, sobremaneira, marcado pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos e falamos, pelas formas como contamos as histórias vividas.

Ainda com os olhos voltados para os *scraps* dessa epígrafe, podemos examinar as histórias relatadas pelo ex-aluno Mário F., ao ressaltar que após as aulas de Educação Física, o mate gelado era a sua opção favorita; o que é realçado pelo usuário Eric C., ao afirmar que nas horas tristes, aquele mate acalmava, parecendo ter uma porção mágica retirada de algum poço desconhecido daquela instituição de ensino do Rio de Janeiro. Quem sabe, essas histórias escolares do sujeito virtual nos remetam aos estudos²⁶⁶ de Le Goff (1989), quando comenta:

O discurso dos homens, em qualquer tom que tenha sido pronunciado – o da convicção, o da emoção, o da ênfase – é frequentemente apenas um amontoado de idéias feitas, de lugares comuns,[...]de mentalidades de diversas origens e de várias épocas. (LE GOFF, 1989, p. 163)

²⁶⁶ LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história *ambígua*, in: Le Goff, Jacques, Nora, Pierre (orgs). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

A arte de lembrar e narrar histórias consiste, num sentido reflexivo, em narrar-se, ou seja, implicar-se e distanciar-se de si, no sentido de que a implicação corresponda ao papel estabelecido pelo vivido, aquilo que conservamos de nós mesmos. O registro de experiências vividas no cotidiano escolar possibilita ao sujeito, enquanto autor e ator de sua própria história, eleger histórias escolares significadoras. Desse modo, escrever torna-se, pois, um ato de desnudar-se²⁶⁷.

As narrativas da web como os possíveis inventários das histórias vividas nas escolas ganham sentido e potencializam-se como fontes historiográficas porque têm na experiência postada pelos usuários a sua base existencial. Dessa forma, esses *posts* das comunidades escolares podem se constituir como singulares num projeto autobiográfico, porque se assentam na articulação entre as práticas escolares individuais e coletivas. Quiçá, não poder emergir daí a necessidade de compreender, com base na abordagem experiencial²⁶⁸ dessas narrativas digitais que falam de si, a necessidade de revelar, nos bastidores das comunidades escolares, cenas cotidianas e experienciais do cotidiano escolar, visto que a organização e a construção da narrativa autobiográfica, acompanhando o aceno de Souza (2001), implicam colocar o sujeito em contato com as suas experiências escolares de formação, as quais são perspectivadas a partir daquilo que cada um viveu, dos significados construídos ao longo da vida. Nessa acepção, quais os possíveis sentidos instituídos nessas relações nas redes sociais virtuais com os seus respectivos modos de narrar nessas comunidades escolares?

Ao ler o texto de Lèvy (1993) e visualizar os seus olhares sobre as escritas no novo suporte digital, vê-se que o autor apresenta de um modo mais didático, os diferentes momentos de transformação do sujeito na sua relação com a linguagem. No primeiro tempo, denominado tempo da oralidade primária, linguagem e memória eram dois aspectos de um mesmo fenômeno; a organização temporal da narrativa desenhava o tempo como circular. As histórias eram contadas de boca em boca, preservando uma estreita relação entre a vida, a linguagem e a memória. O tempo se repetia na linguagem, no contar sempre de novo as histórias; a ideia que não fosse retomada e repetida em voz alta estava condenada ao desaparecimento, nesse sentido, o acervo cultural do homem estava na manutenção do círculo progressivo das lembranças; a invenção da escrita vai, contudo, interromper a cadeia da circularidade das narrativas orais. O segundo tempo, tempo da escrita, vai interferir de forma decisiva no modo de conhecer; ao

²⁶⁷ SOUZA, Eliseu Clementino de. *Histórias de vidas e formação de professores*, In: *Salto para o futuro*, página da internet, disponível em <<http://tvbrasil.org.br/salto/series>> Acesso em 10/12/2011.

²⁶⁸ SOUZA, Eliseu Clementino de. *Histórias de vida e prática docente: desenvolvimento pessoal e profissional*, Revistada FAEEBA. Salvador, n.º 16, pp. 169/178, jul./dez., 2001.

escrever a sua história o homem rompe com a circularidade temporal e inaugura uma nova experiência com a temporalidade, o tempo cronológico e linear. Enquanto os homens contavam uns para os outros as suas histórias, o sentido ia sendo construído no diálogo; a escrita vai, portanto, marcar uma primeira cisão do homem com as memórias: a memória natural vai sendo substituída pela memória artificial. O terceiro tempo, aquele autor chama de tempo da informática, ou seja, tempo da digitalização e da condensação da experiência humana em chips, imagens, impulso eletrônicos etc. Talvez, possamos chamá-lo de tempo das narrativas pós-modernas, produzidas também nas redes sociais virtuais, como podemos observar a seguir.

Pelé, ao que me lembro, Pelé foi interno no CMRJ até 1970, jogava muita bola, foi para a AMAN, sendo declarado Aspirante-a-oficial pela arma de Engenharia e seguiu até o posto de Capitão e, ao que parece, foi reformado. Ele fez parte do melhor time de futebol que o Colégio Militar já teve em todos os tempos com Matoso Maia no gol, Ratinho, Pio, Esmerino, Mato Grosso, Gonçalves, Catalá e tantos outros que fizeram história.²⁶⁹

Pelé, lembro bem, era C A S T I L L O, grande jogador no CMRJ e na AMAN..Era tb corredor e saltador de distancia, como eu corredor d 100 m.²⁷⁰

O Pelé fazia salto em distancia e corria 100 metros rasos. Aprendi muito com ele no salto em distancia. Lembro que minha melhor marca foi contra a EPCEX 5.92m. O Sizino so saltava acima de seis metros e barrou o Pele algumas vezes.²⁷¹

Na tentativa de destacar as representações do amigo Pelé da turma de 69, os *scraps* dos usuários Jesaias S., Alfredo E. e Rui M. no Fórum *Alguém de 69 se lembra do Pelé?* oferecem pistas de uma escrita baseada num projeto pós-moderno. As reflexões²⁷² de Bosi (1976) destacam duas preocupações que orientam a produção da geração das narrativas pós-modernas: a busca de mensagens relacionadas ao contexto social, assim como o desejo de encontrar códigos verbais que trouxessem para os enunciados, estruturas semelhantes às utilizadas para a comunicação de massa: símbolos, exploração dos formatos das letras, organização gráfica etc.

Nessa acepção, remetendo-me ao tema dos depoimentos encontrados sobre o usuário Pelé, é possível notar que os *posts* dos ex-alunos oferecem um destaque na relação de amizade, num vínculo afetivo-social com o jogador de futebol daquela escola, combinados às estruturas

²⁶⁹ Escrita retirada do Fórum *Alguém de 1969 se lembra do Pelé?* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Jesaias S. no dia 28/10/2005.

²⁷⁰ Escrita retirada do Fórum *Alguém de 1969 se lembra do Pelé?* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Alfredo E. no dia 28/10/2005.

²⁷¹ Escrita retirada do Fórum *Alguém de 1969 se lembra do Pelé?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Rui M. no dia 15/11/2005.

²⁷² BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.

linguísticas que se sobressaem nas narrativas, ao poder examinar nomes grafados com letras maiúsculas e letras separadas nas sentenças.

Os estudos²⁷³ das narrativas pós-modernas de Hutcheon (2002) mostram que essas escritas costumam ser acompanhadas por um grandioso cortejo de retórica irônica: ouvimos falar em descontinuidade, deslocamento, indeterminação, ou seja, um fenômeno contraditório que usa, abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia, seja na linguística ou na historiografia. Nesse sentido, possíveis temas sérios podem ser tratados com humor nesses textos considerados pós-modernos; é o que se pode examinar também nessas narrativas das comunidades escolares.

Externato São José, informo, aos interessados, a criação de um novo fórum "São José dos Anos 60" – apenas p/ os que ainda estão vivos hehehehe²⁷⁴

Eu também fiz parte da época dourada do externato estudei de 61 a 67 irmãos e primos também participaram. Tempo do amigo seu Manoel da portaria, irmão Claro, irmão Moita e outros...e o mais famoso baiano do mate. Olha, eu to vivinho Rarararara...²⁷⁵

Parece mesmo que os usuários procuram investir nas suas narrativas, que circulam nas comunidades escolares, um tom irônico, complementado de elementos linguísticos onomatopéicos, vislumbrando novos signos irreverentes, num possível sentido jocoso, ao se convidar um novo usuário para poder fazer parte do novo Fórum intitulado *São José dos anos 60*; a expressão sintagmática observada na escrita do usuário Sérgio N. *apenas para os que ainda estão vivos*, talvez, se mire no projeto satírico encontrado nas narrativas intituladas pós-modernas nas narrativas desses sujeitos.

Por seu turno, Jameson (1997) ao discutir a narrativa pós-moderna, destaca que a sua marca principal é a comunicabilidade. Nesse sentido, a intertextualidade é a mola propulsora dessas narrativas; aquele autor ainda sugere que textos escritos são desenvolvidos a partir de uma visão paródica, muitas vezes fazendo do texto uma colagem de outros textos. Os relatos dos ex-alunos dessas comunidades escolares parecem mesmo empenhados em oferecer um mosaico de vários outros textos em suas narrativas, como podemos ver a seguir.

Entre no São José em 1967, o ateneu das nossas vidas. RS. Fui aluno da Tia Marilene; usei o uniforme azul e também o uniforme marrom; usamos várias vezes o

²⁷³ HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

²⁷⁴ Escrita retirada do Fórum *Externato São José* da Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Sérgio N. no dia 03/03/2005.

²⁷⁵ Escrita retirada do Fórum *Externato São José* da Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Roberto L. no dia 08/03/2005.

uniforme de gala azul, com gravatinha borboleta e meia 3/4 branca. Fiz parte várias vezes do hasteamento da bandeira, quando usávamos luvinhas brancas.²⁷⁶

Belo uniforme! Eu Tb usei o uniforme do nosso Ateneu!!!
Tb usei, e muito tempo!!!²⁷⁷

A intertextualidade com a obra *O ateneu*²⁷⁸ nas escritas dos usuários Márcio K. e Araken podem despertar possíveis sentidos de semelhanças, ou ao se referirem à utilização dos uniformes daquela instituição de ensino, ou à lembrança das rotinas, o que se praticava habitualmente naquele colégio, expondo, portanto, depoimentos que se formam a partir da inclusão de outros textos.

Refletindo sobre narrativa e experiência, os estudos²⁷⁹ de Souza (2001) sugerem que para Benjamin (1994), a figura do narrador vem, cada vez mais, se distanciando do nosso cotidiano, tendo isso consequência na capacidade singular de escrever sobre nossas vivências e experiências cotidianas. Ele complementa que experiência e narração estão imbricadas, porque a primeira constitui a fonte implicada/distanciada das vivências de um verdadeiro narrador. Isto porque, “[...] o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes[...]” (Benjamin, 1994, p. 201).

Para Benjamin, as experiências são as fontes originais de todos os narradores, as quais são construídas e socializadas no cotidiano entre as pessoas, através de aprendizagens extraídas de vivências particulares e/ou coletivas. Talvez, grande parte das escritas encontradas nessas páginas com as histórias dos ex-alunos seja de narrativas com os fatos dispersos, desordenados, espalhados; na contramão da experiência, quem sabe possam desorientar as estratégias clássicas de narrar.

Nas escritas das comunidades escolares podemos encontrar *scraps* como se seguem, com possíveis narradores que olham para se informar; quiçá, não com os que narram mergulhados nas próprias experiências.

²⁷⁶ Escrita retirada do Fórum *Quem usou o uniforme azul e marrrom?*, da Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Márcio K. no dia 21/07/2005.

²⁷⁷ Escrita retirada do Fórum *Quem usou o uniforme azul e marrrom?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Araken C. no dia 16/09/2005.

²⁷⁸ POMPÉIA, Raul, *O Ateneu*, Rio de Janeiro, Ed. Moderna, 2000.

²⁷⁹ SOUZA, Elizeu Clementino de, *História de vida e prática docente: desenvolvimento pessoal e profissional*, Revistada FAEEBA. Salvador, n.º 16, pp. 169/178, jul./dez., 2001.

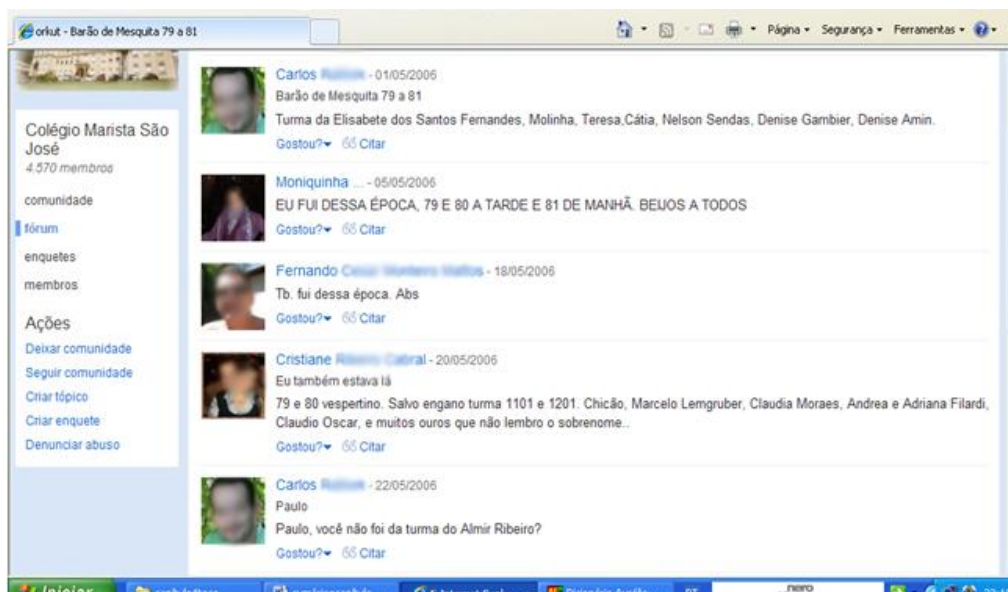


Figura 49 - Fórum *Barão de Mesquita 79 e 80*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 18/12/2011

Parece que as escritas dos usuários do Fórum *Barão de Mesquita 79 e 80*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, vão ao encontro do que Benjamin (1994, p.189) vaticinou: “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo”. O que se pode perceber nessas páginas são narrativas que mais parecem um relatório ou uma informação do que a transmissão de algo narrado. Os depoimentos observados são breves e sucintos sobre os possíveis colegas de turma dos anos 79 e 80 daquela instituição de ensino, o que nos remete ao movimento do narrador pós-moderno²⁸⁰.

Ao adentrarmos nas práticas de escrita memorialística, mais especificamente na internet, Vidal (2000) também nos lembra que os monitores de vídeo impõem textos leves, elaborados em uma linguagem escrita menos formal que a acadêmica, aliando-se a links e justapondo-se à linguagem imagética e sonora, que oferece, inclusive, alguns dos princípios já mencionados por Chartier:

[...] ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contigüidades estabelecidas no objeto impresso, ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais. (CHARTIER, 1999, p. 100)

²⁸⁰ SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas das letras*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

Quando o tema são essas narrativas da internet, Babo (2004) sugere que a escrita digitalizada, em ambiente de ligação em rede, goza da mesma prerrogativa da fala, isto é, do estatuto do direto, do atual, do simultâneo, do efêmero, simulando assim a natureza presencial da voz. Nessa acepção, a internet baseia-se, sobretudo, neste caráter dialógico, reticular e simultâneo da comunicação, arrastando a escrita nesse movimento. Ainda sobre essas práticas de escritas na internet, Lèvy (1999) acrescenta que um hipertexto é uma matriz de textos potenciais, sendo que alguns deles vão se realizar sob o efeito da interação com um usuário.

Por sua vez, Santaella (2004, p.34) opina: “a navegação interativa entre nós e nexos pelos roteiros alineares do ciberespaço envolve transformações sensoriais,[...] trazendo consequências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental”.

Se distribuir a comunicação e as combinações de estímulos visuais e/ou sonoros impensáveis para o suporte papel são afazeres indispensáveis para os usuários das comunidades escolares, quem sabe, procurar decifrar os gêneros discursivos desse espaço virtual na próxima discussão, possa ajudar a compreender melhor os possíveis sentidos atribuídos nas memórias dos ex-alunos?

4.2 Arquipélagos textuais: *posts* de ex-alunos à vista

O sgt Tavares faz parte da historia do CMRJ. Me lembro de outra occasiao, em que ele inventou de ordenar que os alunos, em forma, no patio da 2ª cia, retirassem o sapato do pe esquerdo, sem colocar o pe no chao. Depois, ordenou que retirassemos o outro sapato, tb. sem colocar os pes no chao... Apos, todos estarmos sentados, ordenou que colocassemos os sapatos, e que o ultimo a calçar seria punido, teria o nome e numero anotados²⁸¹

Ele usava um oculos ray-ban, e no patio da 2ª cia, nas aulas de instrucao militar, ele virava a cabeça na direcao da esquerda, por exemplo, e um aluno qualquer, à direita, fazia um movimento, no que ele imediatamente apontava o indicador para a direita, mas ainda com a cabeça virada para a esquerda, e gritava: VOCE, NOME E NUMERO²⁸²

Revisitando a obra épica Camoniana nesta viagem pelo mar da web, procuro relembrar o momento glamouroso em que os heróis lusitanos, após as suas conquistas e batalhas, foram

²⁸¹ Escrita retirada do Fórum *Quem se lembra do SGT Tavares?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Eduardo C. no dia 12/11/2005.

²⁸² Escrita retirada do Fórum *Quem se lembra do SGT Tavares?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Roberto C. no dia 10/12/2005.

surpreendidos na ilha dos Amores, território prodigioso para novas conquistas; nesse sentido, traço outra possível intertextualidade, considerando as escritas memorialísticas nessas redes sociais virtuais, territórios férteis para a história da Educação brasileira. Ora, o trabalho com a memória pode nos ajudar a descrever alguns aspectos ligados à vida escolar por meio das situações diárias vividas pelos ex-alunos, como por exemplo, no exercício militar, ou em outras palavras, a ordem unida, trazendo possíveis novidades, numa revisita às rotinas daquele espaço geográfico e social escolar, mesmo observando uma escrita despojada de regras normativas de acentuação gráfica nas palavras.

Os depoimentos sobre o Sargento Tavares, na epígrafe deste texto, ainda que isentos de aplicações das regras de acentuação das palavras da língua portuguesa, apoiam-se, sobremaneira, nas atividades dos exercícios militares com os ex-alunos no pátio daquela instituição de ensino, como também iluminam os hábitos de vida militar, as formas de sociabilidade do militar instrutor com os ex-alunos e as práticas culturais desenvolvidas por aquela escola. As aulas de instrução militar, portanto, estão inscritas numa rede social em que os sujeitos constroem suas representações livres de moldes ou regras linguístico, o que não compromete o relato postado.

A escrita, como representação de ideias ou palavras codificadas nos mais diversos suportes culturais, é parte integrante de uma realidade social; é possível entender que nesses ambientes linguísticos, os sujeitos criam sistemas, instrumentos, estruturas, para auxiliá-los na interação e no diálogo com o outro; nessa acepção, talvez, seja possível recorrer aos estudos de Castillo Gómez (2002) para compreendermos a história social da cultura escrita:

la historia del lenguaje y de la cultura escrita no puede ser exclusivamente una historia de los sistemas de escritura, sino que debe interpretar el contenido y la modalidad de las diferentes prácticas de lo escrito. el valor y el uso que las distintas sociedades le han dado y le dan. Esto implica entender la escritura como una tecnología de razonamiento y comunicación social capaz de generar modos propios de pensar el mundo y construir la realidad, advirtiendo que esas potencialidades dependen de las condiciones de su posibilidad, de la distribución histórica de las capacidades de escribir y leer, de los discursos. (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 116)

Por sua vez, Freitas (1998) comenta que os aspectos são significativos dentro dos contextos em que a comunicação ocorre, pois a linguagem é o resultado da construção coletiva de um determinado grupo social, evidencia o seu caráter sociocultural. Conseqüentemente, por se tratar de um fenômeno social, considera-se que a língua precisa ser compreendida como inseparável do processo comunicativo, sendo despertada nessas relações pelo fato de que,

através da linguagem, o ser humano tem acesso à cultura e ao conhecimento que o farão refletir na relação com o outro.

Se o balanço da vaga produzido pela direção dos ventos fortes no mar da web for turbulento, causando estranhamento ao pesquisador, talvez seja melhor observar mais de perto outros possíveis horizontes de sentido nessas produções de linguagem nas comunidades escolares do Orkut. Assim, como na interação face a face, a interação tela a tela requer dos usuários algumas habilidades que envolvam possíveis conhecimentos paralinguísticos e socioculturais; isso significa dizer que essa atividade comunicacional, assim como as demais, se apresenta ligada a uma vinculação situacional²⁸³; não pode a língua, nessa esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva (Marcuschi, 1991). Nesse sentido, a linguagem pode ser entendida e produzida no e pelo contexto sociocultural. O *scrap* abaixo, encontrado na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, pode nos ajudar a pensar essa reflexão.

Valew, galera. Istudei de 1969 a 1971. Pra ficar mais fácil, era conhecido no col. como Marrinha. Tb fui um dos desafinados do coral e um dos piores jogadores de futebol do colégio²⁸⁴

A escrita memorialística do usuário Maurício nos remete à sua história naquele colégio: o seu pertencimento ao coral da escola, assim como ao time de futebol do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro; a ortografia, observada nas palavras *Valew*, *Istudei* e *Tb* no seu depoimento, apresenta os traços linguísticos não normativos que estão presentes nessa rede social; é possível examinar que esses elementos linguísticos são compreendidos nessa vinculação situacional, nessa interação social da web. Assim, Bakhtin (1999) sugere que sendo a palavra o material privilegiado de interação entre as pessoas, não pode a linguagem, portanto, ser compreendida separadamente do fluxo daquela comunicação verbal:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1999, p.123)

À luz da concepção interacional da linguagem essencialmente dialógica proposta por Bakhtin, essas escritas das comunidades escolares também podem ser vistas como o próprio

²⁸³ MARCUSCHI, Luis Antonio, *Análise da conversação*, São Paulo, Ática, 1991.

²⁸⁴ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Maurício em 24/05/2005.

lugar da interação verbal, e os usuários, como sujeitos ativos, empenhados dialogicamente na produção de sentidos. Observam-se diferentes estratégias linguísticas dos usuários ao relatarem as suas vidas escolares nessa rede social; a produção da linguagem dos sujeitos estabelece elos com as palavras, unindo através da memória, as histórias vividas pelos ex-alunos. É o que se pode examinar a seguir, nos *posts* dos usuários no Fórum *Alunos dos anos 70* da Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro.

OMARRRRR E A NOSSA VIAGEM PARA S PAULO EM 70? LEMBRO DO FRANCO,ANDREA,MOSCATO,HUMBERTO.QUANTA SAUDADE... A FESTA NO ÔNIBUS, OS LANCHES COM COCA-COLA, ABSSSSSS²⁸⁵

Kara, como eu me lembro!!!!!!!!!!!! ela não sai da minha cabeça... Tempos bons... Valeuuuuu!!!!²⁸⁶

Eu Tb fui. O Talles jogou nosso lanche fora, se lembra? Ele não era fácil.... Ele era bacana.... Ele mora no nosso coração!!!!²⁸⁷

Numa possível aproximação às escritas dos usuários Carlos, Mário e Cícero, no Fórum *Alunos dos Anos 70*, na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, o que talvez salte aos olhos desse pesquisador, seria o desejo de interação dos sujeitos nessa rede social; é possível observar a mesma data, a saber, 19 de novembro de 2005, na postagem dos três ex-alunos; os usuários estão empenhados na produção de textos com vistas à memória de um tempo escolar: eles não só procuram ser cooperativos, como também conegociam, coargumentam (Marcuschi, 1991), a tal ponto, quem sabe, não ter sentido, analisar separadamente as produções de cada sujeito. Nesses relatos, ocorrem influências de ordem pragmática da língua que se sobrepõem, muitas vezes, às exigências da sintaxe²⁸⁸ ou da normatividade da língua.

As marcas da oralidade podem ser observadas nos relatos das redes sociais na medida em que muitos referentes são ambíguos; procurando analisar o depoimento do usuário Mário, postado após a do usuário Carlos: ao iniciar a sua narrativa com o pronome pessoal feminino da 3ª pessoa, o ex-aluno não especifica na sua escrita, se se refere à viagem ou à ex-aluna Andrea Moscato, palavra citada no relato anterior. Esse uso é recorrente na linguagem oral, que pode ser recuperável na própria situação discursiva (Koch, 2010), apontando, dirigindo o olhar ou

²⁸⁵ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Carlos no dia 19/11/2005.

²⁸⁶ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Mário no dia 19/11/2005.

²⁸⁷ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Cícero no dia 19/11/2005.

²⁸⁸ KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

fazendo um gesto qualquer na direção do interlocutor. Além disso, a repetição de palavras também ocorre com muita frequência nas escritas das comunidades escolares do Orkut, podendo mesmo ser considerada um dos mecanismos organizadores dessa modalidade textual; talvez, aqui esteja desempenhando um recurso enfático para que se narre as memórias dos sujeitos, aproximando-os ao texto falado. Não é difícil observarmos no depoimento do usuário Cícero, o número de vezes que é utilizado o pronome pessoal de 3ª pessoa, para se referir ao amigo Talles do tempo escolar.

Um dos possíveis sentidos para a escrita do usuário Carlos, toda grafada em letras maiúsculas, quem sabe, seja o seu brado representado em palavras; ao referir-se à viagem a São Paulo com a turma em 1970, talvez o tenha deixado com muitas saudades, transformando a sua emoção em escritas digitais. Nesse percurso linguístico, tanto a sentença interrogativa utilizada no início do relato, que sugere uma aproximação a esse tema, quanto à escolha do modo verbal indicativo, reforçam um acontecimento marcado por saudades, como o das brincadeiras no ônibus e os lanches oferecidos naqueles passeios. O seu contentamento, grafado em palavras com as letras em caixa alta, transita entre o tempo cronológico da viagem a São Paulo e o tempo linguístico do locutor; a sua escrita no presente evoca a memória dos momentos passados nesse passeio escolar, permitindo levar na bagagem a saudade dos amigos Franco, Andrea, Moscato e Humberto. Os estudos de Le Goff (2003) oferecem contribuições para nos ajudar a pensar as representações do tempo e a história: "O passado é uma construção e uma reinterpretação constante, e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história." (Le Goff, 2003, p.25)

Se no itinerário linguístico do mar da web, nos depararmos com expressões, sintagmas, signos, palavras carregadas de sentidos naquele espaço virtual, produzindo, destarte, efeitos polissêmicos, ambíguos, quiçá, poderemos encontrar outros usos da linguagem nas comunidades escolares do Orkut, os organizadores textuais típicos da oralidade²⁸⁹, conforme nos revelam os *scraps* a seguir.

Isso é que é voltar ao passado, em 1969, mas daí vai ser quase impossível encontrar e lembrar de alguém desta época. Entaum fica o meu registro. Aí lembro dos gêmeos, e da turma. Um grande abraço a todos! Valeu²⁹⁰

Aí, sou de 67 a 71. Então, vida ótima no Marista São José. Ah! futebol jogava muito!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!²⁹¹

²⁸⁹ KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

²⁹⁰ Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Bruno L. no dia 11/03/2005.

Tenho fotografias da turma da época. hahahahahah...Aí...lembro tbm do cheiro daquela fábrica que invadia as salas de aula, então, aquele aroma me lembro até hoje. Só naum me pergunte mais detalhes, vlw? E do S. Davi que era o dono da frota de ônibus que servia ao Colégio, daí eu ia de carona. Abraço a todos!²⁹²

As escritas memorialísticas dos sujeitos deixam entrever o apego à produção de enunciados férteis em organizadores textuais típicos da oralidade; em sua narrativa, o usuário Bruno L. evoca o seu passado escolar em 1969, afirmando ser um pouco difícil, lembrar dos seus amigos. A preferência pela utilização dos termos da oralidade *daí* e *aí* em seu discurso, assim como a variante vocabular *entaum*, quem sabe, possam oferecer pistas de que no Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, os usuários possuem liberdade linguística para registrar as suas memórias; nesse sentido, esses *scraps* observados no fluxo da interação verbal, que se processa nesse contexto, através de relações de sentido são, portanto, dialógicas (BAKHTIN, 1999).

Há de se observar também nessas memórias virtuais, a combinação de enunciados curtos e elementos linguísticos da oralidade; as palavras do usuário Eduardo P. oferecerem essa compreensão ao se referir ao período escolar: “Aí, sou de 67 a 71”. O relato do usuário Lívio pode servir de exemplo para se pensar o tom não normativo utilizado nessas postagens virtuais; o emprego dos signos *naum*, *hahahahahaha*, *tbm* na sua escrita, faz alusão a um aroma nas cercanias da escola, aproximando-se, assim, dos aspectos informais da fala cotidiana. Esses relatos produzidos nos Fóruns das comunidades escolares do Orkut nos instigam a pensar em possíveis novas interlocuções de linguagens, formas diversas de produzir sentidos e estabelecer relações entre os sujeitos nas mais diversas situações de interação (Marcuschi, 1991).

Ávidos em relatar as suas histórias escolares nos Fóruns das comunidades escolares do Orkut, os sujeitos trovejam os seus *posts* no mar da web, sendo possível examinar uma turbulência de histórias dispersas, não lineares; assim, fatos, encantos, desencantos, são postados nas páginas do Orkut, sem um possível ordenamento lógico; é o que podemos examinar nas escritas do usuário Lívio, ao se lembrar de dois temas distintos: o aroma que invadia as salas de aula, assim como as possíveis caronas cedidas pelo Sr. Davi, responsável pela condução dos alunos naquela instituição de ensino. Para poder acompanhar, esses usuários abrem mão de um fio narrativo que conduza um sentido único, aceitando, assim, a miríade

²⁹¹ Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Eduardo P. no dia 10/04/2005.

²⁹² Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Lívio no dia 12/05/2005.

discursiva dessa rede social virtual. Nesse sentido, os estudos de Prost (2008) sobre a narratividade da história nos instigam a pensar que uma narrativa pode referir-se a qualquer objeto histórico, adaptando-se, inclusive a qualquer ordem cronológica:

A narrativa não é necessariamente linear; haveria certo abuso em restringir o gênero aos textos que respeitam uma estrita ordem cronológica. Por um lado, esse respeito é, em geral, impossível, inclusive, na mais tradicional história *événementielle* e política. Imaginemos, por exemplo, um relato dos acontecimentos de 13 de maio de 1958: se o narrador pretender ser claro, evitará o vaivém incessante de Paris para Argel e inversamente, mas, no interior de um quadro globalmente cronológico, delineará sucessivamente os episódios argelinos e os episódios parisienses concomitantes se tivessem sido apresentados, em ordem cronológica, imbricados uns nos outros. Por outro lado, a narrativa adapta-se a múltiplos procedimentos literários que tornam a exposição mais viva e, às vezes, mais significativa. (PROST, 2008, p. 213)

Se ao singrarmos esses mares da internet, num mergulho agora, nas águas da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, no Fórum *Infante- De que ano?*, quem sabe, possamos encontrar mais disposição linguística em observarmos nessas escritas, indícios de justaposição de enunciados, sem qualquer marca de conexão explícita, assim como segmentações gráficas nas memórias escolares dos ex-alunos. Um possível mergulho nas narrativas a seguir, poderá exemplificar essas reflexões de linguagem: “ExAl Carlos Magno Cia de Infantaria Por ti daria a vida minha 676869”²⁹³; “Internato&Aluno 19661971 Infante ex tiro alvo campeão”²⁹⁴.

As memórias dos usuários da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro parecem despertar o entusiasmo dos usuários Carlos M. e Rui M., no Fórum *Infante – De que ano?*, em poderem construir seus enunciados sem sequer uma pontuação nas suas sentenças; logo, a linguagem telegráfica também está incorporada nessas escritas digitais. Observa-se, assim, nas suas escritas memorialísticas, uma harmonia e combinação de números, letras e palavras, sem uma conexão explícita, contudo possíveis de significados para os sujeitos que visitam aquele espaço virtual.

Possivelmente, imbuído de uma paixão pela instituição de ensino, o usuário Carlos M. declara que estudou de 1967 a 1969, afirmando que daria a vida pela Companhia de Infantaria daquela escola; ao passo que o *post* do usuário Rui M. revela que o ex-aluno foi um campeão na atividade esportiva tiro ao alvo, e morou no internato daquela instituição de ensino, entre 1966 a 1971. Os estudos de Bakhtin (1999, p.41) mostram que: “as palavras são tecidas a partir de uma

²⁹³ Escrita retirada do Fórum *Infante- De que ano?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Carlos M. no dia 11/02/2005.

²⁹⁴ Escrita retirada do Fórum *Infante- De que ano?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Rui M. no dia 24/03/2005.

multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais.” Nesse sentido, é à luz dessa reflexão que esses *scraps* nas comunidades escolares do Orkut podem ser avaliados; essas narrativas têm estruturações que lhes são próprias, proporcionadas pelas circunstâncias sociocognitivas de suas produções. Mas afinal, qual é este modelo de escrita que esses usuários das comunidades das escolas produzem?

Apesar da possível complexidade que envolve a questão, não é raro, deparar-se com as várias reflexões de escrita, dependendo do ponto de vista do pesquisador: um produto sócio-histórico-cultural, em diversos suportes e demandando diferentes modos de leitura (Chartier, 2003); uma atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimentos e o uso de várias estratégias no curso da produção do texto (Torrance & Galbrart, 2006); representação do pensamento de um sujeito psicológico, individual, controlador de sua vontade e de suas ações (Koch, 2010); uma produção textual em cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias (Beaugrande, 1997). Este tipo de escrita se pode observar nas comunidades escolares, conforme se pode examinar na figura a seguir.

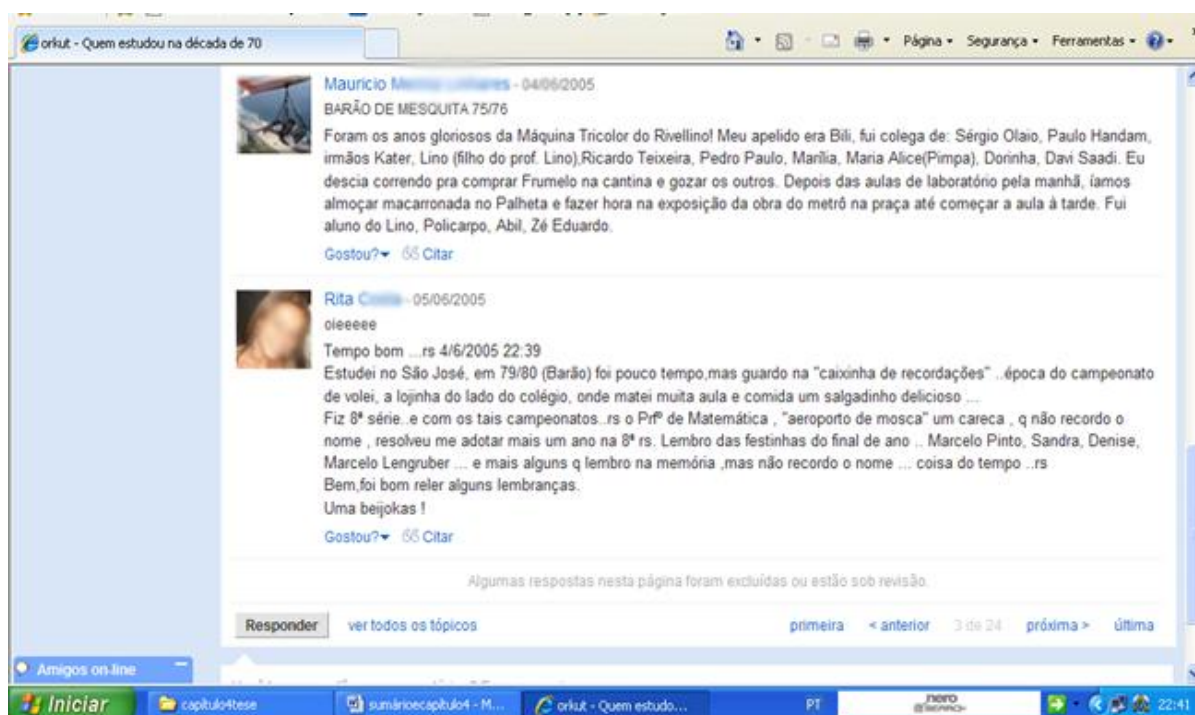


Figura 50 – Fórum *Quem estudou na década de 70*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 18/12/2011

Os depoimentos postados pelos usuários Maurício M. e Rita C. no Fórum *Quem estudou na década de 70*, na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, numa tentativa de evocar as suas memórias escolares, não podem ser compreendidos apenas em relação à

apropriação das regras normativas da língua portuguesa, como podemos observar no trecho: “[...]foi bom reler alguns lembranças”, mas sim, em relação à intenção autor-interlocutor, levando em conta, as possíveis intenções daqueles sujeitos que fazem uso da língua materna para atingir o seu intento.

Na concepção interacional ou dialógica da língua, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve, são vistos como atores sociais, sujeitos ativos que se constroem e são construídos no texto virtual. Logo, o sentido da escrita nessas redes sociais é um produto dessa interação de memórias postadas, não um resultado apenas do uso dos códigos normativos e/ou não normativos. Numa interação de escrita assentada na interação, o sentido é um constructo (KOCH, 2010). Assim, os enunciados produzidos nas comunidades escolares podem constituir um novo gênero discursivo, pois apresentam os três elementos – conteúdo, estilo verbal e construção composicional – nos quais “fundem-se indissolivelmente no enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação [...] sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1998, p.279).

Que modelo de escrita é encontrado nesses Fóruns das Comunidades escolares? Jornalístico? Literário? Diarista? Ordinário da escrita escolar? Quiçá, seja interessante mergulhar em outras águas desse mar da web; o destino agora será as escritas do Fórum *Que coisas marcaram?*, na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, como se pode examinar nos *posts* a seguir.

O que mais me marcou... Ah! foi a grande Olimpíada em 1969. eu estava no 2º ano e jogava vôlei no time do colégio. Ficamos em 1º lugar naquela oportunidade. Foi demais mesmo. Bjs.²⁹⁵

Quando as coisas passavam do limite eramos convidados para uma visitinha na sala da paz... Chiiii... Fui muitas vezes para essa sala... Abc.²⁹⁶

Num esforço em poder examinar os possíveis sentidos nos relatos dos usuários Marcos R. e Júnior, no Fórum *Que coisas marcaram?*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, é possível observar que os seus *posts* tratam tanto das vitórias alcançadas nas olimpíadas daquela instituição de ensino, quanto das visitas à sala da paz. Essas memórias

²⁹⁵ Escrita retirada do Fórum *Que coisas marcaram?*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Marcos R. no dia 12/07/2005.

²⁹⁶ Escrita retirada do Fórum *Que coisas marcaram?*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Júnior o no dia 16/08/2005.

podem pressupor a existência de um auditório social²⁹⁷, ou em outras palavras, uma rede social virtual. Para Bakhtin (1999), o que determina a palavra é o que ela procede de alguém e se dirige para alguém; no entanto, essa orientação para o outro subentende que se leve também em consideração uma interação social que permeia a relação ente os interlocutores em dada esfera da comunicação verbal. Nesse sentido, o discurso nasce, portanto, de uma situação pragmática (Fiorin, 2008) e está intimamente conectado a essa situação que o engendrou, por isso não pode dissociar-se do social, sob pena de perder a sua significação.

A competência linguística do sujeito propicia a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas: “não contamos piada em velório, nem cantamos o hino do nosso time de futebol em uma conferência acadêmica, nem fazemos preleções em mesa de bar” (Koch, 2010, p.54). Nessa acepção, é essa competência que possibilita aos sujeitos de uma interação não só diferenciar os diversos gêneros linguísticos, isto é, saber se estão diante de um horóscopo, bilhete, diário, poema, anedota, aula, conversa telefônica etc, como também identificar as práticas sociais que os solicitam.

Ora, as narrativas dos Fóruns das comunidades escolares também fazem parte da vida dos sujeitos. Olson (1997) interpreta as mudanças culturais associadas às mudanças nas formas de comunicação em termos de alterações nas práticas de escritas sociais:

Os efeitos da escrita sobre as mudanças intelectuais e sociais não são de fácil compreensão... É enganoso pensar a escrita em termos de suas consequências. O que realmente importa é aquilo que as pessoas fazem realmente com ela, e não o que ela faz com as pessoas. [...]a posse de um registro escrito pode permitir que se faça algo antes impossível: reavaliar, estudar, analisar, reinterpretar e assim por diante [...]. (OLSON, 1997, p. 7)

Se as esferas de utilização da língua são extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade, inclusive aqueles encontrados nas redes sociais do Orkut, como podemos examinar nas escritas memorialísticas da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro a seguir.

Eu estudei de 1973 até 1979... fui da cavalaria e no meu tempo ainda havia a Cia Esp... era muito bom não ter arma no 3º ano.. uma pena ter acabado... tenho muitas saudades RS.²⁹⁸

²⁹⁷ FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *A escrita na internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo?* In: *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

²⁹⁸ Escrita retirada do Fórum *Quando vc estudou no CMRJ?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Cyro M. no dia 21/06/2004.

Eu entrei lá em 1971 na 6ª série. Repeti a 7ª série e o 1º ano do 2º grau. Fui da Artilharia. Muitas saudades do nosso colégio. Abço.²⁹⁹

Eu estudei nos anos de 1970 a 1974, fui das comunicações. aprendi muitas coisas, que hoje ensino ao meu filho. Tb saudades. valew³⁰⁰

As memórias dos usuários Cyro M., Altamiro M. e Washington nas quais relatam os seus pertencimentos nas diversas especialidades militares na instituição de ensino, a saber: cavalaria, artilharia e comunicações, também oferecem um tom saudoso dos tempos escolares; essas práticas discursivas das quais participam os sujeitos são modeladas, remodeladas, produzindo novas modalidades discursivas na vida. Nesse sentido, Bakhtin (1999) sugere:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1999, p.55)

Partindo da concepção Bakhtiniana da qual os gêneros são enunciados relativamente estáveis, em cuja constituição entram em cena elementos referentes aos conteúdos, composição e estilo; refletindo sob as lentes dos estudos linguísticos de Marcuschi (2004) nos quais afirmam que é impossível pensar em comunicação a não ser por meio de gêneros textuais, entendidos como práticas socialmente constituídas com propósito comunicacional configuradas concretamente em textos; e baseado no que defende Koch (2010) sobre a competência linguística dos falantes da língua, que lhes possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolvem em diversas práticas sociais, talvez, seja possível afirmar que os gêneros discursivos são vários, assim como são diversas e inesgotáveis as práticas sociais da atividade humana.

À medida que essas práticas tornam-se mais complexas, num processo de evolução, os gêneros dos discursos vão sendo incorporados por outros, passando por uma nova reestruturação (Freitas, 2005). Nesse sentido, quem sabe, ser possível afirmar que essas novas escritas memorialísticas das comunidades escolares do Orkut, diferentemente de esgotarem todas as possibilidades de gêneros discursivos, possam ampliar a discussão sobre as tipologias textuais,

²⁹⁹ Escrita retirada do Fórum *Quando vc estudou no CMRJ?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Altamiro J. no dia 14/07/2004.

³⁰⁰ Escrita retirada do Fórum *Quando vc estudou no CMRJ?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Washington no dia 01/09/2004.

mais especificamente, uma estrutura composicional do gênero discursivo internético, oferecendo como fortuna linguística, os depoimentos dos usuários, as suas memórias de um tempo de escola, que são produzidas por esses usuários nesse novo suporte textual.

Mas como esses usuários se apropriam dessas escritas nesses espaços virtuais nos quais são postadas as suas memórias escolares? Talvez, da mesma maneira que os velhos lobos do mar, tripulantes que se aventuram pelos cruzeiros marítimos, seja num transatlântico, num cargueiro, numa nau ou em qualquer embarcação que ouse singrar os oceanos, cruzar os mares, procurem adaptar as suas habilidades e experiências nas novas investidas no mar, os sujeitos procuram integrar as suas narrativas às novas práticas cotidianas de escrita na web, utilizando a telinha como o outro possível suporte para comunicação. Os estudos de (Chartier, 2001, p.145) acenam: “esses textos são também imagens, no sentido de que têm uma forma específica[...]; a forma dos textos tem importância para o seu deciframento, para a sua inteligibilidade e a sua compreensão”. Quem sabe, os *posts* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, a seguir, possam auxiliar nessa compreensão.

Oi, Rose! Fiquei triste por saber que o Lilico faleceu e acabei de saber que o Lino de biologia tb. morreu. Que tristeza! eram excelentes professores. Eu naum gostava muito de história, mas com o Lilico era mais fácil. Se vc souber de mais alguém da nossa turma, me avise. Vc. lembra do Hélio, Ana Teresa Bernardes? Não sei se eles tb. foram da sua turma. Se vc quiser me add, ok? Podemos nos comunicar mais. Abraços.³⁰¹

Saí do São José em 1970. Fui aluno de todos os prof. Infelizmente informo p/ vc que o Plácido tb já faleceu.³⁰²

Os *scraps* dos usuários Cristiane C. e José R. no Fórum *Quem foi aluno do Lino, Lilico e Plácido?*, na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, ratificam os possíveis sentidos nos depoimentos dos sujeitos, a partir das lentes de um sistema de significações ou relações virtuais; ao receber a informação da morte de dois professores, através dessa rede social, a ex-aluna registra o seu sentimento de tristeza; logo a seguir, um outro usuário complementa a informação da morte de mais um professor. Observei que também a partir desse pertencimento virtual, há uma preocupação em socializar as informações, em manter todos os outros usuários informados acerca de um assunto.

³⁰¹ Escrita retirada do Fórum *Quem foi aluno do Lino, Lilico e Plácido?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Cristiane C. no dia 10/11/2005.

³⁰² Escrita retirada do Fórum *Quem foi aluno do Lino, Lilico e Plácido?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário José R. no dia 17/11/2005.

Mas como são os ritmos das narrações dos usuários nos Fóruns das comunidades escolares do Orkut? Lento? Rápido? Quanto ao tempo das narrações? Psicológico? Vivido? Linear? As linhas de reflexão dessas questões poderão ser vistas na próxima discussão.

4.3 Navegação de longo curso na web: histórias da vida escolar

vgm histórica!!!!Quem se lembra? Foi uma trip pra minas gerais. fomos para um hotel fazenda em BH; aí o nosso amigo chegou chorando dizendo ter visto um ET de barriga azul. conclusao todo mundo dormindo junto por causa da invasao do alienigena. eu nao queria ir mas sob pressao tive q abandonar aquele quarto q seria soh meu, fala serio!! Tudo isso 30 anos atras eheheheh. abc³⁰³

Fala seriiuuuuu!!!! ET fone home.... Eu tb me lembro da fazenda em Minas Gerais!!!! Quanta saudade!!!³⁰⁴

Navegar pelas águas do mar da web é uma aventura que parece não ter fim; é possível observar novidades, singularidades, originalidades nos rumos, cursos, escolhidos; entretanto, os desafios, os imprevistos também, intrepidamente, surgem no horizonte dessa pesquisa cujo objetivo é dar visibilidade às escritas memorialísticas encontradas nos Fóruns das comunidades escolares do Orkut, considerando-as fontes para a historiografia da Educação. Se os estudos de Bastos (2007) sugerem que os processos memorativos estão relacionados a campos de significação na vida do sujeito, então, a epígrafe desse estudo, com as memórias dos usuários Edu e Pedro H., da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, pode ser um mergulho inicial para se pensar a história de viagem daqueles usuários a um hotel fazenda, em Belo Horizonte; ao revisitarem os acontecimentos vivenciados, os sujeitos produziram *scraps* – nos quais se delineiam as relações com os membros de sua rede social – que são fontes para a possível compreensão de uma época e, fundamentalmente, para a historiografia da Educação.

Num esforço em poder problematizar estes *posts* das redes sociais virtuais, também recorro a heteroglossia (Burke, 1992, p.336) para permitir que as vozes variadas e opostas narrem um fato da maneira como foram vivenciados; é o que se pode observar nos *scraps* a seguir:

³⁰³ Escrita retirada do Fórum *Viagem histórica*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Edu no dia 09/05/2005.

³⁰⁴ Escrita retirada do Fórum *Viagem histórica*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Pedro H. no dia 09/05/2005.

Estudei de 1967 até 1970. Sou da época da cantina do Seu Zé. Quem nunca comeu um X-Miséria lá???? Tive turmas muito legais... Os irmãos Lamarca, Pedro (narigudo) Escani, Mario Biselli, Cecília, Cibele, Beth Paolillo, Tia Cláudia, Ivone, Djabraian, Wilson Pavanelli, Marrinha, Ricardinho, Marcio Neis, Mariana, Gerson Di Vernieri e tantos outros que deixaram lembranças... Sem contar dos especiais professores e funcionários... Prof Freitas(francês): "Múmias, abram o compêndio !!!", Prof Abrão, Prof Vailatti, Prof Vasco... meus grandes mestres. Saudades!!! Poderíamos nos encontrar...Entrem em contato...³⁰⁵

Estudei de 68 à 71!! Um abraço a todos os ex alunos!!! Como eu gostava dos campeonatos nas aulas de Física!!!!Deixem recados!!!!Valeu!!³⁰⁶

As cantinas, os lanches preferidos e os campeonatos nas aulas de Física merecem destaque nos relatos dos ex-alunos Omar e Christiano L.; os amigos, os funcionários e professores mencionados também fazem parte dessa gama de memórias nas quais mencionam-se os tempos, os espaços inseridos no contexto educativo. Nesse sentido, esses *scraps* também podem inventariar as experiências vividas no tempo escolar do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro.

Quais os outros possíveis sentidos de narração nessas redes sociais? Como se apresenta a velocidade nessas narrativas? Para tentar responder a essas questões, talvez fosse interessante mergulhar nas águas de outro litoral da web; quem sabe, o *Fórum Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, possa oferecer condições favoráveis à análise das estratégias utilizadas pelos usuários para poder narrar as histórias de um tempo de atleta. É o que tentarei examinar nos *scraps* a seguir.

Eu me orgulho de ter sido atleta do CMRJ, como eu que fui atleta de natação, pólo aquático e atletismo nos anos de 1969 e 1970; cada suor no treinamento, os braços doídos, o ginásio cheio, disposição de campeão. e gostaria de encontrar meus velhos amigos, ex-atletas do colégio.³⁰⁷

arremessei muito peso e disco de 68 a 72 e gostava muito do que fazia, com orgulho nas viagens e campeonatos!! rrs³⁰⁸

Os *posts* dos usuários no *Fórum Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, revelam o encantamento e a paixão desses sujeitos pelas várias modalidades esportivas, os diferentes tipos de esportes praticados naquela instituição de ensino: natação, polo aquático, atletismo, arremessador de pesos etc. As narrações postadas pelos ex-atletas Fábio F. e

³⁰⁵ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 60*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Christiano L. em 31/07/2005.

³⁰⁶ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 60*, da Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro; postada pelo usuário Omar em 20/09/2005.

³⁰⁷ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Fábio F. no dia 30/04/2005.

³⁰⁸ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Cristiano V. no dia 12/05/2005.

Cristiano V. ensaiam a satisfação dos mesmos em poderem participar dos campeonatos, das viagens, dos treinamentos. Num mergulho linguístico nesses depoimentos, uma questão vem à tona: o que é narração?

Em sua obra³⁰⁹, Reis & Lopes (1988) sinalizam que a narração é entendida frequentemente em acepções diversas: como processo de enunciação³¹⁰ narrativa, como resultado dessa enunciação, como escrita da narrativa e como procedimento oposto à modalidade descritiva; contudo, aqueles autores sublinham que talvez, se deva reconhecer a primeira das acepções como a de maior acolhimento linguístico. Mas o que é essa enunciação narrativa?

Os estudos³¹¹ de Benveniste (1974) acenam que a enunciação é a língua posta em funcionamento por um ato individual de utilização. Por sua vez, as reflexões³¹² de Freitas (2010) sugerem que a construção de um texto verbal ocorre por meio da discursivização, ou seja, pelo processo da passagem da língua ao discurso, pelos princípios e regras codificadas para cada gênero textual; ora, as narrativas postadas nesse Fórum da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro também podem ser compreendidas como tipologias textuais; a voz do usuário, sujeito de um ato de linguagem, dirige-se a um interlocutor, possível ex-aluno, e surge, então, uma expectativa em relação a esse interlocutor idealizado, o sujeito receptor-destinatário; nesse ato de linguagem, portanto, há um jogo enunciativo entre os interlocutores virtuais, assumindo, portanto, multiplicidades de tons; observo que os seus *scraps* são tomados com as histórias de firmeza, dedicação e nostalgia quando o tema trata das histórias daqueles usuários com o atletismo naquela instituição de ensino.

Quando o assunto é o tempo da narração, Genette (1979) afirma que há duas maneiras para abordá-lo: o cronológico e o psicológico. O primeiro é utilizado pelo sujeito para desenrolar uma ação; nesse sentido, observam-se nas escritas as palavras: dia, mês, ano, hora, minuto, segundo, década, século etc. Há também outras expressões nas narrativas: alguns minutos, instantes, no dia seguinte, algum tempo depois, passaram-se meses, anos ou dias etc. É o que se pode examinar, a seguir, nos *scraps* do Fórum *Ex-atletas do CMRJ* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

³⁰⁹ REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de teoria da narrativa*, São Paulo, Ática, 1988.

³¹⁰ As possíveis referências ao termo *enunciação* devem-se aos estudos de Bakhtin. Ver em Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

³¹¹ BENVENISTE, Émile, *Problemas de Linguística geral*, São Paulo, Pontes, 1974.

³¹² FREITAS, Regina Célia Pereira Werneck de. *A enunciação narrativa e a construção do ethos de Paulo Honório*. Tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira, 2010 <Disponível em www.ufrj.br/unidades.php> Acesso em 21/12/2011.

Fui atleta de natação do CMRJ de 68 a 71, Alguém se lembra do Almeida que fazia os seus treinos às 4 da matina??Um abraço para a galera que compartilhou horas de cloro e para galera das viagens p/ as competições.Um abraço.³¹³

Fui do atletismo: 400, 800, 1500 e 3000 metros. Treinava nos anos 69 e 70 com o Guaracy... Substituí o "Pacco" nos 3000 metros, em 71; tempos depois, o Cyro Delgado e Conde, foram os meus contemporâneos de CMRJ!!! Um abraço a todos!³¹⁴

Os *scraps* postados aguçam os olhares dos usuários nesse Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, oferecendo pistas de um tempo cronológico na história dos ex-atletas; os anos 68, 69, 70 e 71 são utilizados pelos sujeitos para poder marcar em seus discursos o tempo cronológico nas suas narrações, nas quais enfatizam as modalidades esportivas das quais participavam. Mas não se observam nesse espaço virtual apenas narrações cronológicas; saltam aos olhos o produto de uma experiência interior, não mensurável mecanicamente, mas subjetivamente; as escritas traduzem-se em palavras através da intensidade emocional que as acompanha: o tempo psicológico na narração; pode-se examinar nos *scraps* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro a seguir.

Atleta de Esgrima de 70 a 71. A dor durou bastante, eu ã compreendia as derrotas; não compreendia os tempos difíceis no treinamento...mas eram os jogos, eram as batalhas, vlw!!³¹⁵

Fui atleta de 100, 200 m, salto em distancia e 4x100, dos idos de 1967 a 1969. A justiça e a injustiça andavam juntas. O meu cansaço acordava em cada treinamento. Os atropelos frequentes apareciam nos campeonatos. Ai de nós. Fui...³¹⁶

O tempo psicológico nas narrações sublinham os apelos emocionais dos usuários, enfatizando as suas experiências nos campeonatos, nas derrotas das competições, nas situações que lhes renderam momentos decisivos e marcantes nas memórias de um tempo escolar.

Por sua vez, os estudos³¹⁷ de Ceia (1998) sugerem que seguindo a melhor tradição literária, mede-se o tempo do discurso pela sua extensão, ou em outras palavras, pelo número de linhas e de páginas, o que remete à ideia aproximada do tempo que seria gasto para ler determinado fragmento de um texto. Nesse sentido, o tempo do discurso daquele espaço dos Fóruns das comunidades escolares, talvez, possam mesmo se configurar como breve, resumido,

³¹³ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Antonio C. no dia 11/05/2005.

³¹⁴ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Antonio H. no dia 18/05/2005.

³¹⁵ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Daniel A. no dia 18/05/2005.

³¹⁶ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Alfredo E. no dia 22/05/2005.

³¹⁷ CEIA, Carlos. *A Literatura Ensina-se? Estudos de Teoria Literária*. Lisboa: Colibri, 1998.

sucinto, rápido, apresentando, assim, narrativas curtas, com um número pequeno de palavras ou expressões naquele ambiente virtual; é o que se pode examinar nos *posts* a seguir.

Fui da equipe de CMRJ de 74 a 76. Nesta época não tinha prá ninguém, nem AMAN nem Escola Naval. Abços.³¹⁸

Time de basquete do CMRJ. Bons tempos aqueles (1967-1969) viajavamos pra jogar com as demais escolas militares, EPCAR, ESPCEX E CN, inclusive o CPOR-RJ. Vlw!³¹⁹

Fui atleta d handball de 69 a 72. Que sawdadeeee... Abc.³²⁰

A leveza e a ligeireza nas escritas memorialísticas dos usuários nos Fóruns das comunidades escolares parecem se destacar quando o tema é o tempo do discurso nas narrativas. Ao comentarem sobre as suas participações nos campeonatos com as outras escolas militares, a saber, EPCAR, EsPCEX, Cn e o CPOR/RJ, de alguma forma, as palavras dos usuários Odilson M., Sá F. e Bruno S. da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, lhes asseguram um possível retorno ao passado escolar.

Genette (1979) explica que a ordem temporal de uma narrativa é o confronto da disposição dos acontecimentos ou segmentos temporais no discurso narrativo com a ordem de sucessão desses mesmos acontecimentos ou segmentos temporais na história. Assim, se se atentar ao fato de que, na reconstituição do plano da história, os eventos se articulam necessariamente em ordem linear, um fenômeno verificado com acentuada frequência nas narrativas será o da anacronia, quero dizer, o da “discordância entre a ordem da história e a da narrativa” (Genette, 1979, p.34). Desse modo, observam-se narrações anacrônicas nos *scraps* dos usuários. Nos espaços virtuais, os usuários criam, recriam, ressignificam sentidos nas suas memórias escolares; duas espécies são examinadas nas comunidades escolares: a prolepse e a analepse. A primeira corresponde ao *flashforward* ou à antecipação, e a segunda ao *flashback*. Observam-se essas utilizações, a seguir, nas escritas memorialísticas dos usuários no Fórum *Ex-atletas do CMRJ* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

³¹⁸ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Odilson M. no dia 28/05/2005.

³¹⁹ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Sá F. no dia 23/06/2005.

³²⁰ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Bruno S. no dia 23/06/2005.

Fazia parte da equipe de atletismo nos lançamentos de dardo e disco. Não saberia dizer como cheguei lá... Bem...Foi assim que competi muito pelo meu CMRJ. Saudades. Abraço.³²¹

Era da equipe de Natação. bons tempos... Será nessa estrada que seremos campeões...E como fomos campeões...Uaua...Fui...³²²

A prolepse ou antecipação é observada a partir das expressões verbais e adverbiais do tempo verbal futuro; as possíveis funções são provocar o suspense, manipular as expectativas, por meio de pequenas doses de antecipação de fatos, antecipar habilmente o desfecho, como se pode examinar nas narrações dos usuários Marco F. e Edson L. ao utilizarem os verbos no futuro do pretérito, assim como no futuro do presente, num esforço em criar uma atmosfera de mistério nas respectivas equipes dos esportes.

Por seu turno, a analepse ou *flashback* é a interrupção de uma sequência cronológica narrativa pela interpolação de eventos ocorridos anteriormente, sendo também muito utilizada nas comunidades escolares do Orkut, como se pode perceber a seguir.

Estava na Primeira Olimpíada dos Colégios Militares em 69 no Rio de Janeiro, aí o técnico me parou e me lembrou... matei aula nos dias de treinamento... não compareci nas reuniões das quarta-feiras... aí ele dava bronca...RS...³²³
Fui atleta de 100m, 200m e da poderosa equipe de 4x10m de atletismo de 1971 sendo campeão dos jogos dos CM com uma equipe invencível que derrubou por três anos a Espcex, Epcar, CN. No último campeonato a AMAN se recusou a competir contra aquela equipe. tempos bons. Abcs.³²⁴

As memórias dos usuários Luis B. e Santos F. revelam que o recurso *flashback* é também um processo muito utilizado nas comunidades escolares do Orkut porque permitem reintegrar a história dos usuários às suas respectivas competições com as outras escolas, com as equipes de treinamento, e cumprem funções muito variadas na composição da narrativa, que vão desde a retrospectiva das competições, como os episódios não comentados nas histórias de suas equipes.

Quem sabe, retomar a problematização das escritas autobiográficas proposta por Lejeune (2008, p. 14) para procurar entender essas narrativas retrospectivas em prosa: “uma pessoa real faz de sua própria existência quando focaliza sua história individual, em particular a história de

³²¹ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ* da Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Marco F. no dia 19/05/2005.

³²² Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ* da Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Edson L. no dia 22/05/2005.

³²³ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Luis B. no dia 24/05/2005.

³²⁴ Escrita retirada do Fórum *Ex-atletas do CMRJ*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Santos F. no dia 27/05/2005.

uma personalidade”, assim como a do pacto autobiográfico; esse possível contrato de leitura que é uma proposta do autor que se dispõe a narrar a verdade de sua vida:

“Ora, no pacto autobiográfico, como, aliás, em qualquer “contrato de leitura”, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua reação. Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado e é você quem deverá fazê-lo.” (Lejeune, 2008, p. 75)

Se a memória é seletiva (Lacerda, 2003), narra a experiência vivida e a transforma em experiência para outros que a acolhem e a escutam, qual a relação dela com as perguntas sugeridas pelos ex-alunos nos Fóruns? O que se elege para narrar? O que os sujeitos compartilham nessas redes sociais? Estas questões, eu deixarei para serem refletidas nas linhas do próximo estudo.

4.4 Elos das amarras estilhaçados: partilhas de memórias no suporte digital

E o handball na conde de Bonfim em 1972? Eu joguei...Quanta saudade...Bjs!!!³²⁵

Sou andréa , e talvez alguns lembrem de mim pois era a melhor goleira que o colégio teve nessa época..rs Se alguém ainda tem saudades, poste sua mensagem Vlw?????...³²⁶

Eu joguei...mas anos antes...era muito bacana as tardes de sábado...Abços..³²⁷

Se nos primeiros dias dessa viagem pelos oceanos da internet, esse pesquisador mostrava-se inquieto, apreensivo, preocupado por desconhecer estratégias, procedimentos, para essa navegação, quem sabe, neste momento, eu possa ser considerado um lobo do mar? Nessa acepção, vou aproveitar as boas condições do tempo com ventos brandos, temperaturas favoráveis, para mergulhar em outros espaços virtuais que narram as histórias escolares dos ex-

³²⁵ Escrita retirada do Fórum *Quem jogou Handball na Conde de Bonfim?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário José L. no dia 12/04/2005.

³²⁶ Escrita retirada do Fórum *Quem jogou Handball na Conde de Bonfim?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Andréa S. no dia 18/04/2005.

³²⁷ Escrita retirada do Fórum *Quem jogou Handball na Conde de Bonfim?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Márcia F. no dia 22/04/2005.

alunos; talvez o litoral da comunidade escolar do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro possa ser um itinerário interessante para a minha próxima investida.

A epígrafe deste texto nos remete às reflexões acerca dos pertencimentos dos usuários nas redes sociais virtuais; as escritas dos usuários José L., Andréa S. e Márcia F. mostram que o compartilhamento das suas memórias, os vinculam a essa rede social; os *posts*, narrados na primeira pessoa do singular, rememoram as suas histórias pessoais e as do grupo que jogava handebol na rua Conde de Bonfim, possivelmente, a localização da quadra onde se realizava essa prática esportiva.

Se em outras práticas de escrita de si, como por exemplo a carta, examina-se aproximação, relação de afinidades entre os sujeitos, criando, nesse sentido, um circuito de sociabilidades que ganha importância para a pesquisa histórica porque possibilita refletir sobre as relações sociais;

A carta não apenas aproxima, mas fala a respeito de quem a escreve e revela sempre algo sobre quem a recebe, permitindo aquilatar a intensidade do relacionamento entre os missivistas. Escrever cartas é, para muitos, além de uma emoção, uma forma de ousar, de ser transparente e vulnerável com a pessoa que se convida a participar desse processo, porque estamos escrevendo para alguém. Como resultado, constrói-se a confiança, cresce a intimidade. (MIGNOT; BASTOS; CUNHA, 2000, p.6)

Nas comunidades escolares, isso não é diferente; vínculos de aproximações tornam os usuários envolvidos nessa tessitura de histórias de um tempo escolar, ainda que postadas nessa rede social virtual, nas escritas exibidas, nas palavras de Sibílica (2008), o verdadeiro festival de vidas privadas, que se oferecem despididamente aos olhares do mundo inteiro, um “show do eu”. Portanto, esses sujeitos utilizam os novos espaços reveladores de ideias, projetos, opiniões, interesses e sentimentos³²⁸, e buscam compartilhar as atuações individuais nas suas histórias escolares. É o que se pode examinar nas escritas memorialísticas dos usuários no Fórum *Dia de Convivência?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro a seguir.

Dia de convivência; lembram disso? Meu tempo era 1972. Eu lembro... era em Vargem Grande... num sítio...Aprontava tanto...Abç³²⁹

Sim eu lembro...Antigamente era em um sítio em Vargem Grande ou no Recreio... mas depois que inauguraram o Vila Marista em Petrópolis os sítios foram esquecidos!!!Quanta saudade...Gostava muuuuuuuiitoooooooo!!!³³⁰

³²⁸ GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si: escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

³²⁹ Escrita retirada do Fórum *Dia de convivência?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Leonardo V. no dia 21/05/2005.

³³⁰ Escrita retirada do Fórum *Dia de convivência?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Gabriel C. no dia 24/05/2005.

Entre os fios das memórias dos usuários na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, examinam-se vestígios de um momento escolar, possivelmente, nos dias iniciais dos anos letivos, para, quem sabe, num momento de celebrar novas amizades, se aproximar dos novos alunos; nesses *scraps* são destacados os sítios localizados em Vargem Grande e Petrópolis, onde eram realizadas essas reuniões escolares. Mas qual a relação dessas perguntas sugeridas pelos ex-alunos nos Fóruns com as suas menções ao passado?

Numa tentativa de análise, nos títulos dos Fóruns na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro: *Dia de Convivência?*, *Qual era o seu ônibus?*, *Alguém da minha turma?* *Qual foi o seu patrocínio nas olimpíadas?*, é possível observar em comum, o ponto de interrogação nas sentenças, o que pode sugerir uma chamada, um convite à participação nesses Fóruns virtuais; no entanto, outros possíveis significados também podem vir à tona: os da entonação. Bakhtin (1999) evidencia que não há enunciado dotado de significado sem a avaliação social que o veicule; ora, as memórias dos usuários são produzidas com um quê de oralidade, sugerindo, destarte, na chamada do Fórum, um momento destituído de formalidade nas escritas dos ex-alunos.

Outros significados podem ser observados nos títulos dos Fóruns que nos instigam a revisitar os anos vividos dos ex-alunos: *São José dos anos 60*, *Barão de Mesquita 69 a 81*, *Galera da Biomédica de 69 da 73*; *Quem fez monitoria em 68*; *São José dos anos 70*; as datas destacadas no final das frases, possivelmente, estimulam os usuários à participação, uma vez que evocam, trazem à lembrança dos sujeitos, os fatos vividos daqueles períodos escolares; como num movimento de uma corrente marítima, as chamadas ganham força, mobilizando cada sujeito a revisitar a sua vida escolar. Essa manifestação linguística se inscreve ao sabor das alegorias digitais que traduzem as memórias e as histórias dos usuários.

A combinação das letras maiúsculas com os alongamentos vocálicos são outros possíveis recursos linguísticos examinados nos *scraps* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, o que pode atrair a atenção dos outros usuários, incentivando à participação nessas redes sociais com as representações das suas vidas escolares. A seguir, podem-se examinar os *posts* dos sujeitos sobre essa combinação.

Em me lembroooooo... que na minha época os alunos e ex-alunos podiam ir no colégio pra usar as quadras de basquete, futebol... Bons tempos em 1973!!!! Vcs se lembram?³³¹

³³¹ Escrita retirada do Fórum *SÁBADOS noooo COLÉGIO*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Bruno B. no dia 18/02/2005.

Claro que me lembruuu... Eram os meus melhores dias...³³²

Estimular outros ex-alunos à participação, compartilhando experiências com menções aos passados, nesse espaço virtual, talvez não seja uma tarefa tão fácil; assim, na tentativa de chamar a atenção dos outros sujeitos, são criadas estratégias linguísticas que estimulem a participação dos ex-alunos. A possível saída, como por exemplo, Fórum *SÁBADOS noooo COLÉGIO*, pode significar um cumprimento aos ex-alunos, com as letras maiúsculas; pode também significar uma valoração específica, a saber, uma satisfação em poder relembrar aqueles sábados na instituição de ensino, ou até mesmo, pela repetição vocálica, anunciar pela escrita, a felicidade que aqueles dias traziam nos jogos de futebol e basquete com os seus amigos.

As suas escritas memorialísticas nas comunidades escolares do Orkut são elos para compartilhar os itinerários vividos na escola ou fora dela, procurando dar sentido à busca de si, de suas raízes de um passado distante que se faz presente. Nesse sentido, podemos examinar os próximos *scraps* encontrados na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, no Fórum *Anos 70*.

Quem não se lembra da grande festa promovida p/ grêmio estudantil nesse ano? Foi o máximo!!!! Quantas saudades!!!! Vcs foram???³³³

Aê!!! naum gostava das festas naum... gostava mais das olimp. das turmas... quando recebia medalha da mão dos prof. ...era muit legalll.... Abcs...³³⁴

Pra mim foi a vgm pra Ouro Preto... MG... Muito bommmm... Mesmo sem água...rs...Ficamos lá três dias... vc se lembra?? Deixou muitas sawdds... Vlw!!!!!!³³⁵

Os *posts* deixam entrever que o desejo de postar as memórias sobre as festas, os marcos históricos, menções aos passeios, às viagens, os modos de se referirem às festas cívicas, aos eventos escolares, procuram socializar saberes construídos, emoções contidas e representações presentes nas memórias dos ex-alunos. Mas que possíveis imagens dos ex-alunos estão sendo

³³² Escrita retirada do Fórum *SÁBADOS noooo COLÉGIO*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Bruno R. no dia 19/02/2005.

³³³ Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Aida H. no dia 28/12/2005.

³³⁴ Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Marcelo B. no dia 28/12/2005.

³³⁵ Escrita retirada do Fórum *Anos 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Ana C. no dia 29/12/2005.

construídas com esses relatos? Quem sabe, os depoimentos deixados nos Fóruns da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro sejam as pontas de um iceberg, nesse infinito mar da web, protagonizados pelos sujeitos da cibercultura. Essas escritas memorialísticas no fórum *Anos 70* representam apenas uma pequena demonstração das experiências acumuladas pelos ex-alunos Aida H., Marcelo B. e Ana C., em seus respectivos tempos escolares. Nessa acepção, as escritas memorialísticas não são lineares e não podem ser controladas num encadeamento lógico, racional; os *scraps* desses usuários podem subverter o tempo cronológico, com as infinitas possibilidades de narrar, o que remete às possíveis reflexões de Sibília (2008, p.74): “o fenômeno das confissões na internet é marcado pela variedade, pela diversidade e pelas mudanças velozes; apresenta-se como um conjunto de práticas comunicativas, mas também como um grande laboratório para a criação intersubjetiva”.

Os modos como os usuários se referem aos fatos escolares marcantes, a saber, a viagem a Ouro Preto, a olimpíada interna da instituição de ensino, assim como a festa promovida pelo grêmio estudantil são tecidos numa costura invisível na qual os sujeitos exibem as suas emoções, seus encantos, suas dores e desilusões, em possíveis narrativas com estilhaços do passado (SIBILIA, 2008).

O que se elege para narrar, o que se omite, se esquece ou se negligencia também fazem parte desse fio condutor das memórias da escola. Ora, na partilha dos *scraps* nas redes sociais virtuais, também se podem observar os tempos mortos e os tempos vivos nas escritas dos usuários. Mas o que são os tempos mortos e os tempos vivos?

Talvez, fosse interessante retomarmos os estudos de Ecléa Bosi (2003) sobre as memórias, para entender um possível sentido para os tempos vivos: “Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam.” (ECLÉA BOSI, 2003, p.36)

Em contrapartida, sobre os tempos mortos, aquela autora destaca: “A sociedade industrial multiplica horas mortas que apenas suportamos: são os tempos vazios das filas, dos bancos, da burocracia, preenchimento de formulários...” (Ecléa Bosi, 2003, p.37). Talvez, os *posts* abaixo possam revelar uma compreensão dessas reflexões sobre as memórias dos sujeitos.

Parece que foi ontem. Uma super banda tocou nesses Festivais de Musica no Sao Jose da Usina. Vc foi nesse festival de 72??? Esse foi marcante... vcs se lembram? Abçs³³⁶
Lembro-me muito quando todos cantavam... em voz alta... São José...São José... tudo de bom...a música alta... muito legalll Fuiiii³³⁷

Uma prima foi comigo a esse Festival... Foi tudo muito bom!!!!Muitas saudades!!!
Beijoss³³⁸

Estas postagens, no Fórum *Festival de Música em 72, quem lembra?*, evidenciam que esse festival do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, no ano de 1972, deixou marcas representativas nas memórias dos ex-alunos Igor, Marcelina e Débora M.; a apresentação de uma banda renomada, a música alta e a companhia da prima são as histórias que iluminam um tempo vivo nas memórias das suas vidas escolares.

Em contrapartida, há também em outros Fóruns da mesma comunidade escolar, indícios dos tempos mortos, como se pode examinar, nos *scraps* da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro a seguir: “Aulas de religião???? ... SILÊNCIO... PSIIIIIIIIUUUUU”³³⁹; “Prof. Kaladan???? Calado...”³⁴⁰

Os *scraps* postados no Fórum *Aulas do prof. Kaladan* indicam que esses tempos mortos também são registrados nas memórias escolares; o silêncio reinante numa possível aula de religião talvez fosse um momento em que não houvesse uma possibilidade de reflexão, discussão sobre um tema ou um tempo para questões dos alunos, assim, reforçam um possível sentido de um tempo morto para esses usuários.

Se este pesquisador chegar a uma baliza nesse mar da internet que possa marcar o limite da navegação nas águas dos Fóruns da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, na busca de possíveis compreensões nas histórias dos usuários, através das suas memórias, será possível registrar algumas análises: entender que nas narrativas escolares, os temas que mais circulam são as festas, viagens, festivais, cerimônias, esportes; observar que os silêncios também podem significar que alguns assuntos dificilmente são tratados nessas redes sociais virtuais: castigos dos alunos, as suas avaliações nas disciplinas, reuniões com os

³³⁶ Escrita retirada do Fórum *Festival de Música em 72, quem lembra?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Igor no dia 09/10/2004.

³³⁷ Escrita retirada do Fórum *Festival de Música em 72, quem lembra?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Marcelina no dia 11/10/2004.

³³⁸ Escrita retirada do Fórum *Festival de Música em 72, quem lembra?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Débora L. no dia 14/10/2004.

³³⁹ Escrita retirada do Fórum *Aulas do prof. Kaladan*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Denise A. no dia 08/07/2004.

³⁴⁰ Escrita retirada do Fórum *Aulas do prof. Kaladan*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Tábata no dia 23/07/2004.

responsáveis; assim, talvez, possa compreender que essas postagens são elos de uma comunicação verbal; nessa corrente ininterrupta, esses sujeitos também vão se transformando, numa relação dialética com a vida.

O ponto de partida dessa viagem pelas águas da web foi um convite ao passado de um tempo escolar, através das escritas memorialísticas dos usuários postadas nas comunidades escolares; após esta navegação de longo curso, faz-se necessária uma possível arrumação nas bagagens; quem sabe, poder analisar as expressões finais nos *posts* desses sujeitos, possa ajudar a pensar como será a despedida deste pesquisador nessa viagem marítima pelos oceanos da internet? É o que se verá nas linhas da próxima discussão.

4.5 Despedida dos navegadores: expressões finais nos *scraps* dos usuários

*Consegui encontrar alguns amigos de 68/69 do colégio. Vcs sabiam? Foi muito legal... Abração a todos*³⁴¹

*Meus comandantes de Cia foram Nicolas e Jésus. Vcs se lembram dos seus? Valeu amigos!!!!*³⁴²

*Estudei Tb nessa época! Quanta saudade dos nossos amigos de 60... beijão no coração de todos vocês.*³⁴³

Na tentativa deste pesquisador em reunir metaforicamente neste trabalho os elementos integrantes do universo náutico para poder discutir o tema desta pesquisa, as escritas memorialísticas dos usuários nas comunidades escolares do Orkut, talvez, seja a preocupação em tornar este estudo mais harmonioso, sem contudo, se esquecer do rigor teórico-metodológico de um texto acadêmico; ao procurar problematizar um estudo que busque tornar visíveis as escritas autobiográficas virtuais sobre a vida escolar como fontes para a historiografia da Educação, trazendo, destarte, os *scraps*, os relatos, os depoimentos, enfim, a produção de narrativas dos sujeitos nessas redes sociais virtuais, contribuindo, portanto, para as pesquisas no campo da história da Educação.

³⁴¹ Escrita retirada do Fórum *Para maiores de quarenta anos*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário João R. no dia 11/06/2005.

³⁴² Escrita retirada do Fórum *Comandante de Cia em 70*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Dan no dia 31/03/2005.

³⁴³ Escrita retirada do Fórum *São José dos anos 60*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Máira no dia 17/07/2005.

Ora, se antes de um possível embarque, o navegante providencia algumas medidas para poder ingressar a bordo: arruma as malas, as bagagens, separa os documentos, o passaporte; quando já embarcado, conhece a rotina dos viajantes, estabelece a comunicação entre os tripulantes e procura aproveitar os cenários da viagem; é de se esperar, que no seu desembarque, deva aprontar-se para a chegada e as despedidas que se fizerem necessárias. Nesse sentido, observam-se expressões de despedidas nas redes sociais virtuais.

A epígrafe mostra que o usuário João R. da comunidade do Colégio São de Bento do Rio de Janeiro se despede, registrando a expressão *abração a todos*, o que revela generosidade na sua escrita para despedida; diferentemente, o usuário Dan, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, utiliza a expressão final *Valeu amigos*, possivelmente, remetendo ao significado: obrigado amigos, uma vez que essa expressão é utilizada coloquialmente; na expressão final *beijão no coração de todos vocês*, postada pela ex-aluna Máira, observa-se na expressão final, um trato cortês com os amigos dessa rede social virtual.

Entre as maneiras peculiares dos usuários concluírem os seus depoimentos nos Fóruns dessas comunidades escolares, os signos abreviados são os que mais apareçam; talvez, porque possibilitam tornar a escrita mais rápida e favoreçam à dinâmica conversacional. É o que se observa nos *scraps* a seguir.

Fui da sua turma em 75, voce era muito amigo do Hugo, não?Fomos alunos do M. Lima de frances, do cel Maçal de Portugues, do Sut e do Calfa.Eramos da sala do Barata, Azevedo (baiano), Conceição dentre outros.Um abço³⁴⁴

Qualquer reunião da turma por favor posta na comunidade.Valeu, abços.³⁴⁵

As despedidas com as expressões abreviadas deixam transparecer que os enunciados produzidos nessas comunidades das escolas adquirem sentido no momento mesmo da interlocução; as expressões de despedida *um abço* e *Valeu, abços* se realizam através de enunciados, entendidos como unidades da comunicação verbal (Bakhtin, 1999), assim, mesmo abreviadas, elas produzem sentidos de lealdade e solidariedade no curso dessa comunicação.

O que se viveu na escola é possivelmente o ponto de partida nessas escritas que trazem as memórias dos ex-alunos nas comunidades escolares; no final desses relatos, num tom saudoso, as produções discursivas remontam um painel memorialístico com as histórias da vida escolar

³⁴⁴ Escrita retirada do Fórum *VC é da turma de 72?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Carlos M. no dia 13/05/2004.

³⁴⁵ Escrita retirada do Fórum *VC é da turma de 72?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário PC no dia 17/05/2004.

dos sujeitos, transformando-se em expressões de despedidas amáveis, retomando a motivação inicial como num fio invisível que arremata cada relato dos usuários. Observam-se essas expressões na figura abaixo do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.



Figura 51 - Fórum *Quem estudou na década de 70*

Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 28/12/2011

As escritas do usuário Carlos A. deixam entrever a preocupação do ex-aluno em manter contato com os colegas, informando-lhes mais sobre o Geam 70, a saber, um grupo de ex-alunos do Marista do ano 70; o sujeito despede-se com a expressão *Abraços a todos e beijos a todas!*, o que instiga a pensar numa possível preocupação em não se esquecer de ninguém. Por seu turno, o *post* da usuária Lídia L. parabeniza a memória do seu amigo Carlos A., por se lembrar do apelido do colega Paulo, conhecido por Caolha; ao se despedir, a expressão *Bjs* pode corroborar a consideração pelos amigos dessa rede social.

Há sujeitos nessas comunidades escolares que ao se despedirem, não necessariamente oferecem nenhuma expressão de despedida, quem sabe, desta maneira, não pensem numa despedida com os colegas virtuais, estimulando, assim, um contato diário através dessa rede social virtual. É o que se pode examinar nas postagens a seguir: “Que saudade! Carlos A., Lúcia

e Ricardo, que prazer ter notícias de vocês”.³⁴⁶; “Me lembro! Recordar faz bem pras nossas vidas!”³⁴⁷; “Oieeeee! Ói eu aqui de novo!”³⁴⁸.

Os *scraps* dos usuários Ricardo V., Rossana M. e Lucia A. da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, sem as expressões de despedidas podem oferecer pistas de uma necessidade constante de contatos com os colegas de um tempo de escola; as saudades são as pontes nas quais esses usuários estão transitando para poder manter aceso o elo unido das suas amizades. Poderia ilustrar algumas outras formas pelas quais são produzidos os *posts* de despedidas nas comunidades escolares. Elegi, por exemplo, o da página da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, que mantém formas de expressão normativas, ou em outras palavras, expressões sem nenhuma variante linguística, como se pode examinar a seguir.

Procuo os alunos do Colégio São Bento do Rio de Janeiro dos anos 70. Alguém dessa época? Por favor, respondam. Abraços.³⁴⁹

Olá, Estudei no Colégio São Bento em 1971. Penso que estudamos juntos. Um grande abraço.³⁵⁰

Será que nos conhecemos? Eu era chamado de Coruja. Prazer em retomar o contato. Abraços.³⁵¹

Há de se observar também a normatividade da língua nas escritas memorialísticas dessas redes sociais; os *scraps* e as despedidas dos usuários Roger P., Márcio e José O. procuram mostrar um quê de formalidade no uso da linguagem; possivelmente, esses usuários gostam de se comunicar com a variante formal da língua, procurando não romper com esse protocolo, nem nas redes sociais virtuais, o que não altera as suas afinidades e memórias de um tempo escolar.

Encontram-se também despedidas curiosas nos *posts* de alguns usuários nessas comunidades escolares; combinações de expressões que, possivelmente, equivalem ao vocábulo Risos, são encontradas e muito utilizadas nessas redes sociais, como podemos ver nos relatos a seguir, na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

³⁴⁶ Escrita retirada do Fórum *turma 71/73?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Rossana M. no dia 08/09/2005.

³⁴⁷ Escrita retirada do Fórum *turma 71/73?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Ricardo V. no dia 10/09/2005.

³⁴⁸ Escrita retirada do Fórum *turma 71/73?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Lucia A. no dia 23/09/2005.

³⁴⁹ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Roger P. no dia 08/07/2005.

³⁵⁰ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Márcio no dia 18/07/2005.

³⁵¹ Escrita retirada do Fórum *Alunos dos anos 70*, da comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, postada pelo usuário José O. no dia 19/07/2005.

Fui Infante de 1969 a 1971, meu nº 1770, mas conhecido como Jabá. RS.³⁵²

ex-aluno do CMRJ Gabriel V. (conhecido como G.V), nº 1597. ahahahaha.
Risussssssss³⁵³

Anão da Infantaria. Se lembra d'eu? RISOSSSSSSSSSSS³⁵⁴

Os motivos que levam os usuários do Fórum *Infante: De que ano?* da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, em princípio, não estão explícitos linguisticamente, contudo, observo que as escritas memorialísticas desses sujeitos nos remetem ao bom humor nas suas histórias, autorizando-os a se despedirem com a palavra *Risos*, grafada sob várias formas: *RS*, *Risussssssss* e *RISOSSSSSSSSSSS*, sugerindo possíveis risadas, gargalhadas, aproximando-os dos seus tempos de escola.

Ainda nas possíveis análises das expressões finais das comunidades escolares, podem-se encontrar questões, ou em outras palavras, perguntas que podem chamar a atenção daqueles sujeitos da rede social virtual; é o que se examina na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro a seguir.



Figura 52 - Fórum *Quem estudou na década de 70* Fonte: Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Acesso em 28/12/2011

³⁵² Escrita retirada do Fórum *Infante. De que ano?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Alessando W. no dia 19/04/2004.

³⁵³ Escrita retirada do Fórum *Infante. De que ano?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Gabriel V. no dia 21/04/2004.

³⁵⁴ Escrita retirada do Fórum *Infante. De que ano?*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Jackes no dia 25/04/2004.

Os *scraps* dos usuários Vinícius C., Alexandre M. e Andrea M. podem revelar os seus passados escolares no Fórum *Quem estudou na década de 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro; as memórias dos jogos das sextas-feiras, após as aulas, assim como aquelas relativas às alas proibidas do 3º andar no prédio da escola, são postadas nessa rede social, contribuindo para que esses sujeitos se despeçam com questões: “Tem alguém da turma *M* aí?”; “Lembro de tanta gente, como estarão?”; “É você mesmo?”, possivelmente, aguçando o desejo dos outros colegas em continuar a comunicação nessa comunidade escolar,

Talvez, a verdadeira megalomania e a maior das excentricidades contemporâneas devam encontrar seu caminho nessa resistência aparentemente humilde às tiranias da exposição, que tudo deglutem para convertê-lo em espetáculo. Em uma sigilosa busca de riqueza que pode haver no indizível, talvez também em outras formas de criação que consigam burlar os imperativos do *exponível*, do comunicável e do vendável. Com esses achados, quem sabe, talvez seja possível provocar interferências nesses circuitos que tão sedutoramente se oferecem como os mais desejáveis ou mesmo os únicos imagináveis. Gerar curto-circuitos, então, faíscas capazes de fazer implodir tanta modorra autocelebratória para abrir o campo do pensável e do possível, e para criar formas de ser e estar no mundo”. (SIBILIA, 2008, p.276)

Algumas despedidas podem trazer também algumas reflexões; quem sabe, seja possível pensar que estas práticas de escrita memorialísticas dos usuários nas comunidades escolares do Orkut atraem mesmo a atenção dos sujeitos porque “[...]a velha intimidade se transformou em outra casa. E agora está à vista de todos.” (SIBILIA, 2008, p.78)

Estar atento aos novos suportes como fontes que também possam trazer as histórias escolares dos sujeitos é uma possibilidade de um tempo de internet; não se pode mais permanecer com os olhos vendados; faz-se necessária a discussão destas novas produções narrativas com as memórias dos ex-alunos, oferecendo, destarte, outras escrituras à historiografia, para além daqueles documentos perenes; quiçá, mesmo nos circuitos efêmeros, possamos encontrar fontes jamais encontradas na solidez dos suportes habituais, contribuindo, assim, aos estudos da História da Educação.

5 “VOCÊ DESÁGUA EM MIM, E EU OCEANO”: ESCRITAS MEMORIALÍSTICAS ESCOLARES NAS REDES SOCIAIS

Navegar é preciso, viver não é preciso [...]

Fernando Pessoa

Procurei iniciar as minhas possíveis considerações finais inspirado na epígrafe desta reflexão, que me remete a um mergulho nas escritas poéticas do autor português. Embora não se tenha assumido nas linhas desta tese, o mesmo olhar semântico utilizado pela poesia de Fernando Pessoa, a saber, o exato, certo, definido, proponho apresentar outro sentido neste estudo: o necessário, imperioso, entendendo que o tempo presente deixa uma herança, o suporte digital, com as suas fontes efêmeras, transitivas, transitórias, para os pesquisadores das ciências humanas; assim, trata-se de uma necessidade poder estar atento a essa materialidade.

Embora não seja uma fonte perene, na qual as palavras descansam e podem ser evocadas sempre que alguém lê, abre aquelas páginas, o universo da web também oferece registros com outras histórias dos ex-alunos, talvez, não registradas nos documentos oficiais escolares. Mas como lidar com essas fontes efêmeras? Parece que estas escritas nascem com a seguinte vocação: durar pouco, ser flutuante, transitiva; memórias à deriva no oceano da internet.

Papiro, pergaminho, papéis, livros, agendas; quantos séculos, quantos sentimentos, quanto engenho humano para registrar, para tornar visível o invisível³⁵⁵, para guardar algo. Esses suportes perenes são objetos materiais; tal como uma roupa que protege um corpo, eles criam um acolhimento seguro, permitindo a permanência nos lugares em que são guardados, depositados; no entanto, as narrativas dos ex-alunos nas redes sociais do Orkut também estão à disposição para as pesquisas, mesmo residindo num suporte que tem a vocação de durar pouco tempo.

Os suportes perenes da escrita permanecem na vida; contudo, eles também se recriam, ressignificam, readaptam e se transformam no tempo da web. Se a primeira fonte visa à durabilidade, a outra, em contraposição, tem a vida curta, criada para a visibilidade, exposição das experiências, espetacularização das histórias dos sujeitos no suporte digital; inseridas nos modos de ser, pensar, agir dos usuários do tempo das redes sociais virtuais; assim, essas escritas não podem ser esquecidas, desconsideradas pela história da Educação.

³⁵⁵ SOARES, Carmen Lúcia. “Sobre a palavra e a escrita”. In: *Educação e cultura audiovisual: ressonâncias*. São Paulo: Moderna, 2012. pp. 5-10.

Os depoimentos, os *scraps*, os *posts* revelam a multiplicidade das vivências, a variedade das histórias marcantes, a pluralidade dos caminhos trilhados, possibilitando refletir que o conjunto das narrativas transitivas também oferece um quadro das ideias, sentimentos, aspirações de um tempo escolar. Essa escrita digital também é uma forma de enunciar esse amálgama feito de memória e história, encontro fortuito e inesperado com o passado, registro fugaz de sentidos de um tempo escolar.

As memórias digitais ganham força no século XX, despertando novos olhares, novas leituras, novas discussões sobre os testemunhos efêmeros, narradores das histórias dos usuários nas comunidades escolares. É preciso que o pesquisador também esteja atento a essas fontes fugazes; essas reflexões são necessárias para que os horizontes se abram, contribuindo, assim, às análises das narrativas que acenam as histórias dos ex-alunos dentro e fora da escola.

A sistematização dessa pesquisa foi um esforço em abordar esses relatos em dois sentidos: como objeto de estudo e como fontes para a história da Educação; contudo, esse trabalho não se propôs a tratar somente do que esses ex-alunos revelavam nas comunidades escolares; o meu estudo ofereceu também possibilidades em se pensar que a internet, assim como os diários pessoais dos ex-alunos, também apresentam histórias da vida escolar, representações dos sujeitos, que acenam nas telas dos computadores com seus testemunhos sobre as histórias escolares.

Se nos documentos perenes, os sujeitos escrevem, vivem e procuram guardar as suas histórias, é possível também examinar que nos suportes digitais, os usuários também lembram, postam e guardam para tornar visível um momento; será que guardar é um personagem principal na trama das escritas virtuais? Guardar, no tempo dos suportes digitais, teria mudado o sentido? Quem sabe, o desafio do pesquisador do tempo presente seja o de como poder salvaguardar essas fontes para a história da Educação, tendo em vista à obsolescência das mesmas.

Nem todos os usuários que lembram, postam nas comunidades escolares; logo, nem todas as histórias dos ex-alunos são encontradas nessas redes sociais. Aliás, enquanto alguns sujeitos postam muitos relatos, outros usuários participam pouco desses espaços da web. Assim, iluminadas pelo farol na costa do mar da internet, as redes sociais virtuais fizeram os seus acenos, como num vaticínio linguístico, conclamando a minha atenção a essas escritas transitivas. Desse modo, observar, analisar os talentos, as sensibilidades, os estilos, as maneiras como os ex-alunos postaram e produziram os *posts* sobre as suas vidas escolares, inseridos numa sociedade do espetáculo, foi o desejo que se acendeu, e me instigou a conduzir essa pesquisa.

Se as relações interpessoais desses ex-alunos também são realizadas em momentos de virtualidade, compondo uma realidade além das tradicionais limitações do tempo e espaço, é possível observar que as memórias dos sujeitos montam um painel histórico-social através dos seus *scraps*, que deságuam nessa rede social virtual; o que me remete à inspiração do compositor Djavan³⁵⁶: “[...] você deságua em mim, e eu oceano[...]”, numa tentativa de se pensar a personificação do mar da web, suporte das escritas memorialísticas, que se mantém aberto às histórias das vidas escolares dos ex-alunos.

A navegação pelas águas no oceano da web mostrou-me que estar conectado passa a ser um imperativo que produz novas sensibilidades e novos testemunhos nas relações de afeto com a história do tempo presente, sobretudo nas comunidades escolares do Orkut. Embora se possa considerar que, em geral, os usuários estejam submetidos, de alguma forma e medida ao imperativo da conexão, as memórias analisadas borram representações instituídas de que são os mais jovens, pela familiaridade com as ferramentas da internet, que têm o compartilhamento da conectividade como prática naturalizada. Percebi usuários com várias idades participando dessas redes sociais, partilhando suas histórias de escola; o que pude examinar nas várias comunidades escolares visitadas, nas quais, os sujeitos de uma geração mais experiente, também navegam, se articulam, se correspondem, são, portanto, navegadores nesse espaço social virtual.

Nesse estudo, procurei destacar os *scraps*, gravar os arquivos das comunidades escolares, analisar os depoimentos dos ex-alunos, esforçando-me em interpretar as narrativas dos usuários, numa tentativa de tornar visíveis as escritas de si dos ex-alunos; à medida em que ia mergulhando nas águas dessas redes virtuais, examinei que alguns *posts* eram mais narrativos, outros mais lacônicos, alguns usuários postavam estritamente o que tinha sido perguntado no Fórum, outros transformavam aquele espaço num lugar de expressão de sentimentos. Nesse contexto, parece inegável que as novas perspectivas de investigação na historiografia da Educação estejam centradas tanto na materialidade dos fatos, como nas análises das práticas discursivas que as compõem e as inscrevem em um espaço-tempo dado.

Como todo trabalho desenvolvido com rigor científico, a elaboração dessa pesquisa foi um desafio constante. O rumo inicial, quem sabe, tenha sido a minha aproximação aos estudos dos(as) pesquisadores(as) que me instigaram a pensar essas escritas memorialísticas como fontes para a história da Educação; Cunha (2009) chama a atenção para os pesquisadores que vêm se

³⁵⁶ Disponível em <<http://letrasdjavan.terra.com.br>> Acesso em 05/04/2012.

debruçando nas pesquisas com as escritas de si³⁵⁷. Procurei problematizar essas escritas memorialísticas no suporte digital, observando que essa prática de escrita migrou para as novas mídias digitais, janelas na rede abertas para qualquer usuário.

O meu olhar percebeu que da mesma maneira que os sujeitos escreviam nos diários as suas histórias da vida escolar, em seus cadernos, os seus momentos escolares, a internet também oferecia espaços com registros de um tempo escolar; neste território, os usuários narram fragmentariamente, em possíveis códigos, buscando uma identidade própria; os sujeitos postam sem pudores, nos cliques solitários; com as palavras codificadas, sintéticas, sucintas, resumidas, breves, procuram revisitar o cotidiano escolar, lembrar as histórias da escola, quiçá, desconhecidas por alguns dos seus amigos, revelar muitas vezes silêncios, escolhas, gestos, sensibilidades; nesse sentido, fui percebendo que aqueles *scraps* nos Fóruns dessas redes sociais virtuais também construam aqueles sujeitos no suporte digital.

Outros estudos sobre as memórias consideram que o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista, a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações; então, fui percebendo que não poderia desenvolver um estudo a partir de uma história linear³⁵⁸; muito menos, desenvolver um estudo de maneira linear, tendo em vista que as principais características do hipertexto³⁵⁹ são: não-linearidade, ou seja, flexibilidade de navegação; volatilidade, a saber, as escolhas dos usuários são passageiras; topografia, quero dizer, sem limites espaciais definidos de escritura; fragmentariedade, isto é, constantes ligações com possíveis retornos ou fugas dos pontos iniciais; acessabilidade, ou em outras palavras, podem-se buscar informações em *sites* ou em fontes os mais variados possíveis; multissemiótica, que quer dizer, a linguagem deixa de ser apenas alfabética, podendo-se trabalhar simultaneamente e integradamente com a linguagem verbal e não verbal; e interatividade, referindo-se à interconexão do navegador à multiplicidade de textos e usuários. Percebi que com os rituais e as dinâmicas próprias da web, se fizeram necessárias algumas incursões, observações, afastamentos, desvios, recuos, retrocessos, assim como avanços, deslocamentos que juntos ofereceram rumos possíveis para a navegação nas comunidades escolares do Orkut.

³⁵⁷ Ana Chrystina Venancio Mignot, Ângela de Castro Gomes, Maria Helena Câmara Bastos, Maria José Motta Viana, Marina Maluf; não se pode deixar de mencionar os estudos de Antonio Castillo Gómez, Verônica Sierra Blas, Antonio Viñao, Manuel Alberca e Philippe Lejeune que da mesma forma, contribuem com as suas reflexões sobre essas fontes no âmbito internacional.

³⁵⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

³⁵⁹ MARCUSCHI, Luiz Antônio. "Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto, comunicação". In: *IV Colóquio da Associação Latino-americana de analistas do discurso*. Santiago, abril, 1999.

A memória escolar, enquanto dinamizadora do tempo e do espaço narrativos, configura-se como um mecanismo social para os sujeitos e um instrumento que permite o jogo de diversidade de focalizações. Aliás, Machado, I. (1995) assinala que a percepção humana é comandada por uma lei do posicionamento que determina o prisma do campo visual de focalização. Assim, tudo o que é visto, é direcionado pelo modo e pelo lugar de onde o fato é visto. Nesse sentido, as escritas utilizadas pelos usuários nas comunidades escolares do Orkut constroem-se plasmando esses lugares, esses territórios culturais.

Se o olhar cronológico mais preciso (Lacerda, 2003) procurar saber sobre a precisão das datas nas leituras dos *scraps* postados nas comunidades escolares do Orkut, procurarei me ancorar na reflexão de Ecléa Bosi (2000), na qual comenta que, às vezes, há deslizamentos na localização temporal de um acontecimento; falhas de cronologia se dão também com acontecimentos extraordinários da infância e da juventude, pois a memória grupal é feita de memórias individuais.

Talvez, os desafios apresentados nessa viagem épica tenham se transformado em experiências linguísticas, numa tentativa desse educador de Literatura Brasileira e Língua Portuguesa em se aproximar do outro, desconhecido, usuário da internet, para problematizar assim, essas escritas efêmeras, reveladoras dos passados escolares. Durante o processo de desenvolvimento e organização dessa pesquisa, também não se perderam de vista os possíveis diálogos e reflexões dos estudos e pesquisas com as outras ciências, que contribuíram substantivamente ao amadurecimento desse estudo; sobretudo, este olhar para as escritas dos fatos do cotidiano escolar, que estão bem próximos de nós, assim como a atenção às pessoas comuns, aos sujeitos do cotidiano; os ex-alunos das escolas mantêm acesas as luzes das histórias, protagonizadas num fio de uma trama tecidual, num possível reavivamento, procurando recuperar essa fase perdida, através dessas redes sociais virtuais; nesse sentido, é possível perceber que essas escritas memorialísticas não foram produzidas para permanecerem nas gavetas, baús, armários; são memórias que publicizam o privado em redes sociais socialmente partilháveis.

Sibila (2008) explica que o planeta não se converteu em uma aldeia, mas em uma gigantesca colcha de retalhos, com cada um de nós assistindo a um show de intimidades alheias. Mas que intimidade? Possivelmente, haja um pacto entre os usuários e os seus respectivos moderadores ao se navegar nessas comunidades escolares visitadas. Onde estão as intimidades dos ex-alunos? Numa tentativa de aproximação às águas dessas redes sociais, observam-se memórias *éxtimas* (BAUMAN, 2011), visíveis, expostas, contudo sem um tom de intimidade,

construídas em coletividade, aliadas aos links, que também deságuam nessa rede com outros endereços eletrônicos pessoais, disponíveis para troca de fotos, imagens, vídeos, ou outros possíveis assuntos mais íntimos dos ex-alunos; logo, essas comunidades escolares também funcionam como portais das possíveis intimidades clicadas.

Aliás, quando o tema são os apelidos, os nomes eleitos pelos usuários nas comunidades escolares, também se faz necessária uma consideração. O nome³⁶⁰ não tem o papel de apenas identificar algo ou alguém, mas de dar à coisa ou pessoa identificada uma entidade moral, o seu apelativo próprio. Um único nome, entretanto, acaba se tornando pouco para dar conta das dimensões ontológicas do ser, e as redes de sociabilidades, inclusive as redes virtuais, se valem das estratégias comunicativas variadas para poder expressar ou compensar tais anseios.

O apelido³⁶¹, na língua portuguesa, é palavra cujos primeiros registros são de meados do século XI, e o sentido originalmente usado era o de chamamento, alcunha, sendo-lhe, portanto, posterior a aceção de nome de família, sobrenome; a antonomásia, o pseudônimo, o hipocorístico, a titularidade são outras fontes de apelidos. Afinal, não nascemos com eles, não são partes nossas como as pernas ou os braços; alguém simplesmente passa a chamar por ou se registra com eles. Assim, é possível pensar que esses nomes são criados pela necessidade de identificar cada sujeito; funcionam, portanto, como ápodos, acrescentos, epíteto, alcunha; não sendo, desse modo, palavras vazias de sentidos; há de se observar uma história, uma etimologia. Nos circuitos virtuais não há de ser diferente; os *nicknames* apresentam uma possível coreografia na dança das memórias dos usuários, unindo a um só ritmo, o pensamento, a emoção e as suas histórias escolares.

Um olhar retrospectivo na trajetória desta pesquisa faz lembrar as minhas incertezas, inseguranças, dúvidas sobre os meus possíveis mergulhos no espaço virtual para poder examinar esses *scraps* como fontes para a historiografia da Educação. Gradativamente, fui amadurecendo, tomando providências, realizando a minha operação historiográfica. Assim, fui me esforçando em tentar apresentar a quantidade de documentos que eu havia selecionado, tanto nas redes sociais como nos sites oficiais; ou em outras palavras, procurei realizar um possível cotejamento com os *sites* daquelas escolas: Colégio Militar do Rio de Janeiro, Colégio Marista São José do Rio de Janeiro e Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, numa tentativa de examinar como

³⁶⁰ HENRIQUES, Claudio Cezar. *Dicionário de apelidos dos escritores da Literatura Brasileira*. Curitiba: Appris, 2012.

³⁶¹ Idem, p. 11.

essas instituições de ensino se representavam em seus espaços oficiais, para poder comparar com as fontes encontradas nas comunidades escolares.

Analisar os possíveis sentidos das perguntas sugeridas nos Fóruns das comunidades escolares e os seus respectivos temas abordados pelos usuários, a saber, os marcos históricos, menções ao passado, representações sobre a vida escolar, modos de se referir às festas cívicas, festas promovidas pelas escolas, também fazem parte dos elos integrantes das análises dessa pesquisa. No bojo dessas categorias de análises há temas escolares que não foram registrados, sugerindo, nessa acepção, silêncios, tempos mortos, que também podem ser destacados nas categorias de análises. Nesse sentido, possíveis representações dos usuários são construídas nessas redes sociais escolares.

As etapas dessa pesquisa me instigavam cada vez mais a me aproximar desse estudo; as aproximações com os mediadores foi também um momento que merece destaque; com os meus acessos liberados naquelas redes sociais, alguns *scraps* me chamaram a atenção; no processo de escolha deste pesquisador, as minhas viagens tornaram-se um convite às histórias daquelas instituições de ensino, possibilitando-me conhecer mais sobre aquelas escolas centenárias do estado do Rio de Janeiro, permitindo, assim, compreender melhor os possíveis sentidos atribuídos às experiências manifestadas pelos usuários através dos *posts* dos ex-alunos. Aliás, quando o papel dos mediadores das comunidades escolares vem à tona, vale refletir: a exemplo dos editores, eles também elegem, incluem, reprovam os *scraps* dos usuários; quem sabe, o ex-aluno tem a ilusão de editar a sua vida, que no fundo é uma ilusão biográfica.

Os relatos nos Fóruns nas comunidades escolares me ensinaram a ver com outros olhos as escritas memorialísticas que se constituem um tipo especial de literatura: pelo que é narrado, da maneira que é registrada, pelos conteúdos das lembranças, pelo que é instigado, omitido, inferido, ou seja, possíveis estratégias linguísticas utilizadas no suporte virtual, nas quais os sujeitos se empenham numa produção discursiva que, como nas demais esferas da comunicação social, também se efetivam através de outros gêneros textuais; entretanto, há de se observar que o estatuto dessas narrativas é ambíguo, sempre transitando na frágil fronteira entre as belas artes textuais e o documento extraliterário de valor meramente testemunhal, acerca de uma forma de vida ou de algum episódio histórico. Tais escritos costumam ser catalogados como exemplares de um gênero menor em termos estéticos; ou, no mínimo, como formas não canônicas do literário. (Sibilia, 2008, p. 56)

Se por um lado, mergulhado nesses testemunhos, eu procurava encontrar respostas a algumas questões, por outro, possíveis novos questionamentos também vinham à tona,

entendendo que essas investidas investigativas, possivelmente, abrem possibilidades para outras questões. Como dar conta de todas as memórias nos Fóruns das comunidades escolares escolhidas? Como poder analisar as imagens postadas, os vídeos expostos, que também circulam nessa rede social virtual? É possível destacar algumas reflexões a partir desse estudo sobre os testemunhos efêmeros nas comunidades escolares; portanto, esta pesquisa pode oferecer possíveis horizontes de ampliação na discussão acerca das escritas autobiográficas virtuais como fontes para a história da Educação.

Relembrando a minha navegação pelos mares da web, ao me propor analisar os relatos nos Fóruns, visitei a comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, a comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro e a comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. É bom lembrar que os *posts* gravados por este pesquisador, de dezembro de 2009 a dezembro de 2010, privilegiaram as escritas postadas pelos usuários nos anos 2004, 2005 e 2006, tendo em vista, a grande participação dos sujeitos naqueles períodos, valendo dizer que os *scraps* de 2008 e 2009 também mereceram destaque nesse estudo.

Nestas viagens pelos oceanos da web, entendi que as memórias dos sujeitos são múltiplas e são registradas no momento presente de maneiras muito diferentes, em processos de apropriação e/ou rejeição. Nos *posts* existem disputas e um trabalho de elaboração na publicização, mesmo que esta dimensão não se concretize como publicização; é nesse sentido que Sibilia (2008, p.89) apresenta a sua ideia sobre as práticas confessionais que se espalham na internet: “alguém que cotidianamente faz de sua intimidade um espetáculo destinado a milhões de olhos curiosos de todo planeta; esse personagem se chama eu, e deseja fazer de si mesmo um show”.

Cumprer lembrar que nos assuntos abordados nessas comunidades escolares, o tempo passado e o tempo presente se aproximam e/ou distanciam, conforme as possíveis convicções ideológicas dos sujeitos. A postagem nessas redes sociais virtuais possibilita ao usuário romper com a solidão, revivendo as suas histórias, preenchendo os espaços vazios, numa possível ilusão de que participando, mudam-se os destinos das suas vidas. (VAZ, 1998)

Examinei que esses usuários imbuídos de um processo de comunicação pressupõem um processo ativo e contínuo de construção linguística, no qual as unidades de sentido são ativadas a partir da produção dos textos³⁶²; esses *scraps* são postados por pessoas comuns que vivenciaram o cotidiano escolar, o que possibilita originar diversificadas formas de textualidade e gêneros discursivos. Além disso, esse estudo otimizou uma análise desses testemunhos efêmeros à luz dos elementos da crítica literária, num esforço em examinar nessas narrativas outros significados

³⁶² KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

possíveis. Nessa acepção, observei nesses *posts*, evocações que não são neutras, mas permeadas de nostalgia, de afeto, de saudades, de elogios, e às vezes, de imagens irônicas de um tempo escolar; Bastos (2007) assinala que as memórias da vida escolar ou as escritas autobiográficas são testemunhos vivos de um tempo e um espaço, portanto, significativos para a história da Educação; para mim, assim o foram.

Entre uma navegação e outra nos Fóruns dessas comunidades escolares, através dessas memórias, encontrei histórias das vidas escolares que se entrecruzavam com as vidas dos alunos, na medida em que havia o regime internato, ou seja, alguns usuários, por um motivo ou outro, ficavam hospedados nos finais de semana, não retornavam às suas residências familiares. A partir dessas trajetórias das vidas dos sujeitos foi possível, também, acompanhar alguns aspectos da história da Educação brasileira, na medida em que se observam escolas que cumprem um conjunto de regimentos diferentes para os seus alunos, a saber, os regimes internato e externato.

Nesses mergulhos sucessivos nos oceanos da internet, o que também chamou a minha atenção foi perceber que essas escritas podem representar um valor cultural, simbólico, o que nos remete a Certeau (1982), nos modos de proceder da criatividade cotidiana; essas maneiras de narrar, esses modos desses usuários se comunicarem podem se constituir como práticas pelas quais os sujeitos se apropriam dessa rede social para a produção das suas narrativas.

Outro aspecto merecedor de destaque neste estudo é a disposição do usuário em permanecer ligado, estar conectado, não perder o vínculo das amizades dos tempos escolares; quem sabe, na solidão do tempo moderno, exista uma necessidade de ainda se manter vinculado aos velhos laços de amizade?

Ancorando-me nos estudos de Lejeune (2008) e Alberca (2000), pesquisadores das escritas íntimas, esforcei-me em problematizar essas escritas dos usuários que mantêm seus vínculos nas comunidades escolares do Orkut, procurando pensar que esses depoimentos condenados a pouca duração, criam chances para analisar os usos e as funções da cultura escrita, como a arte e a literatura também contribuem para entender melhor cada sociedade (Castillo Gòmes, 2000).

Talvez, fazer referência às possíveis lacunas, aos possíveis espaços que estão na sombra, possa ser uma reflexão interessante porque é o silêncio também fala. Assim, há alguns assuntos que não foram encontrados por este pesquisador, tais como: as possíveis notas das avaliações das disciplinas, as punições aplicadas aos ex-alunos pelos professores ou coordenadores, ou, quem sabe, outros motivos que trouxessem alguns problemas naquelas instituições de ensino; enfim, possíveis temas parecem não tomar fôlego nas memórias dos sujeitos naquelas comunidades escolares.

Como num indício de um epílogo épico, outras questões vêm à tona: qual o número aproximado, no Brasil de hoje, de páginas com as comunidades escolares do Orkut? O que isto pode significar? Segundo a Netpartner³⁶³, empresa consultora de serviços on-line, o Orkut ainda é a rede social preferida dos brasileiros, mas vem perdendo espaço para outras redes sociais. Desde outubro de 2011, o Orkut vem caindo na preferência dos usuários brasileiros, enquanto as outras redes sociais como o Facebook e o Twitter acenam a migração desses sujeitos; observa-se, portanto, cada vez mais o interesse dos usuários em navegar em outras águas, criando, assim, novos espaços para tratar das histórias escolares, das memórias de um tempo da escola, instigando-me a pensar que as redes sociais virtuais e as suas escritas efêmeras são provisórias, transitivas, fugazes, nascem para durar pouco tempo.

Embora a Google, mantenedora da rede social Orkut, não divulgue um relatório com um número recente de comunidades escolares on-line, a empresa mantém na sua página³⁶⁴, um estudo atualizado, divulgando, em índices percentuais, no item países, que o Brasil é o país com o maior número de acessos à rede social do Orkut, com 50,60 pontos percentuais; nesse mesmo estudo estão indicados os temas mais procurados pelos usuários: os amigos e companheiros para atividades, somando 57, 58 pontos percentuais.

Ao retornar desta viagem pelo oceano da web, com os registros em punho, os arquivos a postos, no porto, em terra firme, este navegante pesquisador entendeu que essas práticas de escrita descrevem nas entrelinhas outras histórias que perpassam a vida escolar, e quiçá, podem servir para outros olhares de investigações.

Talvez ali, numa direção adversa dos possíveis registros oficiais das instituições de ensino, estejam registradas outras histórias das culturas, histórias da vida escolar dos ex-alunos. Se essas redes sociais virtuais também são feitas de produções e tensões que nos permitem elaborar e partilhar sentidos, talvez ali mesmo, na fluidez e na intensidade dos fluxos, nos borramentos das fronteiras virtuais, seja possível observar imaginários e histórias, construindo em trânsito e em processo, quem sabe, os relatos de memórias que não puderam ser registrados em outras materialidades.

Resta o desafio de não deixarem desmoroná-los, como os castelos de areia são desmoronados com os ventos do deserto, mas procurar deixar as memórias se fortalecerem, mesmo no universo efêmero, no imperativo da conexão, sob os olhares dos mediadores nas

³⁶³ Disponível em <<http://www.netpartner.com.br/blog/uso-do-orkut-cai-enquanto-facebook-e-twitter-ganham-espaco-no-mercado-das-redes-sociais-no-brasil>> Acesso em 20/09/2012.

³⁶⁴ Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll>> Acesso em 10/09/2012.

comunidades escolares do Orkut. Talvez assim, possam existir novos *refúgios para o eu*. Mas quem disse que isso é o fim? Se a efemeridade habita os suportes virtuais, certamente, amanhã outras redes sociais estarão franqueadas à visita dos pesquisadores que desejarem examinar outras histórias de um tempo escolar.

REFERÊNCIAS

ALBERCA, Manuel. *La escritura invisible: testimonios sobre el diario íntimo*. Madrid: Sendoa, 2000.

ALBERTI, Verena. *No giro do caleidoscópio: a questão da identidade na criação literária*. Rio de Janeiro, PPGAS Museu Nacional, 1990.

ALENCAR, José de. “A viuvinha”. In: *Cinco minutos e a viuvinha*. São Paulo: Ed. Ciranda Cultural, 2009, pp. 51-96.

ALMEIDA, Marco Antônio de; CRIPPA, Giulia. “Informação, cultura e tecnologia: novas mediações para a produção e o consumo cultural”. In: X ENANCIB- Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. 2009. Disponível em <<http://www.dci.ccsa.ufpb/xenancib>> Acesso em 16/08/2011.

ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite. *O Sentido da Escola*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

ARAÚJO, Marta M. “Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região nordeste”. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, Sociedade Brasileira de História da Educação, n.5, 2003, pp. 9-41.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ARIÉS, Philippe. *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.

_____. “Por uma história da vida privada”. In: CHARTIER, Roger. (org.). *História da vida privada 3: da Renascença aos Séculos das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, pp. 9-34, v. II.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AYMARD, Maurice. “Amizade e convivialidade”. In: CHARTIER, Roger. *História da vida privada, 3: da Renascença aos Séculos das Luzes*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

BABO, M. Augusta.. “O hipertexto como nova forma de escrita”. In: SUSSEKIND, F.; DIAS, T.(org.). *A historiografia literária e as técnicas de escritas: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa, 2004. pp. 28-35.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Questões de Literatura e Estética - A Teoria do Romance*. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. São Paulo: Forense universitária, 1979.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARRETO, Raquel Goulart. *Formação de Professores, tecnologias e linguagens*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BASTOS, Maria Helena Camara. “Antigualhas do professor Coruja: memórias de aluno”. In: CASTILLO GÓMES, Antonio; SIERRA BLÁS, Verônica. *El legado de mnemosyne: las escrituras Del yo a través del tiempo*. Spain: Ediciones Trea, S. L., 2007, pp. 185-209.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. São Paulo: Relógio D’água, 1991.

_____. *A ilusão vital*. Rio e Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *As estratégias fatais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. “A Face humana da Sociologia”. In: Estado de São Paulo online, 2011. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/a-face-humana-da-sociologia>> Acesso em 30/09/2011.

BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to text linguistics*. New York: Longman, 1997.

BELLO, Cintia Dal. *Cibercultura e subjetividade: uma investigação sobre a identidade em plataformas virtuais de hiperespetacularização do eu*. [Dissertação de Mestrado em Comunicação]. São Paulo: PUC/SP, 2009.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

_____. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENTES, Ivana. “Entre-tempo, entretenimento e comunicação”. In: KAMEL José Augusto Nogueira (org.). *Engenharia do Entretenimento - Meu vício, Minha virtude*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2006, pp. 81-86.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Pontes, 1974.

BERGMANN, Leila Mury. “Por favor, aula hoje não!: o Orkut, os professores e o ensino”. In: COUTO, Edvaldo Souza e ROCHA, Telma Brito (orgs). *A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador: Eduufba, 2010, pp. 57-78.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERNARDO, Gustavo. “A Leitura simpática do assombro”. In: *Revista ideias do Jornal do Brasil* de 23/08/2008, pp. 12-16.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

Blog da Jabuticaba. Disponível em <<http://blogdanet.blogspot.com.2010/03/dajabuticaba>> Acesso em 25/06/2010.

Blog do Orkut. Disponível em <<http://blog.orkut.com/>> Acesso em 10/07/2011.

BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória – de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BORSANI, Maria Eugenia. “La evanescencia del presente: emergencia de La periodización en el escenario argentino posdictadura”. In: BRESCIANO, Juan Andrés. *El Tiempo presente como campo historiográfico*. Montevideo: Ediciones Cruz Del Sur, 2010, pp. 83-92.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade, lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

_____. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, pp. 193-191.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

BRANDÃO, Vera Maria A. T. *Labirintos da memória: Quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

BRITTO, Sérgio. *Epitáfio*. Disponível em <<http://www.musica.uol.com.br>> Acesso em 14/10/2010.

BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

BUCKLAND, Michael K. *Information as thing*. “Journal of the American Society for Information Science” (JASIS), n. 5, 1991.

BURKE, Peter. *Popular culture in early modern Europe*. London: Maurice Temple Smith, 1978.

_____. “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”. In: BURKE, Peter. *A escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. pp. 327-348.

BUSATO, Susanna. “A memória do sujeito e a memória da linguagem: redes textuais”. In: NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; BUSATO, Susanna; AMORIM, Orlando Nunes de. (Orgs.). *Literatura e representações do eu: impressões autobiográficas*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, pp. 29-42.

CABALLÉ, Anna. *Narcisos de tinta: La autobiografía*. Málaga: Megazul, 1995.

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Ed. Klick, 1999.

CÂNDIDO, Antonio. *A Educação pela noite & outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

CARVALHO, Marta M. C.. “Saber teórico/saber escolar: perspectivas de pesquisa no campo da história cultural”. In: *A pesquisa em educação e o intercâmbio cultural*. São Paulo: FEUSP, Estudos e Documentos, v. 30, 1991, p.37-44.

CARUSO, Andrea. *Traço de União como vitrine: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do colégio Jacobina*. [Dissertação de Mestrado em Educação] Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILLO GÓMEZ, Antônio (org.). *História de La cultura escrita*. Madrid: Trea, 2002.

_____. *Cultura escrita e classes subalternas: uma mirada española*. Senda: Madrid, 2001.

_____. *La conquista Del alfabeto: Escritura y clases populares*. Madrid: Ediciones Trea, 2002.

_____. *Um archipiélago desconocido: Archivosy escrituras de La gente común*. ARCHIVAMOS. Boletim ACAL, nº 38, 2000.

_____; BLAS, Verônica Sierra (orgs.). *Letras bajo sospecha: Escritura y lectura em centros de internamiento*. Madrid: Trea, 2005.

CEIA, Carlos. *A Literatura Ensina-se? Estudos de Teoria Literária*. Lisboa: Colibri, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

- _____. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2001.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CERVANTES. M. de. *Don Quixote de La Mancha*. Barcelona: Instituto Cervantes, 1998.
- CHARTIER, Roger. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.
- _____. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- _____. *Forms and meanings: texts performances and audiences from codex to computer*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.
- _____. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.
- _____. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura- séculos XI-XVIII*, São Paulo: Unesp, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- CHAUVEAU, Agnès; TÈTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*. São Paulo: Edusc, 1999.
- Conta do Google. Disponível na página < <http://support.google.com> > Acesso 20/08/2011.
- CONY, Carlos Heitor. *Quase memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CORTEZ, Cecília; VIDAL, Diana. *A memória e a sombra*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=54214#>> Acesso em 10/09/2011.
- comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=55653#>> Acesso em 10/09/2011.

comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=375365#>> Acesso em 10/09/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Quem estudou na década de 70*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=4826836#>> Acesso em 14/09/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Bola ao Mastro!!!!*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=1361626#>> Acesso em 16/09/2011.

comunidade de João Carlos. Ex-aluno do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=3072504#>> Acesso em 12/04/2010.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *vcs se lembram do seu número?* Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=556536#>> Acesso em 14/09/2011.

comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Membros. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=3753658#>> Acesso em 09/03/2010.

comunidade de José Perdigão. Ex-aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=7871684939#>> Acesso em 10/05/2010.

comunidade de Serginho490. Ex-aluno do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=819644579471#>> Acesso em 10/05/2010.

comunidade de Luiz Fernando Valentim. Ex-aluno do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=13844368011#>> Acesso em 10/05/2010.

comunidade de Soviete.as Sith. Ex-aluno do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=36702005066#>> Acesso em 10/05/2010.

comunidade de Águida Bueno Nogueira. Ex-aluno do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=180504218646#>> Acesso em 10/05/2010.

comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Fórum *Alunos do internato*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=4291843#>> Acesso em 06/03/2010.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *Só para maior de 50 anos*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=556863#>> Acesso em 08/03/2010.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *Eu me lembro!* Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=556868#>> Acesso em 12/03/2010.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *colegas de 1970-1972*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=556596#>> Acesso em 02/04/2010.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *palavras que lembram o CMRJ*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=556868#>> Acesso em 02/04/2010.

comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Fórum *Rejeitando o Código da Vinci*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=42918438#>> Acesso em 14/04/2010.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Página inicial. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=55653#>> Acesso em 10/07/2011.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fóruns disponíveis da página inicial. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=556538#>> Acesso em 14/07/2011.

comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Página inicial. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=375365#>> Acesso em 10/08/2011.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *alguém da turma 1970/76?* Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=556863#>> Acesso em 18/08/2011.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Página inicial com as comunidades relacionadas. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=55653#>> Acesso em 19/08/2011.

comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Fórum *Turma 51 de 1980*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=3753658#>> Acesso em 21/09/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Membros. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=54214#>> Acesso em 22/08/2011.

comunidade de Renato Maestrali. Ex-aluno do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=55934900323#>> Acesso em 24/08/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Você foi aluno do Ibiapina (Tio Bibi)?* Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542146#>> Acesso em 25/08/2011.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *CMRJ*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=556863#>> Acesso em 24/08/2011.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *Vcs se lembram do seu número?* Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=556538#>> Acesso em 26/08/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Fazendo coisas*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=642143#>> Acesso em 26/08/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum da comunidade. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542148#>> Acesso em 27/08/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Qual era o seu ônibus?* Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542148#>> Acesso em 27/08/2011.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *Alguém da turma de 1964?* Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=4248678#>> Acesso em 28/08/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?* Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542143#>> Acesso em 26/08/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Barão de Mesquita 79 a 81*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542143#>> Acesso em 26/08/2011.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *Só para maior de 50 anos*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=2453410#>> Acesso em 26/08/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Quem estudou na década de 70*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542148#>> Acesso em 12/09/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Funcionários mais marcantes*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542146#>> Acesso em 18/09/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Quem foi aluno da Dona Wilma?* Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542146#>> Acesso em 12/09/2011.

comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum *Barão de Mesquita 79 e 80*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542148#>> Acesso em 18/12/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Quem estudou na década de 70*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542148#>> Acesso em 18/12/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Quem estudou na década de 70*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542143#>> Acesso em 28/12/2011.

comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum *Quem estudou na década de 70*. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main/community/cmm=542143#482633>> Acesso em 28/12/2011.

COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito (orgs.). *A vida no Orkut. Narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador: Edufba, 2010.

CRETON, Maria da Graça. *Autobiografia, memória e diário: limites e convergências*. Anais do 3º Congresso Abralic. São Paulo: Edusp, 1992.

CUNHA, Maria Teresa Santos. “Diários íntimos de professoras: letras que duram”. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000. pp. 159-180.

_____. “Copiar para homenagear, guardar para lembrar: cultura escolar em álbuns de poesias e recordações”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos; STEPHANOU, Maria. *História e memórias da Educação no Brasil, v. III – século XX*. Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 347-362.

_____. “Diários pessoais: territórios abertos para a História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e educação*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. “História da Leitura”. In: BURQUE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

DEBORD, Guy. *La sociedad Del espetáculo*. Buenos Aires: La marca, 1995.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto*. São Paulo: Paulus, 2008.

Diretrizes das comunidades do Orkut. Disponível na página <<http://www.orkut.com/html/pt-BR/additionalterms.orkut.html>> Acesso em 21/09/2011.

DUBY, Maurice. “História social e ideologias das sociedades”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. pp. 130-145.

ECO, Umberto. “Eletrônicos duram dez anos”. Estadão de São Paulo, 13/03/2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/>> Acesso em 10/03/2010.

_____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. “A diferença entre livro e filme”. Disponível em :< <http://www.revistaentrelivros.com.br> > Acesso em 10/03/2010.

Estatuto virtual. Disponível na página <<http://support.google.com/adwordspolicy>> Acesso em 21/09/2011

FARIA FILHO, Luciano Mendes, BERTUCCI, Liane Maria. “Experiência e Cultura: contribuições de E.P.Thompson para uma história social da escolarização”. In: *Currículo sem fronteiras*. Disponível em <<http://www.curriculosemfronteiras.org/fariafilho-bertucci>> Acesso em 10/03/2010.

FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Cultura é memória*, Revista da USP, 1995. Disponível em <<http://www.usp.br/revistausp/jerusa.pdf>> Acesso em 28/12/2011.

FIORIN, José Luis. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas*, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/trabalhosencomendados/gt04>> Acesso em 20/10/2011.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *O que é um autor?* Lisboa: Vega-Passagens, 1992.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. *Televisão, internet e educação: estratégias metodológicas com crianças e adolescentes*. Campinas: CEDES, 2005.

_____. *Narrativas de professores. Pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica*. Rio de Janeiro: Ravil, 1998.

_____. “A escrita na internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo?” In: *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pp. 29-36.

FREITAS, Regina Célia Pereira Werneck de. *A enunciação narrativa e a construção do ethos de Paulo Honório*. [Tese de doutorado em Literatura Brasileira]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

FRIEDRICH, Casper David. *O viajante sobre o mar de Névoa*. [pintura]. Hamburgo, 1818.

GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GALLAND, Antoine. *As mil e uma noites*. São Paulo: Ediouro, 2007.

- GALLO, Silvio. “Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar”. In: ALVES, Nilda (org). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. pp.17- 42.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- GIANNETTI, Cecília. “O amor está no ar”. In: *Revista O Globo*, 03/04 2011, pp.40-46.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- Google contas. Disponível na página <<http://accounts.google.com/newAccount>> Acesso em 20/08/2011
- Google do Brasil. Disponível na página <<http://google.com/support/orkut/bin/answer>> Acesso 20/08/2011.
- GOMES, Ângela de Castro. “Escritas de si, escritas da História: a título do prólogo”. In: GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, pp. 7-26.
- GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GULLAR, Ferreira. *A Razão poética*. Disponível em <<http://www.cfh.ufh.br/magno/frames/>> Acesso em 20/01/2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos tribunais, 1990.
- HÉBRARD, Jean. “A escolarização dos saberes elementares na época moderna”. In: *Teoria & educação*, Porto Alegre, n.2, 1990, pp.65-110.
- HENRIQUE, Márcio Couto. *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto Magalhães (1880-1887)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Dicionário de apelidos dos escritores da Literatura Brasileira*. Curitiba: Appris, 2012.
- HOMERO. *Odisséia*. Trad. Odorico Mendes. São Paulo: Edusp, 2000.
- HOUAISS, Antônio. “Prefácio que deveria ser posfácio”. In: MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. pp. 7-22.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

IZQUIERDO, Ivan. *Questões sobre memória*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

JOAS, Hans. “O Interacionismo Simbólico”. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp, 1996. pp. 127-174.

JOSSO, Marie Christine. “Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida programados na invenção de si”. In: SOUZA, Eliseu C.; ABRAHÃO, Maria helena (orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: Edipucrs, 2006, pp. 7-13.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli; “A memória evanescente”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. pp. 9-28.

KATO, Mary. *No mundo da escrita – uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

KOTRE, John. *Luvas brancas: como criamos a nós mesmos através da memória*. São Paulo: Mandarim, 1997.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Unesp, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

LAROSSA, Jorge. “A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida”. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, 2004, v. 29, pp. 27-49.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984, pp. 95-106.

_____. *História e memória*. Campinas: Ed.unicamp, 2003.

_____. “As mentalidades: uma história ambígua”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. pp. 68-83.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ufmg, 2008.

_____. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

_____. *Cher écran... Journal personnel, ordinateur, Internet* “. Paris: Editions Du Seuil, 2000.

LE MOING, Monique. *A solidão povoada: uma biografia de Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

LERNER, Fred. *The story of libraries*. New York: Continuum, 1998.

LETRA TERRA. Disponível em: <www.lettras.terra.com.br>. Acesso em: 2011.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____; LEMOS, André. *O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LOBO, Luiza. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOBO, Yolanda Lima; FARIA, Lia (orgs.). *Vozes Femininas no Império e na República*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

LOPES, Eliane M. *Perspectivas históricas da educação*. São Paulo: Ática, 1986.

LUZ, Rogério. “Novas imagens: efeitos e modelos”. In: PARENTE, André (org.). *Imagem máquina. A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. pp. 49-55.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MACHADO, Irene. *O romance e a voz*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense*. Horizontes de Leitura e Crítica Literária (1900 – 1930). Teresina: FCMC 1998.

MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991.

_____; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. “Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto”. Disponível em: < www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/17Marcus.pdf > Acesso em: 18/07/ 2010.

- MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Vivir para contar*. Bogotá: Editorial Norma, 2002.
- MARTÍN-BARBERO. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Edufrj, 1997.
- MASSAUD, Moisés. *A criação literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1984.
- MELO NETO, João Cabral. *Entre o sertão e Sevilha*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- MENDONÇA, Ana. “A história da educação face à crise dos paradigmas”. In: BRANDÃO, Zaia (org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez, 1995, pp. 67-74.
- MENESES, Sônia. “Passageiros entre palavras fugazes: pensar o tempo presente entre mídia, história e memória”. In: *Revista eletrônica História Agora*, 2007. Disponível em < <http://www.historiagora.com> > Acesso em 16/09/2011.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. “Memória, autobiografia e relatos de formação: a escola, a sala de aula e o fazer docente”. In: *Histórias de vida e formação de professores*, 2007, Disponível em <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165212>> Acesso em 12/09/2011.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. “Da gaveta à vitrine: exposições sobre a escrita”. In: *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Elizeu Clementino de Souza (org.). Porto Alegre: Edipucrs, 2006.
- _____. *Baú de memórias, Bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvares Alberto*. Bragança Paulista: Edusf, 2002.
- _____; CUNHA, Maria Teresa Santos. “Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores”. In: *Revista Educação em Questão*. Natal: Edufrn, 2006. pp. 40- 61.
- _____. “Decifrando o recado do nome: uma escola em busca de uma identidade pedagógica”. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 1993, v. 74, pp. 619-638.
- _____. “Diários, formação e projeto pedagógico da escola: memória em construção, Histórias de vida e formação de professores”. In: *Histórias de vida e formação de professores*, 2007. Disponível em <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165212>> Acesso em 12/09/2011.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos, (orgs). *Refúgios do eu: Educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.
- MORAES, Dislane Zerbinatti. “ ‘E foi proclamada a escravidão’: Stanislaw Ponte Preta e a representação satírica do golpe militar”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2004. pp. 61-102.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *O cinema ou o homem imaginário*. São Paulo: Relógio D`Água, 1997.
- _____. *Problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América, 1996.

MUZART, Zahidé Lupinacci. “Do navegar e de navegantes”. In: *Congresso Nacional da Abralic*. Florianópolis, 1998. Disponível em < <http://www.tripod.com/zahide.htm> > Acesso em 20/07/2010.

NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NEVES, Margarida de Sousa. *As Vitrines do Progresso*. Rio de Janeiro: Ed.Pucrio, 1986.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (org). *Cabeças Digitais: O cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: Ed.Pucrio, 2006.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*. 1993, pp. 7-28.

NÓVOA, Antônio. “História da educação: percursos de uma disciplina”. In: *Análise psicológica*, Lisboa, 1996, n.4, pp.417- 434.

_____. *História da Educação*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.

_____. *La nouvelle histoire américaine de l'éducation*. Service d'histoire de l'éducation, Paris: Institute National de Recherche Pédagogique, 1997.

_____. *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1992.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1996.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta M. C. “Historiografia da educação e fontes”. In: GONDRA, José Gonçalves (Org.). *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 17-62.

_____; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Historiografia da educação e fontes”. *Cadernos ANPED*, 1993, nº 5, pp. 7-64.

OLSON, D. R. “A escrita e a mente”. In: WERTSCH, J. *Estudos socioculturais da mente*. Porto Alegre: Artes médicas, 1997. pp. 89-111.

ORTEGA y GASSET, José. *História como Sistema*. Madrid: Revista Del Occidente, 1970.

OSSENBACH SAUTER, Gabriela; SOMOZA RODRIGUEZ, Miguel. “Internet y museos pedagógicos”. In: *Etnohistoria de la escuela*, Burgos: Sedhe, 2003, pp. 195-203.

OTTE, Georg. “Rememoração e citação em Walter Benjamin”. In: *Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte, 1996, v. 4, pp. 211-213.

Página inicial do Google. Disponível na página <<http://support.google.com/adwordspolicy>> Acesso em 24/08/2011.

Página inicial do Orkut. Disponível em <<http://www.google.com/accounts/ServiceLogin>> Acesso em 19/08/2011.

PARENTE, André (org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

PERPÉTUA, Elzira. "A escrita autobiográfica". In: ALMEIDA, M. I. (org.). *Para que serve a escrita?* São Paulo: EDUC, 1997, pp. 169-173.

PERROT, Michele. "Práticas da Memória Feminina". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 1989, v.8, pp. 18-20.

Política do Orkut. Disponível na página <<http://www.orkut.com/html/pt-R/privacy.orkut.html>> Acesso em 21/09/2011.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio: estudos históricos*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1989.

_____. *Memória e identidade social: estudos históricos*. Rio de Janeiro: Revista dos tribunais, 1992.

POMPÉIA, Raul, *O Ateneu*. Rio de Janeiro: Moderna, 2000.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel. "Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia". *Revista da FAMECOS*, Porto Alegre, 2003, pp. 54-65.

PROST, A. *Doze lições sobre a História*. São Paulo: Autêntica, 2008.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swan*. Porto Alegre: Globo, 1981.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002.

RECUERO, Raquel. "Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs". In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Porto Alegre, 2004. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/memoria/congresso2004>> Acesso em 20/04/2011.

_____. *Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos weblogs*. Jan. 2005. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/limc>> Acesso em 18/04/2011.

REGO, Teresa Cristina. *Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades*. Petrópolis: Vozes, 2003.

REINALDO, Gabriela. *Mito e música em Guimarães Rosa: uma cantiga de fechar os olhos*. São Paulo: Annablume, 2005.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M.. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

RICOUER, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papirus, 1994.

RIOUX, Jean-Pierre. “Pode-se fazer uma história do presente?” In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. São Paulo: Edusc, 1999, pp. 39-50.

ROCHA, Inês de Almeida. *Canções de amigo: redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mario de Andrade*. [Tese de doutorado em Educação]. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. “Escritoras piauienses: pseudônimos, flores e espinhos”. *Mafuá-Revista de Literatura em Meio Digital*, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.mafua.ufsc.br/oliviacandeia.html>> Acesso em jan. 2006.

ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.93-101.

SANDMANN, A. J. “Polissemia e Homonímia”. In: NEVES, M. H. de. *Descrição do Português*. Revista do Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Ano IV, n. 1. São Paulo: Unesp, 1990, pp. 98-127.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas das letras*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. *El império de los sentimientos*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2004.

_____. *O tempo passado: cultura de memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Edurfrj, 2000.

Serviço da Google. Disponível na página <<http://www.google.com.br/accounts/tos>> Acesso em 21/09/2011.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____ ; DIOGO, Lígia Azevedo. “Imagens de família na internet: fotografias íntimas na grande vitrine virtual”. In: *A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador: Eduufba, 2010. pp. 33-56.

_____. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

SIMÕES, Robson Fonseca. *Vozes inconclusas: mosaicos lingüísticos presentes na sala de aula e na vida*. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

SIRINELLI, François. “Ideologia, tempo e história”. In: CHAUVEAU, Agnes. *Questões para a história do presente*. São Paulo: Edusc, 1999. pp. 73-92.

Site oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Parte 1. Disponível em <<http://www.csbrj.org.br/novo>> Acesso em 20/04/2010.

Site oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Parte 2. Disponível em <<http://www.csbrj.org.br/novo>> Acesso em 20/04/2010.

Site oficial do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.cmrj.ensino.eb.br>> Acesso em 26/08/2011.

Site oficial do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Institucional. Restaurante. Disponível em <<http://www.csbrj.org.br/novo>> Acesso em 26/08/2011.

Site oficial do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.marista.edu.br>> Acesso em 30/08/2011.

SOARES, Carmen Lúcia. “Sobre a palavra e a escrita”. In: *Educação e cultura audiovisual: ressonâncias*. São Paulo: Moderna, 2012. pp. 5-10.

SOARES, Magda. *Metamemória: memórias- travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1991.

SOUZA, Chyntia P. “Narrativas autobiográficas em perspectiva comparada: histórias de formação de professores universitários”. In: SOUZA, Eliseu C; ABRAHÃO, Maria Helena (orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: Edipucrs, 2006, p. 246-261.

SOUZA, Elizeu Clementino. *O conhecimento de si: estágios e narrativas de formação de professores*. Salvador: Uneb, 2006.

_____. “História de vida e prática docente: desenvolvimento pessoal e profissional”. *Revista da FAEEDBA*. Salvador, n.º 16, jul./dez., 2001, pp. 13-25.

SOUZA NEVES, Margarida de. *As vitrines do progresso. O Brasil nas exposições internacionais*. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 1986.

Suporte do Orkut. Disponível na página < <http://www.google.com.br/support/forum/p/orkut> >
Acesso em 18/09/2011.

Termos de Serviço. Disponível na página <<http://support.google.com/adwordspolicy/bin>>
Acesso em 21/09/2011.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.

THOMPSON, J.B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias”. *Revista Projeto História – Ética e História Oral*. Programa de Estudos Pós-graduados em História. São Paulo: EDUC, 1997, pp. 51-84.

TORRANCE, Mark; GALBRAITH, David. “The processing demands of writing”. In: MACARTHUR, Charles; GRAHAM, Steve; FITZGERALD, Jill (eds.). *Handbook of writing research*. New York: The Guilford Press, 2006, pp. 67-80.

TRIVINHO, Eugênio. *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

VAZ, Élide Mattos. *A encenação da educação nas cartas dos leitores*. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Rio de Janeiro: PUC, 1998.

VENDRYÉS, J. *Le Language, introduction linguistique à l'histoire*. Paris: le Renaissance du Livre, 1986.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1983.

VIANA, Maria José Mota. *Do sótão à vitrine: memória de mulheres*. Belo Horizonte: Edufmg, 1995.

VIDAL, Diana Gonçalves. “Fim do mundo do fim: avaliação, preservação e descarte documental”. In: *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). Campinas: Autores Associados, 2000, pp. 31-44.

_____; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. “Michel de Certeau e a difícil arte de fazer história das práticas”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Pensadores sociais e História da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, pp. 257-284.

VIÑAO, Antonio. “Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología e usos”. In: *TEIAS- Revista da Faculdade de Educação/ UERJ*, n. 1, jun. 2000, pp. 82-97.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moares. “Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (org.). *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas: Autores associados, 2000, pp. 63-74.

WARD, Miriam. “Anotações para uma historiografia da educação brasileira”. In: Em Aberto, Brasília, 1984, ano 3, n.23, pp. 1-6.

YANCOS, José Maria Pozuelo. *De la autobiografía: teoría y estilos*. Barcelona: Crítica, 2006.

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. *Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico*. Campinas: Autores Associados, 2008.

APÊNDICE A - Levantamento de dissertações e teses (base de dados capes); tema: orkut e redes sociais da internet

Teses de Doutorado defendidas em 2009

1. Flavia Medianeira de Oliveira. A análise de propostas pedagógicas em portais educacionais para docentes de língua inglesa: implicações para o ensino e a aprendizagem de línguas no contexto digital. Universidade Federal de Santa Maria –Letras- RS- 01/01/2009
2. Janaína Ferreira Fialho. A cultura informacional da internet e a formação do jovem pesquisador brasileiro. Universidade Federal de Minas Gerais - Ciências da Informação - MG- 01/09/2009
3. Marisa Ganança Teixeira da Silva. Identidade(s) Lingüística(s) no Espaço Digital. Universidade Estadual de Campinas – Linguística- SP- 01/02/2009
4. Miguel Maurício Isoni. Comunidades mediadas pela internet: fatores de sucessos e modelo de ciclos de vida. Universidade Estadual Paulista - Ciência da Informação- SP-01/09/2009
5. Renata Rezende Ribeiro. Fragmentos de um corpo: as tecnologias da comunicação e as narrativas da morte na idade média e na “Idade Mídia”. Universidade Federal Fluminense – Comunicação- RJ- 01/12/2009
6. Rosane Leal da Silva. A proteção integral dos adolescentes internautas: limites e possibilidades em face dos riscos no ciberespaço. Universidade Federal de Santa Catarina – Direito- SC- 01/09/2009

Teses de Doutorado defendidas em 2008

1. Cynthia Harumy Watanabe Corrêa. Reterritorializações no não-lugar da Rede Social Orkut. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Comunicação Social – RS-01/03/2008
2. Jonatas Dornelles. Vidas na Rede: uma análise antropológica da virtualidade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Antropologia Social- RS- 01/01/2008
3. Karin Gutz Ingles. Conectores de causa e condição em fóruns de discussão na Internet. Universidade de São Paulo - Filologia e Língua Portuguesa- SP- 01/03/2008
4. Luis Augusto Vasconcelos da Silva. Desejo à Flor da Tel@: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking. Universidade Federal da Bahia - Saúde Coletiva- BA- 01/04/2008
5. Vanessa Andrade Pereira. Na lan house, 'porque jogar sozinho não tem graça': estudo das redes sociais juvenis on e offline. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Antropologia Social- RJ- 01/02/2008

Teses de Doutorado defendidas em 2007

1. MARIA PAULA SIBILIA. O show do eu: subjetividade dos gêneros confessionais na Internet. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Comunicação- RJ- 01/02/2007
2. Pollyana Ferrari Teixeira. A rizomática aventura da hipermídia: uma análise da narrativa no ambiente digital. Universidade de São Paulo - Ciências da Comunicação- SP- 01/10/2007

Teses de Doutorado defendidas em 2006

1. Adriana Andrade Braga. Feminilidade mediada por computador: interação social no circuito virtual. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Ciências da Comunicação- RS- 01/10/2006

Dissertações de Mestrado defendidas em 2009

1. Alessandro Souza de Souza. Manifestações do público receptor sobre ações de responsabilidade sociocomunicacional: um estudo de caso a partir das comunidades do projeto Criança Esperança no Orkut. Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos - Ciências da Comunicação- RS- 01/05/2009
2. Aline Soares Lima. Quem sou eu Autorrepresentações de travestis no Orkut. Universidade Federal de Goiás - Cultura Visual- GO- 01/07/2009
3. Andrea Pereira Dos Santos. Comunidades gays do Orkut: encontros, confrontos e (re)construção de identidades. Universidade Federal de Goiás – Comunicação- GO- 01/03/2009
4. Auda Valéria do Nascimento Ferreira. A abordagem das variedades linguísticas: uma experiência em sala de aula e Orkut com alunos do ensino médio. Universidade Federal de Alagoas - AL - Educação 01/09/2009
5. Cintia Milene Favaro. A constituição de sujeitos leitores no ensino fundamental: práticas virtuais e escolares. Universidade Metodista de Piracicaba – Educação- SP- 01/06/2009

Dissertações de Mestrado defendidas em 2008

1. Adriano Medeiros Costa. Fugindo da banalidade: o uso do Orkut como extensão da sala de aula. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Educação- RN- 01/10/2008
2. Alessandro Nobre Galvão. As formas nominais anafóricas no gênero fórum de discussão do Orkut. Universidade Federal do Pará – Letras- PA-01/03/2008
3. Aline da Silva Neto Barbosa. Os perfis identitários na comunidade virtual Orkut. Universidade Estadual Paulista – Comunicação- SP- 01/06/2008

4. Camila Lima Santana e Santana. Aprendizagem em rede: novos olhares sobre o Orkut. Universidade do Estado da Bahia - Educação – BA- 1/08/2008
5. Cláudia Ribeiro da Silva. Imagem e identidade no ciberespaço: a significação social dos perfis do orkut. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Comunicação- SP- 01/10/2008
6. Daiane Fagherazzi. Uma abordagem semântico-pragmática na comunicação on-line via Orkut. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Linguística – RS- 01/01/2008
7. João Osvaldo Schiavon Matta. Estratégias midiáticas de uma popstar na internet: Avril Lavigne no Orkut. Escola Superior de Propaganda e Marketing - Comunicação – SP- 01/03/2008
8. José Adjailson Uchoa Fernandes. Jogos de (se) mostrar / dizer: o sujeito e os discursos sobre a língua inglesa na rede social Orkut. Universidade de São Paulo – Linguística- SP- 01/11/2008
9. Lian Sulwen Tai. Comunidades de deficientes físicos no Orkut: em busca de uma sociabilidade inclusiva na era digital. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Comunicação- RJ- 01/05/2008
10. Monica Pieniz. A apropriação do global para fins locais: as representações da identidade gaúcha em comunidades virtuais do Orkut. Universidade Federal de Santa Maria – Comunicação- RS- 01/12/2008
11. Monica Vasconcellos Cruvinel. Rastros virtuais de uma morte (a)enunciada: uma análise dos discursos do suicídio pelas páginas "brasileiras" do orkut. Universidade Estadual de Campinas – Linguística- SP- 01/03/2008
12. Renata Freire Rocha Duarte. Práticas comunicacionais e sociais dos cosplayers no Brasil: uma análise dos processos online e offline através do orkut. Universidade Tuiuti do Paraná - Comunicação – PR- 01/07/2008
13. Rita de Cassia Boldarine. Scraps na prática da língua inglesa: análise de uma experiência utilizando a teoria de aquisição de língua estrangeira de Stephen Krashen no ambiente orkut. Universidade Presbiteriana Mackenzie – Educação- SP- 01/08/2008
14. Rosângela de Araujo Medeiros. A relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo Orkut: um retrato da modernidade líquida. Universidade de São Paulo – Educação- SP- 01/05/2008
15. Suely Trevizam Araújo. Comunidades virtuais: interfaces do contexto cultural no Orkut e suas comunicações. Universidade Anhembi Morumbi – Comunicação- SP- 01/10/2008
16. Tadeu Rossato Bisognin. Do internetês ao léxico da escrita dos jovens no Orkut. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul - Letras 01/04/2008

Dissertações de Mestrado defendidas em 2007

1. Ana Claudia Valente Tomasini. Globalização e nacionalização: um estudo de caso da comunidade virtual “Brasil” sobre a identidade cultural brasileira no orkut. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Comunicação – RS- 01/03/2007
2. Carla Neves. O Orkut como elemento instituinte da vida social: tecendo as realidades online e offline. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Psicologia - RJ- 01/12/2007
3. Claudia Cristiane Levandoski Martins. Gêneros digitais e a escrita no orkut: reconfiguração do gênero bilhete. Universidade Do Sul De Santa Catarina – Lingüística- SC- 01/12/2007
4. Elena Arreguy Sala. Socialização do texto literário na internet: o caso do conto Narniano ‘O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa’ de Lewis em uma comunidade do orkut. Universidade Estadual do Ceará - Linguística - CE- 01/07/2007
5. Jean Segata. Lontras e a construção de laços no Orkut. Universidade Federal de Santa Catarina - Antropologia Social- SC- 01/07/2007
6. Leandro Machado Rocha. Eleições presidenciais 2006 no orkut: candidatos e a formação de comunidades virtuais. Universidade Federal do Rio De Janeiro - Sociologia - RJ- 01/08/2007
7. Maria Engel de Oliveira. Orkut: o impacto da realidade da infidelidade virtual. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Psicologia- RJ- 01/02/2007
8. Mirella Alessandra Vegini. A produção de sentido sobre a mulher no site de relacionamento orkut. Universidade do Sul de Santa Catarina – Lingüística- SC- 01/06/2007
9. Zadoque Alves da Fonseca Filho. O maravilhoso país do Orkut: ficção, jogos e moral na rede. Universidade Federal de Pernambuco – Comunicação- PE- 01/02/2007

Dissertações de Mestrado defendidas em 2006

1. Flávia Ataíde Pithan. Comportamentos e valores da pós-modernidade no orkut. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Comunicação- RS- 01/01/2006
2. Lawrence Chung Koo. Estudo de atratividade dos ambientes de comunidades virtuais: análise comparativa LinkedIn e orkut. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Comunicação- SP- 01/12/2006

Dissertações de Mestrado defendidas em 2005

1. Fátima Maria de Holanda Lima. A experiência do desprazer vivida na escola: leitura crítico-cultural do grupo “Escola Kálíce, JAMAIS!” na comunidade Orkut. Universidade de Fortaleza - Psicologia – CE- 01/09/2005

APÊNDICE B - Cartas encaminhadas aos moderadores das comunidades escolares do Orkut**MODERADOR DA COMUNIDADE DO COLÉGIO PEDRO II/ ENGENHO NOVO/ RJ**

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2010.

Prezado(a) moderador(a) da comunidade do Colégio Pedro II, Engenho Novo/RJ, o meu cordial boa noite.

Eu me chamo Robson Fonseca, pesquisador do ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e professor de Literatura Brasileira no IFRJ; os *scraps* postados na comunidade do Orkut da qual você é o(a) moderador(a) são de grande valia para o meu projeto de doutorado voltado para a história da Educação. Como estou em uma fase decisiva para o desenvolvimento desse texto para a minha qualificação, gostaria de saber se você, moderador(a) desta comunidade do Orkut, pode me ajudar, tendo um tempinho para responder apenas a algumas questões, tipo, rapidíssimas (O que é ser moderador(a)? Há alguma regra? São só ex-alunos(as) que fazem parte?) Caso possa responder, eu prepararia as questões, depois, eu lhe enviaria para o seu melhor endereço virtual. As histórias presentes nos Fóruns da comunidade do Colégio Pedro II/Engenho Novo/RJ são relevantes para a historiografia da Educação.

Agradeço antecipadamente,

Robson Fonseca E-mail: fonsim2000@hotmail.com

MODERADOR DA COMUNIDADE DO COLÉGIO SANTO INÁCIO/RJ

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2010.

Prezado(a) moderador(a) da comunidade do Colégio Santo Inácio/RJ, o meu cordial boa noite.

Eu me chamo Robson Fonseca, pesquisador do ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e professor de Literatura Brasileira no IFRJ; os *scraps* postados na comunidade do Orkut da qual você é o(a) moderador(a) são de grande valia para o meu projeto de doutorado voltado para a história da Educação. Como estou em uma fase decisiva para o desenvolvimento desse texto para a minha qualificação, gostaria de saber se você, moderador(a) desta comunidade do Orkut, pode me ajudar, tendo um tempinho para responder apenas a algumas questões, tipo, rapidíssimas (O que é ser moderador(a)? Há alguma regra? São só ex-alunos(as) que fazem parte?) Caso possa responder, eu prepararia as questões, depois, eu lhe enviaria para o seu melhor endereço virtual. As histórias presentes nos Fóruns da comunidade do Colégio Santo Inácio/RJ são relevantes para a historiografia da Educação.

Agradeço antecipadamente,

Robson Fonseca E-mail: fonsim2000@hotmail.com

MODERADOR DA COMUNIDADE DO COLÉGIO SION/RJ

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2010.

Prezado(a) moderador(a) da comunidade do Colégio Sion/RJ, o meu cordial boa noite.
Eu me chamo Robson Fonseca, pesquisador do ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e professor de Literatura Brasileira no IFRJ; os *scraps* postados na comunidade do Orkut da qual você é o(a) moderador(a) são de grande valia para o meu projeto de doutorado voltado para a história da Educação. Como estou em uma fase decisiva para o desenvolvimento desse texto para a minha qualificação, gostaria de saber se você, moderador(a) desta comunidade do Orkut, pode me ajudar, tendo um tempinho para responder apenas a algumas questões, tipo, rapidíssimas (O que é ser moderador(a)? Há alguma regra? São só ex-alunos(as) que fazem parte?) Caso possa responder, eu prepararia as questões, depois, eu lhe enviaria para o seu melhor endereço virtual. As histórias presentes nos Fóruns da comunidade do Colégio Sion/RJ são relevantes para a historiografia da Educação.
Agradeço antecipadamente,
Robson Fonseca E-mail: fonsim2000@hotmail.com

MODERADOR DA COMUNIDADE DO CEFET/RJ

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2010.

Prezado(a) moderador(a) da comunidade do CEFET/RJ, o meu cordial boa noite.
Eu me chamo Robson Fonseca, pesquisador do ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e professor de Literatura Brasileira no IFRJ; os *scraps* postados na comunidade do Orkut da qual você é o(a) moderador(a) são de grande valia para o meu projeto de doutorado voltado para a história da Educação. Como estou em uma fase decisiva para o desenvolvimento desse texto para a minha qualificação, gostaria de saber se você, moderador(a) desta comunidade do Orkut, pode me ajudar, tendo um tempinho para responder apenas a algumas questões, tipo, rapidíssimas (O que é ser moderador(a)? Há alguma regra? São só ex-alunos(as) que fazem parte?) Caso possa responder, eu prepararia as questões, depois, eu lhe enviaria para o seu melhor endereço virtual. As histórias presentes nos Fóruns da comunidade do CEFET/RJ são relevantes para a historiografia da Educação.
Agradeço antecipadamente,
Robson Fonseca E-mail: fonsim2000@hotmail.com

MODERADOR DA COMUNIDADE DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/RJ

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2010.

Prezado(a) moderador(a) da comunidade do Instituto de educação/RJ, o meu cordial boa noite.
Eu me chamo Robson Fonseca, pesquisador do ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e professor de Literatura Brasileira no IFRJ; os *scraps* postados na comunidade do Orkut da qual você é o(a) moderador(a) são de grande valia para o meu projeto

de doutorado voltado para a história da Educação. Como estou em uma fase decisiva para o desenvolvimento desse texto para a minha qualificação, gostaria de saber se você, moderador(a) desta comunidade do Orkut, pode me ajudar, tendo um tempinho para responder apenas a algumas questões, tipo, rapidíssimas (O que é ser moderador(a)? Há alguma regra? São só ex-alunos(as) que fazem parte?) Caso possa responder, eu prepararia as questões, depois, eu lhe enviaria para o seu melhor endereço virtual. As histórias presentes nos Fóruns da comunidade do Instituto de Educação/RJ são relevantes para a historiografia da Educação.

Agradeço antecipadamente,

Robson Fonseca E-mail: fonsim2000@hotmail.com

MODERADOR DA COMUNIDADE DO COLÉGIO AMARO CAVALCANTE/RJ

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2010.

Prezado(a) moderador(a) da comunidade do Colégio Amaro Cavalcante/RJ, o meu cordial boa noite.

Eu me chamo Robson Fonseca, pesquisador do ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e professor de Literatura Brasileira no IFRJ; os *scraps* postados na comunidade do Orkut da qual você é o(a) moderador(a) são de grande valia para o meu projeto de doutorado voltado para a história da Educação. Como estou em uma fase decisiva para o desenvolvimento desse texto para a minha qualificação, gostaria de saber se você, moderador(a) desta comunidade do Orkut, pode me ajudar, tendo um tempinho para responder apenas a algumas questões, tipo, rapidíssimas (O que é ser moderador(a)? Há alguma regra? São só ex-alunos(as) que fazem parte?) Caso possa responder, eu prepararia as questões, depois, eu lhe enviaria para o seu melhor endereço virtual. As histórias presentes nos Fóruns da comunidade do Colégio Amaro Cavalcante/RJ são relevantes para a historiografia da Educação.

Agradeço antecipadamente,

Robson Fonseca E-mail: fonsim2000@hotmail.com

MODERADOR DA COMUNIDADE DO COLÉGIO MILITAR/ RJ

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2010.

Prezado(a) moderador(a) da comunidade do Colégio Militar/RJ, o meu cordial boa noite.

Eu me chamo Robson Fonseca, pesquisador do ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e professor de Literatura Brasileira no IFRJ; os *scraps* postados na comunidade do Orkut da qual você é o(a) moderador(a) são de grande valia para o meu projeto de doutorado voltado para a história da Educação. Como estou em uma fase decisiva para o

desenvolvimento desse texto para a minha qualificação, gostaria de saber se você, moderador(a) desta comunidade do Orkut, pode me ajudar, tendo um tempinho para responder apenas a algumas questões, tipo, rapidíssimas (O que é ser moderador(a)? Há alguma regra? São só ex-alunos(as) que fazem parte?) Caso possa responder, eu prepararia as questões, depois, eu lhe enviaria para o seu melhor endereço virtual. As histórias presentes nos Fóruns da comunidade do Colégio Militar/RJ são relevantes para a historiografia da Educação.

Agradeço antecipadamente,

Robson Fonseca E-mail: fonsim2000@hotmail.com

MODERADOR DA COMUNIDADE DO COLÉGIO MARISTA SÃO JOSÉ/ RJ

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2010.

Prezado(a) moderador(a) da comunidade do Colégio Marista São José/RJ, o meu cordial boa noite.

Eu me chamo Robson Fonseca, pesquisador do ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e professor de Literatura Brasileira no IFRJ; os *scraps* postados na comunidade do Orkut da qual você é o(a) moderador(a) são de grande valia para o meu projeto de doutorado voltado para a história da Educação. Como estou em uma fase decisiva para o desenvolvimento desse texto para a minha qualificação, gostaria de saber se você, moderador(a) desta comunidade do Orkut, pode me ajudar, tendo um tempinho para responder apenas a algumas questões, tipo, rapidíssimas (O que é ser moderador(a)? Há alguma regra? São só ex-alunos(as) que fazem parte?) Caso possa responder, eu prepararia as questões, depois, eu lhe enviaria para o seu melhor endereço virtual. As histórias presentes nos Fóruns da comunidade do Colégio Marista São José/RJ são relevantes para a historiografia da Educação.

Agradeço antecipadamente,

Robson Fonseca E-mail: fonsim2000@hotmail.com

MODERADOR DA COMUNIDADE DO COLÉGIO DE SÃO BENTO/ RJ

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2010.

Prezado(a) moderador(a) da comunidade do Colégio de São Bento/RJ, o meu cordial boa noite.

Eu me chamo Robson Fonseca, pesquisador do ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e professor de Literatura Brasileira no IFRJ; os *scraps* postados na comunidade do Orkut da qual você é o(a) moderador(a) são de grande valia para o meu projeto

de doutorado voltado para a história da Educação. Como estou em uma fase decisiva para o desenvolvimento desse texto para a minha qualificação, gostaria de saber se você, moderador(a) desta comunidade do Orkut, pode me ajudar, tendo um tempinho para responder apenas a algumas questões, tipo, rapidíssimas (O que é ser moderador(a)? Há alguma regra? São só ex-alunos(as) que fazem parte?) Caso possa responder, eu prepararia as questões, depois, eu lhe enviaria para o seu melhor endereço virtual. As histórias presentes nos Fóruns da comunidade do Colégio de São Bento/RJ são relevantes para a historiografia da Educação.

Agradeço antecipadamente,

Robson Fonseca E-mail: fonsim2000@hotmail.com

MODERADOR DA COMUNIDADE DO INSTITUTO ABEL/ RJ

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2010.

Prezado(a) moderador(a) da comunidade do Instituto Abel/RJ, o meu cordial boa noite.

Eu me chamo Robson Fonseca, pesquisador do ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e professor de Literatura Brasileira no IFRJ; os *scraps* postados na comunidade do Orkut da qual você é o(a) moderador(a) são de grande valia para o meu projeto de doutorado voltado para a história da Educação. Como estou em uma fase decisiva para o desenvolvimento desse texto para a minha qualificação, gostaria de saber se você, moderador(a) desta comunidade do Orkut, pode me ajudar, tendo um tempinho para responder apenas a algumas questões, tipo, rapidíssimas (O que é ser moderador(a)? Há alguma regra? São só ex-alunos(as) que fazem parte?) Caso possa responder, eu prepararia as questões, depois, eu lhe enviaria para o seu melhor endereço virtual. As histórias presentes nos Fóruns da comunidade do Instituto Abel/RJ são relevantes para a historiografia da Educação.

Agradeço antecipadamente,

Robson Fonseca E-mail: fonsim2000@hotmail.com

APÊNDICE C - Entrevistas feitas com os moderadores**Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro: moderador Rafael**

Entrevistador: Quando surgiu e qual(is) o(s) motivo(s) que o levou a ser um moderador na comunidade da sua escola no orkut? Entrevistado: Nossa turma queria interagir mais.

Entrevistador: Há algum estatuto para ser moderador? Qual o papel do moderador nesta comunidade virtual? Entrevistado: Não há nenhum estatuto. Mas estabelecemos algumas regras: somente usuários que integrassem a turma e professores.

Entrevistador: Você usa algum mecanismo para verificar de fato que um novo usuário realmente teve algum vínculo com a sua escola? Qual o mecanismo? Entrevistado: Não houve necessidade. Tive que negar alguns usuários que queriam participar da comunidade.

Entrevistador: Quais as regras utilizadas para se permitir o acesso de um(a) novo(a) usuário(a)? Entrevistado: Ser ou ter sido integrante da turma, seja como aluno ou professor.

Entrevistador: Você armazena todas as escritas dos usuários? Caso afirmativo, quais os critérios que você utiliza para armazená-las? Entrevistado: É só olhar o histórico, o próprio Orkut armazena.

Entrevistador: Com que frequência você acessa a sua comunidade? Por quê? Entrevistado: Pouquíssimas vezes. O Orkut perdeu a sua popularidade para o Facebook. Na época auge, acessava em média uma vez a cada dois dias.

Entrevistador: Na sua opinião, qual(is) o(s) motivo(s) que estimula(m) o usuário a participar desta comunidade? Entrevistado: Com certeza, a integração da turma.

Entrevistador: Quais os fóruns que você criou com mais postagens? Entrevistado: Oração de São Bento.

9) Você poderia identificar qual é o tema mais recorrente nesta rede de sociabilidade virtual? Entrevistado: Confesso que não.

Entrevistador: Você já promoveu algum encontro presencial com os usuários da comunidade? Tem vontade de fazê-lo? Entrevistado: Não, na época, não pensamos nisso.

Entrevistador: Alguma vez você já leu algo postado por algum usuário, do qual você não tenha gostado? O que fez? Entrevistado: Sim, respondi e deletei.

Entrevistador: Assinale quais os tipos de textos que você mais percebe circular na comunidade. Entrevistado: poema, relatos do tempo da escola, pensamentos e reflexões de si.

Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro: moderadora Aline P.

Entrevistador: Quando surgiu e qual(is) o(s) motivo(s) que o levou a ser um moderador na comunidade da sua escola no Orkut? Entrevistada: Eu sempre gostei de internet e resolvi moderar a comunidade. Entrevistador: Há algum estatuto para ser moderador? Qual o papel do moderador nesta comunidade virtual? Entrevistada: Não há nenhum estatuto. Entrevistador: Você usa algum mecanismo para verificar de fato que um novo usuário realmente teve algum vínculo com a sua escola? Qual o mecanismo? Entrevistada: Sempre procuro pesquisar os motivos pelos quais novos usuários querem participar da comunidade. Entrevistador: Quais as regras utilizadas para se permitir o acesso de um(a) novo(a) usuário(a)? Entrevistada: Alguma razão especial por gostar do CMRJ. Entrevistador: Você armazena todas as escritas dos usuários? Caso afirmativo, quais os critérios que você utiliza para armazená-las? Entrevistada: Não. Entrevistador: Com que frequência você acessa a sua comunidade? Por quê? Entrevistada: Três vezes na semana. Entrevistador: Na sua opinião, qual(is) o(s) motivo(s) que estimula(m) o usuário a participar desta comunidade? Entrevistada: Relembrar os nossos tempos do CMRJ. Entrevistador: Quais os fóruns que você criou com mais postagens? Entrevistada: Não criei fórum. Entrevistador: Você poderia identificar qual é o tema mais recorrente nesta rede de sociabilidade virtual? Entrevistada: Quando você estudou no CMRJ. Entrevistador: Você já promoveu algum encontro presencial com os usuários da comunidade? Tem vontade de fazê-lo? Entrevistada: Não. Entrevistador: Alguma vez você já leu algo postado por algum usuário, do qual você não tenha gostado? O que fez? Entrevistada: Sim, deletei. Entrevistador: Assinale quais os tipos de textos que você mais percebe circular na comunidade. Entrevistada: relatos dos tempo da escola assim como pensamentos e reflexões.

Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro: moderador Raphael

Entrevistador: Quando surgiu e qual(is) o(s) motivo(s) que o levou a ser um moderador na comunidade da sua escola no Orkut? Entrevistado: A comunidade foi criada para uma relação de amizades virtuais. Entrevistador: Há algum estatuto para ser moderador? Qual o papel do moderador nesta comunidade virtual? Entrevistado: O moderador tem como função manter a organização da comunidade bem como os membros desta. Além disso, é ele quem comanda as postagens e enquetes que circulam na comunidade. Entrevistador: Você usa algum mecanismo para verificar de fato que um novo usuário realmente teve algum vínculo com a sua escola? Qual o mecanismo? Entrevistado: Não. Entrevistador: Quais as regras utilizadas para se permitir o acesso de um(a) novo(a) usuário(a)? Optamos em aceitar os outros usuários que fazem parte de outras turmas, mas da escola. Entrevistador: Você armazena todas as escritas dos usuários? Caso afirmativo, quais os critérios que você utiliza para armazená-las? Entrevistado: Não. Entrevistador: Com que frequência você acessa a sua comunidade? Por quê? Entrevistado: Uma vez por semana, pois é preciso verificar o que está transitando no meio. Entrevistador: Na sua opinião, qual(is) o(s) motivo(s) que estimula(m) o usuário a participar desta comunidade? Entrevistado: Saber novidades do colégio que ninguém tem coragem de falar ao vivo, e interagir com outros participantes. Entrevistador: Quais os fóruns que você criou com mais postagens? Entrevistado: O fórum *quem jogou bola ao mastro*, Foi muito legal. Entrevistador: Você poderia identificar qual é o tema mais recorrente nesta rede de sociabilidade virtual? Entrevistado: Os professores mais estimados, os professores menos queridos, as matérias que ninguém suporta. Entrevistador: Você já promoveu algum encontro presencial com os usuários da comunidade? Tem vontade de fazê-lo? Entrevistado: Sim, pensamos nisso. Mas pouquíssimos vão aos encontros. Por isso a internet ajuda a manter a amizade. Entrevistador: Alguma vez você já leu algo postado por algum usuário, do qual você não tenha gostado? O que fez? Entrevistado: Sim, apaguei e adverti o usuário. Entrevistador: Assinale quais os tipos de textos que você mais percebe circular na comunidade. Entrevistado: relatos do tempo da escola, pensamentos e reflexões.